

O LIMIAR DO CLAUSTRO

Origens e práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra



Rosa Marnoto Bandeirinha
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura sob a orientação de
Professor Doutor Jorge Figueira
Departamento de Arquitectura, FCTUC, Julho de 2013

O LIMIAR DO CLAUSTRO

Origens e práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra

Era de madrugada quando disse:

— Sire, já te falei de todas as cidades que conheço.

— Falta uma de que nunca falas.

Marco Polo baixou a cabeça.

— Veneza — disse o Kan.

Marco sorriu. — E de qual julgavas que eu te falava?

O imperador nem pestanejou. — Mas nunca te ouvi dizer o seu nome.

E Polo: — Sempre que descrevo uma cidade digo qualquer coisa de Veneza.

— Quando te pergunto por outras cidades, quero ouvir-te falar delas. E de Veneza, quando te perguntar por Veneza.

— Para distinguir as qualidades das outras, tenho de partir de uma primeira cidade que está implícita. Para mim é Veneza.

— Deverias então começar todos os relatos das tuas viagens pelo princípio, descrevendo Veneza tal como é, toda, sem omitir nada do que dela recordas.

As águas do lago tinham-se encrespado um pouco; o reflexo dos ramos do antigo palácio dos Sung quebrava-se em reverberações cintilantes como folhas a boiar.

— As imagens da memória, depois de fixadas com as palavras, apagam-se — disse Polo.

— Talvez eu tenha medo de perder Veneza toda de uma vez, se falar dela. Ou talvez, ao falar de outras cidades, já venha a perdê-la pouco a pouco.

OBRIGADA

Ao Professor Jorge Figueira

porque não tem medo de perder imagens da memória e cria cidades com as palavras.

Aos meus Professores

porque entrelaçam saber, emoção e tempo.

A todos os que me ajudaram na recolha de memórias e de histórias

porque transformaram esse processo numa divertida e enriquecedora caça-ao-tesouro.

Ao Arquitecto Emilio Tuñón e à sua equipa

porque me acolheram com muito carinho e me fizeram sentir em casa em Madrid. Gracias!

À Dona Lurdes, ao Senhor Faustino, à Sílvia e à Vanessa

porque apesar da minha falta de assiduidade a picar o ponto nunca me excluíram da equipa.

À Doutora Graça Simões e à Dona Lurdes Eufrásio

porque sempre estão disponíveis com apoio e simpatia.

Ao Nina

porque me ensinou que os pássaros saltam do ninho pela primeira vez sem saber voar, mas voam sempre.

Aos amigos todos

porque cada um é uma viagem especial.

À Sofia

porque me relembra que a aparente contraditoriedade é a essência do real.

Ao Pai, à Mãe e ao José

porque são a minha tríade vitruviana.

PALAVRAS-CHAVE E RESUMO

Palavras-chave:

Ensino, Moderno, Autonomia Disciplinar, Departamento de Arquitectura, Escola, Projecto.

Resumo:

O ensino da Arquitectura acompanha a sua reflexão e a sua prática. O exercício da profissão e a ponderação sobre ela estão associados à passagem de memória e, logo, ao seu ensino e desenvolvimento. Desde os sistemas de aprendizagem artesanais até ao contexto actual das escolas de Arquitectura inseridas nos sistemas de ensino de massas das universidades, várias mudanças ocorreram, ao nível político, técnico, histórico, social e, portanto, ao nível da própria disciplina. Ao longo do século XX, a Arquitectura Moderna chegou ao seu apogeu e seguidamente sofreu uma severa crítica que origina novas vias, de ruptura ou de continuidade. Neste processo particularmente rápido, também o ensino moderno é implementado, experimentado e logo reavaliado em função de tempos novos.

Em Portugal, o início deste processo de mudança no ensino e no fazer da disciplina decorre num contexto político pouco favorável à abertura mental e, a partir de 1974, encontra-se pronto a absorver e reinterpretar o que de novo o Movimento Moderno já não tinha, gerando assim uma *terceira tipologia* da Arquitectura que, ainda que em continuidade com a faceta humanista do Movimento Moderno, negava as suas vertentes utópica e tecnicista. Para este processo, a reflexão que se desenvolveu na Escola do Porto teve um particular peso e o facto de a educação estar fortemente relacionada com a prática de atelier foi impulsionador da aliança geradora entre teoria e prática.

Neste contexto, consideramos, como ponto de partida, que a reflexão acerca do ensino da Arquitectura pressupõe essencialmente uma reflexão sobre a Arquitectura como disciplina e sobre os significados associados às suas ideias.

De acordo com esta perspectiva, o presente estudo tem como objectivos identificar e caracterizar os momentos e tendências do passado que possam ter influenciado o panorama e a identidade das escolas hoje em dia, bem como o seu papel no ensino praticado actualmente e nalgumas das especificidades da Arquitectura contemporânea. Utilizando como caso de estudo o Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, na presente dissertação propõe-se decifrar a sua história e alicerçá-la no amplo contexto do seu surgimento.

Considerando como paradigmas de mudança do ensino e da sociedade na Europa a *Bauhaus* e o Maio de 1968, que representam, respectivamente ou não, a atitude vanguardista de adaptar o ensino a uma contemporaneidade em mudança e a atitude revolucionária contra o dogmatismo dos sistemas sociais, quer políticos quer educacionais, autoritários

e decadentes, defendendo um modo de pensamento livre. Ao longo deste estudo iremos argumentar que a classificação das escolas é de utilidade limitada, ainda que se possam identificar duas categorias de distinção. Em termos semânticos a escola pode-se aproximar mais da escola-atelier ou da escola politécnica, relativamente à sintaxe, a escola pode adoptar um sistema *Project Menu* ou um sistema *Projecto Único*.

Do ponto de vista metodológico, a reflexão acerca das origens e impulsionadores do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra foi feita através de uma abordagem histórica e teórica. Procura-se encontrar algumas das várias linhas ideológicas que se fundiram na criação desta escola. Foram eleitas para aprofundamento aquelas cuja presença é mais constante no quotidiano do Departamento, ainda que silenciosamente constante, nem sempre patente no ruído dos processos mentais. Para tal, procura-se reflectir acerca do período da crítica ao Movimento Moderno, particularmente em Itália e em Portugal, acerca da autonomia disciplinar da Arquitectura, acerca da história dos anos de formação e consolidação do Departamento de Arquitectura, com base na recolha de documentação que a sustente cronologicamente, e com base na procura dos seus traços gerais mais vincados. Os aspectos analisados vão desde a actividade pedagógica e a vida cultural da cidade, até à investigação académica e aos espaços de ensino, circunstâncias que, aliadas a muitas outras, conferiram ao Departamento uma identidade.

A presente dissertação foi apoiada fundamentalmente em documentos que testemunham o debate e a didáctica promovidos nos momentos e geografias em estudo. A informação obtida através destes documentos foi cruzada com as reflexões produzidas pelos seus intervenientes directos, através de dissertações, artigos, livros e depoimentos. Este comprometido trabalho, em constante desequilíbrio entre a experiência pessoal e a imparcialidade da investigação, permitiu desde já perspectivar várias conclusões. O ensino democrático da Arquitectura, ao promover o debate e pedir o consenso, permite e promove o desenvolvimento de uma cultura arquitectónica e, no caso do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, a geração desta cultura baseia-se na preponderância do *Projecto* como processo de criação, na História e na Teoria como partes inseparáveis desse processo; na ubiquidade do *elã* do todo e das partes, das partes e do todo e das partes entre si; na Arquitectura como arte ao serviço da Humanidade e, portanto, da cidade; na paradoxal coexistência entre o sistema escola-atelier e o sistema *Projecto Único*, e no conflito temporal como gerador de espaço, já que a aprendizagem ocorre a partir do passado através da linguagem consciente de ser qualidade do momento presente, para um espaço de vivências futuras.

KEY-WORDS AND SUMMARY

Key-Words:

Education, Modern Architecture, Autonomy, Departamento de Arquitectura de Coimbra, School, Project.

Summary:

The education in Architecture goes along with the reflection on the discipline and with its practice. The making and the reflection about the profession are associated with handing over the memories and thus are associated with the education and the development of Architecture. From the times there were systems of artisanal apprenticeship until the current education systems for the masses in the context of universities, several changes have occurred, politically, technically, historically, socially and, therefore, architecturally. Throughout the XX century, Modern Architecture reached its apogee and subsequently underwent a severe criticism, which originated new pathways, either of rupture or continuity. In this particularly fast process modern education is implemented, put to a test and soon reassessed according to new times.

In Portugal, this process of change in education and in the practice of the discipline is initially developed under a political context unfavorable to the open-mindedness and, from 1974 on, is ready to absorb and reinterpret the new features that the Modern Movement did no longer have. In this way, it generates a third typology of Architecture that, although in continuity with the humanist facet of the Modern Movement, was a denial of its utopian and technicist ideas. The reflection developed in the Oporto School was particularly important in this process and the fact that education and office practice were so intimately connected was the booster which generated the strong alliance between theory and practice.

In this context, it was considered as a starting point that the reflection about education in Architecture essentially requires a reflection on Architecture as a discipline and on the meanings associated with its ideas.

According to this perspective, this study aims to identify and characterize the moments and trends of the past that might have had influenced the outlook and identity of the schools today, as well as their role concerning teaching practices nowadays and some of the specificities of contemporary architecture. Using as a case study the Department of Architecture of the University of Coimbra, this thesis proposes to decipher its history and to find it in the broader context of its emergence.

As main paradigms of change in education and society in Europe were considered the *Bauhaus* and May 1968, which represent, respectively or not, the *avant-garde* attitude to adapt teaching to a changing contemporaneity, and the revolutionary attitude

against the dogmatism of the authoritarian and decadent social systems, both political and educational, as a defense of a free way of thinking. Throughout this study we will argue that the classification of schools is of limited use, although it is possible to identify two different categories, semantically the school can be more alike a school-studio or a polytechnic school, syntactically the school may adopt a Project Menu system or a Single Project system.

From the methodological point of view, the reflection on the origins and drivers of the Department of Architecture of the University of Coimbra was investigated through a historical and theoretical approach, among the several ideologies that merged in the emergence of this school, those that were elected for further acknowledgment were the ones with a more constant presence in the school's routine, albeit silently constant, not always evident in the noisy mental processes. The present work is meant to reflect about the period of the Modern Movement's critics, particularly in Italy and Portugal, about the disciplinary autonomy of architecture, about the history of the years of formation and consolidation of the Department of Architecture based on the collection of documentation to chronologically support it, and based on the search for the school's starker general features, from pedagogical activity and cultural life of the city to academic research and teaching spaces.

The present work was supported primarily on documents that testify to the debate and to the promoted didactics in the different moments and geographies studied, it was also supported on the reflections produced by its direct participants through lectures, articles, books and testimonials. This compromised work in constant imbalance between personal experience and impartiality of the investigation, allowed concluding several aspects. The democratic education of Architecture promotes the debate and asks for consensus, allows and foments the development of an architectural culture. In the case of the Department of Architecture of the University of Coimbra, the generation of this culture is based on the preponderance of the project as a process of creation, with theory and history as inseparable parts of this process; is based on the ubiquity of the eland of the whole and the parts, the parts and the whole and the parts between them; is based on Architecture as art at the service of Humanity, and therefore at the service of the city; is based on the paradoxical coexistence between the Project Menu system and the Single Project system, and is based on the temporal conflict as a generator of space, since Architecture is informed by the past through the use of a language conscious of the quality of the present moment in order to develop a space for future experiences.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
Crise Perpétua	15
PARTE 1	
I. Mestres e Métodos	25
II. Crítica ao Moderno	61
III. Autonomia	85
PARTE 2	
I. Escola do Porto	121
II. Memórias do Departamento de Arquitectura	151
III. Escola é Identidade?	181
CONCLUSÃO	
Sistemas, excepções e pretextos	219
ANEXOS	
I. Cronologia do Departamento de Arquitectura	239
II. Planos de Estudos do Departamento de Arquitectura	249
III. Documentos	295
Bibliografia	375
Fontes das Imagens	395

INTRODUÇÃO



As reflexões escritas sobre o ensino da Arquitectura tendem a eleger como principal pretexto para o tema as grandes mudanças no *status quo* da sociedade, da Arquitectura, da política, da economia, e normalmente usam estes motes para introduzir e justificar a pertinência do tema principal. Tentando não ceder ao lugar-comum da constatação da mudança no mundo e ao mesmo tempo tentando não resvalar para um remoinho de egocentrismo, a pertinência que esta dissertação procura ter não está apenas no momento particular de mudança dos paradigmas da Arquitectura, mas está também no momento particular de mudança dos meus paradigmas e dos da escola em que estudo, o Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, ao qual chamaremos, ao longo deste trabalho, Departamento de Arquitectura. A questão que me inquietou durante os últimos cinco anos, sobre como se faz a Arquitectura, é neste momento acompanhada de uma outra que partilha a sua urgência: como se fazem os arquitectos?

Esta pergunta foi ganhando contornos, crescendo, desviando a sua atenção para várias direcções distintas e, por fim, concretizou-se numa tese que a desenvolve através de uma reflexão ampla e inacabada. Inquieta-nos em simultâneo “la pazienza della ricerca e l’urgenza della risposta”¹. Esta pergunta, tal como a pergunta como se aprende Arquitectura, “é uma pergunta que fazemos, continuamente, desde que a disciplina encontrou a sua autonomia”² e, ao encontrá-la, deparou-se também com a necessidade e com a importância de uma educação especificamente orientada para a transmissão do seu modo de conhecimento. Numa dança a vários ritmos, alternamos entre fazer par com a urgência da resposta e fazer par com a paciência da pesquisa. Esta dupla de condicionantes contraditórios fez-nos desenvolver uma tese ao longo de dois anos, com bastantes interrupções e distrações enriquecedoras. As perguntas que surgiram ao longo deste tempo foram muitas, algumas vindas das palavras de outros, outras a ecoar por dentro. “Why do you educate people? You put them in schools because they will, supposedly, become brighter, more interesting, and useful human beings”³.

Questionar acerca do ensino e da Arquitectura na própria escola que me forma implica fazê-lo com uma visão enviesada do objecto de estudo, situação que tentei contrariar inicialmente e com a qual me conformei ao longo da viagem, pela incapacidade de ser neutra e pela liberdade de não ser outra. Enfim, também este trabalho está dividido em várias partes, uma primeira mais histórica e referencial, cujo objectivo é situar no

1 TRONTI, Mario - *Operai e capitale*, p. 265.

2 OLIVEIRA, Maria Manuel - *A Arquitectura ensina-se?*, p. 116.

3 HADID, Zaha - *Zaha Hadid in conversation with Herman Hertzberger*, p. 381.

tempo e no espaço alguns enredos, narrativas, ideias, protagonistas, ou as memórias que destes permanecem, que, mais ou menos directamente, poderão ter guiado o Departamento até onde hoje se encontra. Uma segunda parte, mais centrada no contexto português, aproxima de Coimbra as referências apresentadas anteriormente e pretende ser propulsora de uma reflexão acerca do Departamento hoje.

Inicialmente, as referências históricas aos modelos de ensino, das artesanias às *Beaux-Arts* e ao Moderno, procuram desvendar as sementes que plantaram as maneiras de pensar a Arquitectura que se ensinam hoje; prosseguimos com uma reflexão acerca dos contornos do período da crítica ao Movimento Moderno, dando particular ênfase à Itália dos anos 70, para terminarmos a primeira parte com o tema da autonomia disciplinar, que surge como uma linha cheia de nós bem apertados, desenvolve-se em contradições sucessivas e desfaz-se em simultâneos sentidos que catapultam a reflexão para a segunda parte. Nesta, as considerações sobre a Escola do Porto e o peso da sua sombra sobre o presente procuram um sentido para a criação de uma escola no final dos anos 1980 em Coimbra, o Departamento de Arquitectura; seguidamente, é exposta a história da formação deste Departamento e o seu percurso até hoje; para terminar a segunda parte, propomos uma reflexão acerca da identidade de uma escola, um tema composto de subtilezas que, com uma rasteira, faz tropeçar as ideias na essência do Projecto de Arquitectura como pedagogia e na essência da nossa escola como uma entre todas as outras. Numa cidade que continua a estar algures entre Lisboa e o Porto há um claustro que está “entre Coimbra e o mundo”⁴.

partes da
dissertação

Neste claustro, onde há uma escola de Arquitectura, perpetua-se a disciplina através do seu ensino. Não por receio que a Arquitectura pudesse desaparecer se não houvesse escolas que a ensinassem, mas porque desapareceria se não houvesse o debate, a pesquisa, as questões e a problematização que as escolas estimulam. O ensino da Arquitectura não é uma forma de desemaranhar um conjunto de novelos infinito para clarificar ou simplificar a disciplina, mas antes uma forma de a comunicar, de a entender com todas as suas complexidades e todas as suas contradições, de maneira a poder expressá-la, transmiti-la envolta na sua densa teia de significados. O ensino é um claustro onde a Arquitectura desenvolve convicções e futuros, o ensino implica a memória e a sua transmissão, implica a heroicidade de acreditar na eternidade das coisas perenes.

prisma de
abordagem

4 GOMES, Paulo Varela - Entre Coimbra e o mundo, pp. 46-51.

Os professores, os que acreditam nessa eternidade, são os alicerces do ser e do perceber. Inicialmente, são só o que temos e preenchem todo o espaço, mas, ao longo do tempo, desaparecem na parafernália suja da construção e tornam-se intrínsecos e invisíveis. Como todos os alicerces, ninguém se lembra que estão ali porque é como se sempre tivessem existido. Os que acreditam nessa eternidade, professores, acreditam também na cultura e na transmissão, na colaboração e na memória, e caminham cheios de uma força geradora de novas realidades. A escola, como os alicerces, são afectos.

Gerar novas realidades é mudar os tempos, mudar a percepção do passado, mudar os pensamentos do presente e mudar os planos para o porvir. Os palimpsestos do ensino têm um grande poder na geração de futuros, nas gerações do futuro, tem um papel no desenvolvimento da disciplina e na transmissão daquilo que de profundo e essencial existe na Arquitectura, daquilo que pode ser aprendido com um pouco de verdade.

A presente dissertação baseia-se na convicção que a reflexão sobre o tema ensino da Arquitectura é desejável, as escolas têm de se pensar, de se conhecer, de ser conscientes do seu ensino e das suas matrizes, de reflectir acerca de todas as facetas da vida que se desenrola fora do claustro, que são muitas e têm formas irregulares. No entanto, por ser um tema tão amplo, há inúmeros modos de o abordar, e nem todos parecem ser adequados aos contornos deste trabalho. Concentrar a reflexão no ensino como metodologia e sistema acarreta o risco de desenvolver uma reflexão pouco informada. É uma área para a qual os estudantes de Arquitectura não estão habilitados e por isso tende a gerar-se um vazio de conteúdos. Elaborar uma reflexão sobre o ensino de Arquitectura sob o ponto de vista restrito do ensino seria movediço, seria etéreo, seria inútil.

Pensar sobre Arquitectura é, evidentemente, mais que fértil, essencial. Daí que elaborar uma reflexão sobre o ensino da Arquitectura sob o ponto de vista da Arquitectura parece uma decisão mais segura. No entanto, há algumas armadilhas às quais é necessário prestar atenção. As teias de dispersão subjectiva que o cruzamento de todos os assuntos promove tornam difícil orientar uma reflexão para que seja útil; a restrição do tema ao universo interno de uma escola em Coimbra torna essa reflexão vazia e falaciosa.

O equilíbrio entre limitar o debate a um perímetro de segurança, para que não se perca, e alargar o debate até à infinidade das áreas limítrofes, para que seja rico, é de difícil alcance. Numa eterna tentativa de localizar o meio e encontrar a virtude, os quais, para além de nunca estarem onde se espera que estejam, raramente estão juntos, frequentemente a reflexão perde-se dentro de si própria. Há, por isso, um esforço constante para evitar tanto a proximidade a estes extremos, como também a inércia dos marasmos intermédios.

Se o debate sobre o ensino pode ser inútil, o debate sobre a Arquitectura, o aprofundamento das questões que lhe são inerentes e a interligação com as que lhe são tangentes é desejável. Pensar a Arquitectura para que isso se reflecta no seu ensino revela a assunção que “tudo tem a ver com tudo”⁵, ao mesmo tempo que revela o verdadeiro significado dessa frase porque proferida por um arquitecto: tudo tem a ver com Arquitectura. Falar de Arquitectura pressupõe modos de pensar, modos de fazer, modos de sintetizar, modos de viver, modos de transmitir, modos de ensinar.

5 TÁVORA, Fernando - Montagem em suporte vídeo de Catarina Alves Costa para a exposição *Fernando Távora Modernidade Permanente*, Guimarães Capital da Cultura 2012, a partir da gravação das suas aulas efectuada em 1993 na Casa das Artes do Porto, editada pela Secção Regional Norte da Ordem dos Arquitectos e pertencente à Faculdade de Arquitectura do Porto.

Usando como pretexto o Departamento de Arquitectura de Coimbra, tentaremos escrever sobre Arquitectura sem alienar as suas complexidades, tentaremos seguir o conselho de Beatriz Colomina quando à pergunta: “¿Por qué se complicó tanto el mensaje escrito de la arquitectura?”, responde, “Por inseguridad. Los que peor escriben son los que más complican las cosas. Pero la escritura también se complica cuando se complica la reflexión. No hay que temer la complejidad. La arquitectura es compleja. Pero la escritura no debe ser más difícil que lo que trata de describir”⁶.

A Arquitectura, todas as suas discutíveis inerências e tangências, tudo o que faz parte dela, tudo o que já fez, tudo o que já deixou de fazer, e tudo o que fará parte dela, é uma permanente inconstância e por isso uma presença perene em mutação. O permanentemente apregoado estado de crise no ensino da disciplina é uma característica intrínseca à dinâmica da Arquitectura e, creio, essencial para a necessária perpetuação do seu debate. Nas escolas, ensinam-se lições do passado, com linguagens do presente para práticas no futuro, logo, não existe ensino sem constantes desajustes temporais, constantes incertezas sobre o que é transitivo, constantes contingências e, por isso, não existe ensino sem a constante certeza da inconstância perpétua.

crises

Hoje estamos em crise, mas é difícil relembrar um momento da história em que não tenhamos, humanos, de uma maneira ou de outra, estado em crise. Se não há crise na construção haverá crise nos valores, se não há crise nos valores haverá crise nas ideias, se não há crise nas ideias, então o planeta não gira, que é o mesmo que dizer, se a crise não for por um motivo será por outro, se não for fruto da inquietação será fruto do conformismo. Da crise perpétua, essa que de tão velha nos parece nova, vamos apenas alterando a forma, moldamos os seus contornos em busca de mudanças favoráveis. A crise de hoje é talvez a mais veloz de todas, a mais comunicada, a mais na moda, a mais mediatizada e, portanto, manipulada. Tal como toda a produção, também a “produção arquitectónica acelerou, é feita a contrarrelógio, o mundo vive acelerado, a rapidez da comunicação e da divulgação, as leis do consumo, a publicidade, o consumo de imagens imagens imagens... A arquitectura é controlada pela melopeia arquitectura-imagem-objecto-prestígio”⁷. O que propomos com o presente trabalho é, assim, tirar um momento para pensar, ainda que um momento rápido como mandam os tempos, e para nos olharmos por dentro como Escola e como Arquitectura. O Departamento de Arquitectura também tem estado em crise, uma crise perpétua, já que a Arquitectura não tem dogmas nem estabilidades. A pretexto disso, tentaremos conhecê-lo melhor.

6 COLOMINA, Beatriz; entrevista de NANCE, Anne - *El País*. 27-1-2013.

7 BEIRÃO, Daniel; CRISÓSTEMO, João; CARVALHAL, Mário - Estado de crise, p. 120.

PARTE 1



I. MÉTODOS E MESTRES

etimologia e
semântica

Método e mestre são palavras às quais se recorre amiúde ao abordar temas relacionados com Arquitectura, mais ainda quando o enfoque particular está no ensino e na aprendizagem desta disciplina. Como o explica qualquer dicionário etimológico, a primeira das duas palavras é de origem grega, tem sentidos holísticos e metafóricos, é rica em significâncias. *Methoda*, que também deu *meta*, significa *através de*, e *hodos* significa caminho, pelo que o método é o *caminho que se percorre*. A segunda palavra é de origem latina, vem de *magister*, aquele que ensina e conduz. Ambas são complementares e sugerem narrativas, os caminhos existem depois de alguém os pisar para conduzir outros com as suas pisadas.

A educação e o ensino são parte das normas sociais e das tradições específicas de cada comunidade, estão dependentes de maneiras próprias de comunicar, das partes individuais envolvidas na comunicação, são parte da cultura, moldam-na e são moldados por ela. Daí ser tão difícil avaliar rigorosamente os métodos de transmissão de conhecimento. Os métodos no ensino das artes são muitos e nem todos podem ser aplicados na Arquitectura. O sistema de auto-aprendizagem, a pedagogia dos silêncios, o aprender fazendo ou outros processos mais solitários de auto-conhecimento para a criação são hipóteses possíveis para o ensino das artes que dependem das características do indivíduo que aprende.

Assim como a Arquitectura diverge um pouco destes sistemas livres de aprendizagem artística porque não lida apenas com o universo das artes e do criador, diverge também dos sistemas mais quantitativos e parcelares das ciências, a Arquitectura tem uma ligação forte ao poder, ao cliente, à indústria, à produção, ao tempo, à técnica, à arte e, acima de tudo, aos outros e ao domínio do público¹. Assim, perceber a evolução da aprendizagem dos arquitectos é importante para perceber os métodos actuais de ensino: desde a formação do arquitecto no estaleiro da obra até à formação actual nas universidades, muitos arquitectos fizeram a sua aprendizagem em escritórios de um mestre, receberam formação no seio da sua família, frequentaram escolas de artes, academias de Belas-Artes ou escolas politécnicas, etc. Até há pouco tempo, a aprendizagem prática em obra era uma constante, mas hoje em dia a escola assimilou também a aprendizagem prática no seu espaço com a criação da cadeira de Projecto. Ao longo de tantas mudanças, podemos traçar o rasto de um aspecto particular, que muito influencia os modos de ensino e de aprendizagem: a relação aprendiz-mestre como base da transmissibilidade.

¹ “Sem conflitos geracionais, sem consensos apriorísticos, os cursos de arquitectura têm um carácter um pouco libertário, se os compararmos com as estruturas muito hierarquizadas e subtilmente autoritárias da universidade no seu conjunto.” (COSTA, Alexandre Alves - Primeira anotação do curso de Arquitectura de Coimbra, p. 28).

Embora os métodos possam ser diferentes, esta relação pressupõe algo muito importante, o papel preponderante da memória no ensino. A Architectura aprende-se através de um sistema de relações entre memórias transmitidas pelas pessoas e memórias transmitidas pela própria Architectura. Neste aspecto, o mestre é uma personagem essencial no ensino, é aquele que transmite memórias e dá a conhecer os caminhos da Architectura. Assim, há uma relação dinâmica entre a presença dos mestres e a escolha dos métodos, que serve de base às escolas de Architectura.

Parece-nos pertinente, por isso, começar por abordar este tema, procurando as suas raízes a vários níveis e procurando repercussões das mais significativas mudanças da referida relação dinâmica para a escola que temos hoje. A História lembra-nos que desde os inícios houve ensino e “que a espécie humana, sobre a qual, lembremo-lo, embora pareça vir a despropósito, não se conhece outra opinião do que a que ela tem de si própria”², desde os inícios uniu comunicação a conhecimento, gerando uma aliança que não mais se desfez. Portanto, sempre houve, de certo modo, mestres, alunos e métodos, isto é, caminantes, seguidores e caminhos, mas nem sempre houve a formalidade das escolas como sistema de ensino.

propósito

Enquanto escrevemos sobre mestres e sobre métodos, procuramos clarificar alguns conceitos que nos poderão ser úteis ao longo da presente dissertação. Faremos uma curta introdução histórica ao tema das escolas, procurando entender os significados de Academia e Universidade, de *Beaux-Arts* e Escola Politécnica, e procurando apontar alguns dos momentos fulcrais na história recente do ensino da Architectura que o conformam na actualidade. Para permitir uma leitura clara de alguns dos termos que serão utilizados com frequência procuramos agora entender os meandros históricos que originam a situação das escolas hoje, passando brevemente por motivos sociais, políticos, económicos e culturais. Guia-nos o intuito de manter a linha do pensamento riscada em torno das questões relacionadas com a Architectura como disciplina de relações indissociáveis entre teoria, prática, história e pensamento, procuraremos evitar riscos supérfluos que resvalam para temas de estratégia pedagógica ou de ciência da educação.

Se retrocedemos à antiguidade, observamos que a educação de artesãos e arquitectos era normalmente feita no seio de uma família com uma linhagem de artesãos e arquitectos. Ainda que a educação fosse, como hoje, parte do sistema social enquanto

resenha
histórica

² SARAMAGO, José - *História do cerco de Lisboa*, p. 120.

prática de comunicação e criação de saber, os métodos de fazer essa transmissão eram muito distintos dos actuais. O ensino tinha lugar na oficina e no estaleiro, onde o aprendiz via o mestre fazer, observava-o e acompanhava-o no seu dia-a-dia, enquanto o mestre comunicava o seu conhecimento em plena execução. Tradicionalmente, a aprendizagem era feita de um modo prático e estava sempre intimamente ligada ao próprio fazer. Assim, neste tipo de aprendizagem, as fronteiras entre formação e vida profissional eram ténues, o que acarretava a grande vantagem da comprovação imediata dos efeitos, experiência que hoje pode ser apenas remotamente comparada à de um estágio curricular ou de um período de prática em atelier. Actualmente, o ensino está massificado, está organizado num sistema que permite a formação de um grande número de indivíduos em simultâneo e, no espaço da escola, as cadeiras de Projecto procuram simular a vida profissional.

Na antiguidade, as oficinas eram os locais privilegiados do ensino, da transmissão de modos de saber, da subsequente geração de melhor conhecimento, e “a vantagem é recíproca, pois os homens, enquanto ensinam, aprendem”³. O ensino da Arquitectura na Europa passou, depois, do método oficial medieval para as Academias Reais, dessas para as Escolas de Belas-Artes e dessas para as Universidades, onde geralmente está alojado na actualidade. Alejandro Zaera-Polo divide o actual ensino da Arquitectura em duas linhagens, cada uma delas com ênfase em diferentes modos de entender a disciplina. “The so-called polytechnic and liberal arts model, which present contrasting understandings of both student and the world. The polytechnic model crystallized in France in the nineteenth century. The liberal arts model originated in England. [...] While the liberal arts attempts to educate individuals, to develop qualities of critical analysis and creativity, the polytechnic aims to train architects, to form professionals familiar with the challenges and realities of a specific industry”⁴. De facto, esta é uma possível visão dos rumos do ensino na Europa, no entanto, ao longo do tempo, uma tal visão sobre este tema deixou de ser tão clara e linear.

O papel do mestre parece ter sido determinante nas escolas de Arquitectura ao longo dos tempos, e muitas vezes o mestre dá-lhes o nome⁵. Entre tantos outros dos quais falaremos mais à frente, referimos agora Jacques-François Blondel, fundador de uma escola particular em Paris, à qual normalmente se atribui o seu nome, a *École des Arts*, que se conta entre as primeiras a integrar a cadeira de Projecto na pedagogia; Jean-Nicolas-Louis Durand, primeiro professor de Arquitectura na *École Centrale des Travaux Publics*, que criou em Paris o modelo seminal da *École Polytechnique*; Walter Gropius e a famosa escola-manifesto *Bauhaus* que, em oposição ao individualismo da

escola-atelier
e escola
politécnica

3 SÉNECA - *Lettres à Lucilius / Epistolae morales ad Lucilium*, 7. 8 (“mutuo ista fiunt, et homines, dum docent, discunt”, trad. livre).

4 ZAERA-POLO, Alejandro - *Architectural education in a global world*, p. 177.

5 Larga informação em MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*.

Escola de Belas-Artes, se apresentou como uma proposta de comunidade dialogante e progressista⁶. Noutras escalas e noutras geografias mais próximas, a Escola do Porto, sobre a qual entraremos em detalhe mais adiante, é alimentada pelas figuras magistrais de Carlos Ramos, Fernando Távora e Álvaro Siza.

Foi no ano 1740 que Jacques-François Blondel fundou em Paris a referida *École des Arts*, uma escola particular de Arquitectura cuja contribuição mais importante em relação à *Académie Royale* foi a integração do trabalho de Projecto no plano de estudos da escola e a implementação de exercícios práticos com programas de carácter doméstico e informal. Na sua escola, estudaram arquitectos sobre os quais voltaremos a falar, como Étienne-Louis Boullée, Claude Nicolas Ledoux, Jean-Baptiste Rondelet ou William Chambers. Em 1762, J.-F. Blondel foi convidado para ser professor na *Académie Royale d'Architecture* de Paris, fechando a sua escola particular e reorganizando o currículo desta Academia de modo a criar oficinas de simulação de Projecto. Já no início do século XIX, também em Paris, Rondelet criou uma escola da qual derivaria a *École Polytechnique*, que incidia particularmente nas disciplinas e saberes de carácter técnico, já que pretendia formar engenheiros e arquitectos em conjunto. Em Paris, acabou por prevalecer apenas a formação dos engenheiros, mas noutras conhecidas escolas da Europa a Arquitectura é leccionada em universidades técnicas e escolas politécnicas.

A *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* de Paris, criada em 1816, é a matriz de uma das grandes referências do ensino da Arquitectura dos últimos dois séculos. A *École* dá continuidade a uma pedagogia de moldes clássicos que se organiza em sistema de ateliers⁷. Esta escola foi criada após a instauração da monarquia constitucional em França e reúne numa só instituição o ensino da Arquitectura, da Pintura e da Escultura. Foi fundada como continuação do ensino da *Académie Royale d'Architecture*, cujo currículo havia recentemente sido reorganizado por Blondel, e da *Académie Royale de Peinture et Sculpture*, tendo sido ambas as escolas encerradas com a Revolução Francesa de 1789.

Ao mesmo tempo, na Prússia e na Baviera, surgem as *Bau-Akademie*, escolas de outro tipo que procuram integrar um ensino da linguagem artística numa base politécnica. Mais tarde, já em 1894, verifica-se na Europa a primeira integração do ensino de Arquitectura no contexto universitário, em Liverpool. No entanto, por essa altura, nos Estados Unidos, já a *School of Architecture and Planning* do MIT, a *School of Architecture* da *University of Illinois* e a *Cornell University of New York* ministravam cursos de Arquitectura⁸.

Esta tendência para a especialização do ensino no século XIX gera uma ruptura nos saberes, pois a cisão entre os novos politécnicos e as escolas de belas-artes é uma separação entre os saberes da técnica e os saberes da arte. Mas a catalogação das escolas não ficou facilitada por muito tempo, após esta fissão surgiram outros modelos de escola mais difíceis de classificar de forma simplista, como a *Architectural Association*, AA, de Londres, escola independente fundada em 1847 por Robert Kerr e Charles Gray, como as muitas escolas que posteriormente surgiram integradas em universidades, proliferando a partir do começo do século XX, e como as escolas das vanguardas modernas da primeira

6 Cf. GIL, Bruno - *Escola de Arquitectura. Hoje*, p. 16.

7 Cf. MONIZ, Gonçalo Canto - *cit.*, p. 83.

8 Cf. PORTAS, Nuno - *Arquitectura(s). História e crítica, ensino e profissão*. pp. 354-355.

metade desse século, cujo exemplo mais conhecido é a *Bauhaus*.

Em *Arquitectura(s): História e Crítica, Ensino e Profissão*, Nuno Portas divide os tipos de escola em *escola-atelier* e *escola politécnica*. Um pouco à semelhança da distinção feita por Zaera-Polo, mas sem a sua componente geográfica, a primeira caracteriza-se por ter uma componente de prática muito acentuada, seja em ateliers que dão formação inserida no percurso normal do seu funcionamento de escritório, seja em escolas de herança *bauhausiana*, como Ulm, que acentuam a importância da relação oficial com o mestre, seja em escolas de herança *beauxartiana*, como a Escola do Porto, que acentua a importância do desenho de projecto. Segundo Portas, estas escolas assemelham-se àquelas em que a regência das cadeiras práticas conta com arquitectos famosos responsáveis por grandes ateliers de Arquitectura. A segunda, escola politécnica, caracteriza-se pela forte componente técnica das matérias e pela semelhança funcional com outras escolas superiores de engenharias e ciências. No fundo, a principal diferença está na forma como se encara a transmissão do saber, pode repousar em personalidades ou numa metodologia⁹.

Recorrendo à história recente do ensino da Arquitectura na Europa, é possível perceber uma grande transformação desde o modelo dos mestres e pupilos vigente no século XIX. Para essa transformação, houve inúmeras contribuições, desde a inserção do ensino Moderno na universidade, iniciado em Liverpool, o ensino na *Bauhaus* e a tentativa de o ressuscitar em Ulm; até aos situacionistas de 68 e ao pessimismo da escola de Veneza no rescaldo dessa crise¹⁰.

Bauhaus e
Maio de 68

Podemos considerar que os dois momentos-chave de questionamento da Escola no século XX foram a *Bauhaus* e o Maio de 68¹¹. A *Bauhaus* foi uma escola que procurava responder aos desafios do seu presente, procurar soluções para uma actualidade em mudança. Em 1915, Gropius foi convidado para a direcção da *Kunstgewerbeschule*, Instituto Superior de Belas-Artes de Weimar, para substituir Henry Van de Velde. Foi dos primeiros mestres modernos a entrar para o ensino e a propor um novo modelo pedagógico baseado no recente desenvolvimento da indústria e nas suas repercussões, tanto na vida doméstica como na vida da cidade. Assim, “quatro anos mais tarde, com o fim da guerra, esta escola funde-se com a Hochschule für Bildende Kunst (Escola de Artes Aplicadas) e Gropius cria a Bauhaus Estatal de Weimar segundo o programa-manifesto Staatliche Bauhaus”¹².

Apesar de só ter formado cerca de 1300 alunos e só ter funcionado durante 14 anos,

9 Cf. *ib.*, pp. 357-358.

10 Cf. GIL, Bruno - *cit.*, pp. 188-189.

11 Cf. *ib.*, p. 10.

12 MONIZ, Gonçalo Canto - *cit.*, p. 145.

é uma das escolas mais famosas e mais estudadas do mundo¹³. “Na cadeira de seminário de arquitectura, Mies propõe a resolução de problemas concretos, Ludwig Hilberseimer dedica-se a trabalhos sobre a construção de bairros sociais e Lilly Reich e Alfred Arndt, no seminário de acabamentos e decoração, trabalham sobre móveis standard. Em 1933, quando finalmente a formação do arquitecto tinha conquistado uma estrutura sólida, uma espécie de ‘formação total’, a escola é encerrada. Mies tinha consolidado um sistema que dava instrumentos ao arquitecto para actuar desde o mobiliário até à cidade, garantindo uma abordagem não só a questões da industrialização, mas também ao problema social da habitação”¹⁴. O seu modelo de ensino Moderno dissemina-se quando a escola é obrigada a fechar pelo governo nazi de Hitler. Gropius vai para Harvard, Mies para Chicago. Em 1955 a Escola de Design de Ulm, também na Alemanha, constitui uma tentativa, como existiram várias, de reiniciar a *Bauhaus* interrompida. A escola esteve aberta até 1968 e, apesar do seu curto período de funcionamento, inaugurou um modelo pedagógico e profissional extremamente abrangente, que ficou conhecido como o modelo de Ulm. Este modelo pressupõe uma estreita relação entre design, indústria e tecnologia.

Nesse mesmo ano de 1968, no mês de Maio em Paris, a revolução. Não foi a revolução da classe operária há tanto preconizada pelas teses comunistas que a ansiavam, os seus protagonistas não eram só os proletários e a sua forma era imprevisível. Inicialmente protagonizadas por estudantes, e apoiadas pela maioria da população, as diversas variações destas lutas que pretenderam acabar com os sistemas políticos e educacionais em vigor, vieram rematar um período que é visto como o desarmamento político da Esquerda, a despolitização da sociedade moderna e o despertar de uma Pós-Modernidade radical. A partir das lutas derivadas das greves gerais de Paris, que se estenderam por toda a Europa, *rien ne serait jamais plus comme avant*. Este é um período cheio de complexidades, difícil de definir politicamente, quer pela curta duração de algumas das propostas apresentadas quer pela adesão generalizada a estas lutas. No entanto, é um período claramente perceptível como momento-charneira e como explosão contestatária aos regimes autoritários que mudou o modo como se pensava a sociedade, a cidade, a educação e a política.

Esta esquemática resenha do ensino da Arquitectura na Europa no período entre o século XVIII e o século XX tem como intuito contextualizar o desenrolar dos acontecimentos contemporâneos em Portugal. Aqui, a Academia Portuense de Belas-Artes e a Academia de Belas-Artes de Lisboa foram ambas criadas em 1836 pelo governo de Passos Manuel, oferecendo formação nas áreas de Pintura, Escultura e Arquitectura. Ao longo dos séculos XIX e XX, o ensino da Arquitectura em Portugal baseiou-se nas matrizes de educação da acima referida *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* de

contexto
português

13 Cf. GIL, Bruno - *cit.*, p. 17.

14 MONIZ, Gonçalo Canto - *cit.*, pp. 148-149.

Paris. Tal como aconteceu em Paris, em Portugal também foram as reformas liberais que levaram à adopção deste modelo francês. Ao longo do século XIX, o ensino das escolas de Belas-Artes em Portugal procurou acompanhar as reflexões e os debates sobre as áreas artísticas no estrangeiro. Para tal comunicação e actualização constante, os bolseiros enviados regularmente para a *École* de Paris eram essenciais, dado que Paris era considerado “o centro da formação cultural e artística da modernidade”¹⁵. No Porto, a Academia Portuense de Belas-Artes muda o seu nome para Escola Portuense de Belas-Artes e, a partir de 1950, para Escola Superior de Belas-Artes. Em Lisboa, também em 1950, a Academia passou a Escola Superior de Belas-Artes. Já em 1979, o curso de Arquitectura ganha autonomia em ambas as Escolas e passa a ser uma Faculdade no contexto das universidades de cada uma destas cidades.

Estas mudanças na educação, de cariz metodológico e administrativo, reflectem invariavelmente mudanças na sociedade, no papel social do arquitecto, na ordem organizacional dos sistemas de ensino e nas necessidades instrumentais que a vida profissional exige do arquitecto. Em 1964, Nuno Portas escreve que “as actuais preocupações suscitadas pela ‘crise do ensino’ não se apresentam tanto como uma carência de métodos pedagógicos adequados, mas são sobretudo o reflexo das diversas fases da crise de inserção do arquitecto numa sociedade industrial e de consumo de massa. A escola é um lugar de transmissão do melhor que sabemos, mas é também, desde logo, um lugar em que didáctica e investigação se confundem, ou, por outras palavras, na qual a didáctica da arquitectura é criadora, responsabilizando-se não apenas em reflectir o melhor nível existente mas em acrescentar possibilidades ao futuro exercício da profissão”¹⁶. As responsabilidades da escola em relação ao futuro da profissão são uma preocupação a ter presente na elaboração das suas premissas.

No entanto, ao longo do tempo e dependendo da geografia onde se encontra, o arquitecto assume diversos papéis no exercício das suas funções profissionais. Visto, em separado ou em simultâneo, como construtor de edificios, de cidades, de medidores de tempo, como tratadista, político, gestor de espaços, construtor de navios, de pontes, de máquinas militares, de instrumentos de balística, entre várias outras funções¹⁷, o âmbito primordial do trabalho do arquitecto pode variar bastante, mas a essência da Arquitectura não deixou nunca de estar no espaço e na sua organização. Seria, portanto, dramático, se para ensinar a disciplina fosse necessário ter claras a especificidade e a definição das funções da profissão, visto que tal definição está em mutação constante, também ela em crise perpétua, tem uma natureza múltipla e vária. Assim, ainda que as mudanças no sistema de ensino sejam inevitáveis face às mudanças sociais, o conteúdo do que se transmite e do que se debate numa escola de Arquitectura é uma constante: ensina-se um modo de pensar que pode ser aplicado a toda a vida.

15 *Ib.*, p. 81.

16 PORTAS, Nuno - *cit.*, p. 353.

17 Cf. MABARDI, Jean-François - *Teaching Architecture. Texts and Tradition*, pp. 11-14.

Desde o tratado *De Architectura*, tratado escrito por Marcus Vitruvius Pollio há cerca de 2030 anos, que é o mais antigo que chegou aos nossos dias, já foram lavrados muitos outros tratados sobre o que é ser arquitecto, como se faz *Arquitectura*, quais as regras e quais os aspectos mais importantes a ter em consideração quando se exerce o papel de arquitecto. De facto, a mais urgente e constante interrogação do arquitecto, mais urgente e constante do que qual o seu papel, tem sido qual a maneira de o concretizar e essa sim, é uma questão de grande profundidade que afasta para segundo plano todas as tentativas de definição estática de qual o seu papel. Durante o período clássico, no que diz respeito à construção de edifícios, essa dúvida foi sendo resolvida através das ordens e das regras de construção, mas o advento do Moderno baralhou as regras, expulsou as seguranças e as certezas do campo da *Arquitectura*. Não só os materiais, nem os modos de produção e construção foram alterados com as revoluções modernas, mas todas as facetas da vida sofreram mudanças rápidas e radicais. Os tratados passaram a ser manifestos e a história deu uma cambalhota. Mais uma vez, o papel do arquitecto mudou, os métodos de ensino mudaram, mas as lições da *Arquitectura* continuam válidas.

O ensino moderno da *Arquitectura* é implementado como contraponto ao ensino *Beaux-Arts*. Ora, a sua origem não se encontra no interior das escolas, onde este sistema estava instalado e em vigor, mas antes fora delas, no campo da prática arquitectónica de um grupo de arquitectos que não eram professores, mas utilizaram a pedagogia para debater as suas filosofias e ideais¹⁸. Assim, o desenvolvimento das novas pedagogias de ensino do Moderno, para além de nascer de reacções aos métodos de ensino vigentes, foi também originado por plataformas variadas de debate sobre a profissão e a divulgação da *Arquitectura Moderna*, tal como a *Werkbund*, os CIAM ou, em Portugal, o Congresso de 1948. Em Portugal como no estrangeiro, é, pois, dos arquitectos modernos que parte a motivação e a exigência da implementação de uma nova pedagogia para fazer as escolas corresponder aos desafios da realidade profissional. Ora, “Walter Gropius foi, dentro desta perspectiva, o arquitecto e o pedagogo, que trilhou este caminho, trazendo para dentro das escolas de *Arquitectura* as ideias fixadas nas suas propostas arquitectónicas e, assim, construindo, desde a *Bauhaus* até Harvard, um novo paradigma para o ensino da *Arquitectura*”¹⁹. Logo, o ensino moderno não parte das escolas ou da reflexão sobre o ensino, parte antes do debate sobre o exercício da disciplina e da profissão, parte da integração dos arquitectos modernos nos sistemas de ensino. A implementação gradual do ensino da *Arquitectura Moderna* não surgiu apenas de uma escola, apenas de um mestre, de uma corrente ou de um método, é uma reacção a várias metodologias, a várias matrizes

18 “O ensino moderno da *Arquitectura* foi construído sobre uma contestação generalizada ao ensino *Beaux-Arts* que como vimos irradiou de França para todo o mundo. [...] No entanto, esta contestação às *Beaux-Arts* não emanou de uma escola, mas de um grupo de arquitectos, que antes de serem professores exploram as suas ideias através das propostas arquitectónicas e filosóficas, recorrendo também ao debate pedagógico, para integrar os modernos métodos de aprendizagem”. (MONIZ, Gonçalo Canto - *cit.*, p. 135).

19 *Ib.*, p. 135.

de escola, algumas por continuidade, outras por ruptura. “O ensino moderno transformou definitivamente os cursos de arquitectura” e, no que diz respeito aos conteúdos, essa transformação visou sobretudo a integração do “triângulo cidade-história-homem no triângulo forma-programa-construção”²⁰.

Na Escola do Porto, a convivência entre o trabalho no atelier do professor e o trabalho na sala de Projecto da Escola era intensa e proporcionava aos estudantes essa vantagem característica do ensino de arquitectos artesãos da antiguidade, a prática instrumental. Na Escola do Porto, prática e investigação eram ambas parte do mesmo processo, um processo feito de trocas entre atelier e escola. Após os grandes tumultos dos anos 1970, a Escola do Porto é neutralizada do ponto de vista político e a sua integração na Universidade do Porto faz com que os seus princípios sejam adequados aos mercados²¹. Assim, no decurso dos anos 1980, ao mesmo tempo que o país procura estabilidade social, esse sistema de intercâmbio entre escola e atelier fragiliza-se, alegadamente por motivos relacionados com o tempo lectivo, com regras de funcionamento curricular da Faculdade ou com a ética do trabalho. Gradualmente, essa permuta de experiências deixa de existir e, já que a experiência do real deixa de ser possível, para superar essa falha pedagógica no ensino dos estudantes, a cadeira de Projecto adopta um carácter mais forte, assumindo-se como simulação de atelier. Os métodos mudaram, as lições são uma constante.

A existência dessa constante é um dos princípios que justifica a autonomia disciplinar da Arquitectura. No campo do ensino recente, várias escolas procuraram estabelecer a Arquitectura como uma disciplina autónoma, entre elas a Academia Real de Arquitectura de Paris, a Escola de Veneza ou a Escola do Porto, das quais falaremos mais adiante. Por outro lado, escolas como a *Bauhaus*, as Escolas Técnicas e as Politécnicas apostaram numa visão da Arquitectura enquanto disciplina adstrita a outras formas de saber, a diversas ideias, ou a uma corrente de pensamento específica. No entanto, como vimos, invariavelmente esta atitude não surge da escola, mas sim do debate da profissão e da prática profissional.

O panorama geral vigente do ensino da Arquitectura na Europa, hoje, ilustra um compromisso, que pode ser mais ou menos equilibrado, entre o programa de ateliers de simulação da prática, originário da Escola de Belas-Artes do século XIX, e os princípios de colaboração interdisciplinar da *Bauhaus* e das Escolas Politécnicas. O primeiro, que, como vimos está mais próximo da referida *escola-atelier*, procura estimular o indivíduo e a criatividade própria de cada um, baseia a escolha do professor numa ideia de reconhecimento da obra e da carreira de um indivíduo, o qual é responsável pelo ensino que pratica. Já o segundo, mais próximo da referida *escola politécnica*, forma

project menu
e projecto
único

20 MONIZ, Gonçalo Canto - O legado do ensino moderno na Escola de Coimbra: experiências pedagógicas nas Escolas do Porto e de Lisboa, p. 155.

21 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 107.

profissionais para um trabalho inserido numa indústria específica e baseia o ensino numa metodologia rígida que assegura a sua qualidade. Entre as possibilidades oferecidas por cada um destes dois estereótipos de escola, há uma infinidade de hipóteses e de casos para as exemplificar. Ao longo dos tempos, cada escola foi gerindo as suas influências, lidando com as suas características próprias e tomando rumos que tornam difícil, e talvez inútil, classificar hoje o ensino da Arquitectura por tipos de escola.

No entanto, actualmente, quer as escolas que derivam da referida *escola-atelier*, quer as que derivam da *escola politécnica* são extremamente influenciadas e determinadas, não por distintas visões sobre a cultura arquitectónica, mas por modelos económicos e por estratégias de mercado. “The liberal arts and polytechnic models take on new connotations as they participate in a global economy. Both forms carry new burdens in this context, and must define themselves differently in order to maintain a continued appeal and relevance”²². Assim, entre os actuais sistemas de ensino nas escolas europeias, distinguem-se mais claramente dois que já não estão tão ligados às suas origens de Belas-Artes ou de Politécnico. Como métodos de garantir a boa qualidade da educação, um desses sistemas privilegia a relação professor-aluno, ao passo que o outro privilegia o currículo. No entanto, não se encontram padrões definidos nem relação à natureza dos conteúdos leccionados, nem em relação à distribuição geográfica, dado que existe uma grande variação e heterogeneidade. O primeiro, ao qual chamaremos sistema *Project Menu*²³, responsabiliza o professor acima de tudo, o que acarreta o risco de toda a formação ser posta em causa se o mestre falhar, pois nada está assegurado curricularmente; o segundo, ao qual chamaremos sistema *Projecto Único*, descarta logo à partida a oportunidade de serem apresentados aos alunos desafios à sua medida pessoal e de os fazer enveredar por uma aprendizagem directa através da exclusividade de convivência com o professor²⁴. Podemos considerar que o *Project Menu*, que decidimos nomear usando o potencial publicitário da língua inglesa, é uma cedência directa às necessidades de mercado e marketing, enquanto o *Projecto Único* é uma resistência nostálgica.

Ambos os métodos de ensino de *Projecto* contam com vantagens e desvantagens. A vantagem do *Project Menu*, da sectorização do plano de estudos em departamentos independentes sujeitos às ideias de um professor, reside na flexibilidade e na liberdade individual na escolha do percurso académico, tendo por desvantagem a possível fragmentação da escola e a consequente desresponsabilização desta pela formação dos seus alunos²⁵.

O sistema da *Architectural Association*, que se insere nos moldes do *Project Menu*, foi implementado no final dos anos 1970 por Alvin Boyarsky e era então muito inovador. O factor precipitante desta mudança foi o corte de financiamento às universidades no início da referida década no Reino Unido, o que fez com que os encargos com a educação aumentassem para os alunos, trazendo grande insegurança à gestão das escolas. Foi,

22 ZAERA-POLO, Alejandro - *cit.*, p. 180.

23 Cf. HERTZBERGER, Herman - *Introducing the Berlage*, p. 29.

24 Cf. FLAMMER, Pascal; ZUBER, Raphael; entrevista de PENN, Samuel - *Architecture and Education*.

25 “The wide selection of courses, and attention given to the individual student, optimistically expresses some truly human impulse to educate and form young architects. More pessimistically, this same flexibility and attention marks the unfortunate transformation of student into a consumer whose needs must be met, urges placated, and satisfaction encouraged through the existence of a pleasant education product” (ZAERA-POLO, Alejandro - *cit.*, p. 181).

portanto, necessário aliciar estudantes nacionais e internacionais, gerando competição interna para ganhar lugar nas competições entre escolas. Quando a AA estava em vias de fechar, este foi o modo que encontrou para resolver os seus problemas de subsistência. No final desses anos 70, o Reino Unido também teve de procurar respostas para resolver os seus problemas de cariz financeiro, e foi através das soluções de Margaret Thatcher que se procurou superar os impasses sociais e político-económicos. É possível encontrar algumas analogias entre estas duas soluções contemporâneas.

A doutrina da AA consistia num sistema de equilíbrio entre a dispersão da especialização tecnológica das universidades modernas e a centralidade do Projecto existente na raiz das Escolas de Belas-Artes. Foi o modelo inovador de Boyarsky que fez com que a escola inventasse novos modos de ver a Arquitectura e fosse pioneira na Europa nas décadas que se seguiram. A independência de cada módulo é mediada pela necessidade de envolvimento num mercado de vender programas. Ou seja, depois de formados diversos módulos de ensino, afinal laboratórios experimentais de Projecto idealizados por arquitectos convidados, estes são apresentados aos alunos de modo aliciante, o que visa incentivar e garantir autonomamente a qualidade das cadeiras leccionadas. O sistema de unidades pressupõe também a apresentação de nomes de arquitectos importantes associados aos diversos módulos, uma maneira de pactuar com o *star system* e de formar e atrair um universo de jovens aspirantes ao estrelato. Rapidamente este sistema foi adoptado pelas escolas de Arquitectura do resto do Reino Unido, tendo-se também espalhado pela Europa do norte e do centro. Em 1990 em Londres, a *Bartlett School* de Peter Cook, director da AA antes de Alvin Boyarsky, também adoptou esta estratégia de *Project Menu*, com ligeiras diferenças²⁶, para se revitalizar com novos exercícios de criatividade individual e com nomes sonantes do panorama arquitectónico contemporâneo internacional.

Portugal, no final dos anos 1970, vivia num cenário bem distinto. Começando pelas dissemelhanças entre as situações políticas de ambos os países, Portugal uma república democrática recém-formada, Reino Unido uma monarquia centenária conservadora sob o poder de Thatcher, e terminando pela situação no ensino da Arquitectura, a qual até 1979 era leccionada pelas Escolas Superiores de Belas-Artes, no Porto e em Lisboa. Em ambas as escolas, aliciar alunos não era uma preocupação nem uma premência. Nesse momento, em Portugal, a educação estava mais uma vez a procurar o seu caminho e a adequação a contextos em mudança, num momento complexo, em que se cruzavam muitas variáveis no seu planeamento.

Como escreve Portas na referida década, “Bem ou mal, não se aceitam, nem se produzem, mais tratados, nem existem paradigmas suficientemente consensuais; não se pode contar com líderes carismáticos para todos os anos de todos os cursos de todas

ensino
nacional na
década 1970

26 GIL, Bruno - *cit.*, pp. 36-37.

as escolas; e os que há, não podem responder às exigências de dedicação integral do sistema universitário, cansam-se com as tarefas de gestão que lhes são impostas e, logo que possam, tornam-se visitantes itinerantes, sobretudo para prestigiar as avaliações dos trabalhos, *a posteriori*, em escolas estrangeiras cinco estrelas ou com orçamentos folgados para as contratações. E é compreensível que isso suceda; pior entre nós, onde a pesada carreira não se complementa com o regime de professores visitantes”²⁷.

Ambos os métodos de ensino de Projecto, o *Project Menu* e o Projecto Único, se mantiveram sensivelmente estáveis na sua essência nestas últimas décadas. Mas, na passagem para este século, as escolas e os arquitectos ingleses ficaram extremamente preocupados com a competição e o individualismo originados pelo seu sistema de educação. O arquitecto não era formado para trabalhar em grupo nem para saber comunicar com o público leigo. O arquitecto era visto pela comunidade como um profissional arrogante, pouco disponível para o diálogo, muito fechado na sua própria linguagem e nos códigos de comunicação que lhe são inerentes. Esta imagem pública negativa do arquitecto alertou aqueles mais directamente ligados ao ensino, prontos a colocar as mãos na consciência para reverter esta situação assumidamente criada por si próprios. As atitudes e os valores dos mestres têm um efeito mais directo nos alunos do que geralmente se pensa porque os estudantes estão sempre conscientes do poder avaliativo dos seus tutores e, por isso, procuram agradá-los, entrando no seu sistema de valores e actuando de acordo com as atitudes do professor²⁸. Rapidamente se concluiu que o sistema de módulos premeia o gesto de criação individual, estimulando a competição em vez da colaboração, e por isso colocou-se a hipótese de essa ser a origem do problema da alegada atitude arrogante dos arquitectos.

Assim, iniciou-se nestas escolas um período de basta reflexão sobre o ensino e sobre si próprias. Considerou-se que o cliente raramente é tomado em consideração nos exercícios de simulação da prática, cujos objectivos são abstractos e conceptuais. O aluno não aprende a lidar com o outro e a subliminar mensagem transmitida é que o cliente não é uma parte importante, e a partir daí surge a imagem do arquitecto arrogante e fechado ao diálogo. Entendeu-se então necessário que as escolas envolvessem esse pedaço de complexidade nas suas cadeiras de Projecto: o cliente, a cooperação, a comunicação, o público e as massas²⁹. Com esse objectivo em mente, os exercícios e as tarefas dos alunos passaram a envolver sistemáticas apresentações, composição de imagens realistas, elaboração de narrativas que fundamentem o projecto de maneira a que este possa ser compreendido por leigos, invenção de conceitos que justifiquem de modo mais ou menos colorido, mais ou menos diagramático, mais ou menos movimentado, uma qualquer

a estatística
da
arrogância

27 PORTAS, Nuno - *cit.*, p. 437.

28 Cf. PARNELL, Rosie - *Knowledge skills and arrogance*, p. 63.

29 *Ib.*, p. 64.

forma de Arquitectura, apetrechando assim os estudantes de meios múltiplos para vender um projecto, ou por outras palavras, comunicar uma mensagem, que corre o risco de se perder no envelope. Álvaro Siza, em relação a este assunto, comenta: “assim fosse na Holanda, onde montanhas de livros e de experiências e de informação computadorizada me abrem mil vias proibidas. Para tudo tenho mil apoios, mil disciplinas me acompanham fraternalmente, a não ser na solidão multiplicada de ser eu a escolher o que não posso escolher”³⁰.

Tal como na vida, nas tarefas de um arquitecto, trabalhar em grupo é importante. Saber colaborar, tal como saber comunicar com quem quer que seja é essencial. Mas não é por si só o domínio da Arquitectura nem deve substituir o ensino da disciplina. Comunicar Arquitectura não é uma estratégia de marketing mas é uma ferramenta própria da Arquitectura. A pedagogia dos silêncios é uma prática que não permite uma aprendizagem livre e democrática. No entanto, em algumas escolas, comunicar o projecto ganhou a preponderância de um objectivo principal, passou a ser uma obsessão e perdeu o carácter de ferramenta útil para o trabalho de grupo e para a cooperação.

As raízes desta obsessão pela comunicação do projecto não se limitam, obviamente, ao episódio descrito, os escritórios de arquitectura no geral estão mais direccionados para a propaganda dos seus projectos por meio de imagens e de diagramas que circulam freneticamente em todos os meios de comunicação. Estas explicações imediatas da obra de Arquitectura não se baseiam somente no desprezo das capacidades do público leigo para entender as complexidades inerentes a qualquer obra, mas também se baseiam na necessidade de poderem ser vistas e gravadas na memória num ápice, que é o *flash* de tempo que dura entre aquele *clique* para aumentar o tamanho do *thumbnail* e o *clique* seguinte para passar às imagens do próximo projecto. Esta forma de trabalhar está associada às personalidades que atraem a atenção dos estudante e futuros arquitectos, que servem de exemplo a seguir, de modelo para um futuro de fama e de sucesso.

A *Mimesis*, expressão aristotélica segundo a qual toda a arte é imitação, usada pelo filósofo grego logo no início da sua célebre *Poética*, é um recurso metodológico desde sempre associado à prática da Arquitectura e está intimamente ligada aos modos de transmissão de memória. Ainda assim, apesar de, ao longo da História, ser possível distinguir as várias referências aos mestres que conduzem os arquitectos do futuro pelos caminhos que constituem a sua aprendizagem, nem tudo pode ser ensinado e transmitido. A Arquitectura possui uma dimensão cultural que tem de ser procurada para ser activada como método de ensino. Ou seja, é fundamental dissolver as próprias vivências na aprendizagem, fundir o que nos rodeia com o que nos é proposto pela escola. Por conseguinte, a procura dessa dimensão cultural tem de ser o resultado de uma necessidade, isto é, não é ensinável. “É absurdo pensar que os suportes de conhecimentos associados a estas dinâmicas culturais possam ser fornecidos ou ainda pior ‘ensinados’”³¹. Neste sentido, o papel dos mestres e o papel dos próprios estudantes funde-se no processo de aprendizagem.

30 SIZA, Álvaro - *Duas casas*, Haia, p. 31.

31 BANDEIRINHA, José António - *Relatório da Disciplina de Projecto I*, p. 17.

O respeito pelos mestres é uma característica da Arquitectura Portuguesa³², mas a primazia do indivíduo pode constituir um problema que deriva, como vimos, de métodos de ensino como o *Project Menu*. De um modo imediato podemos encontrar relações directas entre o sistema de Projecto Único e um tipo de ensino que confia primordialmente num método, como o da *escola politécnica*; e relações directas entre o sistema *Project Menu* e um tipo de ensino que confia primordialmente nos mestres, como o da *escola-atelier*. Esta correspondência linear é, como quase todas, subvertida e modificada com as condições em que é posta em prática e, como veremos em diversos exemplos mais à frente neste trabalho, nem sempre o sistema em vigor é acompanhado por uma correspondente primazia do mestre ou do método.

Porém, independentemente do sistema e do método, é importante que nas escolas seja dada ênfase ao Projecto como processo dinâmico e não ao Projecto como produto do génio ou da individualidade³³. É importante que o processo de aprendizagem da Arquitectura incida noutra tipo de dinâmicas, como aquelas mais ligadas às práticas democráticas e ao exercício da profissão. Não há método ideal para o ensino da Arquitectura, precisamente pelo carácter tão abstracto e variado desta disciplina. Assim, seja qual for o método adoptado para a transmissão dos valores e dos conceitos de Arquitectura, o fundamental é a presença da disciplina num sistema livre de pensamentos. Ao longo da História já vimos que os métodos mudaram e as condições de ensino alteraram-se substancialmente, mas, na sua essência, a Arquitectura é a mesma disciplina, apenas inserida em paradigmas contextuais diversos. No entanto, num sistema de aprendizagem derivado do convívio directo com o professor, o processo adapta-se às necessidades, aos ritmos e ao contexto dos aprendizes, o que pode ser uma mais-valia nessa aprendizagem, como já várias escolas têm vindo a provar ao longo da história do ensino moderno.

É quase unânime que ambos os sistemas *Project Menu* e Projecto Único precisam de reformulações e há já vários anos que estão a ser alvo de tentativas de reinvenção, todas em busca de um ensino que prepare os futuros arquitectos para o mundo real, para o que estes realmente precisarão de saber quando saírem da escola e se depararem com os desafios da profissão. Efectivamente, uma das questões que a Arquitectura sempre se colocou prende-se com a especificidade da sua forma futura. Assim que essa resposta é encontrada, à chegada desse futuro, a pergunta volta a assaltar as mentes e de novo se procuram outros futuros. E é essa dança incessante que confere à Arquitectura a condição de modernidade permanente. De facto, é difícil preparar arquitectos para o futuro porque este é sempre incerto, mas é possível preparar arquitectos para o presente em que se

mundo real e
avaliação

32 “Também me parece que esta história freudiana do pai, na nossa área, na arquitectura, e particularmente na área da arquitectura portuguesa, não tem grande sentido. Não há, pelo menos até hoje não encontrei, nenhuma obsessão de matar *pais*, pelo contrário a obsessão é outra, é preservar os mestres, respeitá-los, preservá-los. Essa espécie de *continuidade* é muito característica da nossa profissão, temos muito respeito pelos mestres.” (COSTA, Alexandre Alves; entrevista de FIGUEIRA, Jorge - OK técnico, p. 92).

33 Cf. NICOL, David; PILING, Simon (ed.) - *Changing Architectural Education, Towards a New Professionalism*, pp. 8-10.

reflecte sobre as possibilidades de futuro, amiúde através do estudo do passado. Em resumo, se soubéssemos qual é a Arquitectura do futuro, ela não seria do futuro e neste carrocel circular jaz a matriz do ensino.

Para evitar que a simulação do Projecto no âmbito académico seja uma ferramenta mediática que perpetua o *status quo* das hierarquias e do estrelato, seria necessário que essa cadeira fosse implementada num sistema livre de estilos e -ismos, com abundante e qualificado diálogo entre mestres e aprendizes, seria necessário procurar apagar as assinaturas pessoais do professor, mitigando o seu estrelato e promovendo o trabalho livre de competição, porque esta previne o diálogo e apenas centra os esforços em agradar ao professor³⁴. Acima de tudo, a cadeira de Projecto tem potencialidades para abrir caminhos para o desenvolvimento e para a aprendizagem dos estudantes, e uma liberdade total do modo de ensino pode acabar por evidenciar o professor como referência única e criador de opinião, negando assim o estatuto comunitário e regrado de uma universidade e gerando um sistema de concentração de todo o poder numa referência curricular.

Há muitos modos de ensinar Arquitectura, não há modos completamente certos, admitem-se muitas visões diferentes, o mestre não providencia receitas, antes ensina os alunos a criar as suas próprias ferramentas, e também personifica um bom modelo. Mas, nas escolas, o professor tem também o papel de fazer a avaliação. A avaliação é um exemplo paradigmático da complexidade da atribuição de responsabilidades de regulação. No caso de muitas cadeiras de uma escola de Arquitectura, a avaliação não será precisa, pois nem tudo segue critérios sumários de certo ou errado, nem critérios quantitativos exactos. A avaliação facilmente se transforma, pois, em fruto de especulação no mercado das escolas. Na escola de Arquitectura da *Bartlett*, em Londres, os alunos são avaliados por arquitectos membros do *Royal Institute of British Architects*, totalmente alheios ao processo de aprendizagem, o que faz com que essa avaliação seja simultaneamente uma avaliação dos professores. Uma escola com nomes de arquitectos mais sonantes atrai mais alunos, uma escola com notas mais elevadas também? Quem devia, então, definir os critérios de avaliação? Ou seja, quem deve regulamentar o ensino³⁵?

Bolonha, a imposição da avaliação contínua e do sistema de presenças, a standardização do sistema de créditos, a definição da duração dos cursos, o nivelamento das qualificações académicas, enfim, a uniformização dos sistemas, veio limitar o papel do professor no ensino superior, que perde a possibilidade de adaptar os seus métodos de ensino ao ser mestre. Este nivelamento surgiu como tentativa de regulamentação por parte de uma entidade cujas deliberações foram acatadas por todas as instituições do ensino superior da Europa. No entanto, o nivelamento nunca é totalmente rigoroso numa Europa tão diversa. Como uma moeda única não vale o mesmo nos diferentes países,

Bolonha

34 Cf. CIRAVOGLU, Aysen - *On the formal and informal studies in architectural design*, p. 179.

35 Cf. FLAMMER, Pascal; ZUBER, Raphael; entrevista de PENN, Samuel - *cit.*

também os créditos de Bolonha têm os seus diferentes valores. Porém, não se trata de uma análise de mercados, trata-se de perceber que responsabilidades e que liberdades restam aos professores e que medidas se podem aplicar para evitar que os mestres se confundam com estrelas e promover a sua actuação como elemento importante de uma cadeia de aprendizagem e transmissão de memória.

No *Architectural Education Symposium* da AA em 2004, o arquitecto Robert Mull considerou o sistema de unidades *Project Menu*, comum nas escolas nórdicas, auto-referencial, thatcheriano, fraccionário e agressivo. É uma representação do mercado e fomenta o herói-arquitecto, fomenta o secretismo, a arrogância e o individualismo, quando o que é realmente necessário é a redescoberta da Arquitectura como uma arte social e de responsabilidade³⁶. A máxima promoção da comunicação entre aluno e professor é uma excelente maneira de aprender, visto que o ensino de Projecto de Arquitectura é feito através de processos abduativos, por conseguinte o contacto com o mestre torna-se insubstituível. Como esclareceu o arquitecto Nuno Grande no Colóquio *Ensinar pelo Projeto* em 2012, esta via inclui o melhor dos processos indutivo e dedutivo, ao mesmo tempo que exclui o pior de ambos. É necessário parar de alimentar o mito do arquitecto herói, criador solitário de um admirável mundo novo, contentor de todas as virtudes da criatividade. Neste campo, a escola tem um papel essencial na desmontagem do mito do arquitecto como marca, através da história, da teoria e da prática, do desenho e do projecto, na desmontagem do arquitecto como símbolo de um poder acima de todas as convenções, acima de todas as críticas, e cuja acção está sempre auto-justificada.

Por um lado, como explica sucintamente Zaera-Polo, “this focus on specialization, on the celebrity, and on curricula defined by a desire for desirability neglects the capacity of education to engage with the real and to transform it”³⁷. Por outro lado, segundo Herman Hertzberger, o sistema de “Project Menu will prevent the possibility of each Project covering everything in a generalized way, and thus creating a blanket of uniformity of taste. Each project must deal with something specific, lending it its own distinctive flavor”³⁸.

Ao abordar a ideia de uma escola organizada *à la carte* para um estudante considerado um cliente com fome torna-se, para além de quase inevitável, irresistível referir uma analogia com o mundo da restauração. O menu vasto e diverso é a estratégia típica da cadeia genérica de *fast-food*, na qual o cliente é presenteado com uma fabulosa variedade e liberdade de escolha. No final, todos sabemos que o sabor da comida é o mesmo, independentemente da escolha. A hipótese de optar por um menu fixo, cuja qualidade culinária é responsabilidade directa do restaurante, ainda que não haja escolha,

36 Cf. GIL, Bruno - *cit.*, p. 177.

37 ZAERA-POLO, Alejandro - *cit.*, p. 181.

38 HERTZBERGER, Herman - *cit.*, p. 29.

é mais interessante e mais desafiante, quer para cozinheiros quer para clientes, que escolhem esse restaurante porque confiam na qualidade de quem põe à disposição os seus conhecimentos. “If the menu-model has now become inescapable within contemporary education, that menu should at least be designed for a clientele open to experience new flavors rather than rejoice in the ones they know”³⁹.

O papel do professor na educação tem sido e continua a ser irrefutável, o que deve ser questionado é a autonomia do método que alicerça a relação entre professores e alunos, os ritmos que devem pautar as suas interações e os meios que garantem a qualidade da educação ministrada, garantindo também a diversidade cultural inerente ao ensino da Arquitectura. Como já foi dito, os modos de ensino mudam com os tempos, com os mercados, com as leis nacionais e internacionais, com as visões dos professores, com as motivações, com o número de indivíduos envolvido, etc. De todos os modos, a essência do conteúdo é a mesma. O importante é transmitir conhecimentos que eventualmente permitam criar ferramentas para aprender a pensar, seja qual for o método para isso utilizado. Não existe um modo de ensinar Arquitectura universal, mas existe uma qualidade universal da Arquitectura.

Alexandre Alves Costa, no Colóquio *Ensinar pelo Projeto*, explicou que, no Porto, como em todas as escolas, não foi uma cabeça maravilhosa que fez tudo, mas um trabalho conjunto que agregou as ideias de um colectivo. No entanto, há algumas pessoas que nos marcam mais, notando mesmo assim que “a Escola era de Távora porque nós lha demos”⁴⁰. De um modo semelhante, Keneth Frampton afirma: “Institutions are never made by a single figure acting alone but rather by a charismatic leadership that always succeeds, or fails, by virtue of the team effort that he is able to induce”⁴¹. A memória dessas figuras que nos constroem é extremamente importante para o entendimento do presente e para a formação do futuro. Hoje, pergunta-se muitas vezes, em jeito de provocação, aos arquitectos do Departamento de Arquitectura de Coimbra: existe Arquitectura para além de Távora? Nesta escola, a resposta parece ser que só existe Arquitectura para além de Távora. “As escolas de arquitectura têm duas obrigações: serem iguais às outras e serem diferentes das outras”⁴².

Acreditando que em todas as escolas se ensina a mesma Arquitectura ou acreditando que as escolas também fazem a Arquitectura, a História lembra-nos que desde os inícios sempre houve ensino e que a comunicação do saber é a única maneira de o gerar. Mas em Arquitectura os anacronismos estão particularmente presentes. Entender a Arquitectura

enigmas

39 ZAERA-POLO, Alejandro - *cit.*, p. 182.

40 Intervenção no prelo de *Joelho*, da qual se pode ler uma síntese em *Ensinar pelo Projeto. Livro de resumos. Colóquio Internacional sobre o Ensino da Arquitectura, 27-29 setembro 2012*. Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2012, p. 4.

41 FRAMPTON, Keneth - *The Berlage and the international scene*, p. 49.

42 COSTA, Alexandre Alves - *Encontros de Tomar 2 acta*, p. 6.

como modo de saber faz-nos viver balançando do passado para o presente para o futuro, às vezes suavemente como ondas num mar calmo, outras violentamente como numa rápida montanha-russa.

Nas escolas há heranças de métodos, de memórias, de histórias e de entendimentos sobre a Arquitectura. É por isso que, no mesmo instante em que nos debruçamos sobre o estirador, encontramos-nos em simultâneo na consciência acutilante do momento presente, como debaixo de um sol forte que ilumina a precisão do relógio; na penumbra anónima da intemporalidade do ser humano, recolhidos debaixo das arcadas desde onde podemos apreciar as formas eternas da praça; e no topo do belvedere vislumbramos um horizonte longínquo e esperançoso, onde sabemos que está o ponto de fuga para o nosso risco. Aprender Arquitectura é estar em muitos momentos e ser ausência deambulante em todos. Por isso, há um enigma nas sombras que a Arquitectura cria, sabemos que agora são três menos seis minutos, mas ler os ponteiros é talvez apenas mais uma maneira de encriptar *O Enigma da Hora*.



II. CRÍTICA AO MODERNO

Como foi anteriormente referido, o Departamento de Arquitectura de Coimbra tem inúmeras influências fortes que é importante estudar, questionar e desvendar, para perceber as razões, ou a falta delas, de algumas das características e dinâmicas que lhe são próprias. Com a consciência da impossibilidade de revelar todas as memórias contidas no ensino praticado em Coimbra, elegemos aquelas que são chamadas ao verbo mais amiúde. Para tal, uma vez mais, recorreremos à história e, particularmente, ao período após a realização dos últimos *Congrès Internationaux d'Architecture Moderne*, CIAM¹, o período da crítica feroz ao Movimento Moderno, nos anos 1960 e 1970 do século XX. Este período em Portugal é particularmente importante para a formação da Escola do Porto, essa mesma Escola que terá uma presença forte nos primeiros anos do Departamento de Arquitectura de Coimbra.

contexto

Ao longo de vários séculos, até ao século XVIII, a representatividade da Arquitectura, a sua capacidade de fazer com que os que a utilizam e simultaneamente a moldam se revejam nela e a sintam como sua, teve um carácter autocrático. Os arquitectos com formação trabalhavam exclusivamente para as classes altas e, portanto, os edifícios e espaços espelhavam o poder que estas classes exerciam sobre as restantes. Era uma arquitectura de catedrais, fortificações, palácios e praças reais. Porém, as revoluções liberais, a ascensão de uma nova classe burguesa, o aparecimento da indústria e o desenvolvimento de novos programas associados ao crescimento das cidades e às novas tecnologias de transporte, a transformação dos ideais clássicos em ideais modernos fizeram com que a Arquitectura passasse a ter lugar, gradualmente, em todas as construções, democratizando-se quer pela necessidade de existir, quer pela força dos manifestos. Até ao século XVIII, os arquitectos facilmente reconheciam o papel estável da Arquitectura e os seus clientes seguros. As mudanças a que esta foi sendo sujeita ao longo de séculos estavam inseridas no panorama das mudanças internas da nobreza, da igreja, do pensamento das classes altas e dos avanços técnicos que consideramos lentos

novo mundo
tabula rasa

¹ O último CIAM foi realizado em Otterlo em 1959. Antes desse, o CIAM de Dubrovnik, antiga Jugoslávia, em 1956, marcou o surgimento do TEAM X, cujos membros se destacaram na prossecução de vias alternativas ao Movimento Moderno, padronizando assim um momento designado como revisão do Moderno, o qual estimula, no momento actual, uma aturada e intensa reflexão.

quando comparados com a rapidez das inovações nos últimos dois séculos. Os arquitectos modernos encontraram a Arquitectura nas gares das estações de caminho-de-ferro, nas fábricas, nos hangares dos aviões, nos bairros operários das cidades em crescimento, nos arranha-céus das sedes das grandes empresas, também a encontraram nas construções autóctones e vernaculares, nas casas populares, nas praças das aldeias sem planeamento urbano e, por fim, em toda a qualidade do espaço.

As várias revoluções do século XVIII foram as réplicas do sismo que abanou todos os pressupostos firmes que sustentavam dogmas e posições sociais, deixando desbravado o caminho para uma época de incertezas. O Movimento Moderno e as suas vanguardas foram possíveis graças a uma atitude de insistente questionamento, graças à falta de absolutos e de garantias, graças ao desmoronamento das bases sólidas da razão iluminista que exponenciou a necessidade de invenção de outras ordens, outras direcções, outras certezas. A novidade do mundo e a rapidez dos avanços sociais, técnicos e filosóficos fazia o mundo parecer uma *tabula rasa* e conferia um optimismo positivista às propostas e formulações futurantes. As novas deslocações, as novas velocidades, a nova indústria, os novos eventos universais, a nova produção estandardizada, pediam programas como hangares, estações ferroviárias, pontes, fábricas, grandes pavilhões... “A vision of Taylorized production, of a world ruled by the iron law of Ford supplanted the spuriously golden dream of neoclassicism. Buildings were to be no more and no less than machines themselves, serving and molding the needs of man according to economic criteria. The image of the city at this point changed radically: the forest / park of Laugier was made triumphant in the hygienist utopia of a city completely absorbed by its greenery. The natural analogy of the Enlightenment, originally brought forward to control the messy reality of the city, was now extended to refer to the control of entire nature”².

As estruturas de betão e de ferro conferiam novas características aos espaços. As possibilidades técnicas de resistência e durabilidade proporcionavam a estes materiais potencial para serem usados em todas as construções. Era, no entanto, necessário tornar essas estruturas confortáveis para os olhos como para o corpo dos seus utilizadores. E aqui se encontrava o dilema do estilo. Após a engenharia ter tratado do esqueleto, aos arquitectos era deixado o ofício de *embelezar* o espaço criado pela estrutura. Os arquitectos procuram adaptar às novas escalas, às novas estruturas e aos novos programas da nova sociedade, modelos e estilos que lhes pareciam mais adequados. Arquitectos como Viollet-le-Duc e Karl Friedrich Schinkel, obras como a *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, de 1838, em Paris, de Henri Labrouste, o *Oxford Museum*, de 1861, de Thomas Deane e Benjamin Woodward, e a *King's Cross Station*, de 1851, em Londres, de Lewis Cubitt, procuram adequar um ou vários estilos reconhecíveis aos materiais modernos, aos vãos de grandes dimensões e a novas formas estruturais. Os ecletismos e os romanticismos multiplicavam-se e a resposta para o dilema do ornamento apareceu na sua abolição. Edifícios como o *Crystal Palace*, de 1851, em Londres, de Joseph Paxton, a Torre *Eiffel*, de 1889, em Paris de Gustave Eiffel, o *Palais des Machines*, de 1889, também em Paris, de Victor Contamin e Charles Louis Ferdinand Dutert, cedo experimentaram o que mais

2 VIDLER, Anthony - The third typology, p. 291.

tarde Adolf Loos defenderia no seu livro *Ornamento e crime*³.

Mas não eram só as inovações técnicas e os programas públicos que se transformavam. A vida doméstica, obviamente, mudava também em simultâneo. As características formais do espaço, como eram conhecidas até então, já não representavam a sociedade. Existia uma necessidade drástica de mudança e por isso existia uma crença intensa no futuro. Os arquitectos modernos sabiam-no e heroicamente trataram de protagonizar essa mudança a partir do seu presente. Na ânsia de não perpetuarem um papel passivo no qual o rumo do mundo foge ao controlo da Arquitectura, na ânsia de não ficarem para trás enquanto o mundo avança, os arquitectos partem directamente para a Arquitectura da sociedade do futuro. Aos olhos modernos deixa de interessar uma arquitectura aristocrata, de hábitos e formas decadentes e passadistas. Passa, por isso, a interessar investir em arquitecturas industriais, em arquitecturas burguesas, ou capitalistas, representativas dos novos modos de vida e dos novos poderes. Mas, acima de tudo, passa a interessar investir numa Arquitectura que combina o urbano e o doméstico revelando-se cheia de novas possibilidades para a classe do futuro: o proletariado.

Neste processo de construção de um novo paradigma da Arquitectura e da sociedade, também a construção de um novo paradigma na matriz do ensino da Arquitectura estava em desenvolvimento. Inicialmente, os CIAM foram um espaço privilegiado de debate sobre este tema, “desde o CIAM 1 que ficou claramente expressa na Declaração de La Sarraz (1928) a opinião dos seus membros sobre o ensino praticado nas academias, como se pode verificar no ponto 2 do IV tema, ‘Architecture and its relations with the State’: ‘Estas academias, pela sua definição e função, são guardiãs do passado. Estabeleceram dogmas de arquitectura baseados em métodos práticos e estéticos dos períodos históricos. As academias viciam a vocação do arquitecto na sua própria origem. O seu ponto de vista é errado e as suas consequências são erradas’⁴. Com a suspensão destes Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna durante a Segunda Guerra Mundial, é apenas no CIAM 6, em 1947, que o tema é de novo discutido. “Na reunião preparatória do CIAM 6, em Zurique, definem-se quatro comissões, sendo a quarta sobre o ensino da arquitectura liderada por Walter Gropius com Jane Drew (MARS), Jaromir Krejcar (Checoslováquia) e Sigfried Giedion (Suíça)”⁵.

CIAM

Nove anos mais tarde, no CIAM 10 em Drubrovnik, decretou-se a extinção das comissões de educação. Este Congresso tinha um comité de organização composto pelos jovens arquitectos Jaap Bakema, Georges Candilis, Alison Smithson, Peter Smithson

3 *Ornament und Verbrechen* é o título original do artigo de Adolf Loos, publicado em 1908, mas cujo conteúdo já anteriormente fora apresentado em intervenções públicas, e que se difundiu na Europa ocidental através de *Cahiers d’Aujourd’Hui*, 5 (1913). Tradução portuguesa, *Ornamento e crime*.

4 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 158.

5 *Ib.*, p. 159.

e Rolf Gutmann, entre outros, que eram também membros de um grupo informal de arquitectos, o TEAM 10. Em 1959 o CIAM de Otterlo foi o último e o mundo entrou na década de 60 com a certeza que os Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna estavam mortos. Eram tempos de reinventar as linguagens, de repensar os manifestos, de adoptar tipologias de continuidade ou de ruptura ou talvez fossem tempos de inventar uma *terceira tipologia*, tema que será aprofundado mais à frente neste trabalho. Eram anos de crescimento de outros movimentos artísticos, novas correntes de pensamento tão diversas como o Movimento Situacionista, o Provo, o Minimalismo, o Metabolismo ou o Brutalismo. A crescente facilidade de comunicação e divulgação de ideias e imagens através da televisão a cores encurta distâncias entre países e continentes do mundo. A arte e a vida pública ganham uma nova forma de existência, à qual se chama *happening* ou *performance*, na então recentemente hegemónica língua dos Estados Unidos. No mesmo ano do CIAM de Otterlo, na América pop, a obra do Guggenheim de Nova Iorque terminava poucos meses depois de Wright falecer. Os *swinging sixties* americanos foram anos de grandes conquistas na igualdade de direitos, anos de ouro da geração dos *baby boomers*, anos de *I have a dream* e da liberdade das formas, anos de espaços e tempos extremos, anos do jurássico e do cósmico, anos de fortes idealismos novos e, em simultâneo, anos de crítica severa aos ideais modernos, europeus, vigentes.

“Modern Architecture died in St. Louis, Missouri on July 15th, 1972 at 3.32 pm.”⁶, afirmou Charles Jencks em 1977 acerca da demolição de Pruitt-Igoe, um complexo urbano de habitação desenhado pelo arquitecto americano Minoru Yamasaki em 1955. Até ao final da década de 1970 do século passado, a morte da Arquitectura Moderna foi anunciada vezes sem conta, tal como a morte da Arquitectura no geral, da arte, da política, da cidade e de muitas outras inerências humanas. Esta era uma tentativa de aplicar às ideias criadas pelo intelecto humano as leis próprias das inevitabilidades biológicas, decorrente de uma forte necessidade da mudança da sociedade. Esta era uma tentativa, dotada do tom épico próprio da época do fim da História, uma época inebriada pela idolatria dos períodos pré-histórico e pós-histórico. No turbilhão de um *presto*, a teoria procurava viver *ad libitum* mas esquecia-se de parar o metrónomo, e por isso não reparava que a Arquitectura sempre foi “a mais exacta das artes defuntas”⁷. A atitude de procura de superação do Moderno, de procura de outra fase da Arquitectura, a ideia radical que não só o Moderno está morto, mas também toda a História, o impulso para fazer uma outra Arquitectura diferente, é fruto também da velocidade de mudança que os mercados impunham à sociedade. Este fenómeno continua a desenvolver-se hoje em dia, numa escala de aceleração ainda mais alarmante. Segundo Souto Moura, para quem o Moderno ainda não se esgotou, “é um

arte defunta

6 Esta asserção, múltiplas vezes repetida e retomada, pode-se ler em JENCKS, Charles - *The Language of Post-Modern Architecture*, p. 9.

7 FIGUEIRA, Jorge - *A próxima Alta*, p. 53.

problema de hoje em que a economia e a nossa própria cultura, por serem muito plurais, obrigam-nos a mudanças. Como essas mudanças não podem ser estruturais, porque as pessoas não podem ficar doidas nem as cidades mudarem por mais velocidade que haja, simula-se essa variação”⁸.

Porém, entre o *Crystal Palace* e a peremptória afirmação de Jencks passaram 122 anos e 6000 km, distâncias entre realidades que alteram os seus significados. Um dos mais fortes impulsionadores dessa mudança de significados foi a passagem da hegemonia europeia para a hegemonia americana. A partir do final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América ganharam preponderância económica sobre a Europa, mas também cultural, política, artística e social. Já não era o ideal moderno europeu a dominar o mundo ocidental, pelo contrário, o imaginário americano inundou as casas e as cidades europeias, trazendo consigo uma cultura prestes a ser pop, o imediatismo do consumo, o sonho dos eletrodomésticos, o uso intenso do carro aliado ao crescimento desregrado de periferias de baixa densidade, a *Action Painting*, a língua inglesa, a imagética publicitária... A Europa dos manifestos e das vanguardas modernas deixou de ser o centro cultural de referência e a cedência desse lugar aos Estados Unidos deixou em crise os ideais que o sustentavam. A partir de meados do século XX, a Arquitectura Moderna foi fortemente questionada, a sua crítica intensificou-se e a sua existência autónoma foi radicalmente posta em causa. Como reacção à crença na Arquitectura redentora da sociedade, molde de futuros e semente de políticas, na ressaca de duas guerras mundiais em apenas meio século, na charneira entre o luto e o recomeço, a Arquitectura passou de redentora a impotente, de heróica a inexistente. A Arquitectura estava desacreditada e era apenas vista como um conjunto de utopias criadas por indivíduos famosos, ou apenas vista com visões parciais que a decompunham e assim a desproviavam da sua qualidade arquitectónica. Para uns, Arquitectura era a ciência da cidade e das relações urbanas, para outros, era apenas um somatório de imagens, materiais e formas, para outros, apenas a criação de *slogans* para sustentar lutas políticas, para outros ainda, era a rede de relações entre as pessoas, para outros, apenas um conjunto de teorias pertencentes ao campo da filosofia ou da sociologia.

Quando o apregoado futuro já era presente e começava até a ganhar um pouco de pó, era evidente que não se parecia muito com o que os modernos haviam previsto. O mundo não estava repleto de uma nova Arquitectura que respondia com leveza a todas as demandas de uma nova forma de viver, mas o mundo era um conjunto de edifícios belos esporádicos, de pontuais criações arquitectónicas maravilhosas, mais ou menos integradas em extensas periferias, planos utópicos desabitados ou cidades feitas de desigualdades no direito à habitação. Quiçá por falta de constrangimentos iniciais, a liberdade moderna de desenhar o mundo como se fosse uma folha em branco para uma vida no futuro que

chegada ao futuro

8 MOURA, Eduardo Souto; entrevista de DOURADO, Ana [et alii] - Eduardo Souto Moura, p. 139.

era possível imaginar e desejável formatar transformou-se numa maneira de fazer quase tratadística e positivista. “The ‘utopia’ of architecture as ‘project’ might be progressive in its ends, or nostalgic in its dreams, but at heart it was founded on this premise: that the shape of environment might, like nature herself, affect and hereby control the individual and collective relations of men”⁹.

A Arquitectura Moderna, tal como o ideal cultural europeu da primeira metade do século XX, foi acusada de descurar as dimensões humanas, as necessidades dos sujeitos, de não se moldar às vidas verdadeiras das pessoas comuns, de não ostentar qualquer sinal de uma identidade colectiva ou individual, de ser um instrumento opressor e de não promover uma associação de forma e significado. “It became politically respectable in the mid-1970s (especially in housing agencies in Western Europe) to ape hip-roofs and mouldings in the belief that this was an automatic guarantee of a ‘human image’ of the dwelling”¹⁰. O Moderno estava obsoleto e o mundo já não era uma *tabula rasa*, mas sim uma contradição, a mesma capaz de juntar as palavras *moderno* e *obsoleto*, o mundo era um circo, um *playground*. “Propondo outros modelos de relacionamento do Homem com a Cidade, onde ‘os edifícios sejam coisas vivas’, o TEAM 10 pretende que o arquitecto ‘faça lugares onde o homem possa compreender o que deseja ser’”¹¹. Os modernos da primeira metade do século XX ficaram melancolicamente sós face a um mundo que não se transformou no seu filantrópico desejo, o que não é inédito nas histórias de heróis.

Anthony Vidler distingue três tipologias dominantes na história da Arquitectura: a primeira tem como paradigma a Cabana Primitiva do Abade Marc-Antoine Laugier, a segunda tem como paradigma o Panóptico do Jurista Jeremy Bentham. A terceira tipologia estava a nascer nos anos 60 do século XX e desenvolveu-se em paralelo com a crítica ao Moderno. Esta terceira tipologia da arquitectura tem algumas características herdadas das duas anteriores, ainda que não seja abstracta como a primeira, nem utópica e tecnológica como a segunda, junta a sensibilidade e a razão com um sentido forte de domínio público e propõe uma aprendizagem a partir da cidade tradicional, sem esperar nenhum tipo de apoteose, nem criar expectativas de um *grand finale*¹².

Esta última tipologia nasce de uma necessidade de contrariar as concepções positivistas do controlo do futuro, expressas nas ideias de arquitectos modernos como Le Corbusier, que afirmava, em 1927: “The French language has provided the useful

terceira
tipologia

9 VIDLER, Anthony - *cit.*, p. 291.

10 CURTIS, William J. R. - *Modern Architecture since 1900*, p. 592.

11 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 444.

12 “We might characterize the fundamental attribute of this third typology as an espousal, not of an abstract nature, not of a technological utopia, but rather of the traditional city as the locus of its concern. The city, that is, provides the material for classification, and the forms of its artifacts over time provide the basis for recomposition. This third typology, like the first two, is clearly based on reason, classification, and a sense of the public in architecture; unlike the first two, however, it proposes no panacea, no ultimate apotheosis of man in architecture, no positivistic eschatology” (VIDLER, Anthony - *cit.*, p. 288).

definition, thanks to the double sense of the word type. A deformation of meaning has led to the equivalence in popular language: a man = a type; and from the point that the type becomes a man, we grasp the possibility of a considerable extension of the type. Because the man-type is a complex form of a unique physical type, to which can be applied a sufficient standardization. According to the same rules one will establish for this physical type an equipment of standard habitation: doors, windows, stairs, the heights of rooms, etc.”¹³. Inicialmente, exposições como *International Exhibition of Modern Architecture* no MoMA, comissariada por Hitchcock e Johnson em 1932, que originou o livro *International Style*; ou como *Brazil Builds*, também no MoMA, em 1943 comissariada por Philip Goodwin; e livros como *Sapere vedere l’architettura* de Bruno Zevi, editado em 1948, abriram as portas para uma nova maneira de ver a Arquitetura. Anos mais tarde, nos anos de 1960, exposições como *Architecture Without Architects* no MoMA, em 1964 de Bernard Rudofsky¹⁴, activistas como Jane Jacobs¹⁵, livros como *Complexity and Contradiction in Architecture* de Robert Venturi¹⁶, começaram a mostrar ao mundo alguns dos malefícios do Moderno e alguns dos benefícios da América e do seu sonho.

Os processos de crítica e de transformação foram-se desenvolvendo até que, depois do homem regressar da Lua no ano em que desapareceram Carlos Ramos e Walter Gropius, o debate sobre a Arquitetura Moderna tornou-se inevitável e a mudança dos paradigmas iminente. Esta foi uma década difícil de descrever e de subsumir numa tendência generalizada, em virtude do pluralismo de modelos e da grande diversidade e heterogeneidade de ideais. A morte dos mestres e os ataques severos da sociologia ao determinismo funcionalista trouxeram a palavra crise para o vocabulário do quotidiano. Deu-se uma grande dispersão de pensamentos, vivia-se entre o obsoletismo dos *-ismos*, a luta pela igualdade das mulheres e uma Arquitetura que não se sabe se vem do passado, se vem do futuro ou sequer se existe. “Considering history as a process, one can claim that it is subject to continuity or crisis, depending on whether one wishes to emphasize permanence or change”¹⁷.

A referida ideia apocalíptica do fim da história, ao longo dos anos 1960, foi alimentada e alimentou um culto de *extreme past and future*, que artistas como Robert Smithson e Mel Bochner retrataram na sua obra de 1966 *The Domain of the Great Bear*, um planetário como modelo da infinitude do espaço; “for some, infinity is the planetarium,

contingências
temporais

13 LE CORBUSIER apud VIDLER, Anthony - *cit.*, p. 290.

14 Deixou legado o seu registo através do catálogo: RUDOFSKY, Bernard - *Architecture without Architects. A Short Introduction to non-Pedestrian Architecture*.

15 Personificou vários movimentos urbanos em Nova York, os quais depois se espalharam por outras cidades na transição entre as décadas 1950 e 1960, defendendo as estruturas urbanas primordiais e a subsistência de uma ideia de comunidade urbana. Recordem-se os volumes: JACOBS, Jane - *The Death and Life of Great American Cities* [1961]; e *The Economy of Cities* [1969].

16 Este livro foi inicialmente editado como catálogo de uma exposição: VENTURI, Robert - *Complexity and Contradiction in Architecture*, realizada em The Museum of Modern Art em 1966.

17 ROGERS, Ernesto, apud CURTIS, William J. R. - *cit.*, p. 471.

a frozen whirlpool at the end of the world, a vast structure of concentric circles”¹⁸. Juntar todos os tempos num êxtase de entropias e libertar-se da pressão que quer o passado, quer o futuro, exerciam sobre o presente era um objectivo do homem destes anos 60, que se transforma numa mistura de homem das cavernas com cosmonauta para se livrar do peso de ser, ele próprio, o presente correspondente ao futuro previsto pelas utopias modernas. Este homem procura evitar o *Problema dos futuros contingentes*¹⁹, quer libertar-se da responsabilidade de construir um porvir adequado à cultura do desconhecido futuro, procura minimizar e consensualizar o que se passou entre estes dois tempos da mesma história, até que, como escreve Anthony Vidler, “history, the conventional vehicle of progress, has come to a full and empty stop; indeed it has returned on itself to join its origins; prehistory has finally joined posthistory”²⁰.

O culto dos extremos da História, o espaço jurássico e o espaço cósmico, bem como o seu estudo, acompanharam a cultura dos anos 60 do século XX. Acompanharam também a contemporânea crítica ao Movimento Moderno no sentido em que ambos procuravam libertar o homem da história recente e da ideia de previsibilidade do porvir. No que diz respeito à determinação do futuro, o Movimento Moderno era acusado de limitar a liberdade de apropriação do espaço, e por isso, a crítica defendia a necessidade de retracção do campo de acção do arquitecto, a necessidade da sua demissão enquanto criador e do desaparecimento de qualquer elemento impositivo. Os arquitectos procuram então adoptar uma posição diferente perante a Arquitectura, passam a evitar tomar posições fortes, já que estas correm o risco de serem autoritárias ou ditatoriais. Uma esquivação categórica ao dogmatismo pode tornar-se mais dogmática que aquilo de que foge. Esta preocupação origina, nalguns casos, projectos magníficos por serem fruto de cooperações, mas também, noutros casos, origina uma demissão do arquitecto que prejudica a concretização da Arquitectura, ou seja, para que as vontades não sejam impositivas não são fortes, para que o projecto final não seja final é um resultado da junção de todas as vontades fracas, do qual ninguém assume responsabilidades, para o bailado ser livre não se põe música a tocar. “Radical criticism even went so far as to discount the role of formal planning altogether, as if good moral intentions on their own were sufficient to create a decent home”²¹. Foi a partir de meados dos anos 1960 que esta geração de arquitectos com uma nova visão do Moderno entrou para o ensino, por exemplo, entre os membros do TEAM 10, Van Eyck leccionou em Amesterdão e em Delft, Peter Cook e os Archigram na AA de Londres, Candilis na *École des Beaux-Arts* de Paris e Rossi, Gregotti, Tafuri e Aymonino em Veneza²². Tal como havia acontecido em relação ao ensino moderno, que começou quando os arquitectos modernos se tornaram

18 A expressão *extreme past and future* foi usada por Robert Smithson e Mel Bochner, e retomada por VIDLER, Anthony - *Warped Space*, p. 248, de onde é também retirada a citação.

19 O *problema dos futuros contingentes* surge face a premissas sobre acontecimentos futuros que, precedendo esses acontecimentos, não são necessariamente verdadeiras, nem necessariamente falsas, ainda que só uma delas se possa concretizar. Este problema foi abordado por Aristóteles, e depois por muitos outros pensadores e filósofos, como Diodorus Cronus, Gottfried Wilhelm von Leibniz, ou Gilles Deleuze. Aristóteles tratou-o no capítulo 9 de *Da interpretação*, usando o exemplo de uma batalha naval. Informação geral sobre esta questão em: FLECK, Fernando Pio de Almeida - *O problema dos futuros contingentes*.

20 VIDLER, Anthony - *Warped Space*, p. 249.

21 CURTIS, William J. R. - *cit.*, p. 591.

22 Cf. MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 444.

professores, também um novo tipo de ensino, o qual originou o referido sistema *Project Menu*, se desenvolveu quando, na segunda metade do século, esta nova geração de ideias diferentes começa a ocupar cargos nas escolas.

Particularmente em Itália, os anos 1970 são ricos no debate sobre a autonomia da Arquitectura como disciplina. Esse debate era alimentado pela constatação que a sociedade do presente não era a que estava prevista nas formas das cidades modernas, e pela subsequente procura da forma da cidade adequada à sociedade do presente. Nascida entre Guerras, na década da Carta de Atenas, durante a Viena Vermelha e no auge de actividade dos CIAM, a geração de arquitectos que nos anos 1970 protagoniza grande parte do debate é extremamente importante para a contemporaneidade. Manfredo Tafuri, arquitecto e crítico nascido em Roma em 1935, defendia a História da Arquitectura como parte do processo crítico inerente à própria disciplina, um processo reflexivo e, por isso, em constante mutação.

Tafuri acredita numa Arquitectura total, composta pelo conjunto de críticas, desenhos, história, teoria e política, sem excluir nenhuma das suas facetas e englobando esse todo numa apreensão única da disciplina. A acção da Arquitectura na cidade, segundo o seu ponto de vista, era como uma acção ideológica, crítica e enriquecida pelos múltiplos constrangimentos que a influenciam. Tafuri defende as ideias totalizantes de Ludwig Karl Hilberseimer, arquitecto alemão nascido em 1885, que em 1924 desenha a *Hochhausstadt*, uma cidade para três milhões de habitantes, com o objectivo de acrescentar melhorias funcionais à cidade desenhada dois anos antes por Le Corbusier, *La Ville Contemporaine*. A *Hochhausstadt* está organizada em altura, é pensada para o futuro, de um modo funcionalista e optimista em relação ao porvir das cidades. É uma cidade desprovida dos ideais clássicos de espaço e de progresso, desprovida de formas naturais e também de formas objectivas, como uma construção mental sempre sujeita às condições de percepção²³.

Tafuri, tal como Aldo Rossi, procura a nova forma da cidade na continuidade do ideal Moderno inconcluso, que para si não estava obsoleto, adaptando-o à contemporaneidade. A leitura crítica do passado, em particular de algumas formas do racionalismo dos anos 1930, gera uma linguagem muito própria deste momento e dá origem ao Neo-Racionalismo ou *Tendenza*. O divórcio da Arquitectura em relação à economia, à sociologia e à política era uma via que muitos arquitectos defendiam como modo de salvar a Arquitectura da incongruência das críticas que, ao mesmo tempo que a culpavam de todos os problemas geradores das crises sociais, a desproviavam de capacidade para mudar a sociedade. Aldo Rossi defendia esta separação, mas procurava aproximar-se das aspirações do operariado, para quem a cidade deveria ser planeada, defendendo a hegemonia do lugar. Rossi entende que, tal como acontecia na antiga cidade burguesa, as

neo-
racionalismo
italiano

23 Cf. VIDLER, Anthony - *Warped Space*, p. 249.

regras para a Arquitectura da cidade de então deveriam ser definidas pelas necessidades de quem a habitava e traduzidas pelas formas geométricas cuja existência é eterna.

A ideia de autonomia da Arquitectura e do urbanismo elaborada por Rossi assentava na ideia que, face à total anulação da racionalidade tecnológica do planeamento da cidade por parte das forças do capitalismo, era necessário privilegiar a Arquitectura como o mais vital campo de reinvenção teórica da cidade. Na primeira metade dos anos 1960, esta posição tornou-se patente no seu trabalho como arquitecto e nas suas contribuições para a revista *Casabella Continuitá*. Rossi leccionava então no *Istituto Universitario di Architettura di Venezia* (IUAV) e ao seu redor juntou-se uma pequena e informal comunidade de arquitectos, professores no mesmo Instituto, que partilhava as suas ideias. Esse núcleo de arquitectos e académicos, conhecido como a Escola de Veneza, era encorajado e apoiado pelo então director do IUAV Giuseppe Samonà e, em pouco tempo, as suas ideias tornaram-se conhecidas internacionalmente. “Esta condição de instituto dará a Veneza uma autonomia real relativamente ao regime fascista e irá marcar um certo carácter experimental da escola, na década de 50 e 60”²⁴.

Três anos depois de Rossi deixar Veneza e ir para o Politécnico de Milão, em 1968 Tafuri começa a leccionar no IUAV, funda o *Istituto di Storia* e o grupo de arquitectos conhecido como *Scuola di Venezia* ou *Tendenza* continua a crescer, contando com as contribuições de Mario Ridolfi, Alessandro Anselmi, Carlo Aymonino, Paolo Portoghesi, Ernesto N. Rogers, Massimo Scolari, Salvatore Bisogni, Gianni Braghieri, Arduino Cantàfora, entre outros.

A Escola de Veneza refutava as utopias e defendia uma Arquitectura vanguardista pensada em função do real, da cidade e das suas políticas, composta por uma crítica firme e incisiva. “In the work of the new Rationalists, the city and its typology are reasserted as the only possible bases for the restoration of a critical role to public architecture otherwise assassinated by the apparently endless cycle of production and consumption”²⁵. Este movimento arquitectónico defendia a teoria como forma de mudança, como alternativa lúcida e racional às manifestações e activismos que despoletavam em grandes quantidades nesse período. Defendiam, portanto, que o esforço teórico no campo da Arquitectura é a melhor maneira de praticar a luta e nesta premissa assentava a importância de autonomizar a Arquitectura como disciplina com saber próprio e, logo, com poder próprio. Para este grupo era necessário refutar a ideia que a Arquitectura resultava de um somatório de outras disciplinas e, por isso, acreditavam numa Teoria da Arquitectura capaz de elaborações mentais válidas por si. Evidentemente que consideravam necessária uma relação de diálogo com as outras áreas, mas a defesa da autonomia previne que a Arquitectura se confunda com elas.

Para os membros da Escola de Veneza, pôr em prática esta ideia da autonomia começava pela recusa da interpretação empírica da realidade, relativamente à emergente cidade pós-industrial, bem como pela recusa da visão *naïve* do mundo contemporâneo como tecno-utopia. Este grupo de arquitectos praticava uma pedagogia que ganhou importância pela sua preferência pela Teoria da Arquitectura e da cidade em detrimento da prática

24 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 421.

25 VIDLER, Anthony - *The third typology*, p. 294.

profissional. Para Rossi, “The creation of a theory is the first objective of an architectural school, prior to all other types of research. A design theory is the most important moment of every form of architecture; thus, in an architectural school, the course in theory should be the driving force in the curriculum. [...] In the end, one can only say this: that for some a theory is only a rationalization of a previous action; therefore, it tends to be a norm rather than a theory. At the risk of appearing naïve, my proposal is to outline a true and appropriate theory of architecture, in other words, to form a theory of design as an integral part of a theory of architecture”²⁶. Esta sua proposta de pensar a prática como parte integrante da teoria era, de certo modo, oposta à comumente praticada, considerada oficial, como, por exemplo, a pedagogia de Carlo Scarpa, que também leccionava na IUAV, preferindo orientar o seu ensino para a prática de projecto de Arquitectura mais do que para o estudo da História e da Teoria²⁷.

O ensino da Arquitectura não contém na sua génese a necessidade de renovação incessante, como acontece nalgumas outras áreas. Há uma base de constâncias que suporta a disciplina ao longo dos tempos e que permite as variações pois assegura a transmissão e a aprendizagem. Esta base está relacionada com as leis da gravidade e com a vida gregária, com as reacções dos materiais e com os direitos da democracia, mas, acima de tudo, essa base é a organização do espaço. Esse é, ou devia ser, o tema principal da reflexão numa cadeira de projecto numa escola de Arquitectura, cadeira que é pensada para proporcionar a transição entre a escola e a prática da vida real. No entanto, o estudo da Teoria, muitas vezes renegado a um apoio à cadeira de Projecto, é de facto essencial para ela. Ao longo do trabalho de desenho e criação de espaços, a Teoria é o que permite entender os significados, as consequências e os sinais do que está a ser desenhado.

Nos anos 1970, a Escola de Veneza propôs-se travar uma luta contra as utopias a favor de uma realidade na Arquitectura, de uma Arquitectura na sociedade. Para tal, os seus arquitectos confiavam na Teoria da Arquitectura como ferramenta essencial no processo que a constrói. A luta da Escola de Veneza provou que a Teoria da Arquitectura não é um apêndice pós-prática, não é uma das cadeiras que uma escola tem de somar para contabilizar o conhecimento dos estudantes, é uma construção paralela à prática que a estimula e é estimulada por ela, é a capacidade de pensar criticamente o espaço que forma uma infinita cadeia de dependências: a teoria precisa do desenho cujos significados precisam da teoria. Uma luta teórica apoiada numa prática coerente e uma prática apoiada numa teoria forte têm igual dinamismo e constituem uma só atitude. “Um aluno do segundo ano [...] pega numa maquete e num pedaço de papel vegetal e desenha um arco de volta inteira. Para lhe falar do arco de volta inteira, [o professor tem] de

escola de
Veneza

26 ROSSI, Aldo, apud AURELI, Vittorio - *The Project of Autonomy. Politics and Architecture within and against Capitalism*, p. 56.

27 Cf. AURELI, Pier Vittorio - *cit.*, pp. 13-14.

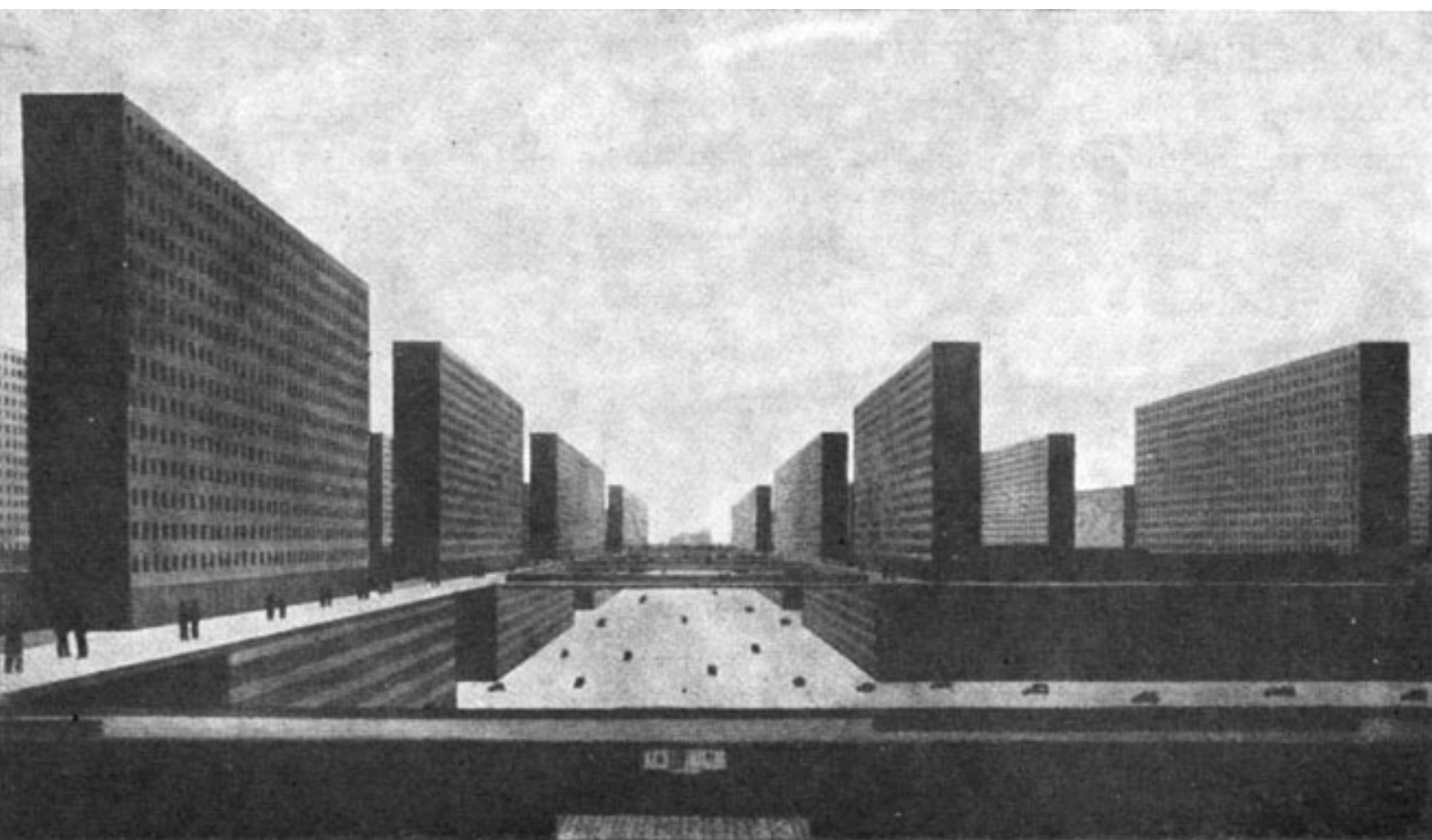
recorrer sistematicamente à História da Arquitectura, à Construção, à importância do arco na cidade. Tudo de forma indissociável”²⁸.

Se a História guarda lições para serem adaptadas às contemporaneidades, aos tormentos dos subsequentes presentes, a Escola de Veneza demonstra, através do facto de existir teoria capaz de despoletar uma prática e de existir uma prática capaz de despoletar teoria, que a Arquitectura tem existência autónoma. Numa escola, estas áreas disciplinares são inconstantes e moveáveis e a sua interdependência deve ser estimulada. A separação curricular burocraticamente cultivada nos círculos académicos, quer por facilitismo mental, quer por obrigações administrativas, mata o cerne da Arquitectura, essa mescla indefinida entre arte, ciência e vida.

“I may talk about a school, a cemetery, a theatre, it is more correct to say that I talk about life, death, imagination”²⁹.

28 BANDEIRINHA, José António - *Encontros de Tomar. I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, pp. 31-32.

29 Reflexões de Aldo Rossi, quando se confronta com a possibilidade de intitular a sua autobiografia *Forgetting Architecture*. Foi pela primeira vez publicada em 1981 nos Estados Unidos (*A Scientific Autobiography*, cit. p. 78) e depois em Itália (*Autobiografia scientifica*), Espanha e França.



III. AUTONOMIA

As fronteiras entre a Arquitectura e a vida constituem um tema constante na teoria e na obra de Arquitectura ao longo dos tempos. Em cada projecto de *escola, cemitério, teatro*, há uma parte de tijolos, pedras ou vidro e outra parte de *vida, morte, imaginação*. A Arquitectura é feita de todas essas as partes e de outras, assim como é transformada pelo conjunto que todas elas formam. Aldo Rossi, que aqui nos fala de *escola, cemitério, teatro e vida, morte, imaginação*, é um arquitecto essencial da história do século passado. A sua obra revela constantemente que as partes e o todo não são separáveis, que a Arquitectura não é uma disciplina fragmentável em outras, nem é uma soma de outros saberes combinados. As conhecidas representações de Veneza pintadas por Canaletto na primeira metade do século XVIII são um exemplo, também referido por Rossi, que revela que a presença das partes no todo e do todo nas partes não é passível de cisão. “In this view, the Palladian project for the Rialto bridge, the Basilica Palladiana, and the Palazzo Chiericati are brought together and described as if the painter rendered an urban context in perspective from his own observation. The three Palladian monuments, one of which is a project, are constructed as an analogous architecture, as well as the city. The geographic transposition of the monuments to the site of the Rialto project constitutes a city that we know which conforms to a place of purely architectural values. The analogous Venice that was born there is real and necessary; we assist at a logical-formal operation, at a speculation on the monuments and on the disconcerting urban character in the history of art and in thought. A ‘collage’ of Palladian architecture that conforms to a new city, and in the reunion, reconfirm themselves”¹.

partes e
todos

Konrad Fiedler² desenvolveu uma teoria da arte na segunda metade do século XIX, denominada originalmente em alemão *Sichtbarkeit*, Teoria da Visibilidade Pura. Esta teoria defendia a autonomia disciplinar da arte e advogava que a arte não reproduz a realidade nem significa algo, ela constitui a realidade, ela é um ser³. Apesar da Arquitectura ser resultado de condições externas de vária ordem, Sigfried Giedion considera-a um organismo autónomo com vida própria. “Este autor considera a ‘especialização unilateral’ como uma ‘das piores doenças da nossa época’ e afirma que é um erro tentar ‘fazer do arquitecto um pequeno especialista’ nas várias disciplinas a que o arquitecto tem de atender”⁴. As áreas artísticas, sociais, tecnológicas ou económicas podem explicar alguns

1 ROSSI, Aldo, apud VIDLER, Anthony - *The third typology*, p. 2.

2 Konrad Fiedler, que nasceu em 1841 e faleceu em 1895, foi um crítico de arte alemão.

3 Cf. GIEDION, Sigfried - *Space, Time & Architecture. The Grow of a New Tradition*, pp. 19-23.

4 FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola*, p. 119.

dos seus contornos e das suas particularidades, mas mesmo depois destes factores se terem modificado ou desaparecido, a Arquitectura como qualidade e influência continua a existir.

É destas relações entre Arquitectura e o que lhe é exterior, entre Arquitectura e o que lhe é intrínseco, entre ser e significar, entre Arquitectura e o limbo que esta ocupa ao lado de outras áreas do saber e da vida, é destas relações que trataremos no texto que segue. O entendimento da Arquitectura como disciplina autónoma ou como disciplina de cruzamentos de outros saberes é fundamental na definição do sentido do pensamento numa escola e, conseqüentemente, no sistema que adopta e na atitude que tem perante a cultura arquitectónica. No caso do Departamento de Arquitectura de Coimbra, a força desta ideia e do seu debate parece ter sido decisiva acima de tudo nos primeiros anos de funcionamento do curso, como veremos mais adiante neste trabalho.

O debate acerca da autonomia da Arquitectura e da sua submissão a outras disciplinas tem vindo a revelar-se de maneiras diferentes ao longo da História. Este tema foi sendo problematizado focando diferentes relações que a Arquitectura mantém com outras áreas, por exemplo a relação da Arquitectura com a política, ou a relação da Arquitectura com a teoria, ou a relação da Arquitectura com os significados e as ideologias que lhe andam associadas, ou a relação da Arquitectura com as engenharias, ou a relação da Arquitectura com o meio e os seus habitantes, ou a questão da especialização do arquitecto... Parece-nos, por isso, relevante compreender o que significa este debate para o ensino da Arquitectura, para além de procurar chegar aos polémicos mundos onde nos pode levar um tema tão controverso e vasto como o debate da autonomia disciplinar.

indecisão e bluff

Este é um tema muito ambíguo e mesmo provocatório entre arquitectos e teóricos. Como num jogo de *bluffs* ou numa indecisão eterna, os arquitectos escolhem defender a faceta da Arquitectura que lhes é negada. Quando confrontados com o cerco que a autonomia cria à Arquitectura quando a isola das restantes disciplinas, reclamam a ligação que tem com tantas outras áreas, relembram os fortes efeitos que a organização do espaço tem na vida e no mundo. Quando imiscuídos na infinita correnteza de causas e efeitos ou fragmentados tecnicismos formalistas, encontram uma força agregadora que justifica tudo na palavra Arquitectura. Há um lugar imaginário entre estar afogado numa multidão e estar só no topo de uma montanha. Mas, como todos esses meios onde se diz estar a virtude, são apenas imaginários.

De certo modo comprovando esta subjacente contraditoriedade, como defendeu Peter Eisenman deslocar o campo de acção da Arquitectura para fora dela própria é uma defesa da autonomia disciplinar. Segundo ele, essa foi a estratégia adoptada por vários arquitectos que, ao longo da História, quiseram impedir a institucionalização ou fragmentação tecnocrática da Arquitectura e para tal deslocaram o seu campo de acção

para a teoria, de maneira a conservar a sua presença como ideia⁵.

Com o entendimento da contraditoriedade e da ambiguidade deste tema, começamos por perceber a que nos referimos ao falar da autonomia disciplinar da Arquitectura. Defender a Arquitectura como disciplina autónoma implica vê-la não como somatório de outras matérias, mas como campo de saber com especificidades próprias e independentes de ordens alheias, como a técnica, a ideologia, o tempo ou a sociedade. Louis Kahn foi um defensor da Arquitectura como ideia, da existência prévia de uma presença que o artista ou o arquitecto transformam em obra. Essa existência prévia é a mesma a que, antes de Kahn, Boullée chamava “produção do espírito que constitui a arquitectura”⁶ e a que, depois de Kahn, Siza chama a “evidência”, patente no título do seu livro *Imaginar a evidência*⁷. Neste mesmo sentido, Luis Mansilla explica que a Arquitectura “é só uma ideia. Uma ideia que vai passando por sítios distintos, com a sua realidade, com a sua função, no seu lugar, com cada obsessão nossa e com qualquer forma, mas, repito, é só uma ideia”⁸.

unidade

De facto, a Arquitectura como disciplina autónoma não é perceptível apenas como uma área de saber, é uma maneira de saber: como área de saber, a Arquitectura é discutida e alvo de debates muito férteis; como maneira de saber, é algo silencioso, que aparece em subtis entendimentos e subentendimentos normalmente pouco explicitados verbalmente, o que causa suspeição no seio de outras áreas, que apesar de autónomas entre si, partilham maneiras de saber. Apenas assim, sobre uma escola se pode falar de vida, sobre um cemitério de morte, sobre um teatro de imaginação. Logo, depreende-se que a autonomia pressupõe *uma ideia*, isto é, uma qualidade unitária e não fragmentária da Arquitectura.

Esses silêncios suspeitos falam-nos de algo que, por existir tão intensamente, é difícil de concretizar em palavras. Essa intensidade que é a Arquitectura existe através de todos os tempos e em todas as culturas, pois Gregos, Romanos, Renascentistas, Modernos

intemporalidade

5 “Dislocation is in fact a preserving rather than a destroying mechanism for architecture. To prevent it from institutionalization, Brunelleschi, Alberti, Palladio, Borromini, Piranesi, Le Corbusier, Mies, even to some extent Venturi, Gravesm, and certainly John Hejduk all were attempting to conserve architecture as a discourse through a dislocation of its presence” (EISENMAN, Peter, apud GIL, Bruno - *cit.*, p. 28).

6 BOULLÉE, Étienne-Louis, apud OLIVEIRA, Maria Manuel - *A Arquitectura ensina-se?*, p. 116.

7 SIZA, Álvaro - *Imaginar a Evidência*.

8 MANSILLA, Luis; TUÑÓN, Emilio; entrevista de FARIA, Susana [et alii] - *Mansilla + Tuñón*, p. 245.

e contemporâneos têm algo que os une, uma qualidade sem nome, ou se quisermos, uma qualidade chamada Arquitectura. Defender a autonomia é também crer de igual modo na validade das lições aprendidas com a Arquitectura centenária e na validade das lições aprendidas com a Arquitectura actual. A autonomia pressupõe, portanto, uma qualidade intemporal.

A dificuldade em definir assertivamente o objecto ou os objectivos da Arquitectura salienta a ideia da sua autonomia, ou seja, a Arquitectura não é só o espaço, como não é só o individuo, nem é só a comunidade, nem é só o conforto, nem só a arte, a função, a forma... A Arquitectura não é composta pelos elementos que sem dúvida a influenciam, porque o seu somatório é incapaz de a definir. É importante não a confundir com disciplinas como a antropologia, a sociologia, a física, a engenharia, a ecologia, ou a tecnologia, disciplinas estas que, mesmo depois de juntas e agitadas, não constituem a Arquitectura. O arquitecto pode pensá-la à luz de uma ideologia, pode pretender que ela transmita mensagens claras ou rebuscadas, mas a Arquitectura é independente de cada intenção, ideologia ou particular virtude do seu arquitecto porque tem características que só uma obra no seu conjunto fenomenológico pode conter. Por exemplo, as qualidades de desenho de um arquitecto não determinam a qualidade da sua Arquitectura, ainda que possam ajudar, o programa de um edifício não determina a sua qualidade, ainda que a possa influenciar, a ideologia dos clientes de uma obra não a torna moral ou imoral, ainda que possa revelar os princípios do arquitecto que a fez. Assim, a obra de Arquitectura ganha uma qualidade a-ideológica.

amoralidade

Acreditar na autonomia disciplinar da Arquitectura não é, no entanto, despi-la de complexidades de carácter social, temporal, construtivo, antropológico, contextual, ou de qualquer outro campo. É precisamente ao juntar essas complexidades com todas as outras complexidades menos elencáveis do mundo e do tempo que se encontra a disciplina e é isso que faz com que a autonomia implique algo de inominável e difícil de concretizar.

inconcretude

Ora, até agora definimos a autonomia da Arquitectura como algo que a maioria dos arquitectos procura simultaneamente negar e defender, adoptando uma posição sem compromisso, como uma qualidade controversa, unitária e não fragmentária, intemporal, a-ideológica, para além de inominável e difícil de concretizar. Na verdade, muitos arquitectos e historiadores dedicaram os seus pensamentos à questão da autonomia disciplinar e debruçaram-se sobre este tema adoptando diferentes pontos de vista, mais consensuais ou mais polémicos, mais militantes ou mais receosos.

Ainda que este conceito acompanhe toda a História da Arquitectura como disciplina, o termo autonomia da Arquitectura está principalmente associado a um período da História mais recente. Separa a totalidade da obra arquitectónica dos seus possíveis significados fragmentários em termos sociais, políticos ou comerciais. Dentro e fora da Europa, arquitectos como Aldo Rossi, Manfredo Tafuri, Peter Eisenman e Colin Rowe, entre outros, partilhavam um ponto de vista crítico em relação à saturação dos aparelhos reformistas do Movimento Moderno no contexto da cultura arquitectónica pós Segunda Guerra Mundial⁹. Apesar disso, de facto é interessante recuar um pouco mais no tempo para procurar perceber os antecedentes próximos destas ideias de Rossi e de outros arquitectos e pensadores seus contemporâneos. “As Victor Hugo realized so presciently in the 1830s, communication through the printed work, and lately through the mass media, has apparently released architecture from the role of ‘social book’ into its own autonomous and specialized domain. This does not, of course, necessarily mean that architecture in this sense no longer performs any function, no longer satisfies any need beyond the whim of an ‘art for art’s sake’ designer, but simply that the principal conditions for the invention of objects and environments do not necessarily have to include a unitary statement of fit between form and use”¹⁰.

Étienne-Louis Boullée e Claude-Nicolas Ledoux são pioneiros defensores de duas premissas fundamentais da autonomia disciplinar, a existência de um campo teórico que considera a Arquitectura como sistema unitário de teoria e prática, e a existência de um vocabulário específico da Arquitectura que permite que a mesma proposta projectual gere diferentes soluções. Boullée, com a sua obra, reclama um corpo disciplinar para a Arquitectura e separa-a de todas as outras artes, e Ledoux desenha uma Arquitectura que resulta da coexistência livre dos elementos formais.

Boullée encontrava na Arquitectura um sistema que obedece a princípios próprios e intemporais e o seu esforço ia no sentido de revelar esses princípios. Os seus edifícios são uma teoria, isto é, são desenhados no sentido de comunicar ideias e não no sentido de serem construídos, sem deixarem por isso de ser Arquitectura. Ledoux fez uma Arquitectura que contemplava como premissas quer a escala humana quer o contexto,

9 Larga informação em AURELI, Pier Vittorio - *cit.*, p. 12 e passim.

10 VIDLER, Anthony - *The third typology*, p. 292.

enquanto exercia Arquitectura servindo-se de meios exclusivamente arquitectónicos, que não são dominados por leis estranhas à própria disciplina¹¹.

O período Moderno começa com o Iluminismo em meados do século XVIII e termina com os totalitarismos de meados do século XX. Este debate que se estendeu ao longo das décadas de 50, 60 e 70 do século XX deriva essencialmente do sentido da chegada do futuro. Estava chegado o momento de realizar a cidade que as vanguardas da primeira metade desse século tinham projectado, pairava o peso de uma expectativa por cumprir e com ele a responsabilidade de construir uma cidade nova para uma nova sociedade proletária. Procurar compreender qual devia ser essa cidade era a principal finalidade destes debates. Fazer essa reflexão era inevitavelmente fazer uma revisão ao Movimento Moderno. Na ânsia de construir uma Arquitectura que constituísse uma alternativa ao Moderno, passa-se a entender a História como uma ferramenta útil para o projecto. Há uma tendência para encontrar nos modelos do passado soluções para o presente e para procurar raízes de modernidade no vernacular.

Este período caracteriza-se pela convergência de duas convicções: a autonomia da disciplina e a expansão ilimitada do racionalismo implícito aos avanços tecnológicos. A primeira está mais relacionada com mudanças de índole política, enquanto a segunda está relacionada com os avanços no estudo das ciências naturais e com o crescimento e a difusão da ideologia do capitalismo. No âmbito da primeira convicção, Cornelius Castoriadis¹² apresenta uma ideia de autonomia política como processo histórico a longo-prazo iniciado com a invenção da política moderna na Renascença. Por sua vez, Antonio Negri¹³ e Michael Hardt¹⁴ explicam a autonomia política como movimento e projecto de activistas que surgiu na Itália dos *anni di piombo*¹⁵.

Nos anos 50 e 60 do século passado, havia um grupo de pensadores italianos que pretendia a renovação cultural do Movimento Moderno pela continuidade: Bruno Zevi¹⁶ colhe vastas influências da arquitectura orgânica de Frank Lloyd Wright; Giulio Carlo Argan¹⁷ baseia-se no programa pedagógico *bauhausiano* de Walter Gropius, e Ernesto Nathan Rogers¹⁸ através do legado ético dos CIAM. Todos eles defendiam a continuidade do Movimento Moderno através de premissas carregadas de modernas pretensões

pensamento
italiano

11 Cf. DOMINGUES, Patrícia Selada Lameiro - *Autoria e Arquitectura. Autonomia disciplinar e o arquiteto hoje*, pp. 15-16.

12 Cornelius Castoriadis, que nasceu em Março de 1922 e faleceu em Dezembro de 1997, foi um filósofo grego, também crítico social, economista e psicanalista.

13 Antonio Negri, que nasceu em Itália em Agosto de 1933, é um filósofo, político e sociólogo marxista.

14 Michael Hardt, que nasceu nos Estados Unidos em 1960, faz teoria da literatura e filosofia política.

15 Cf. AURELI, Pier Vittorio - *cit.*, pp. 5-8.

16 Bruno Zevi, que nasceu em Roma em 1918 e morreu em Veneza em 2000, foi arquitecto, historiador, professor, curador e editor.

17 Giulio Carlo Argan, que nasceu em Turim em 1909 e morreu em 1992, foi historiador e crítico de arte.

18 Ernesto Nathan Rogers, que nasceu em Trieste em 1909 e morreu em 1969, foi arquitecto, crítico de arquitectura e professor.

ideológicas no campo do liberalismo e da democracia. “O ensino moderno praticado em Veneza foi reinventado através da acção dos seus professores que procuraram sempre o compromisso dos ideais modernos com o forte significado dos espaços urbanos e dos edifícios históricos da cidade.”¹⁹ Estes arquitectos viam a história a repetir-se e, tal como os modernos haviam criticado o ensino *beauxartiano*, que se baseava na cópia de modelos ultrapassados e no estabelecimento de modos de fazer maneiristas e pouco reflectidos na sociedade real, também em Veneza se criticava o ensino moderno por ter caído na mesma armadilha facilitista de confiar numa receita mais do que no desenvolvimento de uma ideia. Imediatamente após o primeiro ano no IUAV, em 1949, Zevi mostra-se preocupado por estes assuntos e reflecte sobre eles numa carta que escreve a Samonà²⁰. Estes temas serão uma constante ao longo da sua carreira e têm uma presença forte nos seus escritos.

Já nos anos 1960, a Teoria da Arquitectura foi refundada por Aldo Rossi e Andrea Branzi²¹, que defendiam a separação total entre o pensamento arquitectónico e o pensamento político. O humanismo espacial como forma de tornar a habitação aceitável, o uso das novas tecnologias como forma de igualdade social, a coexistência do velho e do novo como manifestação de pluralismo ético eram as ideias reformistas a que estes intelectuais se opunham. Na visão desta nova geração há dois caminhos teóricos que se cruzam: a afirmação da autonomia da criação arquitectónica pela reinvenção de termos como tipologia e lugar, defendida por Rossi; e a crítica à ideologia da cidade capitalista que se manifestou na recuperação do Moderno no pós-guerra, defendida por Branzi e Tafuri. Ambos os caminhos convergem num objectivo, a alternativa ao domínio burguês da cidade realizada de forma cultural, que para ser alcançado exige uma teoria que consiste na autonomia dos conteúdos políticos.²²

Para Rossi, como já vimos ao abordar o tema da Escola de Veneza, a autonomia da Arquitectura revelava-se, acima de tudo, na necessidade de estabelecimento de conceitos urbanos que pressupunham a supremacia da estratégia espacial sobre o acelerado desenvolvimento económico da cidade²³. Carlo Aymonino acreditava que o que caracterizava a sua geração, e, portanto, a de Aldo Rossi, era sobretudo a substituição da História da Arquitectura estudada na perspectiva da História da arte, pela História da cidade estudada na perspectiva do desenvolvimento político. Rossi é o caso mais paradigmático desta mudança, dado que procurava uma linguagem racional da forma e uma teoria livre da sequência de estilos ao serviço das instituições burguesas dominantes. Acreditava que estava na altura de pôr em prática a verdadeira cidade socialista, uma cidade construída e reinventada através do legado da sua predecessora, a cidade burguesa.

19 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 423

20 “A transição do sistema de ensino belas-artes para o que nós chamamos moderno está em perigo de falhar por todo o mundo se o ensino da história da arquitectura não for desenvolvido em profundidade e revitalizado. [...] Mesmo na América, onde as tradições históricas são sentidas menos intensamente, é reconhecido que o ensino da arquitectura moderna está a tornar-se um aliado cego, ou mais precisamente, que está a recuar para um sistema belas-artes tendo como diferença apenas uma mudança de conteúdo. Novos edifícios estão a ser tomados como exemplos em vez dos antigos monumentos e o maneirismo Corbusiano e Wrightiano em vez do tradicional maneirismo estilístico. Como deveremos evitar este recuo, que caminhos serão fatais? Eu acredito que existe só uma resposta para esta pergunta: desenvolver os estudos históricos em profundidade e dar consistência à cultura arquitectónica. [...] Uma nova exigência pela cultura, pela cultura histórica, emerge”, *ib.*, p. 423.

21 Andrea Branzi, que nasceu em Florença em 1938, é um arquitecto italiano.

22 Cf. AURELI, Pier Vittorio - *cit.*, pp. 50-55.

23 Cf. *ib.*, p. 69.

Em vez de ver a cidade como um terreno neutral e indefinido, moldado apenas pelas categorias impostas pelas forças céleres da urbanização e da economia, Rossi propõe um olhar sobre a cidade como um local formado por políticas. Através deste ponto de partida, apenas a análise da Arquitectura poderia revelar a imanente autonomia da cidade, isto é, o facto de ser constituída por partes não separáveis nem reduzíveis a uma razão comum de desenvolvimento tecnológico. Ver a cidade como uma manifestação de uma memória colectiva ou como uma percepção psicológica é ir muito para além daquilo que é empiricamente possível, e isso faz com que seja uma busca frágil, segundo defendia Rossi. Em seu entender, o estudo da cidade deve dar ênfase às continuidades geográficas que funcionam como elementos estruturais urbanos, bem como às discontinuidades históricas que caracterizam a evolução do seu espaço. Nestes moldes de estudo, o lugar como condição universal de singularidade é o principal quadro conceptual²⁴.

Mas nem só Rossi alia a ideia de autonomia disciplinar à cidade, este é um paralelismo recorrente, dado que a autonomia disciplinar da Arquitectura implica a autonomia do espaço que esta cria, a cidade. “The city is considered as a whole, its past and present revealed in its physical structure. It is in itself and of itself a new typology. This typology is not built up out of separate elements, nor assembled out of objects classified according to use, social ideology, or technical characteristics: it stands complete and ready to be decomposed into fragments”²⁵.

Como temos vindo a entender, a autonomia disciplinar da Arquitectura e a autonomia política têm um período de desenvolvimento simultâneo. Ambas as convicções são coincidentes em termos geográficos, Itália, e temporais, anos 60 do século XX. Porém, também se podem traçar outros diversos paralelismos nas linhas de pensamento destes movimentos de defesa da autonomia disciplinar e de defesa da autonomia política.

O movimento pela defesa da autonomia política tem origens nestes anos de grandes antagonismos entre a maioria oprimida constituída pelo operariado e a instabilidade vigente, quer no sistema político em forma de lutas entre extrema-esquerda e extrema-direita, quer no sistema económico em forma de capitalismo. A ideia de autonomia política sugere que os operários são vítimas dos referidos sistemas político e económico e devem ser autónomos relativamente a ambos, ou seja, a sua vida profissional não pode depender dos sistemas de organização alheios aos operários. Isto também significa a defesa da existência de uma entidade, um Estado, que regule mercados e controle condições de produção, zelando assim pela autonomia do trabalho do operariado.

Em todos os diferentes processos de defesa da autonomia, o principal objectivo era definir a clara separação entre o processo de trabalho e o processo de criação de valores. Quer se refira à separação entre o processo de trabalho dos operários e a ideologia capitalista, quer se refira à separação entre o processo arquitectónico e as ideologias e disciplinas adjacentes, esta premissa é um tema quente deste período italiano.

Era então considerada urgente a criação de uma contra cultura que se institucionalizasse, era necessário abandonar a crítica da ideologia e defender a teoria, não apenas no panorama político, mas também no panorama da cultura, da filosofia, da cidade e da Arquitectura. Foi este pressuposto que motivou, em 1969, a constituição de

24 Cf. *ib.*, pp. 56-64.

25 VIDLER, Anthony - *The third typology*, p. 292.

um grupo de historiadores de Arquitectura encabeçado por Manfredo Tafuri, fundador da instituição que reunia este grupo, o *Istituto di Storia*, em Veneza. O artigo fundador deste instituto, escrito por Tafuri, intitulava-se “Per una critica dell’ideologia architettonica”²⁶, e defendia a crítica ideológica apenas como um pré-requisito para a prática, nunca como uma conclusão desta²⁷.

A mesma lição que o grupo *Operaismo* aprendeu com a chamada revolta da Piazza Statuto²⁸ estendia-se ao campo da Arquitectura: o que era necessário não era uma crítica ao Capitalismo, mas antes uma teoria da crítica ao Capitalismo, algo que o sistema capitalista não pudesse absorver e eliminar. Dois anos depois do referido artigo “Per una critica dell’ideologia architettonica”, em 1971, Tafuri escreve um artigo intitulado “Austromarxismo e città: *Das rote Wien*”²⁹, cujo objectivo não é reflectir sobre a imagem dos projectos de habitação para o proletariado em Viena no período de 1920 a 1930, nem fazer a crítica à sua ideologia, mas antes desvendar as relações entre os pensadores políticos, as iniciativas urbanas do município e a linguagem formal específica dos arquitectos da habitação social da Viena Vermelha. Para Tafuri, a atitude de distinguir entre a objectividade da economia e a subjectividade da política foi a base do sucesso deste projecto. De facto, o que foi inovador na Viena Vermelha foi essa tentativa de mudar a forma da cidade sem primeiro tentar reformar o programa económico do Estado, foi a separação entre a política urbana e a economia do planeamento, a separação entre o ideal político e a forma da cidade, a separação entre a crítica e a teoria³⁰.

No entanto, apesar de fascinado pelas respostas formais à nova cidade do proletariado centro-europeia, respostas dadas por arquitectos como Peter Behrens, Karl Ehn ou, ainda que diferente das anteriores, Adolf Loos, apesar de concordar com a separação entre a crítica e a teoria patente nestes projectos urbanos, Tafuri encontrava neles várias falhas ao nível conceptual. Para si, estes projectos urbanos de habitação social eram um apelo para uma nova monumentalidade do operariado, o que reflectia um pensamento urbano retrógrado, tal como a sua pretensão de actuar num fragmento de cidade sem recorrer à abstracção do seu plano geral em toda a escala. Contrariamente a isto, a proposta para uma metrópole elaborada na primeira metade do século XX por Hilberseimer, a já referida *Hochhausstadt*, parecia a Tafuri a real alternativa à cidade existente. Hilberseimer tinha uma proposta teórica para uma metrópole moderna desenhada a todas as escalas, elemento por elemento. Para Tafuri, esta proposta teórica era a única resposta urbana que reflectia lucidamente a dimensão totalizante implícita na relação do capitalismo com a cidade. Tafuri procurava a Arquitectura para construir uma real alternativa à cidade existente³¹.

26 TAFURI, Manfredo - Per una critica dell’ideologia architettonica, pp. 31–79.

27 Cf. AURELI, Pier Vittorio - *cit.*, pp. 48-49.

28 Ver como a questão é tratada *ib.*, pp. 29-34.

29 TAFURI, Manfredo - Austromarxismo e città. *Das rote Wien*.

30 AURELI, Pier Vittorio - *cit.*, p. 50.

31 Cf. *ib.*, p. 51.

Contemporaneamente ao trabalho teórico de Tafuri, surge, em 1966, o grupo Archizoom³² que adoptou a tese de Engels para combater o que considerava ser uma ilusão ingénua, a ideia que a cidade burguesa podia ser reformada e melhorada através de uma mudança de consciências democraticamente construída. A tese que Friedrich Engels³³ formulou um século antes afirmava a não existência de uma metrópole da classe operária, mas antes uma crítica da classe operária à metrópole existente. Para apoiar as suas ideias, o grupo Archizoom decidiu não criar uma cidade alternativa, nem uma crítica à cidade existente, mas antes uma teoria de desenvolvimento da cidade em direcção à forma urbana do capitalismo. O grupo Archizoom tinha um processo criativo aberto à linguagem pop, símbolo da hegemonia do ideal americano anteriormente referido, o qual, a partir da II Guerra Mundial, ganhou domínio sobre a Europa. Assim, desprendidos de preconceitos, os seus projectos englobam todas as escalas e todas as áreas, desde o desenho de mobiliário, à concepção de peças de vestuário, ao urbanismo e à teoria. O sofá Super-onda, por exemplo, é uma negação da primazia do desenho racionalista e propõe novas abordagens livres, pop e divertidas aos objectos do dia-a-dia, permitindo novas posturas e com elas novas visões sobre a ocupação do espaço. Este grupo teve um papel preponderante na progressista crítica aos seus contemporâneos metabolistas e, em particular, ao grupo Archigram, sediado na *Architectural Association* de Londres, cujos membros eram os arquitectos Peter Cook, Warren Chalk, Ron Herron, Dennis Crompton, Michael Webb, David Greene e o designer Theo Crosby. Para os Archigram, a tecnologia era um instrumento criativo politicamente neutro, culturalmente progressista, que permitia desenhar a iconografia de um admirável mundo novo; para os Archizoom a utilização de tecnologia inovadora no território levantava uma interrogação teórica sobre a forma da cidade capitalista. O grupo italiano acreditava que o papel da Arquitectura não era criar imagens do desenvolvimento da cidade ou de um possível futuro tecnológico, mas sim desmistificar a ideologia urbana através de uma teoria autónoma que explicasse lucidamente a dissolução da cidade como consequência histórica do capitalismo. “According to Archizoom, the city was what it did: it was nothing but its own (re) productive system reduced to an architectural degree zero: air-conditioned space and ‘a bathroom every 50 metres.’ This meant that the city was simply the precondition for the reproduction of a labor force stripped of any mystifications that were capable of concealing its ideological premises”³⁴.

Os Archizoom propunham uma cidade sem qualidades, fria, neoclássica, com uma Arquitectura catatónica, inexpressiva e resultante de formas da lógica. O seu projecto *No-Stop-City* propunha uma visão radical de uma cidade sem limites nem fronteiras num ambiente extremamente artificial, no qual tudo é criação arquitectónica. A única Arquitectura moderna que interessava ao Archizoom era a que tinha as propriedades da neutralidade, pois libertava a sociedade da retórica das formas e da retórica do progressismo. Daí a admiração por Hilberseimer e pelo seu projecto para a *Hochhausstadt*, que não

32 O grupo Archizoom formou-se em Florença em 1966, sendo composto pelos arquitectos italianos Andrea Branzi, Gilberto Corretti, Paolo Deganello e Massimo Morozzi, bem como pelos designers Lucia Bartolini e Dario Bartolini.

33 Friedrich Engels, cientista social alemão que nasceu em 1820 e faleceu em 1895, foi teorizador político e filósofo. Juntamente com Karl Marx, lançou as bases da teoria marxista. Em 1845, publicou *The Condition of the Working Class in England*, tendo sido co-autor, juntamente com Karl Marx, do *Manifesto Comunista*, publicado em 1848, .

34 AURELI, Pier Vittorio - *cit.*, p. 73.

tinha medo da eventual força ideológica das formas cinzentas e duras, conseguindo desse modo desdramatizar o industrialismo³⁵.

Do ponto de vista dos sindicatos e dos defensores dos direitos do operariado, autonomia política significava adaptar a política marxista de acordo com a singularidade do local onde essas políticas eram aplicadas, assim como significava autonomizar as ideologias políticas das inerências do trabalho industrial. A autonomia da Arquitectura, defendida por Tafuri e Rossi, ainda que de pontos de vista diferentes, estava de acordo com esta visão do proletariado: era baseada na singularidade do *locus* em detrimento da ciência do planeamento de raiz. No entanto, como explica Aureli³⁶, enquanto para Tafuri defender a autonomia implicava recusar por completo a realidade da emergente cidade pós-industrial, para Rossi, de um modo quase oposto, a defesa da autonomia passava pela recusa da interpretação empírica dessa realidade, bem como pela recusa das visões tecno-utópicas consequentes deste tipo de interpretação da cidade. Em comum, tinham a defesa da autonomia da Arquitectura como único meio concreto para alcançar uma cidade alternativa, porque pressupunha a criação de uma teoria do urbanismo alheia a políticas e ideologias. Tal como a cidade do poder burguês permitia, entre o plano e a regra, formas de excepção e de singularidade, a cidade do poder operário também deveria permitir essas adaptações em vez de ser uma cidade baseada em mecanismos de abstracção ideológica traduzida para regras rígidas de planeamento e desenvolvimento.

“Theory was always against ideology, as Tronti affirmed in these years. If ideology coincided with the blind belief in progress, with faith in the evolution of society for the better, theory, as Tronti quoted from Paul Klee, was *sichtbar machen* – making visible, that is, the construction of a clear analytical and political point of view based on the solid ground of concrete conceptual categories. But in making visible what was invisible, theory was also meant to go beyond the critique of ideology, to resolve itself in the project”³⁷.

Existe uma visão americana contemporânea à visão europeia de refundação do processo arquitectónico através da revisão teórica do método, e contemporânea da necessidade, também europeia, de uma leitura histórica dialética, derivada, como vimos, do racionalismo iluminista desenvolvido por Boullée e Ledoux quando se propuseram verificar o sistema lógico da Arquitectura através da prática do projecto. Esta visão americana propõe um circuito alternativo de crítica ao Moderno e foi defendida pelo grupo New York Five, composto por Peter Eisenman, Michael Graves, Charles Gwathmey, John Hejduk e Richard Meier, que se distinguem particularmente pelo tratamento livre e abstracto da forma clássica, o formalismo radical e um entendimento teórico da prática arquitectónica em detrimento do entendimento histórico. Para este grupo, o processo

pensamento
americano

35 *Ib.*, pp. 71-75.

36 *Ib.*, p. 13.

37 *Ib.*, p. 50.

era mais importante que a realidade, o que conferia às suas obras um afastamento conceptual³⁸. Como afirma Peter Eisenman “En realidad, la arquitectura *ya* es autónoma. [...] Es autónoma porque debe cumplir la función de dar cobijo. [...] Ahora bien, para ser arquitectura debe trascender su función y convertirse en algo más. La arquitectura es el arte de la superación y, por lo tanto, es la única disciplina que debe desafiar su propia función para poder ser y hacer más”³⁹.

No Texas, em Austin, John Hejduk, Colin Rowe, Bernard Hoesli e Robert Slutzky defendem também uma abordagem diferente à concepção disciplinar da Arquitectura, propondo uma teoria desmarcada de ideais mas em continuidade com um sentido artístico Moderno de progresso e forma. Esta sua visão, por ser encubada num contexto universitário, origina uma nova concepção pedagógica, cujos exercícios académicos propostos pretendem recuperar a Arquitectura como disciplina criativa e criadora, desvalorizando o projecto ao serviço do pragmatismo⁴⁰. Christopher Alexander, arquitecto e teórico austríaco que fez grande parte da sua carreira em Berkeley, na Califórnia, no seu livro *Timeless Way of Building*, editado em 1979, fala de *quality without a name*. Para si, existe uma qualidade unitária inerente a várias formas de arte e de criação humana. Essa qualidade não pode ser nomeada porque o que a torna unitária é um conjunto infinito de características que não podem ser detectadas e isoladas. “This oneness, or the lack of it, is the fundamental quality for anything. Whether it is in a poem, or a man, or a building full of people, or in a forest, or a city, everything that matters stems from it. It embodies everything. Yet still this quality cannot be named”⁴¹. Aquilo a que Alexander chama *quality without a name*, “define aquilo a que Raul Lino chamaria carácter, Távora chamaria relação com a vida e Zumthor chamaria atmosfera”⁴².

Hoje, segundo Aureli, o projecto da Autonomia relembra-nos que um dos mais desafiantes esforços contra o capitalismo nasceu da Teoria, ou seja, não foi um instrumento que se limitou a relatar a realidade da cidade como ela era, mas um modo de estabelecer responsabilidades a longo prazo e categorias sólidas que combatessem a visão positivista e mitificadora que proclamava o desenvolvimento político e social como progresso evolucionário⁴³. Assim, sabemos que um projecto teórico pode ser relevante, que o método do esforço teórico pode ser a forma realmente eficaz de praticar a luta. No caso específico da autonomia disciplinar da Arquitectura, entendemos que quando se procura reduzir esta disciplina a uma só prática ou a um conjunto de saberes agregados,

teoria como
luta

38 Cf. DOMINGUES, Patrícia Selada Lameiro, *cit.*, pp. 21-22.

39 EISENMAN, Peter; entrevista de OLMO, Carolina del - Arquitectura postmetafísica, p. 68.

40 Cf. GIL, Bruno, *cit.*, p. 20.

41 ALEXANDER, Christopher - *The Timeless Way of Building*, p. 28.

42 FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *cit.*, p 419.

43 Cf. AURELI, Pier Vittorio - *cit.*, pp. 80-83.

essa procura invariavelmente falha, no sentido em que a Arquitectura com objectivos parciais, fora de si mesma, não existe como Arquitectura. Esta questão, como refere Christoph Gantenbein, constitui um desafio essencial para o ensino da Arquitectura. “The effect of conditions, described through facts and data on the one hand and the architecture with its own autonomous rules on the other. [...] How architecture reacts to the climate, how it occupies the territory, how it reacts to traffic or political development, all these conditions are recognizable in a building. On the other hand, architecture has its own eternal rules”⁴⁴.

No contexto da formação, do ponto de vista do ensino da Arquitectura é importante ou desejável abordar temas mais abrangentes, do foro social, político e económico? É responsabilidade da escola de Arquitectura abordar os deveres sociais e políticos do arquitecto? Aprender a ser arquitecto é também aprender os seus deveres e é importante ter consciência da responsabilidade que o exercício da profissão acarreta e das implicações que pode ter na sociedade. E como deverá a escola fazê-lo? A aprendizagem da política, da teoria e da história são essenciais. O conhecimento sobre diversas áreas é muito importante na formação de um arquitecto, desde que esse conhecimento diversificado não retire a centralidade curricular à Arquitectura. É importante abordar pedagogicamente temas que se inserem simultaneamente no mundo da Arquitectura e no mundo em geral, mas é importante fazê-lo com o entendimento das complexidades que ligam todos os mundos, evitando a simplificação dos processos pedagógicos aditivos.

autonomia
no ensino

É no equilíbrio instável inerente à subjectividade deste tema que está a aparente incongruência da defesa da autonomia disciplinar. Ao entrar no labirinto da escola de Arquitectura, cujo objectivo é ensinar a pensar, o mundo dos estudantes ganha novas formas e, se uma coisa é verdadeira, o seu contrário passa também a ser verdade⁴⁵, os absolutos são desmontados, os alunos deixam de contar com bases dualistas e simplistas. A escola deverá, por isso, começar por colocar na mão dos alunos o fio de Ariadne que lhes dê segurança para explorarem o labirinto, e que, ao mesmo tempo, lhes permita sempre manter a centralidade na dimensão da Arquitectura. Esse fio, a sua elasticidade ou a sua imaleabilidade é o que confere qualidade ao ensino. Esse fio permite evitar o ensino tratadístico, a transmissão acrítica dos estilos, dogmas ou cânones estipulados e permite dar liberdade com a segurança das qualidades fortes da disciplina. A Arquitectura tem leis internas e essas leis são o fio de Ariadne no labirinto que as compõe.

A rendição à fragmentação acrítica da Arquitectura em temas e a redução da disciplina a motivações parciais destroem a sua essência. Investigar a história, as teorias, os porquês, as contradições, o espaço, a cidade, as formas de fazer, procurar falar e teorizar sobre o todo que intrinsecamente é Arquitectura é mais difícil, portanto, também

44 GANTENBEIN, Christoph; entrevista de PENN, Samuel - Architecture and Education.

45 Távora repetia frequentemente esta frase, que se tornou uma das suas máximas mais conhecidas

mais proveitoso. Mas nem todos os assuntos podem ser abordados ao longo de um curso de cinco anos e, por isso, os que se abordam, devem servir como impulso para os alunos se envolverem noutros debates e para construírem um sistema de pensamento próprio e coerente. A escola deve destrancar as fechaduras e deixar as portas entreabertas para quem quiser entrar. É importante levantar problemáticas, explicar contextos de ligação da Arquitectura a outras áreas e também debater, mas sem perder de vista a Arquitectura.

O tema da interdisciplinaridade é, como já foi referido, um tema de poucos consensos no campo da Arquitectura e do seu ensino. Melhor aceite, no entanto, é o tema da transdisciplinaridade. O trabalho transdisciplinar, ao contrário do interdisciplinar, não implica a mescla e a perda das disciplinas envolvidas. Pelo contrário, para haver transdisciplinaridade há que haver disciplinas definidas. “Transdisciplinary work, as Homi Bhabha suggests, ‘happens at the edge or limit’ of one’s own discipline. It is not an attempt to strengthen one foundation by drawing from another; it is a reaction to the fact that we are living at the real border of our own disciplines, where some of the fundamental ideas of our discipline are being profoundly shaken”⁴⁶.

transdiscipli-
naridade

Trabalhar nas fronteiras entre disciplinas implica o entendimento da existência dessas mesmas fronteiras. A Arquitectura, ao longo de séculos, sempre trabalhou em íntima relação com o desenho, a geometria, a pintura, a tecnologia, mas nenhuma delas substitui a disciplina, apenas se relacionam nas fronteiras que partilham. “Thus transdisciplinarity scrutinizes architecture’s appearance and seeks its significance in the forms of other disciplines, or in the spaces between disciplines, but it in no way abandons the specific modes of the architectural discipline. [...] the object of transdisciplinarity work is not to enforce or clarify differences, identities, or limits, but to demonstrate the flexibility of disciplinary identities and to explain how negotiations between disciplines produce reconfigured modes of practice”⁴⁷.

Assim como a arte, cuja autonomia disciplinar é menos polémica e de maneira geral mais aceite, também a Arquitectura, como forma de arte, dispensa a moral alheia e é livre de significados. São facilmente reconhecíveis alguns dos factores que influenciam uma obra de Arquitectura, como o sítio, o autor ou o tempo, mas há uma qualidade da Arquitectura que não depende de nenhum destes factores individualmente. “Toda a boa obra dispensa o seu autor. Uma obra de arquitectura que se realize em pleno – que se liga ao lugar, às pessoas, ao passado, à História, ao futuro, às variáveis que compõem o seu contexto, em suma, à vida – vale por si”⁴⁸. A constante que é comum ao Pártenon, ao Panteão, a São Pedro, a Versalhes, a Ronchamp, à Torre Eiffel, às piscinas de Leça, essa constante que ninguém sabe nomear, é o que constrói a eternidade. Essa *quality without*

46 LINDEN, Mark - Transdisciplinarity, p. 436.

47 *Ib.*, p. 437.

48 DOMINGUES, Patrícia Selada Lameiro - *cit.*, p 11.

a name, já referida nas palavras de Alexander, é o que importa transmitir e aprender numa escola porque “só fazendo a mesma coisa várias vezes, numa vida ou ao longo das gerações, é possível refinar e chegar a soluções com eternidade”⁴⁹.

Ao longo da História, há momentos alternados de maior e menor convicção em relação ao tema da autonomia disciplinar da Arquitectura. Como foi referido, um dos momentos mais recentes de mudança forte de paradigma dá-se no momento da crítica ao Movimento Moderno. Quando os seus protagonistas procuram instrumentalizar a Arquitectura e definir-lhe um só objectivo, usá-la como meio para um fim, ela falha, consumida pelo processo que tenta controlar⁵⁰. No início dos anos 1970 na Europa democrática, as mudanças na Arquitectura provocadas pela crítica ao Movimento Moderno, o rescaldo das revoluções estudantis e os paradigmas em mudança geraram grande agitação no contexto do ensino e das ideologias. As escolas eram espaços promotores de debate e os corpos docente e estudantil tinham um grande envolvimento político. Em Portugal, em particular a partir da Revolução de 1974, todas as acções passaram a ter uma carga política muito explícita, o que não acontecia durante o Estado Novo. Foi apenas após o 25 de Abril que finalmente o ensino integrou abertamente o debate em relação ao papel do arquitecto na sociedade, em relação às ideologias subjacentes à actividade e em relação a todos os temas inerentes à Arquitectura.

As afinidades entre o ensino da Arquitectura e a autonomia disciplinar são, pois, determinantes, porque estabelecem as premissas de base do currículo. De facto, as escolas que adoptam o já referido sistema *Project Menu* são as que privilegiam a interdisciplinaridade, e também as relações com as outras disciplinas e a aprendizagem como somatório de temas. As escolas que têm um sistema de Projecto Único colocam a ênfase nas disciplinas de Arquitectura, Projecto e Teoria, e são essas que defendem a autonomia. Em Portugal, a Escola do Porto tem uma história demonstrativa destas dicotomias e impasses, que importa rever de modo a entender a posição do Departamento de Coimbra e da Arquitectura de hoje. “A arquitectura como um todo parece hoje voltar a fazer mais sentido do que nunca. Não numa linguagem, não num código nem numa imagem mas sim numa disciplina de esforço comum, objectivo, direccional”⁵¹.

Apesar da visão apartidária e a-ideológica que Carlos Ramos cultivava e apesar de imbuir o seu ensino do Movimento Moderno, a Escola do Porto difundiu aos seus alunos, através das lições e da obra dos seus professores, uma consciência do campo político e cultural que potencia o livre pensamento e o debate⁵². A teoria pedagógica da

49 TÁVORA, Fernando, *Diário de “bordo”*, vol. 2, p. 367 [fl. 399v], passo posto em relevo por SIZA, Álvaro, ao concluir a sua introdução ao volume, Fernando Távora, o estímulo dos contrastes, vol. 2, p. 12.

50 “Architecture, in this final apotheosis of mechanical progress, was consumed by the very process it sought to control for its own ends” (VIDLER, Anthony - *The third typology*, p. 291).

51 BEIRÃO, Daniel; CRISÓSTOMO, João; CARVALHAL, Mário - *Estado de crise*, p. 123.

52 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto*, p. 33.

Escola do Porto investe nas questões metodológicas e instrumentais que convencionam o projecto, e defende que “a origem da arquitectura não está no programa, mas nela própria, é intrínseca ao acto de projectar”⁵³. Na mesma linha de pensamento de Ramos, Fernando Távora defende particularmente a qualidade abstrata, intemporal e a-ideológica da boa Arquitectura. Na memória descritiva do seu Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto, em 1950, Fernando Távora escreve “O Arquitecto deve possuir um espírito de síntese, essa [é] a sua missão perante os problemas técnicos, e não pode conhecer todos os pormenores da arte de construir, dia a dia mais especializada”⁵⁴. Em seu entender, “passam os estilos, fica a qualidade, fica o que é permanente na evolução. Não é o estilo que define a qualidade”⁵⁵.

Quando, em 1964, Fernando Távora escreve a *Memória Descritiva* da obra da Escola do Cedro, realizada entre 1958 e 1960, admite uma mudança nos seus paradigmas, uma mudança na sua anterior posição em relação ao carácter exclusivo da Arquitectura. “Durante anos eu pensei a Arquitectura como qualquer coisa de diferente, de especial, de sublime e extraterreno, qualquer coisa como uma intocável virgem branca [...]. Rodaram os anos. [...] Acreditei então que a Arquitectura era sobretudo um acontecimento como tantos outros que preenchem a vida dos homens e, como todos eles, sujeita às contingências que a mesma vida implica. E a intocável virgem branca tornou-se para mim numa manifestação da vida. [...] E o mito desfez-se”⁵⁶. Ao deixar de ver a Arquitectura como uma qualidade pontual e rara, obra apenas concretizada por uma elite iluminada, Távora passa a entendê-la como qualidade una e espontânea de obra intrínseca à condição humana, não dependente de ideologias e presa apenas a uma ordem própria leve e liberta de contingentes divisões em morais, sociais, técnicas, políticas e ideológicas. Bruno Zevi, uma referência para Távora, escreve em 1958 que “Quando querem construir uma casa, apresentamos uma perspectiva e uma vista exterior. Apresentamos plantas e cortes. [...] Mas a arquitectura não provém de um conjunto de alturas, comprimentos e larguras dos elementos. Ela provém mais precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem, assim como a poesia é algo mais do que um grupo de belos versos”⁵⁷. Neste sentido, podemos afirmar que, analogamente, tal como o domínio da rima não é a poesia, o domínio do desenho ou da geometria não é Arquitectura.

O eã do todo e das partes, das partes e do todo e das partes entre si é a base que permite à Arquitectura ser autónoma e é também a base que estabelece, como mais adiante veremos, a matriz quer da Escola do Porto, quer do Departamento de Arquitectura de Coimbra⁵⁸. Tal como o desenho evoca uma imagem independente que pode deturpar as

53 *Ib.*, p. 134.

54 TÁVORA, Fernando apud FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *cit.*, p. 119.

55 TÁVORA, Fernando, apud FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto*, p. 91.

56 TÁVORA, Fernando - *Memória descritiva da Escola Primária do Cedro, Vila Nova de Gaia, Abril 1963*.

57 ZEVI, Bruno - *Saber ver a Arquitectura*, p. 37.

58 “O eã do todo e das partes, das partes e do todo e das partes entre si, [...] um pressuposto que se insinua como se fosse uma pulsão metodológica, que é aceite quase como configuração por defeito, que tem sido muito pouco analisado e que condiciona de sobremaneira os critérios de avaliação crítica da obra de Arquitectura. Por um lado, é natural que assim suceda. O mais simples dos projectos encerra em si uma enorme diversidade de dados, os quais, por sua vez, jogam com articulações de escalas diversas, com sobreposições temporais diferenciadas e não diacrónicas, com subjectividades de ordem ética e/ou social e, para além disso, ambicionam muitas vezes recorrer a experimentalismos tecnológicos e a saberes científicos.” (BANDEIRINHA, José António - *Ensinar pelo Projeto. Livro de resumos*, p. 41).

intenções originais do arquitecto ou artista que o desenhou, transformando-se numa peça de arte autónoma, também a Arquitectura pode ser autónoma, ou seja, situar-se longe das intenções originais do seu criador. Numa escola isso torna-se claro de um modo simples. O facto de o mesmo enunciado gerar diferentes projectos de Arquitectura demonstra a sua autonomia em relação a determinismos e cientifismos. Citando uma vez mais Fernando Távora, numa frase curta que explica claramente a sua compreensão da autonomia, “O espaço é contínuo, não pode ser organizado com visão parcial”⁵⁹. Este princípio pedagógico era quotidianamente transmitido na disciplina de Teoria Geral da Organização do Espaço leccionada por Távora na FAUP e, mais tarde, já na década de 90, leccionada também no Departamento de Arquitectura, seguindo a mesma matriz propedêutica.

A Escola do Porto e a Escola de Veneza revelaram duas importantes visões, quiçá mesmo complementares, do pensamento teórico acerca destas características da Arquitectura, a sua autonomia e a condição recíproca de interdependência entre o todo e as partes. Relembrando um momento de cruzamento de influências destas duas escolas, um momento seguramente profícuo em aprendizagens para os jovens estudantes, Eduardo Souto Moura conta que “Depois o Rossi fez uma conferência com dois slides; duas fotografias de uma fábrica e de umas minas abandonadas, um guindaste ou um elevador. E fez a conferência a ler. [...] Comecei a ouvir e fiquei arrepiado. Foi a primeira vez que eu percebi que a arquitectura era ‘autónoma’; que a arquitectura era independente de tudo. Dizia-se que não se podia fazer nada antes de se fazer a revolução. Havia o discurso da sociedade e da história. E ele, inteligentíssimo, mostra a arquitectura industrial, que não tem nada – um guindaste para tirar bidões lá de baixo”⁶⁰.

59 TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*, p. 18.

60 MOURA, Eduardo Souto. In FIGUEIRA, Jorge (ed.) - *Reescrever o Pós-Moderno. Sete entrevistas. Álvaro Siza, Eduardo Souto Moura, Manuel Graça Dias, Manuel Vicente, Pancho Guedes, Tomás Taveira, Paulo Varela Gomes*, p. 49.

PARTE 2



I. A ESCOLA DO PORTO

A Escola de Veneza protagonizou uma ruptura com o ensino oficial, reclamando a Arquitectura como disciplina autónoma através da presença forte da Teoria da Arquitectura. Perante o obsoletismo do Moderno, os arquitectos da Escola de Veneza propõem a sua condução radical até às últimas consequências. Era uma fuga para a frente porque acreditava que a luta pela mudança e pela justiça social se alcançava por via do desenvolvimento de uma forte Teoria da Arquitectura. Ao longo dos anos 1960 e 1970, no campo do ensino, esta atitude incrementou uma nova pedagogia da Arquitectura, caracterizada pelo desenvolvimento de sólidas bases teóricas e pelo intenso estudo da História. Este método proporcionou um trabalho de projecto continuamente acompanhado tanto pela História como pela Teoria, desenvolveu um processo de desenho apoiado em referências do passado e clarificou a importância de conhecer os significados das formas. Neste campo, existem bastantes afinidades entre a Escola do Porto e a Escola de Veneza, explícitas sobretudo nos artigos escritos por Nuno Portas e por Vittorio Gregotti, ao longo dos anos 1960, na revista *Controspazio*, sobre a Arquitectura Portuguesa, mais concretamente, sobre a Arquitectura de Álvaro Siza¹.

paralelismos

Este período que, como foi referido anteriormente, foi vivido com a constante presença algo apocalíptica do culto do extremo futuro e do extremo passado, do encontro da pré-história com a pós-história, procurando anular a história que fica entre elas, tem em Portugal um paralelismo controverso. A visão pop da junção de todos os tempos curiosamente está muito vinculada temporalmente a famosas referências imagéticas, como a chegada de homens à Lua ou as descobertas científicas sobre dinossauros. A Escola do Porto, ainda que longe dos *Flintstones* ou dos *Jetsons*, parece-nos perto das paisagens lunares e dos horizontes jurássicos. Na segunda metade do século passado, a cultura arquitectónica que se desenvolveu na Escola do Porto foi uma influência para os princípios do Departamento de Arquitectura de Coimbra, consolidado nos anos 1990, momento de *revivals*, da *dino-fever* e da *star wars fever*.

¹ Cf. FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *cit.*, p. 242.

Em Portugal, os anos 1970 ficaram marcados pela Revolução dos Cravos, pelo fim da Guerra Colonial e pelo estabelecimento da democracia. Na história do século das vanguardas, o contexto português é marginal em relação aos centros urbanos da Europa. Sob o olhar da censura, até aos alvares da Pós-Modernidade, o Movimento Moderno teve de actuar cautelosamente com discrição. Esse, entre outros diversos motivos, desenvolveu uma Arquitectura particular, sedenta de realização do ideal Moderno, não obstante a severa crítica e o descrédito de que este já era alvo além-fronteiras.

O ensino da Arquitectura em Portugal sofreu várias reformas desde a sua origem nas Belas-Artes até ao que é hoje, um ensino universitário. Na Reforma de 1881, a formação do arquitecto passava a decorrer ao longo de dez anos, 4 anos de Curso Geral, 4 anos de Curso Especial de Arquitectura Civil, 2 anos de tirocínio em obra, e concluía-se com o Diploma. A formação poderia ainda estender-se no estrangeiro com bolsas para pensionistas². Na Reforma de 1911, o Curso Especial de Arquitectura Civil passa a estar “organizado em 5 classes, é precedido de um Curso Preparatório, comum a todos os cursos especiais, onde se exercita fundamentalmente o Desenho, pretendendo-se acabar com o Desenho Histórico e, conseqüentemente, com a cópia de estampa”³. Na Reforma de 1931 há uma reorganização do ensino artístico em Portugal, que prepara a “formação de técnicos para a reconstrução financeira e económica do país, ambicionada por Salazar”⁴. Já a Reforma de 1950 promove uma aproximação à universidade através de um “sistema de três ciclos. O primeiro, de dois anos, de carácter propedêutico com disciplinas de áreas complementares e transversais a outros cursos de Ciências, o segundo, de três anos, de carácter oficial e centrado na Arquitectura e um terceiro, de especialização e profissionalização, onde a Arquitectura se ‘conjuga’ com a Urbanologia e com a Pintura e Escultura, onde deveria vigorar um regime livre de frequência”⁵; a Reforma de 1957 é a regulamentação da reforma anterior e tem como objectivo formar arquitectos-técnicos⁶, mas esse objectivo que havia sido formulado cerca de uma década antes, estava obsoleto na data da sua aplicação.

Até aos anos 1960, a Escola do Porto existia como colectivo sólido, conjunto de arquitectos e outros intelectuais que partilhavam ideias e convicções em relação ao ensino e à arte. No entanto, é a partir do início dos anos 60 que a Escola do Porto reclamará uma linguagem própria da arquitectura, uma abordagem particular ao permanente ser moderno e uma identidade baseada numa pedagogia aliada a ideias e a práticas arquitectónicas. Nas duas décadas seguintes, até ao final dos anos 1980, esta escola ganha uma grande projecção, já que constitui uma alternativa de fundamentos fortes ao rumo generalizado da Arquitectura de então que, procurando fugir ao dogmatismo do Movimento Moderno, buscava um outro rumo. É com base nos acontecimentos que marcaram a cultura nacional dos anos 1960, 1970 e 1980 que referiremos a expressão Escola do Porto, de modo a contextualizar o panorama arquitectónico do nosso país nos anos precedentes à criação

2 Cf. CANTO MONIZ, Gonçalo - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 92.

3 *Ib.*, p. 94.

4 *Ib.*, p. 102.

5 *Ib.*, p. 191.

6 Cf. *Ib.*, p. 202.

do Departamento de Arquitectura de Coimbra.

A Escola do Porto foi um foco particularmente forte de empenho na realização do ideal Moderno na Arquitectura, foi “um modelo inclusivo que integra referências externas e internas”⁷. Nos anos 1970, contrariamente à Escola de Veneza que, como vimos anteriormente, põe a tónica da Arquitectura como disciplina no desenvolvimento de uma Teoria, a Escola do Porto defende a disciplina autónoma da Arquitectura através do desenho. Se em Veneza a Teoria é uma forma de luta activa, aberta e livre, no Porto o desenho de Projecto é uma reacção de protesto silencioso, discreto, prudente mas convicto. Esta cadeira, tal como as cadeiras de Urbanismo, foram criadas pela primeira vez em 1945, e “conseguiram introduzir alterações programáticas e metodológicas que se aproximassem das referências modernas”⁸.

ideal
moderno

A Escola do Porto desenvolveu-se sobretudo a partir de duas ideologias paralelas com intersecções: a dos arquitectos membros da Organização dos Arquitectos Modernos, ODAM, baseada na procura da transformação da sociedade através de uma luta ideológica; e a dos arquitectos que acreditam numa luta cultural para desvendar a verdadeira Arquitectura popular e o seu funcionalismo⁹. Em comum, ambas tinham a Arquitectura como luta pela transformação, algo intensamente patente na matriz da Escola do Porto, que defendia que a “Arquitectura moderna não é um estilo, mas uma atitude”¹⁰. Esta escola tem vindo a ser tema de muitas reflexões escritas, mas um dos primeiros arquitectos que escreveu sistematicamente sobre ela foi um dos seus directores, Carlos Ramos. Este arquitecto abria as exposições magnas com um discurso que transmitia as suas ideias relativamente ao rumo da escola, sistematizava os seus acontecimentos e justificava as pedagogias adoptadas.

Em 1948, o 1º Congresso Nacional de Arquitectura confere à Arquitectura Moderna uma ideologia mais política. Este congresso foi promovido pelo Sindicato e acabou por dar origem à Reforma de 1950. O debate sobre o ensino dele decorrente prolongou-se até 1957, ano em que a Reforma de 1950 foi regulamentada, ficando conhecida como Reforma de 57. No Congresso discutem-se temas civis, discutem-se direitos urbanos, questiona-se a tutela do Estado Novo e o papel social do arquitecto, num momento de intenso debate que, como explica Gonçalo Canto Moniz, “tornou também inevitável, pelas críticas da nova geração, transformar o ensino *Beaux-Arts*, num ensino moderno”¹¹. Era então comum a ideia que a escola tinha de formar bons técnicos, deixando o génio

7 *Ib.*, p. 373.

8 *Ib.*, p. 373.

9 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 45.

10 TÁVORA, Fernando - O Porto e a Arquitectura Moderna.

11 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 182.

artístico de cada um determinar posteriormente o seu destino¹², o seu estilo, talvez a sua ideologia? Evitavam-se assim debates ideológicos, pequenas democracias esporádicas, e punha-se de parte qualquer responsabilidade ética da instituição.

Também em 1948, na abertura do ano escolar, o já referido director do IUAV, Giuseppe Samonà, apela a um contacto mais próximo entre a escola e a realidade de Veneza e do Veneto, o que considera ser *um objectivo moral da escola*. Poucos anos mais tarde, em 1952, Fernando Távora participa como aluno na Escola de Verão dos CIAM, em Veneza, onde estavam também Lucio Costa e Le Corbusier. Este evento foi organizado no IUAV por Albini, Gardella, Rogers e Samonà e, para além de concretizar o apelo de Samonà a uma maior interacção da Escola com o meio, pretendia que os estudantes resolvessem *um problema real da cidade*¹³.

A partir de 1952, Carlos Ramos é director da Escola de Belas-Artes do Porto, depois de Marques da Silva, presidente de 1913 a 1914 e mais tarde de 1918 a 1939, depois de Aarão de Lacerda, presidente de 1939 a 1945, e de Joaquim Lopes, presidente de 1945 a 1952¹⁴. Com a sua chegada a este cargo, o ensino torna-se mais livre e com menos regras, menos estritamente técnico¹⁵. Segundo Gonçalo Canto Moniz, “Carlos Ramos incorporou os objectivos dos seus antecessores e construiu uma escola moderna sustentada numa estratégia pedagógica, num renovado corpo docente e numa intensa actividade cultural”¹⁶.

“A ideia de que a entrada de Carlos Ramos para a Escola do Porto provoca alterações no sistema académico em vigor parece ser consensual, havendo como vimos perspectivas diferentes sobre o significado e consequências da sua acção”¹⁷. Se por um lado autores como Alexandre Alves Costa vêm na presidência de Carlos Ramos uma atitude de continuidade com a acção de Marques da Silva, por outro lado, autores como Octávio Lixa Filgueiras consideram o momento de entrada de Carlos Ramos para a Escola como um momento de ruptura. Apesar desta falta de consenso em definir a direcção de Ramos como continuação ou como ruptura, Carlos Ramos apoiava a sua visão da Arquitectura na mesma flexibilidade que imprimiu à Escola. Astuto, não caía na imprudência de problematizar tudo ideologicamente, preferindo, segundo Jorge Figueira, aceitar todas as lições da própria Arquitectura, fossem elas entregues pela *Bauhaus* ou pelas *Beaux-Arts*. No entanto, Filgueiras não o vê como integrador de várias doutrinas, mas antes “considera que até 1940, a EBAP funcionava segundo o sistema *Beaux-Arts* e, que a entrada de Ramos para substituir Marques da Silva, constitui uma ‘sucessão sem continuidade’, encerrando, assim, a época do arquitecto-artista. [...] Carlos Ramos opunha-se ‘à institucionalização de qualquer sistema doutrinário’, como o bauhausiano, preferindo antes sublinhar ‘uma posição de modernidade face às várias correntes

12 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 29.

13 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 423.

14 Cf. *ib.*, p. 213.

15 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 27.

16 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 214.

17 *Ib.*, p. 68.

dominantes no campo da Arquitectura”¹⁸.

Quase uma década depois do Congresso, em 1957, num momento em que os currículos das escolas de Arquitectura incidiam muito sobre a prática, uma reforma no ensino foi decretada pelo então Ministro da Educação Nacional, Francisco Leite Pinto, que pretendia conferir a esses currículos uma índole mais institucional. Inicialmente desejada como forma de organizar a estrutura escolar, de actualizar a didáctica, de tornar proveitosos os currículos e de os abrir a outros saberes, a Reforma de 57 torna-se rapidamente uma influência negativa e uma mudança indesejada no contexto desta Escola¹⁹.

Ao longo de mais de uma década, a Escola viveu numa cadeia de reacções gerada por esta reforma, tentando continuamente implementá-la e refutá-la²⁰. Os que a refutavam temiam a transformação do arquitecto num agente técnico com uma formação dispersa e, por isso, defendiam a inclusão da artisticidade no ensino da Arquitectura. Ao mesmo tempo, estava a ser posto em prática o *Inquérito à Arquitectura Portuguesa*, uma recolha de exemplos da Arquitectura vernacular portuguesa mais tarde compilado num livro chamado *Arquitectura Popular em Portugal*. Este era um projecto que já vinha sendo pensado desde o final dos anos 1940, mas somente em 1955 foi apoiado institucionalmente pelo Governo e posto efectivamente em prática através de um decreto-lei. No *Inquérito*, participaram alguns arquitectos da Escola do Porto, entre os quais Fernando Távora, António Menéres, Octávio Lixa Filgueiras e Arnaldo Araújo. Em 1961, ano em que se inicia a Guerra Colonial e um conseqüente período de grande instabilidade no país, o inquérito é publicado em dois volumes e dá-se por terminada uma tarefa inicialmente difícil de implementar, mas com resultados impactantes no modo de pensar a Arquitectura de então. Os resultados do *Inquérito* têm conseqüências culturais e práticas no seio da Escola, onde proliferam os projectos que aliam as características regionais às ideias modernas, unindo ambas numa só Arquitectura. Com o *Inquérito*, a Arquitectura aproxima-se da sociologia e da antropologia, uma tendência patente também na Reforma de 57.

Na sua atitude de recusa da Reforma²¹, os alunos reclamavam um ensino oficial focado na prática e, acima de tudo, reclamavam a integridade necessária ao estudo de uma disciplina una, reclamavam que a Arquitectura deve ser a matéria central na escola. A Reforma de 57, ao contrário do que os alunos desejavam, dispersava o ensino da Arquitectura por todas as faculdades e por todos os campos disciplinares, limitando o ensino à coordenação e combinação de diversas matérias avulsas. A crise do Moderno cria uma crise na Escola, esta deixa de ser una e passa a admitir a intromissão directa de outras disciplinas, como a sociologia, a antropologia, a engenharia, etc. Perde-se um centro congregador e uma hierarquia curricular. Em 1968, a luta contra a Reforma de 57 agrava-se e as razões invocadas são de vária ordem: política, disciplinar mas essencialmente prática. “A confiança dos alunos em mestre Ramos leva a que a contestação às ciências seja

18 *Ib.*, p. 49.

19 FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 30.

20 “A Reforma de 57 propõe, neste sentido, um currículo moderno, mas os alunos e a nova geração de professores (assistentes) já não pretendem formar arquitectos modernos. Pretende-se agora, explorar a ‘função social do arquitecto’, como propõe Filgueiras, ou, como sugere Távora, formar um ‘organizador do espaço’.” (MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 419).

21 Ver *ib.*; FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*; e FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *cit.*

feita dentro da Escola, tendo sempre como porta-voz o próprio director”²². Os estudantes recusam a subordinação ao saber analítico bem como a deslocação até outras faculdades para terem as suas aulas²³. As contestações que aconteciam simultaneamente nas escolas italianas eram então profusamente difundidas na já referida revista *Casabella*, o que contribuiu para sustentar a contestação à Reforma de 57, principalmente no que diz respeito à reivindicação da autonomia e da gestão paritária. “De facto, neste período, a *Casabella* substituiu a *L’Architecture d’Aujourd’hui* nos estiradores dos estudantes, centrando-se no contexto cultural italiano e afastando-se do internacionalismo do movimento moderno”²⁴.

“A ideia da auto-gestão vai ganhando consistência como única via possível para a democratização do ensino”²⁵ e iniciam-se tempos de várias contestações estudantis. Esta insatisfação originou cartas ao Ministro da Educação Nacional, Aulas Magnas diárias, intensos debates e “uma crise académica mas também política, que transborda para a opinião pública com um comunicado dos alunos aos jornais, onde denunciam a situação alarmante que se vive na Escola: ‘Não há professores, não há aulas, não há diplomados’”²⁶. Este estado geral de insatisfação na Escola de Belas-Artes ao longo dos anos 1968, 1969 e 1970, faz com que, após a demissão em bloco de um grupo de professores, o ministro Veiga Simão aceite o estabelecimento de um regime experimental que implica uma comissão paritária na gestão da Escola e a sua autonomia pedagógica. Acaba assim a Reforma de 57 e, com ela, acaba também a imposição da sectorização, especialização e cientificação do saber. Foi neste momento de mudança que a Escola contratou um conjunto de novos professores, entre os quais estão Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares. Da recusa da Reforma de 57 nasce o Regime Experimental de 69/70²⁷, um modo de ensino cujas principais bases são a defesa da autonomia disciplinar da Arquitectura. Estes novos moldes de ensino usavam o modelo da *escola-atelier* que faz incidir maior importância do curso no saber obtido pela experiência adquirida. “A ‘Experiência’, sob o tema ‘Escola de Arquitectura’, funcionou entre Abril e Julho de 1970 sob a coordenação de uma comissão paritária com três professores (Filgueiras, Távora e Jorge Gigante) e três alunos (Ricardo Figueiredo, José Garrett e Rui Louro)”²⁸. A *Experiência* foi um período enriquecedor e inovador na Escola, mas em 1971 foi determinado o seu termo porque o

22 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 463.

23 “Nós somos a 1.ª leva de alunos a ir para a Faculdade de Ciências e sentimo-nos lá muito mal. Começámos por pôr em causa as aulas na Faculdade de Ciências, porque eram um terror e muita gente reprovou, principalmente a Física, Química e Matemáticas, mas a questão não era bem essa. A questão é que nós achávamos que aquelas matérias até podiam ter aspectos interessantes, mas que deviam ser dadas na Escola. Portanto, gerou-se logo uma contestação muito grande à Reforma de 57. [...] Percebemos que, apesar de tudo, havia a possibilidade de haver uma linguagem mais apropriada para nós e que, se as cadeiras científicas fossem dadas na Escola, provavelmente poderiam encontrar um sistema mais directo com as cadeiras que tínhamos na Escola e um programa mais apropriado para a nossa formação. Ao contrário do que nós pensávamos, o Ramos reagiu bem. Ele era uma espécie de promotor e tinha a responsabilidade de nos ter aconselhado a ir para a Reforma de 57, e começou a defender, junto da Direcção Geral, a criação dessas disciplinas na Escola.” (COSTA, Alexandre Alves; entrevista de MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 462).

24 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 422.

25 *Ib.*, pp. 532-533.

26 *Ib.*

27 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 32.

28 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 537.

relatório apresentado pela Comissão Coordenadora não foi aprovado pelo Ministro.

A inclusão de alunos na comissão paritária de gestão da escola, associada a um tipo de ensino democrático, desagradou ao Ministério pelas semelhanças que tal postura apresentava com uma atitude de liberdade e diálogo; o Ministério impôs, por isso, o afastamento dos alunos dos órgãos de decisão, assim como impôs a existência de um director. Esta última imposição divide a Escola entre aqueles que aceitam o papel do director e aqueles que o rejeitam, recusando assim a mediação política que este implica. Esta recusa de um director era uma recusa ideológica que reprovava a relação de convivência entre a Arquitectura e o poder estabelecido, que recusava a Arquitectura serva de uma mensagem política e vazia de sentido autónomo, vazia de verdade. O período de recusa do desenho na Escola do Porto durou de 70 a 74 e foi também ele espelho dessa desconfiança que os alunos nutriam pela cumplicidade entre a Arquitectura e o poder.

Inserida no contexto da crescente consciencialização política e conseqüente insatisfação da população portuguesa, a Recusa do Desenho é a reacção de desgosto da Escola face à asfixia que a política infringia à Arquitectura. Absorvidos e manipulados por um sistema injusto e autoritário, todos os projectos de Arquitectura eram uma forma de pactuar com o regime. Fazer Arquitectura era, portanto, concordar e admitir um sistema político que não permitia questionamento nem diálogo, não permitia participação nem igualdade de direitos: não permitia a cidade. O que serve, então, o desenho, se todas as iniciativas projectuais seriam absorvidas pelo governo? A urgência não estava na mudança do espaço arquitectónico, estava na mudança do universo intelectual onde germina a Arquitectura. “A vida pedagógica da Escola é contaminada pela acção política, sendo os instrumentos de projecto, como o desenho, substituídos pelos manifestos e pelas reuniões. Perante o inevitável fracasso do sistema de ensino em resolver os problemas e as aspirações de professores e alunos, o fim da Reforma de 57 tornou-se igualmente uma questão simbólica, um slogan ou arma de arremesso político. O fim da Reforma de 57 e o fim dos seus métodos de ensino, fixados na expressão ‘recusa do desenho’, representavam também o fim de um modelo de arquitecto, ao serviço do estado e das empresas, o arquitecto técnico”²⁹. A radicalidade das ideias impunha o encerramento da Escola como única maneira de refundação de outro sistema de ensino, de outro papel social do arquitecto.

A ideia que a Arquitectura é apenas fruto de manipulações, é impotente, é o final da cadeia de mudanças, levou à descrença face à necessidade da sua existência como curso a leccionar. Já que o desenho não mudaria nada nem serviria para accionar o seu desejo de liberdade, os alunos de Arquitectura queriam aprender mais disciplinas científicas que lhes fornecessem ferramentas visíveis, garantidas e comprovadas. Em 1972, durante os anos da recusa do desenho, Fernando Távora era professor do primeiro ano de Projecto e, perante a recusa dos alunos e a necessidade de funcionamento das aulas, propôs um exercício de desenho de um abrigo individual. Este programa implicava a reflexão sobre o modo de vida que os alunos ambicionavam como indivíduos, o seu posicionamento perante os outros e, ao mesmo tempo, implicava desenhar essa ambição, materializá-la num espaço à escala de um corpo. Fernando Távora tinha a atitude desproblematizadora de Carlos Ramos e, aparentemente menos ingénua, admitia influências heterogéneas, mas

29 *Ib.*, p. 534.

sustentava uma posição crítica sempre atenta e analítica.

O ano da Revolução chegou e o 25 de Abril trouxe uma vida diferente para todos. A vida na Escola do Porto também se modificou e a liberdade mudou o modo dos alunos encararem o desenho. O Serviço Ambulatório de Apoio Local, SAAL, foi um dos momentos que mostrou o desenho e a Arquitectura como resposta prática a uma calamidade social, a falta de direito à habitação. Aliado ao poder, este programa usava as ferramentas da Arquitectura ao serviço da igualdade e, em particular no Porto, a sua concretização envolveu alunos e professores das Belas-Artes. Depois de o SAAL provar a necessidade do desenho, este nunca mais abandonou a Escola³⁰. A modernidade foi então domesticada e a recusa do desenho transformou-se na exigência do desenho. Este momento representou “o momento de superação das frustrações da anterior ‘recusa do desenho’, da afirmação da ‘autonomia disciplinar da arquitectura, condição de interdisciplinaridade’ e da consciência de que o arquitecto (ou o estudante de arquitectura), poderá ter um papel social essencial, face às debilidades conhecidas do contexto português, sobretudo no que diz respeito à habitação das classes mais desfavorecidas”³¹.

revolução e
SAAL

Em 1974, implementam-se as Bases Gerais, uma reforma curricular desenvolvida a partir das características identitárias da escola e dos seus contextos, que reflecte a defesa da autonomia disciplinar da Arquitectura e que promove um ensino baseado na doutrina da experiência. O que uniu todos os incidentes e fez a Escola foi uma vontade de manter o curso dentro de um quadro que não cedesse terreno a disciplinas alheias à Arquitectura³². A ideia principal era a concentração da globalidade temática necessária a um curso de Arquitectura na cadeira de Projecto. A Arquitectura era compreendida como um fenómeno que abrange complexidades, estava na pluralidade da cidade como nas particularidades do edifício ou do objecto. Como escreveu Álvaro Siza em 1978, “A ideia central das Bases Gerais em funcionamento consiste na consciência da autonomia disciplinar da arquitectura, condição de interdisciplinaridade”³³.

30 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 61.

31 FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *cit.*, p. 603.

32 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 80.

33 SIZA, Álvaro, apud COSTA, Alexandre Alves - *Textos datados*, p. 219.

O Congresso de 1948 e, mais directamente, o Inquérito e o SAAL, dois processos de encontro do racionalismo com a Arquitectura popular, são os eventos com a matéria-prima que sustentava a Escola por unirem a função instrumental do arquitecto e o âmago da revolução cultural do Moderno³⁴. De facto, são eventos derivados das duas principais ideologias dos arquitectos da ODAM e dos arquitectos que acreditavam na luta e na revolução para a concretização da aspiração moderna. As lições recolhidas destas duas experiências estavam presentes no currículo da Escola já que, enquanto metodologicamente pioneiras, corroboram o ideal Moderno da Arquitectura racionalista. No ensino do Projecto, o vínculo com a tradição deixou de ser meramente imediato, simbólico e conceptual. O desenho importava para dar sentido ao curso, as cadeiras queriam-se todas interligadas e, também por isso, os alunos tinham apenas uma nota dada por todos os professores em conjunto, numa sessão de avaliações que incluía quer a auto-crítica por parte do próprio aluno avaliado quer a heteroavaliação por parte dos colegas.

Na Escola do Porto, havia uma profunda e cúmplice relação entre obra e vida, entre obra e pedagogia. “A Escola do Porto é a emanção de uma *metodologia* – a derivar num *estilo* [...], uma convergência habilidosa e profícua entre as instâncias da modernidade e a ancestralidade do clássico.”³⁵ A Escola tinha, por isso, uma base de “conservadorismo progressista”³⁶, que se reflectia num convívio harmonioso de uma maneira de fazer com uma maneira de pensar. O resultado destas articulações, modernidade com ancestralidade e teoria com prática, em conjunto com os métodos pedagógicos necessários para as comunicar, fez surgir nestas décadas, na Escola do Porto, uma identidade, uma cultura arquitectónica, muito particular. Por um lado, os alunos relacionavam directamente a autoria das obras com os seus professores, as mudanças arquitectónicas que iam surgindo na cidade estavam directamente relacionadas com os promotores da sua aprendizagem³⁷. Por outro lado, as lições não eram apenas resultado dos projectos, as lições eram os próprios projectos, dado que a vida da escola e a vida do escritório se mesclavam continuamente. A prática pedagógica da Escola do Porto aprofundou particularmente o sentido oficial da prática, o que despoletou um círculo que baralha as causas e os efeitos. O desprezo do mistério teórico punha a ênfase na prática do desenho de projecto, cuja importância ofuscava o desenvolvimento de uma teoria. A Escola do Porto incorporou a gênese do ensino das *Beaux-Arts* acima de tudo pela absorção do carácter oficial, mas incorporou também as lógicas de aprendizagem da *Bauhaus*, com práticas como o curso preliminar³⁸ ou os exercícios de desenho e geometria. A Escola não quis reparar na incompatibilidade entre o naturalismo e as vanguardas e, por isso, no Porto essa incompatibilidade não existiu, pois ambas as forças do popular e do erudito, do Moderno e do vernacular, do clássico e do *avant-garde*, estão presentes em simultâneo e de todas elas se podem aprender valiosas lições. Na Escola do Porto, a prática estava alicerçada no racionalismo

34 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 80.

35 *Ib.*, p. 79.

36 *Ib.*

37 Cf. *ib.*, p. 26.

38 “O Curso Preliminar foi introduzido imediatamente por Itten tornando-se a base da formação prática da Bauhaus, não sendo apenas uma formação artesanal, mas principalmente “um ensino geral sobre a criação”. Com a saída de Itten em 1923 o Curso Preliminar fica entregue a Moholy-Nagy (1923-28) e depois a Josef Albers (1928-33), que após o encerramento da Bauhaus o divulgaram e implementaram nos EUA.” (MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 147).

e no funcionalismo, que, por sua vez, eram entendidos como pressupostos naturais da Arquitectura e não como teorias promotoras de debates³⁹.

Tanto Carlos Ramos como Fernando Távora, na sua semelhante atitude prática de não problematizar as já por si enigmáticas linhas da Arquitectura, questionavam as ideias e procuravam soluções de compromisso entre o pragmatismo funcional e a linguagem silenciosa dos significados. Ramos e Távora desmontavam oposições e tornaram-se assim personificações dessa convivência heterogénea, dessa indistinção entre história e presente, dessa cumplicidade entre aparentes opostos, adoptando as lições de Gropius sem arrancar as raízes da sua formação nas *Beaux-Arts*⁴⁰. “A Escola do Porto construiu a sua identidade ao longo deste processo onde, mais do que rupturas, se procurou exponenciar as permanências”⁴¹. De facto, a riqueza da Escola do Porto estava na fusão de um ensino moderno com um ensino *beauxartiano*, já que “o ensino moderno implementado na Escola do Porto sobre o currículo *Beaux-Arts* tem uma matriz mais culturalista do que científica, o que explica talvez a sua permanência, como ‘cultura de escola’”⁴².

Na viagem que realizou em 1960 com uma bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian, nos Estados Unidos, Fernando Távora diz ver muitos edifícios, mas pouca Arquitectura. As obras posteriores ao seu regresso revelam as diversas influências que colheu, particularmente nos Estados Unidos e no Japão. Como vimos anteriormente, a memória descritiva da Escola do Cedro é uma espécie de coroação de um processo de questionamento e mudança, patente quando Fernando Távora explica que *o mito desfez-se*. E, com o mito, desfez-se também a ideia de uma Arquitectura dependente de processos mentais alheios a ela, dependente de processos artísticos, técnicos, sociais. A Arquitectura é *sobretudo um acontecimento*, é autónoma na sua essência e está ao alcance de todos. Este pressuposto fenomenológico que a ideia está no sítio, que a Arquitectura é uma ideia que tem existência prévia, define a Escola do Porto, onde a Arquitectura é construção ligada à circunstância que a revela.

Esta viagem de Távora para conhecer as escolas e os métodos americanos foi um movimento comum de vários arquitectos europeus nessa década. Os modelos de ensino do arquitecto moderno eram debatidos e difundidos através dos CIAM, como já vimos, mas sobretudo nas escolas do lado de lá do Atlântico para onde os mestres tinham passado durante a Segunda Grande Guerra Mundial. “Gropius propõe uma escola colectiva, Mies uma escola personalizada, Corbusier um atelier e Wright uma escola comunitária. Todas estas hipóteses tinham como âncora uma forte relação com a prática profissional e com

pensamento
de Távora

39 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 38.

40 Cf. *ib.*, p. 37.

41 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 214.

42 *Ib.*, p. 377.

uma ética profissional, procurando ensinar para o exercício da profissão”⁴³. Estas escolas influenciam os processos de mudança do ensino na Europa, que, na verdade, estava a colher as suas próprias influências, os seus manifestos concretizados. Assim se repete a História.

Segundo Jorge Figueira, “No modelo da Escola do Porto o Projecto resume-se a um milagre hipotético que vai explicar tudo após mil desenhos do terreno. Não se explica porquê”⁴⁴. O desenho na Escola do Porto era um instrumento que permitia a percepção da realidade espacial e da direcção a dar à sua transformação. Era, portanto, um instrumento simultaneamente analítico e criativo, um instrumento completo, que continha em si o desvendar das características dos lugares, o levantamento das suas necessidades e, logo, o encontro com as soluções projectuais. No Porto, o desenho era o instrumento que melhor justificava a autonomia disciplinar da Arquitectura⁴⁵. A autonomia implica a existência de uma qualidade intrínseca à Arquitectura, que não depende das ideologias, da sociologia, da métrica ou da tecnologia, que qualifica a Arquitectura independentemente de cada uma das disciplinas que a influenciam e compõem. Essa qualidade, no limite, é a própria Arquitectura. No contexto da Escola do Porto, defender a autonomia disciplinar passava por organizar um currículo cujas cadeiras se interligavam para gerar um centro forte, o desenho de projecto, que regulava as outras disciplinas e se servia delas como complemento à formação. Este modo de ensino é possível através da articulação entre os métodos de transmissão de pensamento e o entendimento intemporal da Modernidade, articulação que por sua vez se alicerça no desenho como instrumento de síntese projectual vitruviana.

Quer o princípio do pensamento projectual apoiado na fenomenologia, que origina a defesa da Arquitectura como *sobretudo um acontecimento*, cujo lugar e cujas restantes condicionantes são preponderantes na sua constituição, quer o princípio da crença na Arquitectura como disciplina autónoma com características intrínsecas e, de certo modo, mesmo inomináveis, são dos mais importantes e estruturantes princípios orientadores da Escola do Porto. Estas premissas metodológicas, associadas ao trabalho de várias gerações de arquitectos e professores empenhados, originaram uma cultura arquitectónica singular própria da Escola do Porto. Ambas as premissas são fortemente influenciadas por ideias recentemente desenvolvidas e pelo espírito novo da primeira metade do século XX. No entanto, apesar de ser resultante da fidelidade às conquistas do Moderno, esta corrente a que chamamos Escola não incidiu particularmente em nenhuma dimensão mais específica do Movimento Moderno, não deixando de ser particularmente notória a pouca atenção que atribuiu à sua crescente dimensão técnico-científica.

43 *Ib.*, p. 174.

44 FIGUEIRA, Jorge - Encontros de Tomar 2 acta, p 12.

45 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 99.

Em Portugal, em meados da década de 1950, era mais barato construir com pedra que com betão e os sistemas de construção predominantes eram de carácter tradicional. Alimentados pelas possibilidades construtivas, formais e simbólicas do betão, os sonhos dos arquitectos recém-formados eram as coberturas planas, os edifícios elevados em pilotis, as paredes de vidro e todas essas experiências que o betão permite. Assim sendo, o objectivo destes arquitectos não era fazer o novo, inventar as formas ou descobrir as fórmulas. Pelo contrário, acreditavam que já nada era uma invenção, nada era novo, até o Moderno era um reescrever do que já havia sido feito, a vontade estava no que essa escrita significava para o país e para uma determinada cultura arquitectónica. O Moderno não era visto apenas como um projecto inacabado, como acontecia em tantos outros países cujos movimentos de continuidade pretendiam dar uma nova vida às formas modernas. Em Portugal, o Moderno era um projecto adiado que tinha ainda de começar. Deste modo, a cultura arquitectónica da Escola era sustentada pelo estudo da História, que servia de base à recusa do esquematismo que por sua vez promovia a importância do desenho como processo, como forma de pensar.

Mas, para além destas duas linhas-guia da Escola do Porto, a base fenomenológica e a luta pela autonomia disciplinar da Arquitectura, há uma outra característica, não independente destas duas, que se foi tornando cada vez mais importante para definir a identidade da Escola. Apesar de não investir particularmente no desenvolvimento técnico, a Escola do Porto entendeu a Arquitectura como um serviço público, um acto de exercício democrático e humanista, que implica civilidade, respeito e consideração pelo colectivo na sua diversidade. É a apologia da vida da cidade, “como prevenção contra os devaneios e riscos de um messianismo de gabinete”⁴⁶. O elã do todo e das partes, das partes e do todo e das partes entre si, não só é aplicado ao desenho da Arquitectura como também ao serviço que esta presta a uma determinada comunidade e ao modo como se insere e ocupa um lugar no mundo. “It refuses all eclecticism, resolutely filtering its ‘quotations’ through the lens of a modernist aesthetic. In this sense, it is an entirely modern movement and one that places its faith in the essentially public nature of all architecture [...] as against the endless reduplication of the flowers of bourgeois high culture under the guise of the painterly or the populist”⁴⁷.

Podemos considerar a Escola do Porto uma das expressões da já referida *terceira tipologia* da Arquitectura, sobre a qual escreve Vidler⁴⁸. A Arquitectura desta Escola não compactua com as teorias regressistas anti-urbanas, nem defende um mundo maquinista e funcionalista. Os seus arquitectos não são bucólicos devedores à pureza das formas da natureza, nem heróis maiores que a vida, mas acreditam no constante compromisso entre o passado e o futuro, entre a construção e a preservação, entre as linguagens urbanas reconhecíveis, e por isso confortáveis, e a sua consolidação num tempo que não se pode estancar. Esta *terceira tipologia* é uma defesa das dinâmicas de compromisso da cidade

46 FILGUEIRAS, Octávio Lixa - Inquéritos Urbanos, p. 10.

47 VIDLER, Anthony - *The third typology*, p. 294.

48 “The heroes of this new typology are therefore not among the nostalgic, anti-city utopians of the nineteenth century nor even among the critics of industrial and technical progress of the twentieth, but rather among those who, as the professional servants of urban life, have directed their design skills to solving the questions of avenue, arcade, street and square, park and house, institution and equipment in a continuous typology of elements that together coheres with past fabric and present intervention to make one comprehensible experience of the city. For this typology, there is no clear set of rules for the transformations and their objects, nor any polemically defined set of historical precedents” (*ib.*, p. 293).

tradicional, não se rendeu a utopias tecnológicas nem a abstraccionismos teóricos, não procurou respostas no tempo jurássico, nem no tempo futuro, mas procurou a consciência aguda de um presente real, a concretude de um espaço verdadeiro e a aceitação honesta de todas as condicionantes e contradições do espaço e do tempo. Assim, a *terceira tipologia* partiu de uma necessidade de integração da complexidade e conseqüente coordenação das partes para um resultado total, para uma arquitectura pública. A atitude conciliadora e aberta a vários ensinamentos aparentemente opostos que vimos personificada em Carlos Ramos e em Fernando Távora não propõe nenhuma apoteose positivista, é uma aceitação calma do espaço existente com intuito de o mudar, é precisamente uma negação total de radicalismos, de escatologias ou de axiomas.

De facto, a Arquitectura da Escola do Porto não se regia por regras nem por manifestos, mas procurava a compreensão das particularidades de cada situação, procurava o reconhecimento pleno das condições prévias para possibilitar a posterior adaptação do projecto a essas condições existentes, de modo a que o todo e as suas infinitas partes se deixassem influenciar mutuamente e fossem apenas uma Arquitectura. Deste modo, a Escola era fortemente ideológica sem o expressar em manifestos ou teorias, mas expressando-o através da intensa prática projectual. Apesar de várias vezes ao longo dos tempos ter sido apelidada de elitista, a atitude predominante na Escola do Porto era de um cepticismo em relação a formas e estilos, a atitude por parte dos seus arquitectos pedagogos era a de quem não balançava entre tendências porque mantinha a firmeza da crença na Arquitectura ao serviço de todos. Na Escola do Porto o desenho não era um fim em si próprio, a escola era “anti lápis maravilhoso”⁴⁹, mas, ao mesmo tempo, o desenho nunca era neutro, era dotado de uma hierarquia e de vários conjuntos de significados. Em concordância com o que escreve Vidler, Távora afirma que através da publicação do seu texto *O Problema da Casa Portuguesa* “juntamente com o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, lançava-se uma terceira via ou uma nova modernidade”⁵⁰.

O elã do todo e das partes, das partes e do todo e das partes entre si era uma lição constante no Porto, que podia ser aplicada nas diversas facetas da vida. A Escola defendia um modelo de compromisso com três modelos de ensino aparentemente incompatíveis, o ensino artístico, o ensino técnico e o ensino humanístico. Ainda que ao longo dos tempos seja possível detectar uma tendência mais forte para enfatizar alguma destas vertentes, a procura do equilíbrio sempre foi uma atenção permanente da escola⁵¹. A compreensão da vida era a compreensão das relações entre as suas partes, o tempo, a Arquitectura, o saber, a cidade, o espaço. E cada uma destas ideias podia ser explorada nas suas particularidades, numa assunção total da defesa da autonomia disciplinar da Arquitectura. O tempo, composto por momentos passados estudados pela História, por projecções para o futuro aplicadas no desenho de projecto, e por um acutilante sentido de presente implícito na crítica e na teoria, era uma essência congregadora da Escola, espelho muito claro da constância da lição do seu elã. “A cultura da Escola do Porto é,

49 Esta expressão é utilizada numa carta de Arnaldo Araújo a Octávio Lixa Filgueiras, escrita em Lourenço Marques, a 5 de Outubro de 1964, apud MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 487.

50 TÁVORA, Fernando - Prefácio. In RIBEIRO, Irene, *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitectura*, p. 5 (ênfase original).

51 Cf. MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 54.

nesse sentido, muito devotamente portuguesa, isto é, nostálgica do mundo todo e de cada parte em particular”⁵².

Depois do 25 de Abril, depois dos ricos e também conturbados anos que se seguiram até ao final dessa década de 70, abundantes em mudança, debate, transformação, construção, oportunidades e liberdades, a Escola ajusta as Bases Gerais até chegar ao plano de estudos que melhor reflecte as suas intenções pedagógicas. Converte-se numa Faculdade da Universidade do Porto, em 1979, volta a contratar alguns dos professores que tinham sido afastados do ensino no final dos anos 60 do século XX e prepara as suas primeiras contribuições ao nível internacional, maioritariamente através da obra de Álvaro Siza na Alemanha e na Holanda. Por ver no Moderno um projecto inacabado e na Arquitectura uma missão para o concretizar, a Escola do Porto não adere à exposição intitulada *Depois do Modernismo*, organizada em 1983 em Lisboa.

anos 1980

Os anos 1980 foram para a Escola um momento de confirmação pública e de reconhecimento exterior. Neste período, a Escola define-se por oposição declarada às tendências pós-modernistas que, vindas de Lisboa, chegam ao Porto em ruidosos ecos. Estas tendências conferem aos valores da Arquitectura correspondência directa com os valores performativos, cenográficos e representativos. O modo literal da tradução de sinal para forma que faziam em Lisboa não agradava à Escola do Porto, para a qual a cisão entre revolução e pós-revolução, aliada à promiscuidade entre cenário-realidade, verdade-pretensão, era uma traição à crença na Arquitectura.

Até meados dos anos 1980, a Escola manteve uma coerência espantosa entre os princípios pedagógicos que implementava, a Arquitectura que os seus arquitectos desenhavam e as estratégias ideológicas que defendiam para a cidade e para o território. A *terceira tipologia* estava aqui plenamente representada. Havia, portanto, uma coincidência harmoniosa entre as manifestações pedagógicas e profissionais, matéria essencial na construção de uma identidade. Dado que, por um lado, uma escola põe à prova os resultados da sua pedagogia ao final de alguns anos a ensinar uma geração, e por outro, no que diz respeito à realização da obra, a arte da Arquitectura é lenta e amiúde sujeita a inúmeros imprevistos retardatários, o reconhecimento público dessa identidade acontece sobretudo já no final dos anos 1980. Nessa época, a coerência estava a desmoronar-se, como sempre lhe acontece, e assim o interior da Escola estava a viver entre os dilemas da reputação mediática. Foi seguramente difícil lidar coerentemente com a promiscuidade que atribui a um estilo o nome da Escola onde se repetia que “o ‘estilo’ não conta; conta, sim, a relação entre a obra e a vida; o estilo é o resultado dessa relação”⁵³. Internamente, essa dificuldade transformou-se em incerteza, estagnação e numa certa inércia apoiada no

52 FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 82.

53 TÁVORA, Fernando, apud MENDES, Manuel - Fernando Távora “o meu caso” parte I convivências afloramentos afagamentos, p. 77.

conforto da boa reputação.

Muito graças à dificuldade intrínseca à auto-análise, as reacções tardaram a chegar, a actualização e a continuidade de crescimento da Escola ficaram dependentes de decisões estratégicas difíceis de tomar. O peso da herança, aliado à mestria dos arquitectos formados pela Escola, pôs em causa a direcção a dar ao desenvolvimento do ensino e, nas palavras de Jorge Figueira, “No fim da década de 80, a Escola ganha no plano público o que não consegue encontrar no plano interno: identidade e sentido”⁵⁴.

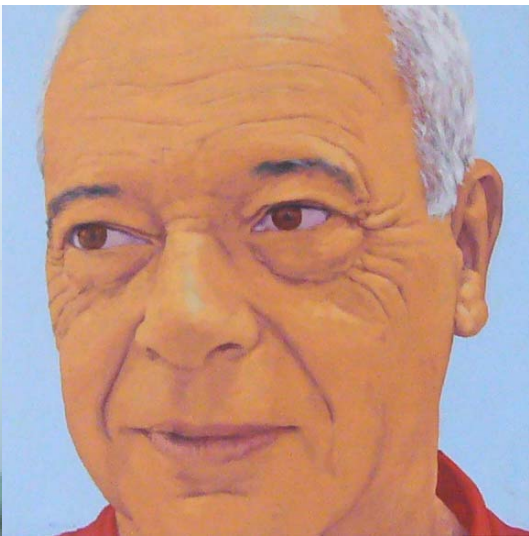
Esta é parte da História da Arquitectura Portuguesa, mas é também parte da história da vida profissional comum a dois arquitectos vencedores do prémio Pritzker, Álvaro Siza em 1992 e Eduardo Souto Moura 19 anos mais tarde. Hoje, as obras de ambos são parte deste país, algumas delas são verdadeiras ruínas, outras são abandono e esquecimento, outras são símbolos de resistência que relembram nostalgicamente o que foi a Arquitectura Portuguesa antes da crise actual, o que foi a genuinidade de uma Arquitectura que continuou o sonho do Moderno através da luta pela exaltação da sua faceta humanista. As suas obras invocam a circunstância espacial das raízes do homem, invocam o local como pertença e recusam qualquer condição apátrida ao reclamar a tradição cultural, a identidade espacial e o espírito do lugar como condições intrínsecas à Arquitectura. Estas obras nascem do repensar do Moderno aliado à flexibilidade de integração de tradição, memória, espaço e cultura, concretizando-se assim um terno “debate entre o Moderno e a arquitectura portuguesa”⁵⁵.

melancolias

Hoje, a Escola do Porto é internacionalmente conhecida, quer como presença ideológica, modo de fazer e de pensar patente em determinadas obras de Arquitectura, quer como método de ensino, de transmissão e de representação. As Bases Gerais implementadas após a Revolução continuam a ser a base do actual plano de estudos da Faculdade, já que se baseiam na autonomia disciplinar. Para nós, para Coimbra, ainda existe Escola do Porto porque aqui acreditamos nas referências espaciais, acreditamos que as memórias formam parte da realidade, que a Arquitectura é um gesto de humanismo e que os sítios são a raiz da obra.

54 FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 71.

55 *Ib.*, p. 42.



II. MEMÓRIAS DO DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Nos anos 80 do passado século, Lisboa acompanha as alterações do comportamento político com manifestações da cultura arquitectónica pós-modernista e o Porto reage a elas com distanciamento crítico¹. É neste contexto nacional, com duas escolas de Arquitectura a dominar o ensino em Portugal, que nasce a ideia de concretizar em Coimbra a terceira escola pública, a primeira do país implantada de raiz numa Universidade pública.

desconfiar da
verdade

Em Setembro de 1987, houve uma reunião da Comissão Coordenadora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, FCTUC, cujo ponto 3 da ordem de trabalhos era a criação da Licenciatura em Arquitectura na FCTUC. Refere-se “que se pretende, a longo prazo, criar uma Faculdade de Arquitectura”². Apesar de ser um acontecimento relativamente recente, não passaram ainda três décadas, pelo que pode ser difícil entender o emaranhado de relações, ideias e acções que determinaram o nascimento do Departamento.

Entre as verdades do que foi decretado mas não realizado, do que foi discutido mas não trazido a público, entre as verdades de uma história contada por muitos, entre as verdades dos jornais, as verdades das actas de reuniões e as verdades das reuniões sem actas, e entre as verdades dos diferentes relatos mais ou menos romanceados, mais ou menos emotivos, mais ou menos coincidentes, há muitas verdades na história do Departamento da Arquitectura. Como é dever dos aspirantes a arquitecto juntar o máximo de verdades, acrescentar as vivências próprias, misturá-las e criar outras verdades múltiplas e ainda menos verdadeiras, aqui poderá ler-se uma selecção dessas verdades, sem pretensões de as conter a todas e menos ainda de conter apenas uma.

No primeiro dia de Março de 88, o *Diário de Coimbra* dedica várias páginas a um *Especial Arquitectura*³ que cobre o Encontro organizado pelo Núcleo de Arquitectos da Região de Coimbra, NARC, subordinado ao tema do ensino de Arquitectura em Coimbra. Cinco arquitectos são essenciais neste debate: Vasco Cunha, Santiago Faria, José Carlos Cantante, Carlos Valente e João Nuno Mendonça Soares.

anos verdes

1 Cf. FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto. Um mapa crítico*, p. 17.

2 Ver infra, anexo III.D, p. 329.

3 Ver infra, anexo III.B, pp. 302-305.

Este tema vai sendo revisto e repensado até que, em Setembro desse ano, é apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia uma proposta de criação da Licenciatura em Arquitectura⁴ pelo Professor Ribeiro Gomes, então presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Esta proposta, nunca posta em prática na sua totalidade, visava a criação de um plano de estudos com três especializações, Arquitectura e Tecnologia, Planeamento Urbanístico e Recuperação do Património Arquitectónico. A ideia das especializações era então muito defendida pelo Arquitecto Nuno Portas, presente na elaboração deste plano de estudos⁵. No que respeita à sempre adiada proposta de criação de uma Faculdade de Arquitectura, este documento refere que “por analogia ao que se fez em Lisboa e no Porto, poder-se-ia pensar que a proposta de criação da licenciatura em Arquitectura na Universidade de Coimbra conduziria ao pressuposto da criação de uma nova Faculdade. Não sendo tal atitude, se viesse a ser tomada, em si mesma anómala, seria contudo um menosprezar das capacidades que a FCTUC contém, as quais não sendo em si próprias bastantes para o ensino da arquitectura, é evidente, são uma fonte potencial para o desenvolvimento desse ensino”⁶.

Por fim, o referido documento indica a criação da Secção Autónoma de Arquitectura, SAA, embrião do Departamento, cujo Conselho Coordenador deveria ser constituído por três professores, um dos quais designado pela Coordenadora do Conselho Científico, outro designado pelo Departamento de Matemática, pertencente à área da Representação Gráfica, e outro professor designado pelo Departamento de Engenharia Civil. O ano lectivo de 1988-89 deveria servir para o estabelecimento das infraestruturas necessárias, adiando assim o início do curso por um ano em relação à data do documento.

Em Julho, o *Diário de Coimbra* escrevia na primeira página “Arquitectura em Coimbra veio para ficar”⁷ e anunciava a abertura de 50 vagas para o curso já nesse ano. Se o proposto no documento acima referido tivesse sido concretizado, provavelmente hoje tudo seria diferente. De facto, o curso começou sem as instalações nem as infraestruturas necessárias, nesse mesmo ano, sem especializações, sem uma organização definida, coordenado pela Faculdade através do curso de Matemática. Em entrevista ao jornal, o Professor Ribeiro Gomes esclarece que “a criação da licenciatura em Arquitectura sentese como o repor de uma situação, digamos o recuperar de um direito que tinha sido suspenso. Após a reforma pombalina da Universidade, em 1772, o ensino da disciplina de Arquitectura foi integrado no âmbito da Faculdade de Matemática, então criada, e o direito de exercício da profissão era mesmo exclusivo daqueles que tivessem frequentado aquela Faculdade. Com a reforma de 1910 a Universidade fechou-se ao ensino artístico”⁸.

O primeiro ano decorre em condições precárias no que diz respeito a instalações, conteúdos programáticos, condições de leccionação e contratação de docentes. No final do primeiro ano lectivo, a 15 de Junho de 1989, o Professor João Mendes Ribeiro, arquitecto nomeado pelo NARC para ser docente da disciplina Introdução à Arquitectura,

4 Ver infra, anexo III.E, pp. 331-350.

5 Cf. ROSSA, Walter - 1. Sessão, p. 14.

6 Ver infra, anexo III.E, p. 335.

7 Ver infra, anexo III.B, pp. 307-309.

8 Ver infra, anexo III.B, p. 308.

que decorria no segundo semestre e que não tinha uma sala fixa, é citado num artigo do *Diário de Coimbra* sob o título “Para que resulte: Curso de Arquitectura tem de ser repensado”⁹. Este artigo aparece inserido numa edição especial dedicada ao V Congresso da Associação de Arquitectos Portugueses¹⁰. João Mendes Ribeiro, formado no Porto em 1986, defendia uma pedagogia centrada no desenho do Projecto, para cuja cadeira todas as outras deveriam convergir sem especializações nem outras hierarquias, à semelhança do método da Escola do Porto.

Nesse artigo, denunciava variadas falhas, a falta de peso da cadeira de Projecto em relação às restantes, a falta de uma coordenação centralizada, a falta de definição de critérios para a selecção do corpo docente e a necessidade de se definirem os objectivos pedagógicos do curso. “Tem de ser realmente um curso de arquitectura onde se ensine arquitectura – facto que actualmente não acontece, uma vez que as cadeiras de arquitectura têm um peso muito reduzido”. João Mendes Ribeiro refere-se também à relação do ensino com os profissionais de Arquitectura, à importância dos “factores que fazem com que o curso criado em Coimbra tenha características diferentes dos outros existentes no país” e à vantagem da coordenação interna entre as diferentes disciplinas. O facto de perceber que “os resultados poderiam ser mais significativos se o curso tivesse nascido direito em vez de ter nascido torto” levou ao seu afastamento como docente. Na sua conversa de despedida com o Professor Ribeiro Gomes, de novo o nome de Nuno Portas surge associado à criação do curso, mas de novo desaparece como uma sombra incerta.

Em Setembro seguinte, a Comissão Coordenadora do Conselho Científico criou a Comissão Instaladora Provisória do Curso de Arquitectura¹¹, formada pela Doutora Margarida Ramalho, que presidia, pelo Doutor Lusitano dos Santos e pelo Doutor Artur Soares Alves, substituído em Outubro de 1990 pelo Doutor José Carlos Teixeira. Foi atribuída ao curso a ala norte do primeiro piso do Colégio das Artes, espaço que foi sendo aumentado e melhorado com o decorrer dos anos lectivos. Esta Comissão Instaladora era provisória apenas até ao momento em que a integrassem arquitectos convidados da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, quando passaria a estar completa.

As razões para o convite feito ao Arquitecto Fernando Távora são difíceis de resumir. Podemos adivinhar que os motivos eram o grande prestígio deste arquitecto, reconhecido quer nas suas obras, quer na sua docência na Faculdade de Arquitectura do Porto, quer na sua participação na Comissão Instaladora dessa mesma Faculdade, da qual foi presidente. Outro factor que parece ter alguma importância na escolha de arquitectos do Porto para a Comissão Instaladora de Coimbra é a presença dos professores de Coimbra na Comissão Instaladora do Curso de Direito no Porto, proporcionando-se assim uma espécie de troca de experiências entre ambas as universidades. Podem eventualmente também ter pesado na decisão algumas ligações familiares e conhecimentos próximos entre o Arquitecto Fernando Távora e membros da Comissão Coordenadora da Faculdade. Fosse qual fosse a conjunção de motivos que levou ao convite do Arquitecto Fernando Távora, a decisão mostra-se, à luz do presente, inquestionavelmente acertada.

No entanto, não deixa de prevalecer a dúvida em relação à intencionalidade

9 Ver infra, anexo III.B, p. 316.

10 Ver infra, anexo III.B, pp. 311-318.

11 Ver infra, anexo III.G, p. 355.

da mudança de rumo que este convite implica. Talvez seja esta a primeira de muitas aparentes contradições que até hoje pautam a circunstância do Departamento. Neste caso, o que foi inicialmente implementado como um curso técnico com um currículo feito de especializações, pouco depois foi encaminhado no sentido de se transformar num curso cujas principais premissas eram a integração dos saberes num currículo centrado no Projecto. A que se deveu esta mudança? Qual o papel do Arquitecto João Mendes Ribeiro neste desvio?

Ainda que as dúvidas em relação às intenções por trás das acções fiquem por responder, o convite ao Arquitecto Fernando Távora resultou em grandes mudanças estruturais no curso. Na equipa do Porto da Comissão Instaladora, para além de Fernando Távora estavam também os professores Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares, dos quais já falámos anteriormente ao referir as contratações na Escola do Porto no final dos anos 1960, reunindo assim as condições humanas necessárias para dar início a essas mudanças que não tardaram a ocorrer. Estes três arquitectos fizeram também parte da Comissão Instaladora da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, designada em 20 de Julho de 1982 por despacho Ministerial e com posse em Janeiro de 1983. Para além de ser constituída por Fernando Távora, seu Presidente, Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares, esta Comissão também contava com a presença de Joaquim Sampaio, José Pereira de Oliveira e Maria Angelina Ramos¹².

A chegada deste grupo de arquitectos é essencial para a criação das bases da escola que existe hoje. Como foi dito no final do capítulo sobre a autonomia, a matriz pedagógica da Escola do Porto foi a matriz fundadora do Departamento. Como explica Gonçalo Canto Moniz, “Quando se jubila da Universidade do Porto, aos 70 anos e inicia uma nova Escola em Coimbra, Távora escreve um pequeno artigo no Jornal das Letras, intitulado ‘Um criador de Espaços’. Retomando o tema da organização do espaço, falamos da formação do arquitecto que se exige, por um lado, ‘vasta’, ‘quer na variedade quer no aprofundamento das matérias’ e, por outro lado, ‘sintética’, ‘centrada no exercício e na prática do projecto’ através de três campos preferenciais: ‘o da construção, o da história e o do desenho’”¹³.

A mudança do plano de estudos era a maior urgência e, por isso, nos dois anos que se seguiram este sofreu várias alterações, sempre numa procura a fim de tentar adaptar as possibilidades reais à qualidade do ensino. À medida que mais um ano começava, novos professores eram chamados para leccionar as novas cadeiras e, em 91/92, no primeiro 4º ano que funcionou no Departamento, João Mendes Ribeiro regressou para a cadeira de Projecto. Concluídos seis anos de curso, em 1993, licenciaram-se os primeiros arquitectos da Universidade de Coimbra. Entretanto, já se havia formado uma Comissão Científica¹⁴, composta por Lusitano dos Santos, Alexandre Alves Costa, António Reis Cabrita, Fernando Távora, Maria Margarida Ramalho da Costa, Raul Hestnes, José Carlos Teixeira, Domingos Tavares e José António Bandeirinha, como representante dos assistentes; já se havia convidado vários professores, entre os quais Manuel Tainha e Gonçalo Byrne, e já

12 Cf. FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *cit.*, p. 626.

13 MONIZ, Gonçalo Canto - *O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 46.

14 Ver *infra*, anexo III.I, p. 359.

Fernando Távora tinha sido doutorado *honoris causa* pela Universidade de Coimbra.

Em Novembro de 1990, um grupo de alunos organizou um dos muitos protestos que foram feitos até hoje em defesa do direito a instalações adequadas e, neste caso particular, demonstrando a sua indignação pela falta de docentes no curso de Arquitectura¹⁵. Fizeram-no através de uma conferência de imprensa na Via Latina, para anunciar que apenas pouco mais de metade da sua carga horária estava então a ser leccionada. Apesar de ter conquistado progressivamente área para funcionar, de se ter expandido até ocupar todo o primeiro piso do edifício do Colégio das Artes, o Departamento sempre travou uma luta difícil pelo direito às instalações. Também em Dezembro de 1993¹⁶ alunos e professores montaram um auditório nas Escadas Monumentais para denunciar a falta de condições. Esta acção chamou-se *Arquitectura na ruína* e decorreu após um período de duas semanas de aulas suspensas por iniciativa dos docentes.

tumultos

Por esta altura, no Departamento as cadeiras de Projecto estavam distribuídas pelas regências de Raul Hestnes Ferreira, Alexandre Alves Costa, Manuel Tainha, Fernando Távora e Gonçalo Byrne. Contavam-se três arquitectos formados em Lisboa e dois no Porto. Mas não é, obviamente, essa a maneira de reflectir acerca das influências que se reuniram em Coimbra para formar uma escola nova. Mais do que influência *per capita*, o ensino em Coimbra estava orientado para ser uma terceira via, para não querer ser Lisboa nem ser o Porto, estava a procurar uma identidade própria cujo primeiro passo foi a inicial fuga à especialização e à hegemonia técnica de um plano de estudos sem autonomia. Posteriormente, a procura da identidade foi feita de modo natural através de diálogos e de abertura às contrariedades inerentes à criação do novo, não pelo valor da novidade, mas pela junção das diferentes visões existentes.

No ano letivo 1994-95, houve uma mudança nos professores de Projecto acima referidos. Para a cadeira de Projecto do 3º ano, é convidado o Arquitecto Manuel Graça Dias. Os exercícios propostos eram uma ponte pedonal sobre a A1 com peças reutilizadas e um complexo de edificios de habitação e creche na Rua General Humberto Delgado em Coimbra. No ano seguinte Graça Dias não continuou como docente no Departamento e o Arquitecto Vítor Figueiredo entrou para regente da cadeira do 3º ano.

15 Ver infra, anexo III.B, pp. 321-322.

16 Ver infra, anexo III.B, p. 323.

A forma do claustro é congenitamente protectora, o seu interior é como um corpo quase autónomo, mas fortemente dependente dos movimentos perpétuos da respiração, que permite trocas e influências entre o que existe no exterior e o que persiste no interior. O claustro do Departamento de Arquitectura é o filtro das suas interações com o exterior. De certa maneira, esta forma sempre o tentou proteger das possíveis intempéries da produção arquitectónica, sejam quais forem as suas designações, contextos ou épocas. No entanto, algumas noites de tempestade fizeram tectos desabar dentro do claustro. Assim se desenrola a aprendizagem, entre paredes sólidas e tectos a desabar, mas sempre sem impedimentos para ver o céu. A disposição física da escola influenciou muito a sua vida e a sua pedagogia. A importância das ligações interdisciplinares foi sendo revelada nas salas de Projecto, entre conversas ao estirador. Os encontros fortuitos e inevitáveis que a galeria proporciona criam uma vivência em comunidade e os espaços informais propiciam a extensão das conversas de estirador para outras zonas do Departamento. As disciplinas queriam-se interligadas e Projecto foi sempre a cadeira com a responsabilidade e com a capacidade de fazer as ligações verticais e horizontais ao longo de todo o plano de estudos que, até 2008, estava organizado em 5 anos e um semestre de curso.

Apesar do aumento do número de escolas europeias a adoptar o sistema de ensino por ateliers com um professor por tema, o referido sistema de *Project Menu* iniciado pela *Architectural Association* de Londres, Coimbra manteve-se, até à experiência do 5º ano 2012-13, com um só tema para todos os professores de cada ano. Não esqueceu a responsabilidade que a escola tem em relação ao currículo dos seus alunos e procurou intensificar a relação entre o que se desenhava nos estiradores e as cadeiras de História e Teoria.

O claustro fez o seu papel de reunir, mais ou menos harmoniosamente, o conjunto das matérias aprendidas, uma grande parte do convívio informal entre professores, alunos e funcionários, as relações com a cidade, vários percursos de aprendizagem e a difícil e intensa gestão das ambiguidades. Porque num claustro nunca sabemos se estamos dentro, ou se estamos fora, ou se estamos simultaneamente dentro e fora, ou se não estamos nem dentro nem fora. Seis anos passados desde a chegada da comissão de instalação, quando os anos verdes do Departamento chegavam ao fim, as turbulências da adolescência tornavam urgente a definição da identidade através da afirmação consciente de uma existência reflectida.

Realizou-se então o 1º Encontro de Tomar, em Março de 95, e “tratava-se de encerrar um complicado período de constituição e abrir um novo tempo de consolidação”¹⁷. Era um momento que simbolizava a escola a crescer, a ganhar consciência de si, a fundar a sua geografia. Este encontro em Tomar foi a assunção de que o caminho andado já não permitia parar, a partir de então, só era possível seguir. O livro editado pela e|d|arq

17 COMISSÃO ORGANIZADORA - Escola de Coimbra..., p. 7.

com os relatos do Encontro, que marcou o início da editora, permite-nos perceber o que foi discutido, como e por quem, e permite-nos também entender melhor o que era o Departamento naqueles anos. No início da primeira sessão, o nome de Nuno Portas surge mais uma vez, quando Domingos Tavares faz uma breve memória do Departamento e refere que Nuno Portas não integrou a Comissão Instaladora por “razões do conhecimento público”.

Através deste livro, podemos perceber que ao longo dos dois dias que durou o encontro, os temas foram múltiplos e tantas vezes geraram consensos assumidos; procuraram-se caminhos de concordância, por serem o reflexo das bases que distinguem atitudes fortes e identitárias do Departamento. Maior ênfase foi dada ao conturbado início de funcionamento do curso, o que levava a crer na importância das alterações progressivas; a primazia da transdisciplinaridade em detrimento da primazia da pluridisciplinaridade foi outra preocupação, tal como fazer convergir as diversas áreas temáticas procurando tornar a disciplina de Projecto o momento de síntese primordial da estrutura curricular do curso. Também se considerou necessário evitar activamente quer uma abordagem abstracta e inverosímil, quer uma abordagem burocrata e pragmática do exercício de Projecto, isto é, evitar os unilateralismos. Reflectiu-se bastante acerca do lugar das disciplinas de construção em relação a Projecto, sendo que a “Construção não se ensina, mas desenvolve-se, descobre-se e pensa-se”¹⁸; também se reflectiu acerca da relação entre as cadeiras periféricas do curso e a centralidade de Projecto, e acerca do papel da tecnologia informática na escola, tão polémico então. Os espaços de fronteira entre a teoria e a prática do Projecto foram uma constante temática e acreditava-se essencial criar na escola um corpo de conhecimentos teóricos sobre a Arquitectura, sendo esse papel do docente, porque no ensino é necessário saber comunicar a Arquitectura pela palavra.

Assim, o papel do professor como catalizador de estímulos que interrogam sobre a Arquitectura, ficou claro. Paralelamente, fomentar uma maneira de olhar para a cidade em função das suas possibilidades de transformação era uma premissa irrefutável para todos. O debate considerou outros modelos de escolas e foi várias vezes informado por experiências pessoais e conhecimentos académicos sobre o modo como decorre o ensino, que afinal é da mesma Arquitectura, noutros pontos do mundo. Defendia-se a não imitação de outros modelos de escolas, em nome da procura de um método que se adaptasse à especificidade das nossas circunstâncias. Um dos modos de o fazer era evitar e contrariar a tendência para autonomizar áreas pedagógicas em detrimento da prática integrada do acto de projectar. Outro modo era a implementação do Departamento como instituição na cidade, abrindo-o à comunidade. Outro tema discutido foi a criação de um centro de estudos como maneira de exercer a profissão liberal na escola, já que era unânime que a actividade dos professores fora da escola deve ter importância dentro dela. Os presentes reconheceram-se nos discursos uns dos outros e Coimbra ganhou ali a oportunidade de ser a terceira via no ensino da Arquitectura em Portugal, com professores de várias gerações e de várias proveniências juntos e concludentes, conscientes que a presença da escola no meio era um modo de encontrar a sua substância e identidade.

“Tudo na evidência que a conquista da autonomia disciplinar da arquitectura, que faltava em Coimbra, acarreta a responsabilidade de conquistar uma escola com total

18 KRUGER, Mário - A formação técnica e as autonomias disciplinares. O lugar da construção, p. 61.

autonomia financeira, administrativa e científica. Trata-se simplesmente, de desenvolver o projecto”. Enfim, no 1º Encontro de Tomar fez-se “o mais belo e o mais fácil”¹⁹.

Considerado terminado o complexo, controverso e polémico processo de arranque do curso, o Departamento estava pronto para seguir para a fase de consolidação. No mesmo ano do 1º Encontro de Tomar, o Concurso *A Alta de Volta*, organizado em conjunto com a Reitoria da Universidade através da cooperação activa e continuada com a então Pró-Reitora Teresa Soares Mendes, apresentou várias propostas de planos de reconversão dos espaços do Colégio de S. Jerónimo, do Colégio das Artes, do Laboratório Químico e da área envolvente. O Departamento estava a influenciar a cidade que o tinha influenciado. A sua abertura ao mundo foi gradualmente criando formas diversas. A revista *ecdj* teve o seu primeiro número lançado em 1999, três anos depois da criação da *e|d|arq*, a editora do Departamento que publicou, entre muitos outros livros, *Encontros de Tomar* e *A Alta de Volta*, sendo o último um livro dedicado aos resultados do referido concurso, divulgando assim as propostas de Alexandre Alves Costa, Gonçalo Byrne, Raul Hestnes Ferreira e Fernando Távora. O Departamento sabia que devia alimentar a consciência crítica através de publicações, debates, *workshops*, comunicação.

Também sabia que é necessário pensar em si próprio, nos seus planos de estudo, na sua pedagogia e nas suas práticas. Organiza-se, portanto, um 2º encontro de Tomar, em Junho de 1997, um ano depois da tomada de posse de José Carlos Teixeira como Presidente do Departamento e um ano depois do *Workshop* de Arquitectura de Montemor-o-Velho, organizado pelo Departamento, pela Câmara Municipal e pelo Citemor/96. No 2º encontro de Tomar, desta vez em Coimbra, reflecte-se principalmente acerca de três temas, um de ordem científica, um de ordem pedagógica e um de ordem administrativa. No primeiro domínio, discutiu-se a criação de linhas de investigação; no segundo domínio, discutiu-se a reestruturação do curso, em que moldes deve ser feita e qual deve ser o peso da Prova Final; no terceiro domínio, falou-se da coordenação de horários de aulas, de calendários escolares e da biblioteca. Discutiu-se o *star system* da Arquitectura e a sua utilidade no interior da escola. Houve uma proposta para instituir a apresentação do trabalho dos professores nas suas aulas, o que gerou uma partilha de ideias discordantes em relação ao prestígio do professor depender da sua atitude dentro ou fora da escola. Em relação ao 1º Encontro, os debates, menos detalhadamente registados, recorrem à Suíça como exemplo recorrente e há menos consensos, o que talvez seja só uma coincidência.

“A artisticidade e a criatividade têm de criar um espaço pedagógico próprio: a não existência de unidade no Movimento Moderno; a não correspondência do binómio forma-função; o fim do fenómeno de vanguarda; a contemplação-adaptação, a acção-criatividade; a desqualificação crescente da interpretação arquitectónica”²⁰. É nestes

2º Encontro
de Tomar

19 COMISSÃO ORGANIZADORA - Escola de Coimbra..., p. 7.

20 COSTA, Alexandre Alves - Encontros de Tomar 2 acta, p. 6.

termos que a escola se pretende rever e é neles que projecta o seu futuro e a sua linha de acção imediata.

Talvez por isso, ainda em 1997, Álvaro Siza é doutor *honoris causa* em Coimbra e surge o Núcleo de Estudantes do Departamento de Arquitectura, NUDA, um corpo de alunos muito activo na organização de eventos e na promoção dos espaços informais de discussão de temas muitas vezes deixados de fora do espaço formal das aulas.

Nas escolas de Arquitectura, a pedagogia deve ser discutida e posta em consideração e o Departamento não se quer deixar apoderar por um silêncio podre. Em 1998, o 3º Encontro de Tomar voltou a Tomar e voltou a dar voz às ideias sobre o ensino. Este encontro contou com a presença de colegas da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, que se viram a fazer “uma espécie de viagem ao futuro”²¹, esse que só existe enquanto não acontece. Houve uma importante revisão do plano de estudos que foi posta em prática no ano lectivo 98-99. Mais uma vez, a discussão curricular incidiu sobre as áreas de estudo que se consideravam fragilizadas, como o desenho e a construção. Discutiui-se muito a relação do computador com a aprendizagem da Arquitectura, essa relação que ainda hoje é problematizada, mas cuja aceitação é mais pacífica por parte de professores e alunos, essa relação que traz à memória a frase do Arquitecto Raul Hestnes Ferreira “que coisas extraordinárias é que Piranesi faria com o computador?”²². Ainda a propósito de futuros e de lugares-comuns que é necessário dizer sobre eles, nestes encontros foi dito que “O que estamos a construir é uma estratégia. Não estamos preocupados se não se concretizar já o amanhã. Os órgãos de gestão negociarão com a Faculdade/Universidade. Temos de ganhar consciência colectiva sobre os caminhos. [...] A nossa Comissão é pura, é livre. Depois negociamos com os órgãos oficiais. Quem define a estratégia do DARQ são os Encontros de Tomar. Estou optimista.”²³.

3º Encontro
de Tomar

O Departamento viveu num clima optimista, ao longo desses últimos anos acima descritos de uma forma sumária e cronológica. As mudanças em Coimbra foram-se desenrolando e alguma influência foi sendo exercida pelos arquitectos novos na forma da cidade, novos quer por serem recém-formados, quer por terem sido recentemente atraídos para este contexto graças ao Departamento. Fernando Távora desenha a Praça 8 de Maio e o auditório da Faculdade de Direito. Às ignorantes críticas tecidas no *Diário de Coimbra à Praça*, é dada uma resposta assinada pelos Arquitectos Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Jorge Figueira, José António Bandeirinha, Mário Kruger, Raul Hestnes e Rui Lobo, que nunca chegou a ser publicada nem obteve resposta²⁴. Entre outras intervenções cívicas protagonizadas por arquitectos do Departamento, conta-

21 OLIVEIRA, Maria Manuel - Encontros de Tomar 3, p. 58.

22 FERREIRA, Raul Hestnes - *cit.*, p. 71.

23 COSTA, Alexandre Alves - Encontros de Tomar 3, p. 46.

24 Ver infra, anexo III.C, pp. 325-327.

se também *Coimbra Um Novo Mapa* em 2000; *Carta Constitucional para Coimbra e Conselho da Cidade*, em 2001; *Inserções, Relvinha CBR_X, Cidade Sofia, SMS : SOS - A Nova Visualidade de Coimbra*, em 2003; e as muitíssimas obras, construídas e escritas, com que vários arquitectos professores do Departamento contribuíram para fazer cidade em Coimbra.

Dentro do Departamento, procurava-se abrir ao exterior a reflexão acerca da pedagogia. O 4º Encontro de Tomar, um desses que *define a estratégia do DARQ*, foi um dia em Maio de 99 no Teatro Paulo Quintela. O tema era *Construir uma Escola* e contou com a presença de Alexandre Alves Costa, Gonçalo Byrne, Mário Kruger, António Reis Cabrita, Paulo Varela Gomes, Raul Hestnes Ferreira e Paulo Mendes da Rocha. Neste encontro, procura-se “contornar a habitual elencagem de problemas [...], que, por serem sempre os mesmos ou já estão resolvidos ou são irresolúveis”²⁵. Neste sentido, a conversa desenvolve-se em torno de temas abrangentes, de desafios de uma escola pequena que aos 10 anos se quer sentir legitimada e em torno dos caminhos que fazem da Arquitectura uma disciplina de diálogos com contradições e do ensino da Arquitectura uma tarefa de absorção de complexidades, herdeira do Moderno. As perguntas são muitas, na verdade são infinitas pela liberdade da sua formulação. Como conduzir os dez anos seguintes do Departamento? Do sonho que um dia constituiu o Departamento, o que é que foi alcançado? O que falta ser sonhado? Coimbra via a Arquitectura como uma acção cívica e integrava diferentes abordagens à disciplina de um modo informal, fugindo a dogmas ou a direcções unilaterais. No mesmo ano de 1999, decorre o primeiro doutoramento do Departamento de Arquitectura, realizado por um historiador, e um ano depois o segundo doutoramento, realizado por um artista plástico. Isto reflecte a abertura do estudo da Arquitectura como modo de saber através da sua integração em várias áreas do conhecimento, através de todas as suas vertentes. Quando a disciplina estava assegurada, podia ser abordada a partir de vários prismas, enriquecendo com diversidade as linhas de pensamento que convergiam no Departamento em Coimbra.

Naquele que foi o penúltimo dos Encontros de Tomar, a Arquitectura foi defendida como meio de intervenção cultural não sujeito às leis de mercado, conforme proposta por Le Corbusier. A abertura do Departamento ao exterior voltou a ser discutida, desta vez com uma crítica à imobilidade existente na falta de esforços nesse sentido. Discutiram-se os exames obrigatórios no ensino secundário para entrada no Departamento, em comparação com outras escolas, o número de alunos em relação ao número de professores, as vantagens de conseguir providenciar um estirador por aluno com possibilidade de ser utilizado durante 24 horas ao longo de todos os dias da semana, discutiu-se a revisão do plano de estudos de acordo com o que Alberti pressupunha serem as cadeiras essenciais à Arquitectura e as que o arquitecto deveria conhecer, mas não dominar. Considerou-se

4º e 5º
Encontros de
Tomar

25 FIGUEIRA, Jorge - Algumas premissas para um dia de debate, p. 26.

globalmente que “este percurso ao longo de uma década de peregrinação pela FCTUC”²⁶, expressão graciosa, conseguiu estabelecer relações de equilíbrio nas zonas fronteiriças entre as diversas áreas disciplinares que apoiam o ensino da Arquitectura. As instalações, como não podia deixar de ser, voltam a fazer-se um tema de contestação, que se mantém constante até hoje.

Concordou-se que na escola é necessário aprender que, em Arquitectura, a crítica social e cultural deve ser a crítica formal, não pode haver separação. E foi essencialmente graças a esta concordância estrutural que se construiu o entendimento que o único futuro aceitável para o Departamento é ser Faculdade. Foi também graças a ela que o pensamento sólido e perene de Alexandre Alves Costa foi partilhado por todos: “A minha angústia é que a Arquitectura vai dar forma ao futuro e é isso que coloca a questão do seu ensino numa dimensão de responsabilidade social e ética e o que sinto necessário hoje é a abertura corajosa de um debate alargado sobre o tema que incluía as necessárias clarificações críticas sobre a produção contemporânea”²⁷.

Esta recusa de desligar a Arquitectura e, conseqüentemente, o seu ensino, da responsabilidade ética é uma forte característica de Coimbra, que voltaremos a referir mais adiante no próximo capítulo. Raul Hestnes Ferreira, no 4º Encontro de Tomar, disse que, para si, o Departamento tem “uma certa semelhança com o desenvolvimento de uma família. A família também tem pais, tios, primos, depois tem de tudo, tem pessoas muito sensatas, tem loucos, e até vigaristas, digamos assim [...] há escolas que se desenvolveram muito mal, não se sabe porquê. [...] E há outras que, apesar das suas crises, possuem um fluxo de saber e nobreza que permanece e que marcam para sempre o seu destino, e espero que esta seja uma delas”. No entanto, para tal acontecer, “sente-se a necessidade de outras iniciativas que não surgem para apoio do curso”²⁸.

Paulo Varela Gomes diz, referindo-se à Pousada no Mosteiro do Bouro de Eduardo Souto Moura, que “o que é preciso que uma escola faça é dar origem [...] a projectistas que pensem qualquer obra através desta amplitude, deste desejo de saber e fazer”²⁹. Fica assim explícita a resposta a uma pergunta que Jorge Figueira não colocou a Paulo Varela Gomes, mas colocou a Gonçalo Byrne e Alexandre Alves Costa, acerca do Departamento dever procurar formar arquitectos ambiciosos e completos ou médios e correntes. No mesmo texto, sobejamente conhecido, Paulo Varela Gomes apela à capacidade integradora de saber numa “escola capaz de publicar tanto um projecto como um texto filosófico, tanto imagens de arquitectura como imagens de vídeo, capaz da mais rigorosa investigação teórica e histórica e da mais provocatória emissão de manifestos”³⁰.

Pouco tempo depois, Mário Kruger substituiu José Carlos Teixeira na presidência do Departamento. Se no primeiro Encontro havia beleza e consenso, no segundo ordem e pragmatismo, no terceiro dúvida e optimismo, depois deste 4º Encontro de Tomar em 1999, havia convicções perspicuas sobre os sítios a alcançar pelo Departamento, ainda que tivesse faltado a definição dos caminhos a percorrer até lá. Era nítida e assumida a

26 KRUGER, Mário - Uma autobiografia prospectiva do departamento de Arquitectura da FCTUC, p. 29.

27 COSTA, Alexandre Alves - Cinco pensamentos de nexos inexplicáveis, p. 64.

28 FERREIRA, Raul Hestnes - *cit.*, p. 69.

29 GOMES, Paulo Varela - Entre Coimbra e o mundo, p. 51.

30 *Ib.*, p. 51.

necessidade de uma escola mais completa no entrançar dos saberes, mais forte na criação de convicções e bases sólidas de pensar, com mais vontades dinamizadoras, mais presença numa cidade com uma Arquitectura mais una, nunca descomposta, nunca repartida, nunca um *puzzle*, mas antes uma corrente líquida com infinitos componentes indissociáveis que ao espalhar-se desaparece.

Mais tarde, em Outubro de 2003, os docentes do Departamento voltaram a reunir-se para discutir a escola e para falar das suas dinâmicas e rumos³¹. Desta vez, fizeram-no na Figueira da Foz, no Hotel Ibis. O 5º Encontro de Tomar, cujas actas nunca foram publicadas, foi o último destes encontros até hoje. Foi com uma grande dose de polémica que se deixou quase encerrada a porta deste conjunto de reuniões que, ao longo de oito anos, sugeriram caminhos para caracterizar tantas importantes facetas do Departamento. Depois de se ter reflectido proficuamente sobre a pedagogia e o ensino, os planos de estudos, as linguagens adequadas e os modos de transmissibilidade da Arquitectura, a abordagem de um tema particular levou ao encerramento antecipado deste Encontro e, talvez, ao término do ciclo dos Encontros de Tomar. Um problema acerca do encerramento do Centro de Estudos de Arquitectura fez com que o debate se centrasse neste tema que, pelas susceptibilidades que feriu, gerou uma séria polémica.

Ainda que este último Encontro não esteja particularmente bem documentado, pelo desentendimento que gerou, a *ecdj* é uma das memórias de todos estes e outros acontecimentos que vão construindo o Departamento. Segundo Pedro Baía, nesta revista, ao longo das suas 12 publicações, “podemos distinguir duas atitudes: uma mais emotiva, heróica [...] e uma mais racional, pragmática”³². No seu segundo número, para além dos dois últimos encontros de Tomar, fala-se dos *10 anos de arquitectura no Colégio das Artes*. Esta edição termina com a já referida conversa entre Gonçalo Byrne e Alexandre Alves Costa, moderada por Jorge Figueira: no Departamento o desejo de ser arquitecto é alimentado pela responsabilidade da transformação do real. A entrevista aborda vários assuntos, alguns aprofunda-os de um modo inquietante, outros toca-os apenas para gerar inquietação. Vê-se neles uma escola que nasceu com muito de oportunidade, muito de desejo e muito de sonho - Coimbra como uma cidade entre centros, mas sem que isso lhe confira centralidade, uma cidade que se cristalizou e que aspira a um estatuto que já teve, mas que não voltará a ter, uma cidade que devia antes procurar o seu verdadeiro valor e o seu verdadeiro lugar no presente como cidade média europeia.

Talvez como a própria cidade onde se insere, “o Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, alojado no claustro do Colégio das Artes, sofre de claustrofobia. Ou seja, tem medo de espaços fechados, pânico de ficar encurralado, receio de sufoco”³³.

31 Ver infra, anexo III.L, pp. 366-371.

32 BAÍA, Pedro - Uma leitura da revista *em cima do joelho*.

33 *Ib.*

Isto explica grande parte da motivação que criou a revista *nu*, em 2002, uma revista feita pelos alunos. A *nu* surge como uma procura de um espaço para debater os assuntos que não eram abordados formalmente. Como reação à *ecdj* dos professores, esta revista surge para dar voz aos alunos do Departamento. Os espaços informais de aprendizagem são igualmente importantes, mas para além desta, há várias fugas possíveis à claustrofobia, das quais já foram realizadas algumas, como a *Homeless Monalisa*, a *Murphy*, *workshops* e conferências, publicações...

O ano lectivo 2008/2009 traz consigo uma grande mudança, a integração do curso no Acordo de Bolonha. O Departamento de Coimbra e as Faculdades de Arquitectura da Universidade do Porto e da Universidade Técnica de Lisboa tinham planos de estudos para a adaptação ao Processo de Bolonha que não viram aprovados pela Direcção-Geral do Ensino Superior. O que as três escolas pediam era um tempo mais alargado, no caso de Lisboa 11 semestres, no caso do Porto e Coimbra 12 semestres, que tornassem possível a manutenção da carga horária do curso. As três escolas foram obrigadas a encurtar os seus currículos e no Departamento as mudanças originaram a existência de um 6º ano que, apesar de não existir no plano de estudos, existe para a larga maioria dos alunos. No actual Departamento pós-Bolonha, não podia ser mais adequada a frase de Gonçalo Byrne “O plano de estudos é a face visível do iceberg da estrutura institucional, e, como tal, tem uma essência mais conservadora que a própria essência da vida académica”³⁴.

Bolonha
chega ao De-
partamento

Após a entrada em vigor do novo plano de estudos que respeitava Bolonha, foi criado, em conjunto com o Departamento de Engenharia Informática, o curso Design e Multimédia. É também em 2008 que o Colégio das Artes conquista a condição de Unidade Orgânica da Universidade de Coimbra em funcionamento no piso térreo do mesmo edifício do Departamento. Mas as mudanças que não aconteceram também são importantes no decurso desta história. O Departamento não chegou a ser uma Faculdade e as suas condições físicas pouco se alteraram em relação ao seu inicial estado de degradação.

Apesar das pequenas obras de manutenção e de transformação do espaço que já foi escola, residência, hospital e é de novo escola, ainda muito há a fazer pelo edifício, quer pelo seu valor intrínseco, quer pelo valor da actividade que cá se desenvolve dia e noite. As contestações em relação às condições físicas da escola infelizmente continuaram a ser pertinentes ao longo de todos estes anos e são-no mais de dia para dia. Em 2012, o *Dia D* do Departamento e o Colóquio *Ensinar pelo Projeto* foram dois eventos de reflexão sobre pedagogias e ensino de Arquitectura. Pela primeira vez, no ano lectivo 2012-2013, o Departamento adopta um sistema de ensino de Projecto V com ateliers separados por tutores e por temas e a cadeira de Seminário começa a ganhar novos contornos que pretendem, sem descurar a importância da qualidade nas teses de mestrado,

34 BYRNE, Gonçalo; entrevista de FIGUEIRA, Jorge - OK técnico, p. 97.

torná-las operativas no universo académico pós-Bolonha. Hoje, existe em Coimbra um Departamento que, ao longo de vinte e três anos de existência, várias vezes e de diversas maneiras confirmou que considera importante falar da escola, pensar nela, reestruturá-la e ser interventivo nos seus próprios rumos.

A escola quer ouvir e falar, precisa dessa troca constante de ideias porque é composta por dinâmicas entre pessoas. Tem, por isso, procurado desenvolver uma programação de eventos que lhe permitam comunicar. Mas não só em conferências, exposições e *workshops* se encontram os meios para tal necessários. A criação de momentos internos de debate, como pontos de situação colectivos no final de cada semestre que sirvam de balanço e de questionamento do rumo da escola, ou a estimulação dos espaços informais de encontro e de troca de ideias em forma de convívio são ideias simples para um futuro.

futuros

Uma história contada com um desenvolvimento por ordem mais ou menos cronológica é, como todas as recapitulações de passados, uma necessidade, mais ou menos assumida, de projecção de futuro. Que futuro é então este, contido entre os quatro lados de um claustro? O que poderemos encontrar ao fazer a explosão desses lados? Quantas dimensões fundam a identidade do Departamento? Qual dos lados do quadrado encerra a atitude heróica e qual encerra a atitude lógica? Que projectos estão para nascer das maquetes e dos desenhos pousados em cima dos nossos estiradores?

Segundo Gonçalo Canto Moniz, “A criação dos novos cursos na Faculdade de Ciências, como em Coimbra (1988), Guimarães (1996) e Lisboa, no IST e no ISCTE, gerou processos de reacção semelhantes aos da década de 1960 pela afirmação da autonomia disciplinar da Arquitectura, quer ao nível pedagógico, onde as disciplinas científicas foram sendo retiradas dos planos de estudo, quer ao nível da investigação, onde os critérios científicos invadem e condicionam o campo da Arquitectura. Perante este difícil equilíbrio entre a Arquitectura e a Ciência, os métodos do ensino moderno, nomeadamente a ideia da coordenação e da experimentação, poderão ser um contributo essencial para conciliar estas duas dimensões da aprendizagem”³⁵.

Em Coimbra, a escola está no palco da pós-modernidade a declamar a perenidade da modernidade renovada porque crê que há no Moderno um projecto a ser continuado, um projecto de convicções assentes na Democracia, de convicções acentadas na natureza urbana do Homem e de convicções assentes na autonomia da Arquitectura, porque crê que os fenómenos do tempo e as próprias condições do presente vão modificando esse projecto tornando-o actual. O Departamento sempre viveu bem entre incoerências, despropósitos, nostalgias, discordâncias, complexidades, nuances, subtilidades, inadequações, antíteses, oxímoros, paradoxos, repetições... A correspondência directa entre o cenário e a peça não deveria ser motivo de preocupação no Departamento, há até um certo gosto pelo cultivo da intemporalidade e subsequente camuflagem, quando se faz parte de uma Universidade

35 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 551.

com sete séculos de existência. No entanto, se há algo que, sim, deveria ser motivo de preocupação, para o Departamento, é a falta de convicções para ser. Estas convicções sempre foram uma necessidade para as Escolas. Gropius escreve em 1938 o *Blueprint for an Architect's Training*, Ramos escreve em 1950 uma proposta de novas orientações para a Escola do Porto, Alexandre Alves Costa em 2006 escreve o *Learning from Coimbra*³⁶.

Mesmo nos momentos de dificuldades e debates, desorientações e cisões, a presença de convicções que possam ser discutidas, criticadas, estudadas e repensadas é o motor de uma escola. Não encontrar um novo sistema que possa substituir o actual ou colmatar as suas falhas não é dramático, o que poderá sê-lo é a possibilidade de não procurar soluções com o empenho e com a vontade de ser motor intelectual na vida da cidade, na vida dos estudantes, na vida dos professores, no mundo. Heróicas ou pragmáticas, são necessárias convicções que apontem direcções e que despertem vontades de reflectir e criar. Uma desorientação constante, fruto em parte da dinâmica de reflexão sobre ele próprio, pode bem ter sido o maior elã do Departamento até à viragem do século, por ser também o impulsor das convicções que o sustentavam. Quando essa desorientação existe somente em si própria, é oca ou alimentada de mediatismo, é contestação vã ou cenário sem peça, é forma sem teor ou palavra sem silêncio, ela faz a estagnação no Departamento. Estes marasmos e irresoluções desconvidos precisam de ser superados, ou talvez substituídos, transformados não em acções mediáticas pela necessidade de lançar fogo-de-artifício para o mundo reparar, mas antes transformados em outras desorientações anacrónicas com uma inclinação mais compenetrada na melhoria da qualidade do ensino da escola. De facto, ser logicamente heróico e emotivamente pragmático, isto é, fazer *o mais belo e o mais fácil*, pode ser bem difícil.

36 Ver infra, anexo III.A, pp. 297-300.



III. ESCOLA É IDENTIDADE?

Actualmente, devido às mudanças no papel do arquitecto como profissional liberal que se vivem no contexto da crise financeira da Europa, o debate acerca das suas funções profissionais é cada vez mais intenso. De facto, um diploma de Arquitectura não determina uma profissão. Segundo um estudo realizado com estudantes do Reino Unido, trinta anos depois de se formarem num curso de Arquitectura, apenas aproximadamente 20% dos alunos praticam a profissão liberal¹. Assim, a formação deve ser orientada para o ensino de um modo de pensar, de um processo intelectual, para que este modo possa ser aplicado de acordo com a situação com que se deparará o futuro arquitecto.

Ainda antes de procurarmos palavras de conclusão como tentativa formal de conferir um desfecho ao que tem vindo a ser escrito, dedicamos este texto a questões de identidade nas escolas. O tema é movediço e pode ser abordado sob vários prismas. Usaremos a Arquitectura para procurar entender as diversas condições que convergem na formação de uma escola e da sua identidade. Buscaremos essas condições particulares no Departamento de Arquitectura de Coimbra como forma de conhecer melhor esta escola.

Há algo de comum em todas as escolas, elas ensinam a linguagem da Arquitectura, uma linguagem que pode ser utilizada de muitos modos, que pode ser falada em vários idiomas. A escola tem uma grande importância no processo de formação e desenvolvimento da cultura arquitectónica. A identidade de cada escola é determinada por um inúmero conjunto de factores, desde a maneira como a linguagem da Arquitectura é ensinada, até ao espaço que a escola ocupa, passando pelo plano de estudos, pelos pressupostos culturais onde está inserida, pelo sistema de aceitação de alunos, de avaliação, de contrato de professores, etc. Depois de perceber a história e as origens do Departamento de Arquitectura, procuramos entender a sua identidade hoje no contexto das restantes escolas portuguesas e europeias. De facto, a identidade de uma escola não pode ser reduzida a uma soma de características, mas procuraremos decifrar quais os mais acentuados atributos do Departamento e quais as suas repercussões nos arquitectos e na Arquitectura que ajuda a formar. Pensar sobre a escola é uma atitude que promove o seu melhoramento. O auto-conhecimento permite a decisão consciente da direcção a seguir.

Na escola primária, aprendem-se regras de linguagem, as letras que são ensinadas de um modo canónico, as palavras que elas formam e, por fim, aprende-se a construir frases e significados que conferem ao indivíduo mais liberdade. No ensino da Arquitectura passa-se o mesmo: é preciso aprender uma nova linguagem que começa com um conjunto de regras mais rígidas e, mais tarde, talvez só depois da escola, aprender a construir frases com essas letras. No início, certas aprendizagens podem não parecer ter sentido, mas

¹ FLAMMER, Pascal; ZUBER, Raphael; entrevista de PENN, Samuel - Architecture and Education.

com o decurso da aprendizagem, elas ganham contornos mais definidos. Compreender a linguagem não significa saber construir uma obra de Arquitectura. É importante compreender a necessidade de cada passo e compreender que não se pode começar por construir frases sem antes ter aprendido letras. É tentador querer dominar toda a linguagem desde o início, mas isso leva apenas a um controlo superficial, ou seja, ao controlo do estilo e da moda da altura, que muda constantemente e cada vez mais rápido, por isso é difícil discernir o que está certo. Como há muitas culturas, há muitas línguas, são todas diferentes, têm regras diferentes e também mudam com a passagem do tempo. A educação ensina algumas delas, mas sabê-las todas é difícil. Essas línguas, como todas, são uma construção da realidade, e portanto um modo de identidade².

Para além desta linguagem dos sinais construídos própria da disciplina, também os termos linguísticos aplicados pela teoria e pela crítica de Arquitectura têm de ser aprendidos. O novo vocabulário da Arquitectura espelha o que ela tem vindo a mudar. “Folds, blobs, nets, skins, diagrams, all words that have been employed to describe theoretical and design procedures over the last decade, and that have rapidly replaced the cuts, rifts, faults, and negotiations associated with deconstruction, which had previously displaced the types, signs, structures, and morphologies of rationalism”³.

Este novo vocabulário, que reflecte tendências da Arquitectura, também se transfere para as salas de simulação de projecto das universidades, com maior ou menor resistência por parte da escola e dos seus docentes. No mundo mercantilizado da educação de massas no qual as escolas de hoje vivem, a tendência é para procurar algo que as torne únicas, buscar um invento inovador que as distinga. Mas, já se sabe, nada de novo se inventa, já tudo existe à nossa volta e nos recantos das nossas memórias. Assim, no sentido de se destacarem, as escolas normalmente avaliam a sua posição em relação a outras, seja numa escala relacionada com os avanços técnicos, com os avanços teóricos, a qualidade das instalações ou o currículo dos seus professores. O programa *Erasmus* e a maior mobilidade que o Processo de Bolonha permite, tornam cada vez mais comum a participação dos alunos numa experiência de intercâmbio que lhes proporciona o conhecimento de outras identidades, de outras escolas. Não é possível nem desejável defender apenas um entre tantos modos de ensinar, escolher uma entre tantas escolas diferentes, escolher um entre tantos bons caminhos para experimentar.

Outra dúvida que surge neste processo de abertura das escolas a um infinito conjunto de culturas e processos de globalização que as reprimem, está relacionada com a âncora que guia o estudante ao longo da sua aprendizagem, esse fio de Ariadne que já referimos anteriormente. Actualmente, o ensino da Arquitectura está perdido no caos do seu contexto profissional, o que faz com que os estudantes procurem a genialidade individual, normalmente na forma de aberrações estilísticas, de ideias inovadoras e de imagens chamativas, para poderem lidar com a realidade que os espera. A partir da pergunta “What and who should the student or young architect believe and use as a starting point?”, Hertzberger formula outras questões importantes, “Today there is an abundance of ideas, and a formidable range of theories, viewpoints, and expressive means at our disposal is unique in history. [...] How can architectural training keep pace with

2 Cf. MARKLI, Peter; entrevista de PENN, Samuel - *Architecture and Education*.

3 VIDLER, Anthony - *Warped Space*, p. vii.

this complex and unmanageable situation? Certainly not by simply forcing a particular direction or style on the student”⁴.

Há diversos modos de funcionamento que uma escola de Arquitectura pode adoptar e adaptar às suas circunstâncias próprias, de forma a não descurar a qualidade da aprendizagem. Há muitas maneiras de organizar os espaços de ensino, muitas maneiras de distribuir programas, de construir planos de estudo, de criar currículos, de contratar professores, de admitir alunos, há muitas maneiras de uma escola ser. Como vimos na primeira parte deste trabalho, é difícil atribuir categorias às escolas porque as escolas mudam e as categorias também e, acima de tudo, porque essa atribuição não permite nenhum raciocínio para além da falsa tranquilidade intelectual que a artificialidade da ordem sempre nos traz.

É amiúde nesse sentido de acalmar os entrópicos espaços mentais que todos habitamos, que se considera desejável e se procura a definição de uma identidade para cada escola de Arquitectura. Ao longo do século XX, o século dos manifestos, houve vários momentos-chave de questionamento da Arquitectura, momentos esses que originaram escolas com correntes de pensamento com uma forte identidade. A Escola de Amsterdão, a *Bauhaus*, a escola de Ulm, a Escola do Porto fazem-nos crer na possibilidade de cada escola ter a sua identidade vincadamente associada a uma ideologia pedagógica. De facto, com mais de duas dezenas de instituições actualmente a leccionar cursos de Arquitectura em Portugal, é necessária uma grande força de vontade para encontrar uma identidade específica para cada uma delas. Este número tem vindo a aumentar desde os finais dos anos 1990, quando já se podiam contar 19 cursos entre públicos e privados⁵.

As escolas que temos hoje, como foi dito anteriormente, são fruto de dois acontecimentos que marcaram o ensino da Arquitectura ao longo do século passado, a *Bauhaus* e o Maio de 68, ambos momentos de acutilante tomada de consciência do presente e da sua condição, ambos momentos de atenta adaptação dos paradigmas de ensino. No entanto, apesar de todas serem fruto de uma história comum, dentro das características do ensino contemporâneo, as escolas podem ter abordagens radicalmente diferentes. Como em todas as tentativas de classificação, há escolas que não se adequam a nenhuma classe, há escolas que se adequam a todas as classes, há classes que só são adequadas a uma escola, há classes que são adequadas a todas as escolas. Para além disto, também há mudanças contínuas que afectam as escolas, que fazem delas objectos em mutação constante, organismos vivos. Encontrar a matriz da identidade de uma escola é, portanto, tarefa difícil, talvez impossível, e de utilidade discutível. Várias visões propõem que as identidades das escolas se diferenciam através da sua ambição cultural, e defendem que preferencialmente as escolas devem aplicar o discurso cultural numa perspectiva

4 HERTZBERGER, Herman - *cit.*, p. 52.

5 COSTA, Pedro Campos - O fim do princípio, pp. 70-71.

global. De um modo geral, podemos considerar que as concepções de Arquitectura de cada escola definem a sua matriz e a sua identidade, mas com os múltiplos discursos das escolas divididos em centros de investigação, centros de estudos avançados e outros organismos complexos, é quase impossível encontrar essa matriz agregadora. A definição de Arquitectura de cada escola é ambígua não só porque muda ao longo da História, mas também porque simultaneamente há múltiplos discursos. No entanto, é possível identificar os seguintes modelos que são apenas simplificações: *escola politécnica* e *escola-atelier*; *escola Project Menu* e *escola de Projecto Único*.

Há diversas direcções possíveis que cada escola pode tomar, estando sempre sujeita ao seu contexto político, universitário, financeiro e social. Uma escola pode apostar mais em áreas específicas do saber, apostar mais no processo manual ou no digital, formar mais aprofundadamente na área da construção, na área da representação, na área da filosofia, ou dedicar mais o seu ensino às questões tectónicas, às questões acústicas, às questões da teoria, às questões da materialidade ou às questões da história de um período específico. Mas, como tem sido escrito ao longo deste trabalho, pensar o ensino de Arquitectura isoladamente não é profícuo, é preciso pensar a Arquitectura. Assim, como facilmente se deduz dos exemplos de escolas acima referidos, quando falamos da identidade de uma escola de Arquitectura, temos inevitavelmente de falar da identidade de uma cultura arquitectónica.

cultura ar-
quitectónica

A escola, como a Arquitectura, é sensível ao contexto e varia com muitos factores externos. Como a Arquitectura, uma escola depende muito do contexto cultural em que se insere e é muito susceptível às características próprias desse contexto. Logo, apesar de ensinarem a mesma disciplina, escolas em países diferentes podem ter métodos divergentes. Mas a relatividade de tudo, por ser tão verdadeira, às vezes pede-nos limites. De facto, há métodos melhores e piores, mais ou menos bem adaptados ao contexto cultural a que pertencem.

A existência de uma escola de Arquitectura pode proporcionar o desenvolvimento de uma nova cultura arquitectónica, através da convergência de várias diversas visões sobre a Arquitectura. A necessidade de as tornar compatíveis, a urgência de fazer operativos, como um todo, pensamentos diferentes acerca da Arquitectura e a premência de os tornar consensuais nas suas bases mais latas, proporcionam o aparecimento de um entendimento particular da Arquitectura. Esse entendimento é como a junção de várias cores que revela uma cor diferente de todas elas, que se reflecte em diversas vertentes, é o que gere a escola e orienta as suas decisões, é uma cultura arquitectónica, é uma identidade.

Podemos considerar que a predominância de certas características metodológicas, certos conteúdos ou certas propriedades de outra natureza podem tornar uma escola inconfundível e especial. De facto, a conjugação de todos esses aspectos confere particularidades mais ou menos únicas a cada escola, mas nenhum deles individualmente define uma identidade, o que contribui para assegurar que o ensino da Arquitectura é

o conjunto inominável desses aspectos. Este ensino não é, portanto, composto por um somatório de várias disciplinas, mas sim pela existência de uma disciplina autónoma em si própria, a Arquitectura. Há muitas outras disciplinas que auxiliam o seu ensino e há muitos instrumentos e muitas metodologias para ensinar Arquitectura, mas é preciso que todos eles sejam operacionalizados e se submetam ao objectivo da aprendizagem, não deixando que seja a Arquitectura a ser operacionalizada em função das outras disciplinas. Numa escola, é importante que seja a Arquitectura a controlar os métodos e não os métodos a controlar a Arquitectura. Assim, todas as matérias se interligam porque não pode haver uma prática se não houver uma teoria e vice-versa. A identidade da escola só pode morar na identidade da Arquitectura e esta não pode ser forçada, surge com as condições que a criam.

A Arquitectura implica um contacto directo com o público, com a indústria, com o poder, e implica a percepção do desejo democrático. Logo, considera-se sempre essencial que o arquitecto esteja aberto ao diálogo e atento às diversas vozes envolvidas na transformação espacial pela qual este é responsável. Este esforço no sentido da democracia deve ser incentivado em todos os momentos do ensino, não apenas no ensino superior. Para educar para uma atitude, urge praticar essa atitude. A escola é um momento de aprender modos de colaboração e interajuda, dos quais derivam a auto-estima e a segurança, porque para os estudantes se ajudarem e confiarem uns nos outros é necessário incentivar a cooperação desde cedo no sistema de educação. Porém, como já vimos na primeira parte deste trabalho, muitas vezes é o oposto que impera nas escolas, sempre que os métodos de ensino da Arquitectura são baseados na ideia do arquitecto como uma estrela, um indivíduo cujas capacidades pessoais únicas criam obras de grande impacto, não se valorizando o trabalho de equipa, o que por si só impossibilita uma atitude positiva dos estudantes perante a colaboração⁶.

Segundo David Nicol e Simon Pilling, existem cinco princípios de ensino que devem ser sempre tidos em consideração ao longo do processo de aprendizagem, independentemente do método utilizado: aprender é um processo activo e não passivo; reflectir enquanto se aprende, desenvolve mestria e conhecimento para a prática; aprender colaborando aumenta a aprendizagem individual; tarefas autênticas durante a aprendizagem desenvolvem competências profissionais; a auto-avaliação e a avaliação por pares desenvolvem competências para a aprendizagem pela vida toda⁷. Assim, como já vimos antes, a escola pode decidir confiar a sua constância numa metodologia pedagógica definitiva e num plano de estudos rígido, ou nos seus docentes e nas suas capacidades pedagógicas. Independentemente da escolha do sistema de ensino, são esses sistemas e esses docentes que constroem a base das ideais, a visão da Arquitectura, e, caso encontrem plataformas de diálogo ajustadas, a cultura arquitectónica da escola.

Contudo, voltamos a referir a importância do contexto cultural, já que também é sabido que os alunos aprendem tanto através do contexto social da escola, como através das suas interações com a matéria de estudo⁸. Assim, não só as metodologias importam, mas também o nível de envolvimento pessoal inculcado a cada aluno. O conhecimento

6 PARNELL, Rosie - *cit.*, pp. 59-62.

7 NICOL, David; PILLING, Simon (ed.) - *cit.*, p. 14.

8 *Ib.*, p. 21.

das obras da Arquitectura e o reconhecimento do contexto cultural de cada escola constituem um factor fortíssimo na formação dos alunos. Outro factor importante é o papel das regras, essas que desde a primeira escolaridade são enfatizadas como essência na educação. De facto, as regras são parte essencial da comunicação e também desta linguagem que referimos anteriormente, mas cabe à educação extinguir os dogmas que estas podem gerar quando se tornam asfixiantes. São as regras que permitem entender e dominar uma linguagem, apenas depois de conhecidas e entendidas as regras é possível ultrapassá-las e utilizá-las para gerar novas linguagens e significados. Na linguagem, como na Arquitectura, o domínio das regras almeja quebrá-las para criar liberdade. Já que as possíveis abordagens aos pensamentos são infinitas, os espaços de discórdia devem ser livres e assumidos como parte da aprendizagem. Independentemente dos factores referidos, isto é, o ensino das atitudes na escola e a aprendizagem pelo contexto cultural fora da escola, o ensino implica sempre comunicação. No limite, o ensino reduz-se à troca de memórias, à transmissão de um modo de saber. Quais são então as regras na Arquitectura? Como se transmitem, sabendo que o seu objectivo é pôr em causa os seus próprios padrões? Em Arquitectura, as regras são a maneira de fazer, aquilo que se pode repetir e se repete durante longos tempos, são a memória, a tradição construtiva. A repetição é a regra⁹. Ou seja, a regra é a sua própria transmissão.

Apesar da importância da memória, uma escola está sempre em mudança, tal como os tempos. Como se renova uma escola e porquê? A profissão tem um papel na sociedade que não é imutável, a sociedade transforma-se, as técnicas são novas, o sistema de educação muda, a economia altera-se, os factores de mudança podem ser internos ou externos à Arquitectura, mas as escolas estão em constante alteração. O corpo de alunos é totalmente movediço e um pouco imprevisível, mas o corpo dos professores é mais controlável e restrito. Uma das características que se considera influenciar mais activamente a identidade de uma escola é o corpo dos professores, em particular a gestão que cada escola faz das suas contratações, isto é, a relação entre o número de professores da casa e o número de professores convidados. Os professores da casa criam um corpo forte e coeso que serve a escola de modo mais contínuo e que assegura a transmissão da sua memória, os professores de fora conferem dinâmicas de mudança e contribuem para a introdução de diferentes olhares sobre o trabalho académico e o funcionamento da escola. Não é conveniente que uma escola seja um aeroporto nem um cemitério, isto é, não deve ter um corpo docente instável e inconstante, nem deve ter um corpo docente sem renovação dos seus elementos. Neste sentido, os professores convidados vêm renovar a escola e os professores da escola mantêm-na, dão-lhe consistência, fundações e estrutura, todos na busca da construção de uma solidez intelectual.

9 Cf. MARKLI, Peter; entrevista de PENN, Samuel - *cit.*

A identidade das escolas também se prende com outros equilíbrios, um deles é a dicotomia entre mais regulação ou mais liberdade. A regulação confere precisão e responsabilidade ao ensino, é garantia de qualidade, ainda que também possa ser factor de homogeneização entre todas as escolas; a liberdade confere oportunidade de elaborar uma identidade. A questão levanta-se frequentemente comparando as escolas públicas inglesas, cujo funcionamento é regulado pelo *Royal Institute of British Architects*, com outras escolas em Portugal, Espanha ou Suíça, cujo funcionamento conta com uma grande margem de liberdade para assumirem a vocação das vertentes técnicas ou artísticas. Uma tal questão coloca-se na maioria dos casos em termos económicos. No entanto, esta visão mercantilista que as escolas têm do ensino é perigosa para a disciplina, porque as leis do capitalismo não são compatíveis com as leis da aprendizagem democrática e da educação livre. Os alunos não devem escolher as escolas pela facilidade com que podem obter boas notas, ou pelos valores transacionais envolvidos na inscrição, ou através de nomes do mundo do estrelato, de viagens apetecíveis ou de promessas de visibilidade. Todas estas estratégias são evasões que desviam os esforços da qualidade do ensino da Arquitectura que se pratica, questão essa que deveria ocupar a centralidade do debate. A identidade, a independência e a cultura da escola podem ser criadas pelas pessoas que nela leccionam, pela maior incidência em certas áreas do ensino, pelos planos de estudo que adopta, pelas investigações que nela se desenvolvem, pela cultura arquitectónica que origina.

Tal como acontece na educação, é importante que também a investigação também não seja impulsionada pelo mercado, já que é necessário investigar sobre temas que não servem directamente a produção e que, conseqüentemente, não geram lucros. A investigação deve ser descomprometida, de modo a que não existam resultados antes de serem alcançados. A maioria do financiamento para a investigação é investido nas ciências aplicadas porque delas se pode fazer dinheiro, ou seja, o valor da cultura do saber está a desaparecer nas universidades. Os parâmetros para a investigação académica, hoje em dia, são ditados com uma inquietante homogeneidade, descurando a existência de qualquer tipo de diferenças entre ramos disciplinares ou contextos culturais. A publicação de artigos com classificação ISI, *Institute for Scientific Information*, é o que mais conta na carreira de qualquer investigador, sendo evidente que essa classificação não está ajustada à investigação em todas as áreas. Para além disso, “A analogia deste pressuposto com o funcionamento das agências de rating é avassaladora. A Standard and Poor’s manda no mercado como a ISI manda na investigação”¹⁰. No Departamento, segundo o Professor Mário Krüger, a investigação em Arquitectura é a transformação do inexplicável em previsível e a Arquitectura é a transformação do previsível em inexplicável. Esta prosa poética, que se quer manter viva no seio do Departamento, expressa a morada desse valor, que não é o valor da investigação com vista a uma finalidade lucrativa, nem a

10 FIGUEIRA, Jorge - O Professor Clark Kent.

uma finalidade científica, nem uma finalidade artística, é o valor da cultura. Os temas de investigação que os professores do Departamento desenvolvem influenciam muito a abordagem que aqui se faz da Arquitectura, já que esses temas, que podem estar mais associados à cidade, à obra de Arquitectura, à história, à política ou à pedagogia, têm um peso grande na escolha dos temas dos alunos no âmbito da sua dissertação e dos seus trabalhos e interesses académicos. As dissertações de mestrado são também um modo de incentivar a investigação em Arquitectura, que no Departamento ultimamente adquiriu séria preponderância na investigação através do Projecto e no Projecto como forma de investigação. Este método que coloca em paralelo prática e teoria, num processo de mútuo apoio, é o mesmo método de aprendizagem desenvolvido ao longo de todo o curso.

Para além das políticas de investigação, a orgânica de uma escola depende também das condições físicas que a albergam, em relação ao número de alunos e de professores. A transmissão do saber precisa de condições apropriadas para tal. Por exemplo, a existência de um espaço físico de apresentação de todos os projectos de todos os anos potencia o debate e a comunicação dentro da escola. Na Escola de Arquitectura *Marne-La-Vallée*¹¹, em Paris, existem espaços para apresentação de trabalhos de Projecto situados entre as diferentes salas¹². Na Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo¹³, à semelhança da *Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de Buenos Aires*¹⁴, há um átrio interior coberto de pé direito total que conecta o espaço de galerias, que o envolve, e permite todo o tipo de eventos. No *Crown Hall* do IIT de Chicago¹⁵, existe um *Interior Experiment Hall* e um *Exterior General Workspace*, ambos servindo de espaços informais que complementam as actividades desenvolvidas nas salas teóricas e nas salas de desenho.

condições
físicas

Estes espaços que promovem a crítica, o diálogo e a comunicação conferem à escola a sua máxima performance, fazem-na viva e em crescimento. Mas, para além de assegurar que haja um espaço adequado para tal, esse debate pode ser estimulado através de um plano de estudos bem estruturado, organizativo, mas não vinculativo ou rígido, que permita aos alunos o exercício da liberdade individual e à escola o exercício da sua dinâmica. A organização de debates, conferências e eventos extracurriculares é importante no funcionamento de uma escola, quer partam da instituição quer partam dos alunos, sendo sempre útil e desejável a existência de momentos informais que possibilitem comunicação interna e que abram a escola aos olhares e às ideias exteriores.

11 O edifício onde funciona esta escola foi desenhado em 1999 pelo arquitecto Bernard Tschumi.

12 GIL, Bruno - *cit.*, p. 51.

13 Edifício construído em 1961 em São Paulo, desenhado pelos arquitectos João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi.

14 Edifício dos anos 1960, desenhado pelos arquitectos Eduardo Catalano, Horacio Caminos, Eduardo Sacriste e Carlos Picarel, e inspirado nos traçados de Le Corbusier aquando da sua visita a Buenos Aires em 1929.

15 O edifício *Crown Hall* em Chicago, onde funciona a escola de arquitectura do *Illinois Institute of Technology*, foi desenhado por Mies Van der Rohe, tendo-se concluído a sua construção em 1956.

O Departamento de Arquitectura tem muitas lacunas no que diz respeito ao espaço. Alojado no antigo Real Colégio das Artes e Humanidades, um edifício na Alta de Coimbra construído entre 1568 e 1616, que, para além de colégio, serviu como aquartelamento durante as Invasões Francesas, serviu como Liceu Nacional de Coimbra a partir de 1839, como Hospital Universitário a partir de 1853 e, mais recentemente, serviu como Museu Nacional da Ciência e da Técnica, como Departamento de Arquitectura e como Colégio das Artes. O edifício teve, ao longo destes séculos, poucas reformulações. A sua forma regular em torno do claustro permite que a função que acolhe seja facilmente integrada, mas não permite evitar o desgaste do tempo. Hoje, o edifício encontra-se bastante degradado e sofre remodelações pontuais de tempos a tempos que, apesar de manterem possível o decorrer das actividades académicas, destroem o edifício como todo.

Ainda que haja um estirador por aluno nas salas de Projecto, condição para um ensino personalizado e para uma ocupação mais constante do espaço da escola, entre as várias necessidades espaciais do Departamento, a inexistência de um auditório que possa albergar todos os alunos da escola é uma limitação, a falta de uma oficina de maquetes, gabinetes para professores, a necessidade de uma biblioteca maior e mais actualizada, e a falta de um espaço de armazenamento de trabalhos também são temas problemáticos. Porém, acima de tudo, o que faz falta, pelo valor do próprio edifício e pelo valor das actividades que nele se desenvolvem, é um tratamento geral do espaço construído, que permita boas condições climatéricas, segurança e conforto para todos.

As condições humanas são inestimáveis no que toca ao ensino, mas as condições físicas podem ter um papel preponderante na qualidade do trabalho que se faz numa escola. No claustro sabemos a que horas bate o sol nos diferentes momentos do dia. Sabemos o que significa ter aulas na capela ou levar o estirador para a estufa. É um relógio que guarda dentro da previsibilidade do que é perene, a descoberta do que é novo, é a Arquitectura a mostrar-se à escola. Há algo de incrível naquela ilha que ocupamos diariamente, que vivemos como uma casa e da qual gostamos com a intensidade que a poesia da luz confere aos espaços. E por ser assim apreciado, por ser um edifício histórico importante, por alojar instituições que contribuem para a vida cultural da cidade de Coimbra, este espaço merece um projecto para si.

Alguns dos factores que referimos constituem traços da identidade de uma escola de Arquitectura, como o contexto cultural, a metodologia e o plano de estudos, o sistema de regras e liberdades vigente, as características de professores e alunos, a investigação, as condições físicas e a abertura ao diálogo e à crítica. O Departamento de Arquitectura de Coimbra, em relação a cada um destes temas, tem particularidades, deficiências e vantagens, que também lhe conferem uma identidade que, como é desejável que aconteça em qualquer escola, está em mutação.

Aprender é uma actividade constante ao longo da vida de um arquitecto. A escola encarada como instituição de ensino é o início dessa constante e, por isso, pode

ser extremamente importante no processo de definição dos contornos dessa mesma vida. Como referiu Alexandre Alves Costa no Colóquio *Ensinar pelo Projeto*, não pode escolher qual é a sua escola, não é apenas a do Porto nem apenas a de Coimbra, são ambas. Esse abraçar imparcial do Departamento de Arquitectura, por parte dos Arquitectos do Porto que constituíram a Comissão Instaladora, conferiu à escola uma das suas maiores forças, a imparcialidade em relação a competições regionais que, por serem mesquinhas e irrelevantes, diminuem a qualidade do trabalho desenvolvido.

Alexandre Alves Costa disse também no mesmo Colóquio *Ensinar pelo Projeto* que, em Coimbra, o facto de a fundação ter sido feita pela Escola do Porto é aceite com naturalidade. Não há uma necessidade aberta de ruptura nem problematização. Na mesma ocasião, Alexandre Alves Costa referiu também que nos trabalhos dos alunos do Departamento de Arquitectura as referências à Escola do Porto são naturais e sem complexos. Ainda que possa parecer anacrónico, o forte laço fundador entre o Porto e Coimbra é o motivo pelo qual a importância do Porto em Coimbra é algo natural, que já não está presente de modo activo nos pensamentos ou traços do Departamento. Nas palavras de Alexandre Alves Costa, “Não há filhos sem pais”¹⁶ e, por ser tão intrínseca, esta relação não proporciona medo nem estimula o questionamento.

Assim sendo, há notórias diferenças que distinguem as duas escolas, como o número de alunos e de professores, o contexto cultural das duas cidades, ou a organização do espaço de ensino, em Coimbra um claustro de um edifício do século XVI alberga um conjunto heterogéneo de pensamentos, no Porto um conjunto de pavilhões separados desenhados por Álvaro Siza agrupa um pensamento unitário. No caso do Porto, como já referimos, a identidade da escola é reconhecida publicamente, tem os seus anos de maior expressividade nas décadas de 60, 70 e 80 do século passado, e actualmente lida com o peso dessa herança rica e estimulante. No caso de Coimbra, a co-existência de uma diversidade de tendências intelectuais permite-lhe ser disforme e garante uma congregação de ideias somente compatíveis porque confinadas à geometria rígida de um claustro fundado no respeito, na aceitação e no debate democrático.

Foi a junção de pensamentos heterogéneos que proporcionou um pensamento livre em Coimbra, despistando assim eventuais problemas de filiação e permitindo a criação de uma escola no sentido de cultura arquitectónica e congregação de ideais. Por ser gerador e potenciador dessa mesma cultura arquitectónica, por não ser uma sucursal de outra qualquer escola, por não existirem bloqueios ao desenvolvimento de pensamentos próprios, o Departamento está aberto à oportunidade de desenvolvimento de uma identidade, derivada de uma visão particular da Arquitectura que é apenas possível sobre estas circunstâncias particulares que aqui em Coimbra se reuniram, não podendo, portanto, pertencer a outro sítio.

16 COSTA, Alexandre Alves; entrevista de FIGUEIRA, Jorge - OK técnico, p. 91.

O Departamento de Coimbra, num panorama nacional, foi a primeira escola de Arquitectura em Portugal a ser formada de raiz inserida numa Universidade pública. Nos seus primeiros anos, Coimbra alimentou as suas memórias, e conseqüentes convicções, a partir do conhecimento maduro de Lisboa e do Porto, que eram, até 1989, as únicas escolas públicas existentes. Durante os anos que se seguiram o Departamento procurou ganhar autonomia, procurou servir-se de si próprio para criar e sedimentar convicções genuínas. Procuraremos encontrar algumas dessas convicções, correndo o risco de, ao separá-las e categorizá-las, as tornarmos estanques e, portanto, infieis à sua mesma realidade.

Ainda que o já referido número de escolas novas desde a criação do Departamento de Arquitectura seja aterrador, algumas delas procuraram não descurar a qualidade do seu ensino perante a necessidade de atrair alunos e ser competitivas. A escola como pedagogia nasce muitas vezes e raramente morre. A escola como corrente de pensamento morre cada vez que nasce. O Departamento cresceu e continua a crescer. Este ano foi, pela primeira vez, necessário fazer votações para os membros da Comissão Científica, dado que o número de doutorados ultrapassa os quinze. Como não deve deixar de ser hábito, as perguntas urgem, multiplicam-se e muitas vezes repetem-se: “Que conteúdos deverão ser ensinados no Departamento? Quais deverão ser deixados para aprofundamento na prática profissional? Quem deve aprender o quê, como, quando, onde?”¹⁷.

Em Portugal, os cursos de Arquitectura ficaram mais curtos a partir do momento em que passaram a seguir os acordos de Bolonha, em 2008. No geral, a duração do ensino superior tem tendência a diminuir, e o ensino está-se a tornar cada vez mais rápido. Desde então, ensinar o mesmo em menos tempo é um objectivo das escolas europeias. Nesse objectivo, cheio de falácias, cabe o pressuposto que é possível ensinar o mesmo em menos tempo. Não é certo que será. A Arquitectura não é uma cassete que se possa tocar em *fast forward*, não se fabricam arquitectos instantâneos, nem se produzem lições de Arquitectura em comprimidos solúveis. Pelo contrário, uma das matérias-primas da Arquitectura é o tempo. “Portanto: é preciso: uma escola lenta uma arquitectura veloz”¹⁸. É necessário ensinar os alunos a aprender, a encontrar soluções, a serem autónomos. Ainda assim, o tempo de formação do arquitecto na escola é limitado e, ainda que se aprenda para sempre, não será sempre na escola, pelo que “a cadeira de Projecto tem então a responsabilidade de se construir, ao encontro deste tempo rápido do aluno, como lugar de confronto com o desconhecido, um lugar de conquistas e redefinições”¹⁹.

Esta é uma das características mais fortes do Departamento, a centralidade da disciplina de Projecto que, baseada no sistema a que temos vindo a chamar Projecto Único, tem um peso muito grande no plano de estudos, na vida dos alunos, professores e

17 KRUGER, Mário - A formação técnica e as autonomias disciplinares. O lugar da construção, p. 50.

18 FIGUEIRA, Jorge; OLAIIO, António - Uma escola lenta. Uma Arquitectura veloz, p. 7.

19 FIGUEIRA, Jorge - Cadeira: Projecto, p. 45.

da escola. Esta característica possibilita e é possibilitada por outras, das quais é intrínseca aliada, como o aprofundamento das cadeiras de Teoria da Arquitectura e de História da Arquitectura, a obrigatoriedade de elaboração de uma dissertação no último ano do mestrado integrado e a não especialização. Para além destas características de foro mais curricular, o Departamento é determinado pelo seu espaço físico, pelo compromisso que honra com a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e pela cidade que o alberga. Este alenco não faz sentido sem a consciência da complexa rede de influências que enraiza cada um destes aspectos.

A centralidade da disciplina de Projecto ficou clara no Departamento desde a primeira mudança do plano de estudos posta em prática pela Comissão Instaladora em 1990 e, se restassem dúvidas em relação à convicção incutida nesta atitude, elas ficariam esclarecidas no 1º Encontro de Tomar, logo em 1995. Neste Encontro, foi reiterada a importância da disciplina de Projecto como um momento de síntese conexas e integradora dos mais diversos valores, como lugar, programa, forma, equilíbrio, construção, entre outros, que vão surgindo à medida que aumenta a complexidade dos enunciados. “Para *gerir a síntese*, temos de ir a vários domínios, não só diferentes como antagónicos, pô-los em confronto e fazer escolhas”²⁰.

Esta disciplina começa no primeiro ano de curso com um exercício de desenho da cidade, dotado de um nível elevado de abstracção. “O primeiro ano provoca mudanças fortes, tão habituados que estamos a outros sistemas de compreensão, mais decompostos, elementares e cumulativos. A identidade de cada estudante de arquitectura também condiciona a sua aprendizagem, daí a necessidade de apoio mais individualizado”²¹. Já no último ano, para terminar um percurso de exercícios de Projecto, o desafio é o desenho a várias escalas de uma cidade concreta. No Departamento, todos os anos se ensina a mesma coisa na cadeira de Projecto, a Arquitectura, que se adapta a diferentes contextos, quer ao nível da maturidade académica, quer ao nível da especificidade do programa proposto pelo exercício, que pode ter contornos de “simulação directa”, de “emulação crítica” ou de “abstracção conceptual”²².

Assim, a cadeira de Projecto confere ao curso um carácter vertical, fortalece a escola e constrói a sua identidade²³. O funcionamento desta cadeira deriva da fusão entre o sistema medieval de aprendizagem de oficina de artesãos e o sistema das *Beaux-Arts* do século XIX²⁴ e, neste aspecto, podemos dizer que o Departamento adopta um modelo *escola-atelier*. O acto de projectar é tido como um acto interventivo no sentido da transformação do real, nunca é uma representação passiva, mesmo quando se trata de um projecto no contexto pedagógico de uma escola de Arquitectura. O Projecto é a simulação do real da prática da organização do espaço, é, portanto, a essência do ensino da Arquitectura, já que responde ao desígnio mais central da prática do arquitecto. “Em primeira análise a especificidade que caracteriza o ensino da Arquitectura pode ser percebida através de uma ordem metodológica que caracteriza o projecto em arquitectura,

20 BYRNE, Gonçalo - *cit.*, p. 95.

21 BANDEIRINHA, José António - *Relatório da Disciplina de Projecto I*, p. 11.

22 BANDEIRINHA, José António - *Pedagogia do Projecto*, p. 104.

23 BANDEIRINHA, José António - *Relatório da Disciplina de Projecto I*, p. 5.

24 HEYLIGHEN, Ann - *A maintenance contract for the architect's degree*, p. 136.

uma ordem com uma raiz unitária que é a permanente inquietação acerca da disposição das coisas no espaço que conduz directamente ao impulso transformador que caracteriza o estado de espírito dos arquitectos. Este impulso ramifica-se em duas atitudes simultâneas: observar e projectar”²⁵.

Este impulso é algo que Távora ensinou, como também ensinou a estar vigilante, a não evitar o incómodo, a reflectir atentamente sobre tudo e a não deificar a Arquitectura, já que esta não é um desígnio divino reservado para alguns, é sim *tão natural como respirar*. Na cadeira de Projecto, em particular, é muitas vezes necessário desbloquear o ser próprio de cada estudante, juntar a sua cultura à cultura do sítio para que se crie um projecto, que nunca é imparcial. Como escreveu Mário de Sá Carneiro, e cantou Adriana Calcanhoto e Álvaro Siza, “Eu não sou eu nem sou o outro, Sou qualquer coisa de intermédio”. Em Projecto, o processo começa pela aceitação das contradições, pela admissão da complexidade e pelo entendimento das imparcialidades. “Sendo assim, projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem”²⁶.

Para poder transmitir um ensinamento tão endémico como este, a escola tem de dar liberdade de expressão aos seus alunos, ou seja, são válidas quer as justificações do projecto que se apoiam na racionalidade do pensamento lógico, quer as que estão baseadas nas subjectividades do autor. Assim, o processo de trabalho é o próprio processo de aprendizagem e, à medida que o projecto vai melhorando, o aluno vai enriquecendo as suas experiências com ele. Em Projecto, é necessário trabalhar com “o que existe”, mas também com “o que não existe”²⁷, é essencial manter esse equilíbrio entre o bom senso e o *nonsense*, entre pragmatismos e heroísmos, entre o real e o imaginado, entre o chão e o céu. O Projecto é a síntese de todo o curso.

“Projectar significa construir a identidade de algo que, embora desde o início difusamente pressentido, nos obrigamos a descobrir de modo paciente e obstinado”²⁸. Um momento fundamental do processo de aprendizagem que permite entender o Projecto como síntese é o momento das visitas de estudo. No Departamento, estas, sejam longas ou curtas, são consideradas uma parte integrante da didática da cadeira. “As viagens de estudo transformam as viagens prévias dos alunos mais ou menos indistintas em viagens de Arquitectura e eles devem estar abertos a essa mudança”²⁹.

Como temos vindo a defender, os sistemas de formação do arquitecto têm como suporte fundamental uma certa constância do conteúdo da Arquitectura³⁰. A disciplina de Projecto, no Departamento de Arquitectura, não é encarada como um desígnio instrumental obsoleto e em desuso. Acredita-se que esta disciplina e a sua metodologia

25 BANDEIRINHA, José António - *Relatório da Disciplina de Projecto I*, p. 9.

26 TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*, p. 74.

27 FIGUEIRA, Jorge - *Cadeira: Projecto*, p. 46.

28 GIGANTE, José Manuel - *O lugar da construção*, p. 63.

29 BANDEIRINHA, José António - *Relatório da Disciplina de Projecto I*, pp. 19, 32-35.

30 Cf. *ib.*, p. 6.

têm potencialidades pedagógicas e que a comprovação científica dos resultados não é determinante para o seu sucesso como método. O que importa no Departamento de Arquitectura é manter a disciplina estável como centralidade do plano de estudos de modo a permitir a sua evolução.

Não há métodos quantitativos nem científicos precisos para avaliar Projecto. O Projecto não se pode avaliar segundo sistemas morais nem segundo sistemas bipartidos, não se pode considerar em termos de certo ou errado. Assim, muitas vezes é difícil, no imediato, perceber se o exercício e o seu acompanhamento foi um processo que formou bem os alunos. É necessário incluir as contradições e idiossincrasias da Arquitectura nos processos de projectar. O Projecto é um confronto com o próprio e isso também torna difícil a sua avaliação exterior. “It has to be realized that, in the sort of educational process for which we strive, institutional effectiveness remains difficult to demonstrate. There is little that can be objectively tested, and results, which can only be observed indirectly, take time. We must create an atmosphere that stimulates learning rather than teaching”³¹.

Segundo defendeu Alexandre Alves Costa em Tomar em 1997, o Projecto é “matéria exercitável” e não “matéria ensinável”. Este Arquitecto, que aquando da criação do Departamento “depositava na arquitectura e na institucionalização do seu ensino alguma esperança regeneradora”³², no Colóquio *Ensinar pelo Projeto* diz também que não se aprende *stritus sensus*, só pelo exercício de Projecto se pode fazer pedagogia. O Projecto é, portanto, o centro, é a síntese, exige o alargamento de horizontes, a não-aceitação do senso comum e a construção da experiência. Em Coimbra, o Projecto é considerado essencial na pedagogia da escola, mas o seu ensino é um ensino maioritariamente reactivo, em que o professor reage às propostas dos alunos. A evolução em torno do uso pedagógico das potencialidades da prática arquitectónica pressupõe necessariamente “considerá-la — à prática arquitectónica — como uma das condições essenciais da especificidade que caracteriza a formação em Arquitectura”³³.

Aprender a projectar não deve, portanto, ser uma actividade passiva, que abandona o aluno a si mesmo e que remete o docente para a crítica posterior segundo inspiração do momento. “No Departamento de Arquitectura o projecto dá privilégio aos livros em detrimento das revistas, procura um entendimento transtemporal em detrimento do que está in”³⁴. O importante, na disciplina de Projecto, não é produzir desenhos bonitos como os das revistas, não é chegar a resultados inovadores apenas pelo valor do diferente. Os alunos aprendem que procurar sistematicamente novas soluções é uma atitude ignorante. E essa aprendizagem é feita maioritariamente através das disciplinas de História e de Teoria. Daí a necessidade de acompanhar a prática de Projecto com outras cadeiras de carácter teórico. “Em termos teóricos, o trabalho de projecto deve ter uma dimensão heurística enquanto exercício de resolução de problemas, e uma interpretação hermenêutica, enquanto exercício de comunicação (ou de linguagem)”³⁵. Como aprendemos com Rossi, na escola é preciso discutir a teoria de uma prática. Isso é possível quando se potencia

31 HERTZBERGER, Herman - *cit.*, p. 53.

32 COSTA, Alexandre Alves - Primeira anotação do curso de Arquitectura de Coimbra, p. 23.

33 BANDEIRINHA, José António - *Relatório da Disciplina de Projecto I*, p. 9.

34 *Ib.*, p. 80.

35 PORTAS, Nuno - *cit.*, pp. 438-444.

mais as aprendizagens das histórias e das teorias para chegar a entender as invariâncias do edificado, o que é forma e o que são feitos, ou ainda o que é contexto, texto ou ruído. É preciso uma boa ponte entre as histórias das formas nas cadeiras de História e Teoria, e a busca das formas, nas cadeiras de Projecto e Construção, para assim filtrar o ruído das modas mediáticas.

A relação teoria-prática é intrínseca, o Projecto como forma de pensar os espaços é também forma de pensar os tempos. O tempo futuro no Projecto é um tema de constante reflexão. Tal como qualquer tempo, o futuro não é estático e está envolto em contradições. Logo, para se adaptar a essas contradições, o Projecto pressupõe, para além de uma pesquisa sobre a História, uma reflexão crítica sobre as condições do presente; a crítica é inerente a um projecto que trabalha sobre condições empíricas e sobre as suas mudanças e paradoxos. Mas para além da teoria e da crítica, todas as outras cadeiras que fazem parte do plano de estudos acompanham a cadeira de Projecto. “As disciplinas de Construção conjuntamente com as de Projecto representam, ainda hoje, uma das poucas formas de educação superior centradas no fazer, o que deve ser preservado e desenvolvido como especificidade disciplinar”³⁶.

O sentido da disciplina de Projecto é, assim, o de integrar e fazer a síntese de todas as outras disciplinas, de um modo não cumulativo, complexo, integrador e transdisciplinar. Ora, o Departamento de Arquitectura procura sempre negar a especialização do arquitecto, usando esta cadeira para concretizar essa intenção. “Na consciência que a arquitectura se joga entre o empirismo e o saber científico, não negando nem se deixando escravizar por nenhum, entre a análise e a síntese, integrando a informação e recusando o gesto aleatório que tudo presume, entre o serviço e a arte, sem ser exclusivamente um ou o outro, o Curso de Departamento de Arquitectura deve assumir a responsabilidade de livrar-se de tudo aquilo que obscurece esta delicada condição, e chamar a si as matérias que a podem constituir e esclarecer”³⁷.

O já referido arquitecto Marcus Vitruvius Pollio escreve no primeiro capítulo do livro *De Architectura* que o “A ciência do arquitecto é ornada de muitas disciplinas e de vários saberes, estando a sua dinâmica presente em todas as obras oriundas das restantes artes. Nasce da prática e da teoria. A prática consiste na preparação contínua e exercitada da experiência, a qual se consegue manualmente a partir da matéria, qualquer que seja a obra de estilo cuja execução se pretende. Por sua vez, a teoria é aquilo que pode demonstrar e explicar as coisas trabalhadas proporcionalmente ao engenho e à racionalidade”³⁸. Esta ideia bimilenária já foi partilhada por muitos e, no Departamento de Arquitectura, Vitruvius e os seus escritos acompanham o percurso dos alunos desde o seu primeiro dia, quando lhes é apresentada uma tríade de *venustas, utilitas e firmitas* que, quando completa, se chama Arquitectura.

Fortemente defendida ao longo dos 23 anos do Departamento, esta ideia de um ensino generalizado que não ceda o campo disciplinar da Arquitectura a vertentes especializadas, tem sido uma grande luta e um traço identitário do Departamento. Como explica Alexandre Alves Costa, “este curso nasceu contra a ideia da criação de um curso

36 BANDEIRINHA, José António - *Relatório da Disciplina de Projecto I*, p. 79.

37 FIGUEIRA, Jorge - 4 debates emergentes no contexto do segundo Encontro de Tomar em Coimbra, p. 42.

38 VITRÚVIO - *Tratado de Arquitectura*, p.30.

com uma vertente tecnológica acentuada. Nós recusámos desde o início que este curso tivesse uma vertente, fosse ela qual fosse, fundamentalmente pela nossa compreensão do que é a arquitectura, e não por razões outras”³⁹. Ora, acrescentando a estas palavras de Alves Costa, outras palavras de Figueira, “esta não é uma questão menor: o campo disciplinar da arquitectura tem que ser decididamente o tabuleiro do nosso jogo; nem que seja apenas porque precisamos de arquitectos que inventem e transformem as nossas cidades”⁴⁰.

O facto de o Departamento estar inserido na Faculdade de Ciências e Tecnologia, caso raro em Portugal e na Europa, faz com que essa não especialização seja uma luta mais difícil de travar, já que esta Faculdade se divide em vários departamentos mais especializados e se rege segundo necessidades de disciplinas científicas. “O facto é que temos estado numa situação de relativo compromisso institucional. Mas é também falta de coragem porque, às tantas, o compromisso se prolonga demais e torna-se histórico. É a chamada cobardia histórica. Não pode ser!”⁴¹.

faculdade

Até hoje, após diversas tentativas ao longo dos anos para se constituir uma Faculdade de Arquitectura na Universidade de Coimbra, o Departamento vive em *relativo compromisso institucional*. O Departamento é regido por uma estratégia, um orçamento, uma política de instalações e de investimento ditados pela direcção da Faculdade e é regido ao nível científico pelo Conselho Científico da Faculdade, que não inclui nenhum membro do Departamento, apenas o Presidente pode estar presente com estatuto de observador; não tem uma comissão pedagógica própria e encontra-se extremamente dependente de decisões alheias. Seria, portanto, desejável o alcance de alguma autonomia em relação à Faculdade, não no sentido de encerrar a escola nos seus próprios pensamentos, mas no sentido de poder criar a sua identidade a partir de processos diferentes dos que regem outras disciplinas, como a Física, a Química, a Matemática, as Engenharias Química, Mecânica, Informática, Civil, Eletrotécnica e de Computadores, e as Ciências da Vida e da Terra. A permanência do Departamento sob um conjunto de regras partilhadas com estas áreas científicas faz cada vez menos sentido e Jorge Figueira recentemente explicou um dos motivos dessa incompatibilidade. “São exigidas competências de um super-homem mantendo a gravata do Clark Kent: investigar; ensinar; administrar; gerir; internacionalizar; auto-avaliar. Se garantirmos a concentração do burocrata, no entanto, tudo se resolve. Até dar aulas, basta picar o ponto. Porque só um aspecto conta verdadeiramente: a ‘investigação’. Para ser mais claro: a publicação de artigos em revistas ‘indexadas’, com peer review. Para ser mais claro: a publicação de artigos com classificação ISI. Em certas faculdades este é o único objecto de interesse. [...] É escusado dizer como esse objectivo

39 COSTA, Alexandre Alves; entrevista de FIGUEIRA, Jorge - OK técnico, p. 94.

40 FIGUEIRA, Jorge - Cadeira: Projecto, p. 46.

41 COSTA, Alexandre Alves, apud GIGANTE, José Manuel - 3. Sessão, p. 34.

é desproporcionado para os cursos de arquitectura, arte e, suponho, humanidades, já que a sua lógica original e modo de funcionamento decorre largamente da investigação em áreas tecnológicas”⁴².

A escola não pode, no entanto, criar o seu clima tão próprio que fora dela não haja vida. A história que John Tuomey conta⁴³ a 28 de Outubro de 2004 no *Architectural Education Symposium* da *Architectural Association* é disso ilustradora: um arqueólogo escava um túmulo do Antigo Egipto que está incorrupto há mais de 3500 anos. Lá dentro descobre a pena de um pavão em perfeito estado de conservação. Esta pena é transportada para o *British Museum* e assim que é desembalhada e exposta ao ar desintegra-se. Resplandecente no seu contentor, a pena não tem vida para além da caixa. É importante que a escola não crie esta atmosfera, que se consiga renovar e repensar, ainda que não seja resplandecente. É importante que a escola se mantenha atenta, para não deixar de ser historicamente activa, produtora de ideias e qualidades de espaço, tornando-se meramente receptiva e ecleticamente imitadora. “The alternative then is, in biological terms, either death or mutation”⁴⁴.

Neste sentido, há duas condições a desenvolver para melhorar as relações da escola com a sua envolvente cultural e com o mundo. Por um lado, a melhoria das condições espaciais internas do Departamento poderiam torná-lo um ponto de interesse da cidade, uma mais-valia no espaço urbano, um centro de desenvolvimento da cultura arquitectónica de Coimbra. Por outro lado, um maior envolvimento e uma maior frequência de trocas entre o Departamento e as restantes instituições e centros de poder da cidade e da região, poderia contribuir para uma forte presença exterior da escola e para a abertura da escola ao mundo.

Tal como a cidade de Coimbra, também o Departamento de Arquitectura corre o risco de sufoco e de abandono, de desgosto e de rejeição por parte dos seus habitantes. Coimbra trata-se mal e é cada vez mais mal-amada, há um certo desdém que convém nutrir pela cidade, porque o gosto há que nutri-lo por Lisboa, pelo Porto, por Madrid ou por Nova Iorque. O chamado Coimbrinha pode ser muito ingrato para a urbanidade de Coimbra. Há uma luta constante de sobrevivência entre uma Coimbra que quer viver e uma Coimbra que não se deixa ser boa. O descrédito em si própria e a falta de apoio são fatais, a luta é renhida. Não fica bem elogiar Coimbra, apoiar a cidade não está na moda em quase nenhum contexto. Palavras de elogio sobre Coimbra soam *démodées*, não se deve dizer bem da cidade e dizer mal da Queima das Fitas. A lucidez da crítica é importante, mas o reconhecimento não o é menos. Não queremos que o nosso claustro

Coimbra
escola-
cidade

42 FIGUEIRA, Jorge - O Professor Clark Kent.

43 GIL, Bruno - *cit.*, p. 171.

44 DODGE, Peter, apud VIDLER, Anthony - *Warped Space*, p. 247.

sofra do mesmo mal.

Já em 1989, João Mendes Ribeiro defendia que “Não podemos deixar de ter em linha de conta a própria cidade e a região senão será um curso falhado”⁴⁵. De facto, é tão prejudicial para a cidade fechar os olhos às vantagens de ter um Departamento de Arquitectura na sua Universidade, como o seu contrário, o Departamento de Arquitectura rejeitar a existência da cidade fora do claustro. É também disto que se fala quando se refere uma identidade, o seu sítio, as suas condições e circunstâncias. Uma característica que o Departamento de Arquitectura tenta manter viva é a atitude dialogante com o contexto urbano que a envolve, não através de uma posição passiva, mas através de uma posição de aceitação.

Assim como Coimbra, o Departamento não deve querer ser de Lisboa nem do Porto para não ser “precário, periférico, provinciano”⁴⁶. O mesmo se pode dizer em relação às escolas estrangeiras. Muitas vezes, em Portugal, a urgência de sermos estrangeiros não nos deixa ver as coisas boas dos nossos sistemas. A comum importação parcial de maneiras de pensar ou de características culturais de modo avulso, sem ter em consideração o contexto e todos os sistemas que já estão implementados, dá origem a uma desadequação e a uma desorganização por vezes até maiores que as existentes anteriormente. Ainda assim, a abertura de Coimbra ao estrangeiro é importante. Há um caminho a percorrer nessa direcção com a convicção e a franqueza para dar a conhecer a sua identidade, sem máscaras, isto é, sem um enaltecimento excessivo e sem humildades exageradas.

Falar de ensino de Arquitectura é falar num incontornável paradoxo de temporalidades. No presente o futuro está a ser encubado nas escolas cuja base é o estudo da História, e Coimbra acredita na beleza das contradições desde a sua fundação. É em parte por isso que “Nunca se sabe muito bem a que constelação Coimbra pertence”⁴⁷. Mas essa desorientação faz parte constante do ensino de um arquitecto. Aos arquitectos, tradutores de vontades em espaço, foi atribuído o mesmo papel que a Blimunda⁴⁸, recolher vontades para erguer uma máquina de voar. No entanto, os arquitectos não têm poderes mágicos, são pessoas iguais às outras, têm que trabalhar para encontrarem na síntese a tradução da ideia para a forma. É essa a essência do que há para ensinar em Arquitectura, onde estão todas as coisas, desde o silêncio da experiência pessoal até aos constrangimentos do sítio, do tempo, da matéria, do programa, da ruidosa relação com o outro, a circunstância.

“A verdadeira escola, já sabemos, continua a ser a vida”⁴⁹.

paradoxo
temporal

45 Ver infra, Anexo III.B, p. 316.

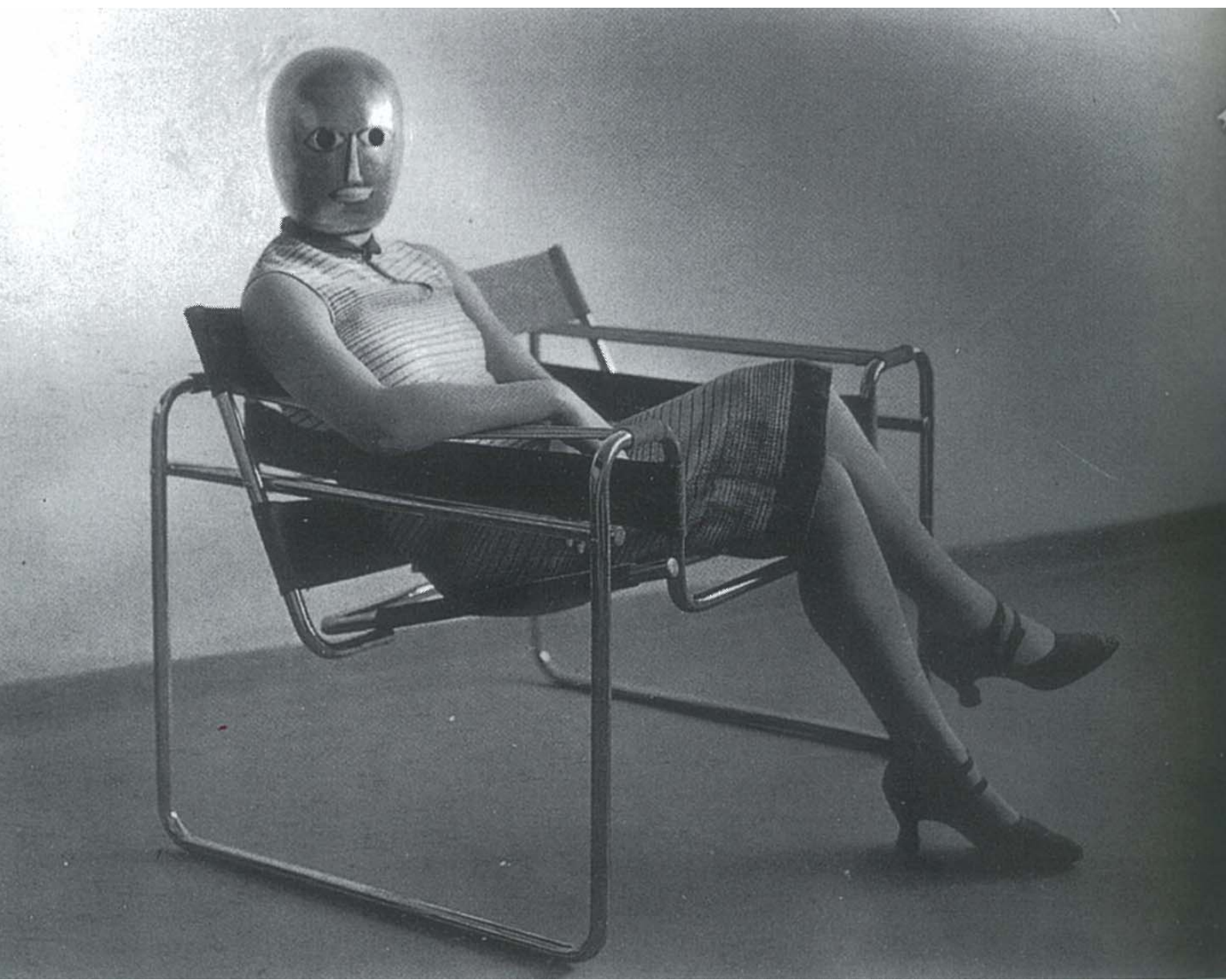
46 COSTA, Alexandre Alves - Primeira anotação do curso de Arquitectura de Coimbra, p. 25.

47 FIGUEIRA, Jorge; entrevista a COSTA, Alexandre Alves; BYRNE, Gonçalo - OK técnico, p. 98.

48 Referência à personagem Blimunda de SARAMAGO, José - *Memorial do convento*.

49 BORGES, Pedro Maurício - A propósito da exposição tape, que aconteceu nas comemorações dos 10 anos do darq, seguem-se algumas considerações específicas e outras, mais gerais, p. 14.

CONCLUSÕES



A identidade mescla o modo como nós nos vemos e o modo como os outros nos vêem, a identidade é o nosso reflexo no espelho enquanto outros olham para nós. “The mirror functions as a heterotopia in this respect: it makes this places that I occupy at the moment when I look at myself in the glass at once absolutely real, connected with all the space that surrounds it, and absolutely unreal, since in order to be perceived it has to pass through this virtual point which is over there”¹. No limite, a identidade não existe, como não existe o reflexo no espelho. Ainda assim, ao longo desta dissertação, considerámos importante procurá-la e entendê-la, nos seus contornos oníricos e heterotópicos.

identidade

No Departamento de Arquitectura, procurar o reflexo do espelho implica sempre tirar a máscara e olhar o passado. “O Futuro é tão antigo como o Passado. E ao caminharmos para o Futuro é o Passado que conquistamos!”². Se é certo que os tempos sempre estiveram em mudança, e continuam a estar, tal como as vontades que os arquitectos recolhem, é certo também que os processos de envelhecimento e substituição, seja de edifícios, de ideias ou de valores, estão em aceleração. “At an ever increasing tempo, what was new yesterday seems old today”³.

espelhos e máscaras

Quando nos vemos ao espelho sem máscara, vemos no reflexo Fernando Távora, vemos também Lúcio Costa, Jane Jacobs, Caio Servio Lupo, Claude-Nicolas Ledoux, Neil Armstrong, Richard Hamilton, Óscar Niemeyer, Walter Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier, Fídias, Frank Lloyd Wright e uma equipa interminável de personalidades e ideias que nos construíram e constroem... Há uma panóplia de faces que emergem quando se tira a máscara e são elas que revelam o que somos e o que queremos ser. Para irmos desde o *Crystal Palace* até ao *Centro Gallego de Arte Contemporáneo*, a viagem leva-nos a fazer desvios arriscados para Chicago, Chandigarh e Moscovo, mas passa também pela indispensável Vila Savoye, pela Tugendhat, por Paimio e por Weimar, sem deixar de parte uma visita a Alvalade do final dos anos 1940, na companhia de Rem

1 FOUCAULT, Michel, apud VIDLER, Anthony - *Warped Space*, p. 251.

2 LISBOA, António Maria - Certos outros sinais.

3 HERTZBERGER, Herman - *cit.*, p. 52.

Koolhaas e, claro, Álvaro Siza⁴.

Actualmente, o acelerado ritmo a que ideias e convicções envelhecem faz com que a embriaguez da invenção e da evolução seja mais atractiva, interactiva e imediata que o estudo da História. Ainda assim, urge procurar a História e a partir dela entender como fizeram outros arquitectos, noutras tempos, as revoluções para um presente. Assim, o conhecimento das suas origens enriquece a escola e as suas pedagogias. Com o passar dos tempos e com as mudanças que isso traz, as escolas têm de se adaptar a novos cenários e, para tal, é importante que se questionem e critiquem, que não sejam passivas nas escolhas pedagógicas e também que reconheçam o seu papel como determinante. Ao longo desta dissertação, procurámos deixar algumas pistas sobre essa determinação e levantar algumas questões que a rondam, umas relacionadas com métodos, outras relacionadas com crises, outras relacionadas com a autonomia disciplinar, outras relacionadas com a história da cultura que nos define, mas, insistindo, todas elas relacionadas acima de tudo com a Arquitectura. Assim sendo, as ideias apresentadas estavam repletas de contradições inerentes à complexidade e reflectiram muita da inquietude que reside entre o ser investigador e o ser indivíduo, entre o ser estudante de Arquitectura e o ser pessoa no espaço, entre 23 anos de vida e a infinitude do tempo da História. Uma dissertação composta por inquietudes e indefinições não podia senão terminar com um conjunto de conclusões inacabadas e, na sua maioria, paradoxais, mas não incongruentes.

entendimen-
to histórico

A ideia de defender uma escola com um sistema de Projecto Único e com um sistema de *escola-atelier* é aparentemente antitética e é uma das belas contradições que se tem vindo a desenvolver no claustro, em Coimbra. Esta junção implica que o estudante possa contar com o apoio personalizado do professor, sem que este tenha o total controlo sobre o plano que lecciona, isto é, o poder de o alterar independentemente do restante funcionamento da escola. Ainda que o sistema de *Project Menu* pareça estar mais directamente associado à ideia de *escola-atelier*, de mestre, de figura tutelar e até um pouco heróica, suficiente para servir de professor e de sistema pedagógico, estas relações não são lineares. Na maioria das escolas que adoptam este sistema, a tónica da preocupação deixa de estar em como ensinar bem, e passa a estar na procura de atrair mais alunos. Um pouco à semelhança da *Bauhaus* de Van de Velde, de *Taliesin* de Frank Lloyd Wright, ou dos ateliers-escola de Le Corbusier ou de Alvar Aalto, que

projecto
único e
escola-atelier

⁴ Ver infra, anexo III.K, p. 365.

impunham uma didática que emanava da prática do mestre, estes alunos têm uma base referenciada no fazer específico de uma figura. É despendida mais energia a pensar em estratégias atractivas do que em estratégias de ensino. Este sistema também se pode tornar problemático pela desresponsabilização em relação ao currículo do aluno por parte da instituição de ensino, não garantindo assim a aprendizagem de todos os elementos que se complementam e são necessários como bases estáveis para o desenvolvimento de um estudante de Arquitectura. Com mais facilidade se criam lacunas em certos domínios que podem ser impeditivos de uma compreensão da Arquitectura no seu todo. “Escreve-se, não para complementar o que a arquitectura não diz mas para publicar; apresenta-se não para mostrar mas para divertir; e até se ‘projecta’ com temáticas e modos tão rarefeitos e simplificados que se tornam caricaturais”⁵. Esta prática reflecte uma *architecture de boudoir*⁶, uma rendição ao mercado do ensino, à imediatez mediática do entretenimento dos meios de comunicação e ao mercado de venda e consumo de imagens.

Por outro lado, nas escolas que seguem o modelo do Projecto Único, como é o caso do Departamento em Coimbra, o plano de estudos pode ser, acima de tudo, dependente de todo o corpo docente, quer em termos de estrutura, quer em termos de qualidade. Como cedo se tornou claro na história do Departamento, a evidência da direcção a tomar pela escola reflecte-se no plano de estudos, que é uma parte importante da sua definição, já que assegura uma intencionalidade perante a disciplina da Arquitectura e uma relação profícua entre os conteúdos das diferentes cadeiras. No entanto, a maneira de efectivar essas relações nem sempre faz parte da definição do plano de estudos e os professores que as leccionam podem fazer uma grande diferença nesse aspecto. Assim, aqui gerou-se um sistema de Projecto Único extremamente dependente dos professores da escola e da dinâmica que desenvolvem entre eles. Em Coimbra, as mesclas aparentemente contraditórias parecem funcionar bem.

Será, de facto, possível a criação de uma cultura arquitectónica sem que haja contacto directo entre professores, sem a necessidade de consensos, sem a confrontação de ideias e convicções, sem a urgência de uma democracia? Se sim, essa cultura arquitectónica é composta por individualismos, falta de comunicação e de respeito. A fundação de uma escola assente na aliança entre as convicções do Projecto Único e as convicções do sistema *escola-atelier* fundado na personalidade do professor é um modo de criar uma cultura arquitectónica, já que desperta a necessidade de criar consensos, ou seja, debates de ideias e processos democráticos.

Na actualidade, é facilmente aceite a asserção que o ensino da Arquitectura tem de mudar conforme muda a maneira de exercer a profissão, que se tem de adaptar aos novos

cultura
arquitectónica

5 CARNEIRO, Luis Soares - A Arquitectura ensina-se?, p. 123.

6 Referência a uma expressão de TAFURI, Manfredo - L'Architecture dans le Boudoir. The language of criticism and the criticism of language.

mercados de trabalho, quer no que diz respeito à aprendizagem dos estudantes, quer no que diz respeito à carreira dos docentes. Assim sendo, “O professor universitário livre, talvez até um pouco excêntrico mas empático com o mundo, à sua maneira, morreu”⁷. Já o arquitecto, no contexto desta crise de construção, não é o mestre construtor de edifícios, esse que define a sua carreira pelas obras que constrói. A encomenda pública e privada diminuiu drasticamente nos últimos anos e o trabalho está mais orientado para tarefas como a densificação dos centros das cidades, e a organização do espaço a diferentes escalas, desde a curadoria de exposições até à reabilitação de baixo custo ou ao desenho de produto. Isto vai precisamente ao encontro da necessidade de impulsionar um ensino abrangente, que promova o pensamento livre sobre o espaço, que reflecta sobre os métodos e processos que levam a soluções para a generalidade dos problemas espaciais. Não é necessário um ensino profissionalizante e especializado, porque, de facto, “aquilo que pode ser aprendido numa escola de arquitectura é um conjunto de instrumentos ou capacidades instrumentais, e um conjunto de estratégias para abordar problemas de complexidade”⁸.

Coimbra é uma escola com um “ensino que pretende ir mais além de testemunho do tempo, abrindo caminho à compreensão do que foram as motivações pedagógicas na montagem de um programa de ensino da arquitectura como disciplina de carácter mais artístico que humanista, mais humanista que técnica, mais técnica que praticista, mas que se assume como prática ao serviço do Homem enquanto ser social. Portanto, uma disciplina de construção cultural”⁹. No Departamento, a Arquitectura, é entendida a partir da humana condição, a partir do respeito pela dúvida, a partir da desconfiança por “enquadramentos excessivamente sistemáticos, deliberadamente redutores”, a partir da angústia “com as respostas fechadas e definitivas”, e por isso procurando abrir espaços “para a individualidade da emoção e para a generalidade da razão”¹⁰, na busca da total inclusão da vida e da obra. No entanto, encontramos diversas lacunas que por vezes impedem a concretização destas metas. Por exemplo, a escola muitas vezes é ingrata para os alunos, não publica os seus trabalhos, não os valoriza, os professores chegam atrasados e as relações entre as teorias e as práticas são menos fortes do que desejamos. Também notamos uma falha na aprendizagem da crítica pelo facto de não haver auto-avaliação nem heteroavaliação. Para aprender a aprender é necessário saber criticar o próprio projecto, bem como o projecto dos pares.

O Departamento de Arquitectura, como qualquer instituição de ensino, muda as vidas dos seus estudantes e professores e o curso tem um papel preponderante para a

reflexão
interna

7 FIGUEIRA, Jorge - O Professor Clark Kent.

8 BANDEIRINHA, José António - *Ensinar pelo Projecto. Livro de resumos*, p. 41.

9 COSTA, Alexandre Alves; TAVARES, Domingos - *Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura*, p. 7.

10 BANDEIRINHA, José António - *Pedagogia do Projecto*, pp. 112-113.

sociedade do futuro. “Com o tempo e com a maturação da aprendizagem dos estudantes, começa a insinuar-se nas suas formas de ver o mundo, começa a instituir-se como um desejo mais ou menos obsessivo de ordenar as coisas no espaço segundo regras, metáforas, conceitos, modulações... Inevitavelmente, nos primeiros anos do curso, provoca também mudanças, tão habituados que estavam a outros sistemas de compreensão, mais decompostos, mais elementares e mais cumulativos”¹¹. Ainda que tentador, pressionadas como estão as instituições pelas regras de Bolonha, da ISI, da internacionalização, da Universidade, entre outras, é perigoso baixar os níveis de exigência do ensino e é por isso que o Departamento de Arquitectura precisa de conhecer as suas forças e os seus fracassos, no sentido de orientar os seus futuros positiva e activamente em direcção à qualidade.

A escola precisa, portanto, de se pensar desde dentro. É importante saber como nos vemos ao espelho sem máscara, fazer uma análise colectiva, ter auto-conhecimento e auto-crítica e não alimentar os assuntos do silêncio, há que falar de estilo, de prática, de vida profissional, de forma e de teoria, de ideologia e de política, há que incluir ideias fortes no debate sobre a própria escola para a entender e poder melhorar. Evitar os dilemas que enchem a escola não a enriquece, porque são eles que lhe dão corpo e alma. Pelo contrário, ao falar abertamente sobre eles sem medo de erros, sem paredes cegas, cria-se a possibilidade de aprendizagem e crescimento. A escola é o local para isso.

As paredes do claustro podem servir para manter o seu interior a salvo dos facilismos e dos saberes cumulativos, mas não podem servir para evitar os olhares dos outros quando o Departamento se olha ao espelho. Em Coimbra, a aprendizagem não incide particularmente na técnica, na ecologia, na sustentabilidade, no performativo, no *low-cost*, não. Insiste-se sempre no ideal clássico da Arquitectura como obra total e reflecte-se sempre em torno de como o alcançar. Em Coimbra, há uma base de entendimento comum de não fragmentação da Arquitectura que norteia uma atitude de compromisso e de aceitação de várias correntes de pensamento, actuais ou antigas, uma atitude de abertura à aprendizagem, seja ela mais acentuadamente sobre temas políticos, urbanísticos, teóricos, históricos, ou projectuais. Esta é uma atitude de junção democrática das visões de todos os diferentes actores que se cruzam em Coimbra. Essa vontade de absorção da diferença torna possível a geração de uma cultura arquitectónica. Em Coimbra, a ideia de Fernando Távora sobre a aprendizagem constante está presente, e as lições que se aprendem podem vir de todos os séculos em todas as línguas e com todas as formas, sendo que sempre acompanhadas de uma visão crítica e atenta.

“Everywhere architects are trained to achieve a sort of ‘realism of the glamour’ demanded by society; or else to design unrealistic hair brained schemes which happen to be temporarily fashionable in the magazines. Universities have increasingly downgraded themselves to the level of training colleges, and there are precious few places left where one can think about space and architecture”¹². É importante que o Departamento tente activamente ser um desses preciosos lugares onde ainda se pensa sobre espaço e Arquitectura. Essa é a sua principal vantagem no mundo disperso em especializações, tecnicismos e imagens para preencher as folhas das revistas. O Departamento não deve

11 BANDEIRINHA, José António - *Ensinar pelo Projeto. Livro de resumos*, p. 41.

12 HERTZBERGER, Herman - *cit.*, p. 29.

esquecer a defesa dessa autonomia disciplinar que o colocou em funcionamento há mais de duas décadas e que lhe deu energia ideológica para continuar crescendo até hoje, a Arquitectura, na sua forma completa.

Ljósið, a mais famosa música escrita por Olafur Arnalds, é largamente elogiada pelos fãs que louvam a sua grande beleza, atribuída à inspiração de temas tão profundos, extensos e transcendentais com o amor, a natureza, a vida. Como conta Arnalds, a música foi escrita por encomenda para um anúncio de banheiras. Escutar *Ljósið* pensando que a sua inspiração são os fiordes, os glaciares, os vulcões, as paisagens islândicas, o amor ou a empresa de louças de casa de banho não muda em nada a sua intensidade, a sua qualidade, o seu poder, a riqueza do que transmite e das sensações que proporciona. Tal como acontece com a Música, à Arquitectura pode-se atribuir qualquer justificação ou inspiração, mas a história que se conta não determina em nada a vivência efectiva da obra. Pretextos poderá haver muitos, mas nunca é deles que a obra depende, antes da sua completa integridade. Alguém se lembra da história de Adriano para justificar o Panteão de Agripa?

autonomia

Os sistemas existem no ensino da Arquitectura como existem na sua prática, são estruturadores para um conjunto e permitem a poesia da excepção. Falamos mais uma vez do já várias vezes referido e inominável elã do todo e das partes, das partes e do todo e das partes entre si. A pretexto do Departamento de Arquitectura, podemos falar de muito, mas acima de tudo de Arquitectura e, falando dela, podemos abranger todas as ideias e toda a História. A pretexto do Departamento de Arquitectura, falamos do processo de aprender a ser arquitecto, que acompanha o crescimento dos estudantes que vivem intensamente o claustro durante vários anos, e que informa as lições, mais ou menos constantes, que os professores preparam para eles. Os motivos do que aqui se desenha, se pensa, se escreve, se constrói, são múltiplos e não se prendem com razões de uma só ordem estrita e definida. São ricos em complexidades e contradições, são cheios de labirintos onde todos os fios de Ariadne se cruzam e entrelaçam, pois são invisíveis os motivos da Arquitectura. No Departamento, é possível aprender, é possível ver a invisibilidade, porque ela se manifesta em formas variadas e não se espera que apenas numa. Ela mostra-se em forma de textos, em forma de desenhos, em forma de maquetes, em forma de conversas, em forma de urbanidade, em forma de claustro e em forma de convivência. É, assim, importante falar sem a retórica dos motivos forçados e com a liberdade dos motivos infinitos.

Não nos atrevemos a pensar que todas as escolas servem o nascimento de uma nova linguagem estilística, como aconteceu com a *Bauhaus*, Ulm, Veneza ou com a Escola do Porto, que podem, hoje, à luz do tempo, ser catalogadas numa ordem de ideias a que chamamos movimento, corrente ou vanguarda. A criação da identidade de uma escola não é uma ideia programática, não está subjacente à criação de uma instituição, não faz parte dos propósitos do ensino.

Acreditamos, assim, que as escolas que se propõem reflectir sobre a Arquitectura

levarão à mudança de uma cultura arquitectónica, à disseminação de diferentes modos de entender a disciplina, proporcionados pelo convívio encubado de ideias, problemáticas e obsessões que cada estudante e professor cultivava sobre a Arquitectura. Ser movimento arquitectónico no sentido do lançamento de novas matrizes para novos paradigmas formais não é uma necessidade para a garantia da qualidade das escolas, nem tão-pouco é uma característica própria destas. As que o alcançam, como vimos, são uma excepção. Enquanto no século XX uma escola era um conjunto de certezas e dogmas, de manifestos que apontavam uma direcção clara e um conjunto de convicções e ideais que davam forma a uma Arquitectura contundente, no actual século, uma escola é uma concentração de incertezas e de debates abertos de ideias em formação, que deve procurar estimular o pensamento autónomo e o sentido de responsabilidade, mas que deve evitar simplificar e reduzir a sua disciplina a conceitos, correntes ou modos de fazer determinados. Assim, no processo de cruzamento de influências que gera uma cultura arquitectónica, as escolas de Arquitectura funcionam como um conjunto de casulos de onde saem voando determinadas formas de ver e pensar o espaço. “É grande a importância que pode assumir a existência de uma escola de arquitectura na vivência de uma cidade e na formação da consciência cívica colectiva referida à arte urbana”¹³

O Departamento de Arquitectura de Coimbra pareceu-nos um bom pretexto para escrever e fizemo-lo na tentativa de explicitar as suas características e de encontrar o seu reflexo no espelho enquanto outros o olham. “A complexidade inerente à actuação do arquitecto introduz a necessidade de uma formação equilibrada, completa e simultânea, sobre o ponto de vista humanista, técnico e artístico”¹⁴. No Departamento, procura-se uma Arquitectura com um espírito globalizante, justificada não parcialmente, por um somatório de razões alheias a si, mas sim inclusivamente, e essa é a base de todo o sistema que permite ao Departamento resistir e ser. Permite-lhe ser essa mescla integradora que fez despoletar a sua existência, esse aproveitamento de um espaço em branco entre Lisboa e Porto, uma oportunidade de desenvolvimento livre de ideias sem tendências definidas *a priori*, que confere a Coimbra as mais-valias de ser convergência de diversas culturas, de ser junção de paradigmas diferentes na criação de um paradigma novo, de ser junção de pontos de vista contrários, antitéticos e, também, complementares. De ser, assim, uma espécie de “afectividade analítica”, segundo expressão de Jorge Figueira. Dado que não há denominador comum entre as visões críticas das personagens que convergem e criam o Departamento, gera-se um claustro fragmentado, onde as contradições encontram boas condições de prosperidade e onde há potencial para o desenvolvimento de visões desformatadas. Devido a esta libertação de dogmas, o Departamento permite que todos

afectividade
analítica

13 TAVARES, Domingos - Um plano para a Alta do fim do século XX, p. 31.

14 MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 451.

possam ser radicalmente diferentes, tal como são, exponenciando as suas características e convicções mais profundas sem necessidades de apaziguar intenções. Ao estarmos envolvidos na vida desta escola, no centro dos seus acontecimentos e debates, temos visões individuais sobre ela muito diferentes. O centro nevrálgico faz-nos ver com pouca objectividade e é a partir desse prisma que escrevemos sobre o claustro. No entanto, tentamos fazê-lo com alguma lucidez e, por isso, sem cair na tentação das justificações parciais.

Se, como sugere Zaera-Polo¹⁵, queremos criar bons pretextos para a Arquitectura, esses pretextos não deverão ser parciais, passageiros, sumativos ou diagramáticos. Um bom pretexto é complexo e é contraditório, é cheio, transborda, inunda e confunde, é belo, é leve e um pouco invisível. Como relembra Fernando Távora, a pretexto da convicção que a Arquitectura Moderna resultou de avanços científicos e técnicos, há realmente uma evolução nesse sentido que acompanha as vanguardas, como está patente nas relações do impressionismo com a ciência da óptica, nas relações do cubismo com a teoria da relatividade, nas relações do surrealismo com a psicanálise de Freud, etc. No entanto, como prova a história do projecto de Ictinus¹⁶ para o Templo dos Mistérios em Eleusis na Grécia¹⁷, a evolução técnica não determina, de facto, a obra de Arquitectura ou a arte, porque os factores, para além de técnicos, são infinitos e todos se influenciam mutuamente, como um sistema de interrelações inquebrável.

O facto de existir uma consciência deste sistema permite ao Departamento a criação da excepção, dá-lhe a morada do todo onde vivem as razões de ser. Foi a informalidade das relações e o despretençioso acolhimento da diferença que deram forma a Coimbra e são eles que lhe poderão proporcionar um futuro de crescimento. A pretexto do Departamento de Arquitectura de Coimbra, podiam-se escrever mais textos, como certamente acontecerá, podiam-se desenhar mais claustros, podiam-se sonhar mais projectos, podiam-se percorrer mais cidades, podiam-se visitar mais histórias... Mas a Arquitectura muda as cidades e as cidades mudam as gentes e as gentes mudam as cidades e as cidades mudam a Arquitectura, e é precisamente a mesma razão que põe o mundo a andar às voltas que mantém os edifícios onde são construídos. A mesma razão que pode servir de pretexto a tudo, porque todas as razões são válidas, porque todas as razões são simultaneamente constructos e construtoras de imaginário. E “agora que parece que uma nova crise se instalou, a crise de tudo”¹⁸, que é o mesmo que dizer a crise de nada, ou a crise de sempre. A pretexto do Departamento de Arquitectura de Coimbra, podem-se escrever muitas coisas e, conversa puxa conversa, acaba por escrever-se sempre pouco.

15 “Amidst seeming endless possibility, the limits of freedom, the rules and the boundaries, become more interesting than the possibilities. It is suddenly a bigger challenge, and a more interesting one, to refrain from making formal decisions for without a clear excuse, no matter how strong the impulse otherwise may be. This excuse is an interesting technique for production. It acknowledges the frictions between efficiencies and expression and is aimed at resolving the possible conflicts between the two. Perhaps, one of the most important things to learn in the current milieu is the capacity to create good excuses.” (ZAERA-POLO, Alejandro - *cit.*, p. 182).

16 Ictinus foi um arquitecto grego que viveu no século V AC e que é identificado como co-autor do Pártenon, juntamente com Calícrates.

17 O Telesterion era um grande templo em Eleusis, a 20 km de Atenas, para a iniciação nos Mistérios Eleusinos. Como ensinava Fernando Távora nas suas aulas, quando Ictinus projectou a ampliação deste templo, depois de parte dele ter sido destruído pelos persas, o seu projecto previa a construção de colunas em menor número e mais esguias do que as existentes no templo anterior, devido aos avanços técnicos. No entanto, esta proposta foi rejeitada, já que o que se almejava era a sensação de acolhimento, mistério, sombra e penúmbra propício ao climax do descobrimento dos mistérios da vida depois da morte.

18 BEIRÃO, Daniel; CRISÓSTEMO, João; CARVALHAL, Mário - Estado de crise, p. 117.

“Enfim, viver não é apenas difícil, é quase impossível, mormente naqueles casos em que, não estando a causa à vista, nos esteja interpelando o efeito, se ainda esse nome lhe basta, reclamando que o expliquemos em seus fundamentos e origens, e também como causa que por sua vez já começou a ser, porquanto, como ninguém ignora, a nós é que compete encontrar sentidos e definições, quando o que nos apeteceria seria fechar sossegadamente os olhos e deixar correr um mundo que muito mais nos vem governando do que se deixa, ele, governar.”¹⁹

19 SARAMAGO, José - *História do cerco de Lisboa*, p. 120.

ANEXOS

I. CRONOLOGIA DO DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA 1987-2011

DATA	EVENTO
<hr/>	
1987	
23 de Setembro	Reunião da Comissão Coordenadora da FCTUC, cujo ponto 4 da ordem de trabalhos trata da criação da Licenciatura em Arquitectura.
<hr/>	
1988	
15 de Janeiro	Apresentação da Proposta de Criação da Licenciatura em Arquitectura na FCTUC pelo Professor Ribeiro Gomes.
27 de Fevereiro	Debate proposto pelo NARC subordinado ao tema “Que ensino da Arquitectura em Coimbra?”.
1 de Julho	Exposição no Edifício Chiado com debate acerca do ensino da Arquitectura.
8 de Julho	Criada Licenciatura em Arquitectura na Universidade de Coimbra pela Portaria nº448/88 de 8 Julho, o plano de estudos foi fixado por despacho reitoral.
1988-1989	Primeiro ano lectivo, sem instalações próprias, a funcionar nos Departamentos de Física e Matemática.

1989

- 15 a 17 de Junho 5º Congresso da Associação de Arquitectos Portugueses, em Coimbra.
- 16 de Junho Publicada no *Diário de Coimbra* uma entrevista ao Professor João Mendes Ribeiro, que precede a sua demissão.
- Setembro Entrada do Professor Reis Cabrita para o 1º ano de Projecto.
- 23 de Novembro Criação da Comissão Instaladora Provisória cujos membros eram a Professora Maria Margarida Ramalho da Costa (presidente), Professor Artur Soares Alves, Professor Lusitano dos Santos.
- 29 de Dezembro Oficializada a participação do Professor Fernando Távora, Professor Alexandre Alves Costa, Professor Domingos Tavares que passaram a incorporar a Comissão Instaladora.
- 1989-1990 Primeiro ano lectivo no espaço do Antigo Colégio das Artes.

1990

- 1 de Outubro Saída da Comissão Instaladora do Professor Artur Soares Alves e entrada consequente do Professor José Carlos Teixeira.
- Setembro Entrada do Professor Raul Hestnes Ferreira para o 1º ano de Projecto e do Professor Manuel Tainha para o 3º ano de Projecto.
Entra em vigor novo plano de estudos.
- 10 de Novembro Alunos de Arquitectura manifestam-se no Paço das Escolas por falta de professores e más instalações.

1991

Primeira Comissão Científica do Departamento de Arquitectura composta por Fernando Távora, Maria Margarida Ramalho da Costa, Raul Hestnes, Alexandre Alves Costa, Domingos Tavares, António Reis Cabrita, Lusitano dos Santos, José Carlos Teixeira, José António Bandeirinha (representante dos assistentes).

1992

Setembro Entrada do Professor Gonçalo Byrne para o 5º ano de Projecto.

1993

27 de Junho Doutoramento *Honoris Causa* do Professor Fernando Távora.

Julho Licenciaram-se os primeiros Arquitectos da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

7 de Dezembro Alunos de Arquitectura manifestam-se nas Escadas Monumentais por melhores instalações.

1994

Setembro Entrada do Professor Graça Dias para o 3º ano de Projecto.
Entrada em vigor de novo plano de estudos.

1994-1995 Criado o curso de Direito no Porto, cuja Comissão Instaladora tinha membros da Universidade de Coimbra.

1995

Setembro Entrada do Professor Vítor Figueiredo para o 3º ano de Projecto.

- 10, 11 e 12 de Março 1º Encontro de Tomar, em Tomar.
- 29 de Novembro Apresentação dos trabalhos do concurso *A Alta de volta*, para os planos de reconversão dos espaços dos Colégios de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório Químico e área envolvente.

1996

- Início da e|d|arq.
- 23 de Maio Jantar surpresa de despedida da Professora Margarida Ramalho da Costa.
- Julho Novo Presidente: Professor José Carlos Teixeira.
- 25 de Julho a 5 de Agosto *Workshop* de Arquitectura de Montemor-o-Velho, organizado pelo Departamento de Arquitectura da FCTUC, pela Câmara Municipal e pelo Citemor/96.

1997

- Criação do Núcleo de Estudantes de Arquitectura, NUDA.
- 6 a 8 de Junho 2º Encontro de Tomar, em Coimbra.
- 23 de Novembro Doutoramento *Honoris Causa* do Professor Álvaro Siza.

1998

- 1 de Março Tomada de posse do Reitor Fernando Rebelo, substituindo o Reitor Rui de Alarcão.

6 a 8 de Junho 3º Encontro de Tomar em Tomar.

Setembro Entra em vigor novo plano de estudos.

1999

Edição da *ecdj* 1: A polémica do Freixo.

27 de Maio 4º Encontro de Tomar no Teatro Paulo Quintela, em Coimbra.

19 de Julho Doutoramento do Professor Paulo Varela Gomes.

Novembro Novo Presidente: Professor Mário Kruger, em substituição do Professor José Carlos Teixeira.

2000

Edição da *ecdj* 2: 10 Anos de Arquitectura no Colégio das Artes.

24 de Janeiro Edição da *ecdj* 3: Novos Mapas para Velhas Cidades.
Doutoramento do Professor António Olaio.

2001

Edição da *ecdj* 4: Coimbra um Novo Mapa.

Edição da *ecdj* 5: Investigação em Arquitectura?
Carta Constitucional para Coimbra e Conselho da Cidade.
26 de Abril Alunos e professores barricados por melhores condições.

28 de Novembro Doutoramento do Professor Walter Rossa.

2002

01 de Março	O decano Professor Arsélio Pato de Carvalho, substituindo o Reitor demissionário Professor Fernando Rebelo, assume funções.
Abril	Edição do primeiro número da Revista <i>nu</i> , Encruzilhadas.
11 de Julho	Doutoramento do Professor José António Bandeirinha.
15 de Julho	Doutoramento do Professor Vítor Murtinho.
Outubro	Novo Presidente: Professor José António Bandeirinha.

2003

	Edição da <i>ecdj</i> 6 7: Inserções Concurso público de ideias para a Rua da Sofia. Projecto <i>Relvinha CBR_X</i> . Coimbra Capital Nacional da Cultura.
1 de Março	Tomada de posse do Reitor Fernando Seabra Santos, substituindo o Reitor Arsélio Pato de Carvalho.
27 a 29 de Março	1º módulo do Seminário Internacional de Desenho Urbano <i>Inserções</i> .
14 de Junho a 12 de Julho	Seminário Internacional <i>Cidade Sofia, Cidades Universitárias em Debate nos Colégios da Sofia</i> .
26 e 27 de Setembro	2º módulo do Seminário Internacional de Desenho Urbano <i>Inserções</i> .
Outubro	5º Encontro de Tomar, na Figueira da Foz.

2004

Maio	Edição da <i>ecdj</i> 8: Sofia Concurso Público de Ideias.
------	--

Outubro Novo Presidente: Professor Vítor Murtinho.

2005

Edição da *ecdj* 9: Planos Salvaguarda de Vila Real de Santo António, Projecto Urbano de Coimbra.

16 de Fevereiro Manifesto dos alunos que origina a organização do Darq *Reboot*.

27 a 28 de Abril Darq *Reboot*.

3 de Setembro Morte de Fernando Távora.

2006

4 de Maio Doutoramento do Professor Gonçalo Seiça Neves.

Novembro Novo Presidente: Professor José António Bandeirinha.

2007

Edição da *ecdj* 10: Reabilitação Urbana - Mindelo Património de Cabo Verde Estratégias de Reabilitação.

29 de Março Doutoramento do Professor José Fernando Gonçalves.

Maio Novo Presidente: Professor Walter Rossa.

21 a 31 de Julho *WAP, Workshop* de Arquitectura de Penela.

30 de Setembro Doutoramento *Honoris Causa* do Professor Raul Hestnes Ferreira.

22 de Outubro Doutoramento do Professor Paulo Providência.

2008

Fevereiro Novo Presidente: Professor José Fernando Gonçalves.

Abril Edição da *ecdj* 11: Construir (na) memória.

31 de Julho Doutoramento do Professor Pedro Maurício Borges.

Setembro Entra em vigor novo plano de estudos de acordo com o Processo de Bolonha.

2008-2009 Primeiro ano da Licenciatura e Mestrado em Design e Multimédia.

2009

5 de Maio Doutoramento do Professor Joaquim Almeida.

7 de Maio Doutoramento do Professor Jorge Figueira.

15 de Maio Revogado o Decreto de Lei 73/73.

23 de Junho Doutoramento do Professor António Lousa.

29 de Junho Doutoramento do Professor João Paulo Cardielos.

30 de Junho Doutoramento do Professor Nuno Grande.

14 de Setembro Doutoramento do Professor João Mendes Ribeiro.

Outubro Edição da *ecdj* 12: Ressurreição Santa Clara-a-Velha.

2010

Março Edição da *Joelho #1*: Mulheres na Arquitectura.

27 de Outubro Doutoramento do Professor Pedro Pousada.

13 de Dezembro Doutoramento do Professor Rui Lobo.

22 de Dezembro Novo Presidente: Professor Jorge Figueira.

2011

1 de Março Tomada de posse do Reitor João Gabriel Silva, substituindo o Reitor Fernando Seabra Santos.

Abril Edição da *Joelho #2*: Intersecções: Antropologia e Arquitectura.

7 de Dezembro Doutoramento do Professor Gonçalo Canto Moniz.

II. PLANOS DE ESTUDOS DE 1988 A 2011

1988/1989

1º ANO

Análise Matemática I	Maria Manuela Sobral
Geometria Analítica	Maria Emília Miranda
Geometria Descritiva	Vítor Murtinho
Desenho de Arquitectura	Manuel João Dixo, Armando Alves Martins, Vítor Murtinho
História da Arte e Tecnologia	António Filipe Pimentel
Introdução à Arquitectura	António Reis Cabrita, João Mendes Ribeiro
Estática I	Dina Ferreira dos Santos Loff

1989/1990

1º ANO

Análise Matemática I	Carlos Leal, Maria Celeste Gouveia
Geometria Analítica	Maria Celeste Gouveia
Geometria Descritiva	Vítor Murtinho
Desenho de Arquitectura	Manuel João Dixo, Armando Alves Martins, Vítor Murtinho
História da Arte e Tecnologia	António Filipe Pimentel
Introdução à Arquitectura	António Reis Cabrita, José Aguiar Portela da Costa
Estática I	Dina Ferreira dos Santos Loff, Carlos Leal

2º ANO

Matemática Aplicada I	José Manuel Simões Pereira
Matemática Aplicada II (Ver infra anexo III.H, pp. 357-358.)	Maria Esmeralda Elvas Gonçalves
Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Walter Rossa, Mário Bento
História da Arquitectura I	Vítor Serrão
Teoria da Arquitectura I	José Aguiar Portela da Costa
Estática II	Carlos Leal
Tecnologia de Materiais	Jorge Lourenço
Elementos de Física	Manuel Fiolhais
Resistência de Materiais e Estruturas	Maria Helena Melão Barros

1990/1991

1º ANO

Desenho	Manuel João Dixo (reg.), António Olaio, Armando Alves Martins
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Gonçalo Seiça Neves
História de Arte	António Filipe Pimentel
Geometria	Vítor Murtinho
Matemáticas Gerais	António Caetano *

2º ANO

Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Walter Rossa, Mário Bento
História da Arquitectura I	Domingos Tavares *
Estática	Dina Ferreira dos Santos Loff
Tecnologias de Materiais	Jorge Lourenço
Introdução aos Computadores e Programação	Maria Isabel Alves

Elementos de Física	Manuel Fiolhais
Resistência de Materiais	Maria Helena Melão Barros *
3º ANO	
Projecto II	Manuel Tainha (reg.), Paulo Providência, José Fernando Gonçalves
História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	Todos os Docentes
Geografia	José Manuel Pereira de Oliveira, Fernando Rebelo
Construção I	João Eduardo Marta
Desenho assistido por computador	Alexandre Barbosa Ribeiro

1991/1992

1º ANO

Desenho	Manuel João Dixo (reg.), Armando Alves Martins, António Olaio
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Pedro Maurício Borges, Gonçalo Seiça Neves
História da Arte	António Filipe Pimentel
Geometria	Vítor Murtinho
Matemáticas Gerais	António Caetano *
2º ANO	
Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Walter Rossa, Mário Bento
História da Arquitectura I	Paulo Varela Gomes
Estática	Dina Ferreira dos Santos Loff
Tecnologias de Materiais	Jorge Lourenço
Introdução aos Computadores e Programação	Maria Isabel Alves *
Elementos de Física	Manuel Fiolhais

Resistência de Materiais	Maria Helena Melão Barros *
3º ANO	
Projecto II	Manuel Tainha (reg.), Paulo Providência, José Fernando Gonçalves
História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
Geografia	José Manuel Pereira de Oliveira, Fernando Rebelo
Construção I	João Eduardo Marta
Desenho Assistido por Computador	José Carlos Teixeira
4º ANO	
Projecto III	Fernando Távora (reg.), João Mendes Ribeiro
História da Arquitectura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
Urbanologia	Lusitano dos Santos
Construção II	João Eduardo Marta, Joaquim Almeida

1992/1993

1º ANO	
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Gonçalo Seiça Neves, Pedro Maurício Borges
Desenho	Mário João Dixo (reg.), Armando Alves Martins
História da Arte	António Filipe Pimentel
Geometria	Vítor Murtinho
Matemáticas Gerais	António Caetano
2º ANO	
Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), Jorge Figueira, José António Bandeirinha e Mário Bento

História da Arquitectura I	Paulo Varela Gomes
Estática	Dina Ferreira dos Santos Loff *
Tecnologias de Materiais	Jorge Lourenço *
Introdução aos Computadores e Programação	Maria Isabel Alves *
Elementos de Física	Manuel Fiolhais
Resistência de Materiais	Maria Helena Melão Barros *
3º ANO	
Projecto II	Manuel Tainha (reg.), Paulo Providência, José Fernando Gonçalves
História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
Geografia	Fernando Rebelo, Nuno Ganho
Construção I	João Eduardo Marta
Desenho Assistido por Computador	José Carlos Teixeira
4º ANO	
Projecto III	Fernando Távora (reg.), João Mendes Ribeiro, António Lousa
História da Arquitectura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
Urbanologia	Lusitano dos Santos
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida
5º ANO	
Projecto IV	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa (reg.), Walter Rossa
Construção III	José Gigante, Joaquim Almeida

4 disciplinas de opção

OPCIONAIS

Arquitectura Teórica I	Mário Kruger
Planeamento Físico I	Lusitano dos Santos (reg.), João Paulo Cardielos
Arquitectura Teórica II	Mário Kruger
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos (reg.), João Paulo Cardielos

1993/1994

1º ANO

Desenho	Manuel João Dixo
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Pedro Maurício Borges, Gonçalo Seça Neves
História da Arte	António Filipe Pimentel
Geometria	Vítor Murtinho
Matemáticas Gerais	António Caetano

2º ANO

Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Jorge Figueira, Mário Bento
História da Arquitectura I	Paulo Varela Gomes
Estática	Dina Ferreira dos Santos Loff *
Tecnologias de Materiais	Celestino Quaresma
Introdução aos Computadores e Programação	Maria Isabel Alves *
Elementos de Física	Manuel Fiolhais *
Resistência de Materiais	Isabel Torres

3º ANO

Projecto II	Manuel Tainha com Paulo Providência, José Fernando Gonçalves
-------------	--

História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
Geografia	Nuno Ganho, Ana Paula Santana
Construção I	João Eduardo Marta
Desenho Assistido por Computador	José Carlos Teixeira
4º ANO	
Projecto III	Fernando Távora (reg.), João Mendes Ribeiro, António Lousa
História da Arquitectura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Teoria da Arquitectura II	António Reis Cabrita, António Batista Coelho
Urbanologia	Lusitano dos Santos
Construção II	José Gigante
5º ANO	
Projecto IV	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa (reg.), Walter Rossa
Construção III	Joaquim Almeida
2 Disciplinas de opção	
OPÇÕES	
Arquitectura Teórica I	Mário Kruger
Planeamento Físico I	João Paulo Cardielos
Arquitectura Teórica II	Mário Kruger
Planeamento Físico II	João Paulo Cardielos

1994/1995

1º ANO

Desenho	Manuel João Dixo
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Gonçalo Seiça Neves
História da Arte e Cultura Clássica	Fernando Távora
História da Arte e Cultura Contemporânea	Fernando Távora
Geometria	Vítor Murtinho
Matemática	António Caetano

2º ANO

Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), Jorge Figueira, José António Bandeirinha, Mário Bento
História da Arquitectura I	Domingos Tavares
Estática	Dina Ferreira dos Santos Loff *
Tecnologias de Materiais	Celestino Quaresma
Desenho Arquitectónico	Alexandre Alves Costa
Elementos de Física	Lucília Pires Brito *
Resistência de Materiais	Luís Alberto Simões da Silva

3º ANO

Projecto II	Manuel Graça Dias (reg.), José Fernando Gonçalves, Paulo Providência
História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
Geografia	Nuno Ganho, Ana Paula Santana
Construção I	João Eduardo Marta
Desenho Assistido por Computador	José Carlos Teixeira

4º ANO

Projecto III	Fernando Távora (reg.), João Mendes Ribeiro, António Lousa
História da Arquitectura Contemporânea	António Reis Cabrita
Teoria da Arquitectura II	António Reis Cabrita
Urbanologia	Lusitano dos Santos
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida

5º ANO

Projecto IV	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa
Construção III	José Gigante, Joaquim Almeida

2 disciplinas de opção

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

Arquitectura Teórica I	Mário Kruger
Planamento Físico I	Lusitano dos Santos
Morfologia Urbana I	Mário Kruger
Arquitectura Teórica II	Mário Kruger
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos
Morfologia Urbana II	Mário Kruger

1995/1996

1º ANO

Desenho	Manuel João Dixo, António Olaio
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Gonçalo Seiça Neves
História da Arte e Cultura Clássica	Fernando Távora
História da Arte e Cultura Contemporânea	Fernando Távora (reg.), Rui Lobo
Geometria	Vítor Murtinho
Matemática	Helena Albuquerque

2º ANO

Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz (monitor)
História da Arquitectura I	Domingos Tavares
Estática	Dina Ferreira dos Santos Loff
Tecnologias de Materiais	Celestino Quaresma
Desenho Arquitectónico	Alexandre Alves Costa
Elementos de Física	Lucília Pires Brito
Resistência de Materiais	Carla Ferreira

3º ANO

Projecto II	Vítor Figueirdo (reg.), Paulo Providencia, José Fernando Gonçalves
História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
Geografia	Nuno Ganho, Ana Paula Santana
Construção I	João Eduardo Marta
Desenho Assistido por Computador	José Carlos Teixeira

4º ANO

Projecto III	Fernando Távora (reg.), João Mendes Ribeiro, António Lousa
História da Arquitectura Contemporânea	Mário Kruger
Teoria da Arquitectura II	António Reis Cabrita
Urbanologia	Lusitano dos Santos
Construção II	José Gigante (reg.), Joaquim Almeida, António Bettencourt

5º ANO

Projecto IV	Gonçalo Byrne (reg.), Mário Bento, Nuno Grande
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa (reg.), Rui Lobo
Construção III	

2 disciplinas de opção

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

Arquitectura Teórica I	Mário Kruger
Planamento Físico I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Antropologia do Espaço I	Carlos Afonso
Morfologia Urbana I	Mário Kruger
Cultura Material I	José Maria Amado Mendes
Arquitectura Teórica II	Mário Kruger
Planeamento Físico II	João Paulo Cardielos
Antropologia do Espaço II	Carlos Afonso
Morfologia Urbana II	Mário Kruger

1996/1997

1º ANO

Desenho	Manuel João Dixo (reg.), Sebastião Resende
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Gonçalo Seiça Neves, Pedro Maurício Borges, Adelino Gonçalves
História da Arte e Cultura Clássica	Fernando Távora (reg.), Rui Lobo
História da Arte e Cultura Contemporânea	Fernando Távora (reg.), Rui Lobo
Geometria	João Pedro Xavier, João Paulo Cardielos
Matemática	Helena Albuquerque

2º ANO

Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz
História da Arquitectura I	Domingos Tavares
Estática	Carlota Simões
Tecnologias de Materiais	Celestino Quaresma
Desenho Arquitectónico	Alexandre Alves Costa
Elementos de Física	Lucília Brito
Resistência de Materiais	Carla Ferreira

3º ANO

Projecto II	Vítor Figueiredo (reg.), Paulo Providência, José Fernando Gonçalves
História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
Geografia	Ana Paula Santana, Luciano Lourenço
Construção I	José Gigante, Joaquim Almeida, António Bettencourt

Desenho Assistido por Computador	José Carlos Teixeira
4º ANO	
Projecto III	Domingos Tavares (reg.), João Mendes Ribeiro, António Lousa
História da Arquitectura Contemporânea	Mário Kruger (reg.), Rui Lobo
Teoria da Arquitectura II	António Reis Cabrita
Urbanologia	Lusitano dos Santos
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida, António Bettencourt
5º ANO	
Projecto IV	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, Mário Bento
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa (reg.), Rui Lobo
Construção III	João Eduardo Marta
2 disciplinas de opção	
6º ANO	
Prova Final	
OPÇÕES	
Arquitectura Teórica I	Mário Kruger
Planemento Físico I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Antropologia do Espaço I	Carlos Afonso
Morfologia Urbana I	Mário Kruger
Arquitectura Teórica II	Mário Kruger
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Antropologia do Espaço II	Carlos Afonso
Morfologia Urbana II	Mário Kruger

1997/1998**1º ANO**

Desenho	Manuel João Dixo (reg.), Sebastião Resende
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Gonçalo Seiça Neves, Pedro Maurício Borges, Adelino Gonçalves
História da Arte e Cultura Clássica	Fernando Távora
História da Arte e Cultura Contemporânea	Fernando Távora
Geometria	João Pedro Xavier, João Paulo Cardielos
Matemática	Helena Albuquerque

2º ANO

Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz
História da Arquitectura I	Walter Rossa
Estática	Carlota Simões
Tecnologias de Materiais	Celestino Quaresma
Desenho Arquitectónico	Walter Rossa (reg.), Teresa Pais
Elementos de Física	Lucília Brito
Resistência de Materiais	Carla Ferreira

3º ANO

Projecto II	Vítor Figueiredo (reg.), José Fernando Gonçalves, Paulo Providência
História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
Geografia	Ana Paula Santana, José Gomes dos Santos
Construção I	José Gigante, António Bettencourt
Desenho Assistido por Computador	José Carlos Teixeira

4º ANO

Projecto III	Domingos Tavares (reg.), António Lousa, João Mendes Ribeiro
História da Arquitectura Contemporânea	Mário Kruger (reg.), Rui Lobo
Teoria da Arquitectura II	António Reis Cabrita
Urbanologia	Lusitano dos Santos
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida

5º ANO

Projecto IV	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, João Paulo Cardielos, Mário Bento
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa (reg.), Rui Lobo
Construção III	António Tadeu, José Raimundo Mendes da Silva

2 disciplinas de opção

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

Arquitectura Teórica I	Mário Kruger
Planamento Físico I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
História das Cidades I	Walter Rossa
Morfologia Urbana I	Mário Kruger
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
História das Cidades II	Walter Rossa
Morfologia Urbana II	Mário Kruger

1998/1999

1º ANO

Projecto I Raul Hestnes Ferreira (reg.), Pedro Maurício Borges, Adelino Gonçalves, Nuno Correia (monitor), Susana Lobo (monitora), Armando Rabaça (monitor)

Desenho I Manuel João Dixo (reg.), Sebastião Resende

História da Arte e Cultura Clássica Fernando Távora

História da Arte e Cultura Contemporânea Fernando Távora

Geometria João Pedro Xavier (reg.), Teresa Pais

Geografia Ana Paula Santana

2º ANO

Projecto II Alexandre Alves Costa (reg.), Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz

Desenho II Luísa Brandão

Teoria da Arquitectura I António Reis Cabrita

História da Arquitectura Clássica e Medieval Paulo Varela Gomes

Introdução aos Sistemas Construtivos José Gigante, Joaquim Almeida, António Bettencourt

Antropologia do Espaço Carlos Afonso

3º ANO

Projecto III Vítor Figueiredo (reg.), José Fernando Gonçalves, António Lousa

Teoria da Arquitectura II Mário Kruger

História da Arquitectura Moderna Domingos Tavares, Paulo Varela Gomes

Construção I José Gigante

Tecnologia da Construção I José Raimundo Mendes da Silva

Desenho Assistido por Computador José Carlos Teixeira

4º ANO

Projecto IV	Domingos Tavares (reg.), João Mendes Ribeiro, Paulo Providência
História da Arquitectura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida
Tecnologias da Construção II	António Tadeu, José Raimundo Mendes da Silva
Urbanologia	Lusitano dos Santos
5º ANO	
Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
4 disciplinas de opção	
6º ANO	
Prova Final	
OPÇÕES	
Arquitectura Teórica I	Mário Kruger (reg.), Cidália Silva
História das Cidades I	Walter Rossa
Planeamento Físico I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Arquitectura Teórica II	Mário Kruger
História das Cidades II	Walter Rossa
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos

1999/2000

1º ANO

Projecto I	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Adelino Gonçalves, Nuno Correia, Susana Lobo, Armando Rabaça
Desenho I	António Olaio (reg.), Teresa Pais
História da Arte e Cultura Clássica	Fernando Távora (reg.), Rui Lobo
História da Arte e Cultura Contemporânea	Fernando Távora (reg.), Rui Lobo
Geometria	Vítor Murtinho
Geografia	Ana Paula Santana, Nuno Ganho

2º ANO

Projecto II	Alexandre Alves Costa (reg.), Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz
Desenho II	António Olaio
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
História da Arquitectura Clássica e Medieval	Domingos Tavares
Introdução aos Sistemas Construtivos	Joaquim Almeida, António Bettencourt
Antropologia do Espaço	Carlos Afonso

3º ANO

Projecto III	Vítor Figueiredo (reg.), Pedor Maurício Borges, António Lousa
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
História da Arquitectura Moderna	Paulo Varela Gomes
Construção I	José Gigante, António Bettencourt
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva
Desenho Assistido por Computador	Alexandre Barbosa Ribeiro

4º ANO

Projecto IV	Domingos Tavares (reg.), João Mendes Ribeiro
História da Arquitectura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida
Tecnologias da Construção II	José Raimundo Mendes da Silva
Urbanologia	Lusitano dos Santos

5º ANO

Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos

4 disciplinas de opção

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

Arquitectura Teórica I	Mário Kruger
História das Cidades I	Walter Rossa
Comunicação Computacional I	José Carlos Teixeira
Planeamento Físico I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Arquitectura Teórica II	Mário Kruger
História das Cidades II	Walter Rossa
Comunicação Computacional II	José Carlos Teixeira
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Arqueologia Industrial	José Maria Amado Mendes

2000/2001

1º ANO

Projecto I	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Adelino Gonçalves, Nuno Correia, Armando Rabaça, Susana Lobo
Desenho I	António Olaio, Pedro Pousada, Sebastião Resende
História da Arte e Cultura Clássica	Paulo Varela Gomes
História da Arte e Cultura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Geometria	Vítor Murtinho, Teresa Pais
Geografia	Ana Paula Santana, Nuno Ganho

2º ANO

Projecto II	Alexandre Alves Costa (reg.), Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz, Nuno Correia
Desenho II	António Olaio (reg.), Pedro Pousada, Teresa Pais
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
História da Arquitectura Clássica e Medieval	Paulo Varela Gomes
Introdução aos Sistemas Construtivos	Joaquim Almeida
Antropologia do Espaço	Sandra Xavier

3º ANO

Projecto III	Vítor Figueiredo (reg.), Paulo Providência, António Lousa, Pedro Maurício Borges
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger, Cidália da Silva
História da Arquitectura Moderna	Paula Varela Gomes
Construção I	José Gigante, António Bettencourt
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva
Desenho Assistido por Computador	Alexandre Barbosa Ribeiro, Laurentina Soares

4º ANO

Projecto IV	Domingos Tavares (reg.), João Mendes Ribeiro, Carlos Martins
História da Arquitectura Contemporânea	Jorge Figueira
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida
Tecnologias da Construção II	Telmo Dias Pereira, João Paulo Rodrigues
Urbanologia	Lusitano dos Santos

5º ANO

Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos

4 disciplinas de opção

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

História das Cidades I	Walter Rossa
Planeamento Físico I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
História das Cidades II	Walter Rossa
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Arqueologia Industrial	José Maria Amado Mendes

2001/2002

1º ANO

Projecto I	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Adelino Gonçalves, Nuno Correia, Armando Rabaça, Susana Lobo
Desenho I	António Olaio (reg.), Sebastião Resende, Pedro Pousada

História da Arte e Cultura Clássica	Paulo Varela Gomes
História da Arte e Cultura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Geometria	Vítor Murtinho (reg.), Teresa Pais
Geografia	Ana Paula Santana, Nuno Ganho
2º ANO	
Projecto II	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz
Desenho II	António Olaio (reg.), Sebastião Resende, Pedro Pousada
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
História da Arquitectura Clássica e Medieval	Paulo Varela Gomes
Introdução aos Sistemas Construtivos	José Gigante, António Bettencourt
Antropologia do Espaço	Sandra Xavier
3º ANO	
Projecto III	José Gigante (reg.), Gonçalo Seiça Neves, Pedro Maurício Borges
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
História da Arquitectura Moderna	Paulo Varela Gomes
Construção I	António Reis Cabrita, António Bettencourt
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva, Laurentina Pinto Soares
Desenho Assistido por Computador	Alexandre Leitão Barbosa Ribeiro
4º ANO	
Projecto IV	Domingos Tavares (reg.), Carlos Martins, João Mendes Ribeiro
História da Arquitectura Contemporânea	Jorge Figueira (reg.), Pedro Barão
Construção II	Joaquim Almeida
Tecnologias da Construção II	Fernando José Telmo Dias Pereira, João Paulo Rodrigues

Urbanologia	Lusitano dos Santos
5º ANO	
Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa (reg.), Pedro Barão
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos, Mário Bento
4 disciplinas de opção	
6º ANO	
Prova Final	
OPÇÕES	
História das Cidades I	Walter Rossa
Planeamento Físico I	Lusitano dos Santos, Mário Bento
História das Cidades II	Walter Rossa
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos, Mário Bento
Arqueologia Industrial	José Amado Mendes
Conceitos e Prática da Arte Contemporânea I	António Olaio
Conceitos e Prática da Arte Contemp. II	António Olaio

2002/2003

1º ANO	
Projecto I	Raul Hestnes (reg.), Adelino Gonçalves, Nuno Correia, Armando Rabaça
Desenho I	António Olaio (reg.), Sebastião Resende, Pedro Pousada
História da Arte e Cultura Clássica	Paulo Varela Gomes
História da Arte e Cultura Contemporânea	Alexandre Alves Costa
Geometria	Vítor Murtinho

Geografia	Ana Paula Santana, Nuno Ganho
2º ANO	
Projecto II	José António Bandeirinha (reg.), Gonçalo Canto Moniz, Nuno Correia, Armando Rabaça
Desenho II	António Olaio (reg.), Sebastião Resende, Pedro Pousada
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
História da Arquitectura Clássica e Medieval	Paulo Varela Gomes
Introdução aos Sistemas Construtivos	António Bettencourt
Antropologia do Espaço	Sandra Xavier
3º ANO	
Projecto III	José Gigante (reg.), Gonçalo Seiça Neves, Pedro Maurício Borges
Teoria da Arquitectura II	Domingos Tavares, Jorge Figueira
História da Arquitectura Moderna	Paulo Varela Gomes
Construção I	José Gigante, António Bettencourt
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva
Desenho Assistido por Computador	Alexandre Barbosa Ribeiro, Laurentina Pinto Soares
4º ANO	
Projecto IV	João Mendes Ribeiro (reg.), Carlos Martins
História da Arquitectura Contemporânea	Walter Rossa, Jorge Figueira
Construção II	José Gigante, João Mendes Ribeiro, Carlos Martins
Tecnologias da Construção II	José Raimundo Mendes da Silva, Luís Serra e Silva
Urbanologia	Lusitano dos Santos, Walter Rossa

5º ANO

Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Rui Lobo, José Fernando Gonçalves
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos, Mário Bento

4 disciplinas de opção

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

Planeamento Físico I	Mário Bento
Planeamento Físico II	Mário Bento
Arqueologia Industrial	José Maria Amado Mendes
História e Estética do Cinema	Abílio Hernandez
Conceitos e Prática da Arte Contemporânea I	António Olaio
Conceitos e Prática da Arte Contemp. II	António Olaio
Crítica da História da Arquitectura I	Paulo Varela Gomes

2003/2004

1º ANO

Projecto I	Raul Hestens (reg.), Adelino Gonçalves, Nuno Correia, Armando Rabaça
Desenho I	António Olaio (reg.), Sebastião Resende, Pedro Pousada
História da Arte e Cultura Clássica	Paulo Varela Gomes
História da Arte e Cultura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Geometria	Vítor Murtinho
Geografia	Ana Paula Santana, António Rochette

2º ANO

Projecto II	José António Bandeirinha (reg.), Gonçalo Canto Moniz, Armando Rabaça
Desenho II	António Olaio (reg.), Sebastião Resende, Pedro Pousada
Teoria da Arquitectura I	Domingos Tavares (reg.), Gonçalo Seíça Neves
História da Arquitectura Clássica e Medieval	Paulo Varela Gomes
Introdução aos Sistemas Construtivos	António Bettencourt
Antropologia do Espaço	Luís Quintais, Sandra Xavier

3º ANO

Projecto III	José Gigante (reg.), Paulo Providência, António Lousa
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
História da Arquitectura Moderna	Paulo Varela Gomes
Construção I	José Gigante, António Bettencourt
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva, Isabel Torres
Desenho Assistido por Computador	Alexandre Leitão Ribeiro, Laurentina Soares

4º ANO

Projecto IV	Domingos Tavares (reg.), Carlos Martins, João Mendes Ribeiro, Rui Lobo
História da Arquitectura Contemporânea	Mário Kruger (reg.), Gonçalo Seíça Neves
Construção II	José Gigante (reg.), Carlos Martins, João Fôja, João Nuno Gomes
Tecnologias da Construção II	Luís Serra e Silva, Julieta António
Urbanologia	Lusitano dos Santos

5º ANO

Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), José Fernando Gonçalves, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa

Sistemas Urbanos Lusitano dos Santos

4 disciplinas de opção

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

Arquitectónicas de Forma Vítor Murtinho

Critérios de Intervenção no Património Paulo Jorge Pereira

Arqueologia Industrial José Maria Amado Mendes

História e Estética do Cinema Abílio Hernandez

Conceitos e Prática da Arte Contemporânea I António Olaio

Conceitos e Prática da Arte Contemp. II António Olaio

2004/2005

1º ANO

Projecto I José António Bandeirinha (reg.), Gonçalo Canto Moniz, Armando Rabaça

Desenho I António Olaio (reg.), Teresa Pais, Pedro Pousada

História da Arte e Cultura Clássica Paulo Varela Gomes

História da Arte e Cultura Contemporânea Paulo Varela Gomes

Geometria Vítor Murtinho

Geografia Ana Paula Santana, António Rochette

2º ANO

Projecto II Alexandre Alves Costa (reg.), Adelino Gonçalves, Nuno Correia

Desenho II António Olaio (reg.), Teresa Pais, Pedro Pousada

Teoria da Arquitectura I Domingos Tavares

História da Arquitectura Clássica e Medieval	Paulo Varela Gomes
Introdução aos Sistemas Construtivos	António Bettencourt
Antropologia do Espaço	Luís Quintais, Sandra Xavier
3º ANO	
Projecto III	José Gigante (reg.), Gonçalo Seça Neves, Paulo Providência, António Lousa
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
História da Arquitectura Moderna	Paulo Varela Gomes
Construção I	José Gigante, António Bettencourt
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva, Isabel Torres
Desenho Assistido por Computador	Alexandre Barbosa Ribeiro, Laurentina Pinto Soares
4º ANO	
Projecto IV	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins
História da Arquitectura Contemporânea	Mário Kruger, Carlos Martins
Construção II	José Gigante, João Nuno Gomes
Tecnologias da Construção II	Telmo Dias Pereira, Julieta António
Urbanologia	Lusitano dos Santos
5º ANO	
Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), João Paulo Cardielos, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos
4 disciplinas de opção	
6º ANO	
Prova Final	

OPÇÕES

Narratologia	Abílio Hernandez
Conceitos e Prática da Arte Contemporânea I	António Olaio
Conceitos e Prática da Arte Contemp. II	António Olaio
Arquitectónicas de Forma	Vítor Murtinho
Museologia Crítica	Anthony Shelton
Cultura Material II	Nuno Porto
Cinema Americano I	Abílio Hernandez

2005/2006

1º ANO

Projecto I	José António Bandeirinha (reg.), Gonçalo Canto Moniz, Armando Rabaça
Desenho I	António Olaio (reg.), Teresa Pais, Pedro Pousada
História da Arte e Cultura Clássica	Paulo Varela Gomes
História da Arte e Cultura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Geometria	Vítor Murtinho
Geografia	Ana Paula Santana, António Rochette

2º ANO

Projecto II	Alexandre Alves Costa (reg.), Nuno Correia, Nelson Mota, Luís Miguel Correia
Desenho II	António Olaio (reg.), Teresa Pais, Pedro Pousada
Teoria da Arquitectura I	Domingos Tavares
História da Arquitectura Clássica e Medieval	Paulo Varela Gomes
Introdução aos Sistemas Construtivos	António Bettencourt
Antropologia do Espaço	Luís Quintais, Sandra Xavier

3º ANO

Projecto III	José Gigante (reg.), Gonçalo Seiça Neves, Paulo Providência
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
História da Arquitectura Moderna	Paulo Varela Gomes
Construção I	José Gigante, António Bettencourt
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva, Isabel Torres
Desenho Assistido por Computador	Alexandre Barbosa Ribeiro, Laurentina Soares

4º ANO

Projecto IV	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins
História da Arquitectura Contemporânea	Mário Kruger, Carlos Martins
Construção II	Joaquim Almeida
Tecnologias da Construção II	Telmo Dias Pereira, Julieta António
Urbanologia	Lusitano dos Santos

5º ANO

Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, João Paulo Cardielos
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos

4 disciplinas de opção

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

Análise de Filmes II	Abílio Hernandez
Arquitectónicas da Forma	Vítor Murtinho

Conceitos e Prática da Arte Contemporânea I	António Olaio
História e Estética do Cinema	Abílio Hernandez
Conceitos e Prática da Arte Contemp. II	António Olaio
Museologia Crítica	Anthony Alan Shelton
Cultura Material II	Nuno Porto

2006/2007

1º ANO

Projecto I	José António Bandeirinha (reg.), Pedro Maurício Borges, Armando Rabaça
Desenho I	António Olaio (reg.), Pedro Pousada, Teresa Pais
História da Arte e Cultura Clássica	José António Bandeirinha
História da Arte e Cultura Contemporânea	José António Bandeirinha
Geometria	Vítor Murtinho (reg.), Teresa Pais
Geografia	Ana Paula Santana, António Rochette

2º ANO

Projecto II	Alexandre Alves Costa (reg.), Nuno Correia, Jorge Figueira, Nelson Mota
Desenho II	António Olaio (reg.), Pedro Pousada, Teresa Pais
Teoria da Arquitectura I	Gonçalo Seiça Neves
História da Arquitectura Clássica e Medieval	José Quintão
Introdução aos Sistemas Construtivos	José Gigante, João Fôja
Antropologia do Espaço	Luís Quintais, Sandra Xavier

3º ANO

Projecto III	José Gigante (reg.), João Paulo Providência, António Lousa
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger

História da Arquitectura Moderna	Gonçalo Seiça Neves
Construção I	José Gigante, João Fôja
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva, Isabel Torres
Desenho Assistido por Computador	Laurentina Pinto Soares, Alexandre Barbosa Ribeiro
4º ANO	
Projecto IV	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins
História da Arquitectura Contemporânea	Mário Kruger, Carlos Martins
Construção II	Joaquim Almeida
Tecnologias da Construção II	José Raimundo Mendes da Silva, Isabel Torres
Urbanologia	Lusitano dos Santos
5º ANO	
Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, João Paulo Cardielos, Luís Miguel Correia
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos
4 disciplinas de opção	
6º ano	
Prova Final	
OPÇÕES	
Análise de Filmes II	Abílio Hernandez
Arquitectónicas da Forma	Vítor Murtinho
Conceitos e Prática da Arte Contemporânea I	António Olaio
História e Estética do Cinema	Abílio Hernandez
Conceitos e Prática da Arte Contemp. II	António Olaio

Museologia Crítica	Nuno Porto
Cultura Material II	Nuno Porto
Materiais Geológicos e Arquitectura	Nelson Rodrigues

2007/2008

1º ANO – 1º SEMESTRE

Projecto I	Walter Rossa (reg.), Luís Miguel Correia, Nuno Correia, Nelson Mota
Desenho I	António Olaio (reg.), Teresa Pais, Pedro Pousada
Geometria	Vítor Murtinho (reg.), Teresa Pais
História da Arte e Cultura Clássica	Walter Rossa
Geografia	Ana Paula Santana

1º ANO – 2º SEMESTRE

Projecto I	Walter Rossa (reg.), Luís Miguel Correia, Nuno Correia, Nelson Mota
Desenho I	António Olaio (reg.), Teresa Pais, Pedro Pousada
Geometria	Vítor Murtinho
História da Arte e Cultura Contemporânea	Walter Rossa
Geografia	António Rochette

2º ANO – 3º SEMESTRE

Projecto II	José António Bandeirinha (reg.), João Mendes Ribeiro, Paulo Providência
Desenho II	António Olaio (reg.), Pedro Pousada, Teresa Pais
Teoria da Arquitectura I	Mário Kruger, Jorge Figueira
História da Arquitectura Clássica e Medieval	Domingos Tavares
Introdução aos Sistemas Construtivos	José Gigante, João Fôja
Antropologia do Espaço	Luís Quintais, Sandra Xavier

2º ANO – 4º SEMESTRE

Projecto II	José António Bandeirinha (reg.), João Mendes Ribeiro e Paulo Providência
Desenho II	António Olaio (reg.), Pedro Pousada, Teresa Pais
Teoria da Arquitectura I	Mário Kruger, Jorge Figueira
História da Arquitectura Clássica e Medieval	Domingos Tavares
Introdução aos Sistemas Construtivos	José Gigante, João Fôja
Antropologia do Espaço	Luís Quintais, Sandra Xavier

3º ANO – 5º SEMESTRE

Projecto III	José Gigante (reg.), Pedro Maurício Borges, António Lousa
Construção I	José Gigante, João Fôja
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
História da Arquitectura Moderna	Domingos Tavares
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva, Isabel Torres
Desenho Assistido por Computador	Laurentina Soares

3º ANO – 6º SEMESTRE

Projecto III	José Gigante (reg.), Pedro Maurício Borges, António Lousa
Construção I	José Gigante, João Fôja
Teoria da Arquitectura II	Mário Kruger
História da Arquitectura Moderna	Domingos Tavares
Tecnologia da Construção I	José Raimundo Mendes da Silva, Isabel Torres
Desenho Assistido por Computador	Laurentina Soares

4º ANO – 7º SEMESTRE

Projecto IV	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins, Joaquim Almeida
Construção I	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins, Joaquim Almeida
História da Arquitectura Contemporânea	Jorge Figueira
Tecnologia da Construção II	Isabel Torres
Urbanologia	Lusitano dos Santos

4º ANO – 8º SEMESTRE

Projecto IV	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins, Joaquim Almeida
Construção II	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins, Joaquim Almeida
História da Arquitectura Contemporânea	Jorge Figueira
Tecnologia da Construção II	Andreia Pereira
Urbanologia	Lusitano dos Santos

5º ANO – 9º SEMESTRE

Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, João Paulo Cardielos, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa (reg.), Rui Lobo
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos

2 disciplinas de opção

5º ANO – 10º SEMESTRE

Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, João Paulo Cardielos, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa (reg.), Rui Lobo
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos

2 disciplinas de opção

6º ANO – 11º SEMESTRE

Dissertação

OPÇÕES

Análise de Filmes II	Abílio Hernandez
Arquitectónicas da Forma	Vítor Murtinho
Conceitos e Práticas da Arte Contemp. I	António Olaio
História e Estética do Cinema	Abílio Hernandez
Conceitos e Práticas da Arte Contemp. II	António Olaio
Cultura Material	Nuno Porto

* Não foi possível confirmar oficialmente os nomes assinalados.

2008/2009 (Primeiro ano no Acordo de Bolonha)

1º ANO – 1º SEMESTRE

Projecto I (anual)	José António Bandeirinha (reg.), Carlos Antunes, Miguel Correia, Nelson Mota, Nuno Correia
Desenho I (anual)	António Olaio (reg.), Teresa Pais, Carlos Antunes
Geometria (anual)	Vítor Murtinho (reg.), Teresa Pais
Introdução à Cultura Construtiva	José Gigante (reg.), João Fôja, João Nuno Gomes
Introdução à Cultura Arquitectónica I	José António Bandeirinha
História da Arquitectura Antiga e Medieval I	Domingos Tavares (reg.), Nuno Correia

1º ANO – 2º SEMESTRE

Materiais de Construção	José Gigante (reg.), João Fôja, João Nuno Gomes
Introdução à Cultura Arquitectónica II	José António Bandeirinha
História da Arquitectura Antiga e Medieval II	Domingos Tavares (reg.), Nuno Correia

2º ANO – 3º SEMESTRE

Projecto II (anual)	Paulo Providência (reg.), Paula Santos, João Mendes Ribeiro
Desenho II (anual)	António Olaio
Teoria da Arquitectura I	Jorge Figueira
Física da Construção	Isabel Torres
Arquitectura e Projecto Digital I	Mário Krüger, José Pinto Duarte
História da Arquitectura Moderna I	Domingos Tavares (reg.), Nuno Correia

2º ANO – 4º SEMESTRE

Teoria da Arquitectura II	Jorge Figueira
Princ. de Funcionamº Estrutural dos Edifícios	José Raimundo Mendes da Silva
Arquitectura e Projecto Digital II	Mário Krüger, José Pinto Duarte

História da Arquitectura Moderna II	Domingos Tavares (reg.), Nuno Correia
3º ANO – 5º SEMESTRE	
Projecto III (anual)	José Gigante (reg.), Pedro Maurício Borges, António Lousa, João Nuno Gomes
Construção I (anual)	José Gigante (reg.), João Fôja, João Nuno Gomes
História de Arquitectura Contemporânea I	Jorge Figueira (reg.), Armando Rabaça
Teoria da Arquitectura III	Mário Kruger
Tecnologia e Qualidade da Construção	José Raimundo Mendes da Silva
Geografia Física	Ana Paula Santana
3º ANO – 6º SEMESTRE	
História da Arquitectura Contemporânea II	Jorge Figueira (reg.), Armando Rabaça
Teoria da Arquitectura IV	Nuno Grande
Antropologia do Espaço	Sandra Xavier
Geografia Urbana	António Rochette
4º ANO – 7º SEMESTRE	
Projecto IV (anual)	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins, Armando Rabaça
Construção II (anual)	José Fernando Gonçalves, Joaquim Almeida
História da Arquitectura Portuguesa I	Alexandre Alves Costa (reg.), Rui Lobo
Cidade e Território I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Projecto Urbano I	Adelino Gonçalves
1 disciplina de opção	
4º ANO – 8º SEMESTRE	
História da Arquitectura Portuguesa II	Alexandre Alves Costas (reg.), Rui Lobo
Cidade e Território II	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos

Projecto Urbano II	Adelino Gonçalves
1 disciplina de opção	
5º ANO – 9º SEMESTRE	
Projecto V (anual)	Gonçalo Byrne (reg.), João Paulo Cardielos, Rui Lobo, Nuno Grande
Seminário de Investigação em Arquitectura	Mário Kruger
3 disciplinas de opção	
5º ANO – 10º SEMESTRE	
Dissertação	Mário Kruger, José António Bandeirinha, Vítor Murtinho, José Fernando Gonçalves, Paulo Providência, Pedro Maurício Borges
OPÇÕES	
Organização do Projecto e Prática Profissional	José Fernando Gonçalves
Arquitecturas Virtuais	Miguel Cerqueira Soares
Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea	António Olaio
História e Estética do Cinema II	Abílio Hernandez
Temas e Problemas da Arqª Contemporânea	Paulo Providência
Expressão Plástica e Multimédia	Miguel Cerqueira Soares
Arquitectónicas da forma	Vítor Murtinho
Estudos de Composição	António Olaio

2009/2010

1º ANO – 1º SEMESTRE

Projecto I (anual)	Pedro Maurício Borges (reg.), Miguel Correia, Joaquim Almeida, Carlos Antunes
Desenho I (anual)	António Olaio (reg.), Carlos Antunes, Teresa Pais
Geometria (anual)	Vítor Murtinho (reg.), Teresa Pais

Introdução à Cultura Construtiva	Joaquim Almeida (reg.), João Nuno Gomes, João Fôja
Introdução à Cultura Arquitectónica I	Walter Rossa
História da Arquitectura Antiga e Medieval I	Paulo Varela Gomes
1º ANO – 2º SEMESTRE	
Materiais de Construção	Joaquim Almeida (reg.), João Nuno Gomes, João Fôja
Introdução à Cultura Arquitectónica II	Walter Rossa
História da Arquitectura Antiga e Medieval II	Paulo Varela Gomes
2º ANO – 3º SEMESTRE	
Projecto II (anual)	Paulo Providência (reg.), Paula Santos, Gonçalo Canto Moniz
Desenho II (anual)	António Olaio (reg.), Carlos Antunes
Teoria da Arquitectura I	Jorge Figueira
Física da Construção	Isabel Torres
Arquitectura e Projecto Digital I	José Pedro Sousa
História da Arquitectura Moderna I	Domingos Tavares, Vítor Murtinho
2º ANO – 4º SEMESTRE	
Teoria da Arquitectura II	Jorge Figueira
Princ. de Funcionamº Estrutural dos Edifícios	José Raimundo Mendes da Silva
Arquitectura e Projecto Digital II	José Pedro Sousa
História da Arquitectura Moderna II	Domingos Tavares, Vítor Murtinho
3º ANO – 5º SEMESTRE	
Projecto III (anual)	João Mendes Ribeiro (reg.), João Nuno Gomes, João Fôja
Construção I (anual)	José Gigante
História de Arquitectura Contemporânea I	Jorge Figueira

Teoria da Arquitectura III	Nuno Grande
Tecnologia e Qualidade da Construção	José Raimundo Mendes da Silva
Geografia Física	António Rochette
3º ANO – 6º SEMESTRE	
História da Arquitectura Contemporânea II	Jorge Figueira
Teoria da Arquitectura IV	Mário Kruger
Antropologia do Espaço	Sandra Xavier
Geografia Urbana	Ana Paula Santana
4º ANO – 7º SEMESTRE	
Projecto IV (anual)	José Fernando Gonçalves (reg.), Carlos Martins, António Lousa
Construção II (anual)	José Fernando Gonçalves (reg.), António Bettencort
História da Arquitectura Portuguesa I	Paulo Varela Gomes
Cidade e Território I	Walter Rossa
Projecto Urbano I	Adelino Gonçalves
1 disciplina de opção	
4º ANO – 8º SEMESTRE	
História da Arquitectura Portuguesa II	Paulo Varela Gomes
Cidade e Território II	Walter Rossa
Projecto Urbano II	Adelino Gonçalves
1 disciplina de opção	
5º ANO – 9º SEMESTRE	
Projecto V (anual)	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, João Paulo Cardielos, Rui Lobo
Seminário de Investigação em Arquitectura	Alexandre Alves Costa (reg.), Luis Miguel Correia, Rui Lobo, Gonçalo Canto Moniz

3 disciplinas de opção

5º ANO – 10º SEMESTRE

Dissertação

OPÇÕES

Gramáticas de Forma	Mário Kruger
Planeamento e Gestão Urbanística Municipal	Lusitano dos Santos
Arquitecturas Virtuais	Miguel Soares
Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea	António Olaio
História e Estética do Cinema II	Abílio Hernandez
Expressão Plástica e Multimédia	Miguel Soares
Materiais Geológicos e Arquitectura	Nelson Rodrigues
Estudos de Composição	António Olaio

2010/2011

1º ANO – 1º SEMESTRE

Projecto I (anual)	José António Bandeirinha (reg.), Susana Constantino, Susana Lobo, Joaquim Almeida, Carlos Antunes
Desenho I (anual)	Pedro Pousada (reg.), Carlos Antunes
Geometria (anual)	Vitor Murtinho
Introdução à Cultura Construtiva	Joaquim Almeida (reg.), João Fôja
Introdução à Cultura Arquitectónica I	José António Bandeirinha
História da Arquitectura Antiga e Medieval I	Paulo Varela Gomes

1º ANO – 2º SEMESTRE

Materiais de Construção	Joaquim Almeida, João Fôja
Introdução à Cultura Arquitectónica II	José António Bandeirinha

História da Arquitectura Antiga e Medieval II Paulo Varela Gomes

2º ANO – 3º SEMESTRE

Projecto II (anual) Paulo Providência (reg.), Gonçalo Canto Moniz, Carlos Martins

Desenho II (anual) António Olaio, Pedro Pousada

Teoria da Arquitectura I Jorge Figueira

Física da Construção Andreia Pereira

Arquitectura e Projecto Digital I José Pedro Sousa

História da Arquitectura Moderna I Paulo Varela Gomes

2º ANO – 4º SEMESTRE

Teoria da Arquitectura II Jorge Figueira

Princ. de Funcionamº Estrutural dos Edifícios Filipe Bandeira

Arquitectura e Projecto Digital II José Pedro Sousa

História da Arquitectura Moderna Paulo Varela Gomes

3º ANO – 4º SEMESTRE

Projecto III (anual) João Mendes Ribeiro (reg.), João Fôja, Pedro Brígida

Construção I (anual) Jorge Carvalho

História de Arquitectura Contemporânea II Jorge Figueira

Teoria da Arquitectura III Mário Kruger

Tecnologia e Qualidade da Construção José Raimundo Mendes da Silva

Geografia Física António Rochette

3º ANO – 6º SEMESTRE

História da Arquitectura Contemporânea II Jorge Figueira

Teoria da Arquitectura IV Mário Kruger

Antropologia do Espaço	Sandra Xavier
Geografia Urbana	Ana Paula Santana
4º ANO – 7º SEMESTRE	
Projecto IV (anual)	José Fernando Gonçalves (reg.), Paula Santos, António Lousa
Construção II (anual)	José Fernando Gonçalves, António Bettencourt
História da Arquitectura Portuguesa I	Paulo Varela Gomes
Cidade e Território I	Walter Rossa
Projecto Urbano I	Adelino Gonçalves
1 disciplina de opção	
4º ANO – 8º SEMESTRE	
História da Arquitectura Portuguesa II	Paulo Varela Gomes
Cidade e Território II	Walter Rossa
Projecto Urbano II	Adelino Gonçalves
1 disciplina de opção	
5º ANO – 9º SEMESTRE	
Projecto V (anual)	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, João Paulo Cardielos, Rui Lobo
Seminário de Investigação em Arquitectura	Alexandre Alves Costa (reg.), José Fernando Gonçalves, Rui Lobo, Gonçalo Canto Moniz
3 disciplinas de opção	
5º ANO – 10º SEMESTRE	
Dissertação	
OPÇÕES	
Organização do Projecto e Prática Profissional	Paula Santos
Planeam ^o e Gestão Urbanística Municipal I	Lusitano dos Santos

Território e Paisagem I	João Paulo Cardielos
Arquitectura Utópica I	António Lousa
Arquitecturas Virtuais	Miguel Soares
Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea	António Olaio
História e Estética do Cinema II	Abílio Hernandez
Temas e Problemas da Arq ^a Contemporânea	Paula Santos
Planeam ^o e Gestão Urbanística Municipal II	Lusitano dos Santos
Território e Paisagem II	João Paulo Cardielos
Arquitectura Utópica II	António Lousa
Expressão Plástica e Multimédia	Miguel Soares
Materiais Geológicos e Arquitectura	Nelson Rodrigues

III. DOCUMENTOS

A.	Princípios para a construção de uma escola de Arquitectura: Gropius, Ramos, Alves Costa.	297
B.	Artigos do <i>Diário de Coimbra</i> , 1988-1993.	301
C.	Carta escrita ao <i>Diário de Coimbra</i> , 1998.	325
D.	Excerto da Acta da reunião de Comissão Coordenadora da FCTUC, 1987.	329
E.	Proposta de criação da Licenciatura em Arquitectura na FCTUC, 1988.	331
F.	Portaria nº 448/88 do <i>Diário da República</i> , 1988.	351
G.	Despacho para a criação de uma Comissão Instaladora, 1989.	355
H.	Carta dos alunos à Comissão Instaladora, 1990.	357
I.	Fotografia da primeira reunião de Comissão Científica do Departamento, 1991.	359
J.	Manuscritos de Fernando Távora com os programas das cadeiras, 1992.	361
K.	Manuscrito de Mário Kruger com a lista de obras analisadas na sua disciplina, 1997.	365
L.	Documento apresentado por Mário Kruger no 5º Encontro de Tomar, 2003.	366

A.

Princípios para a construção de uma escola de Arquitectura: Walter Gropius, Carlos Ramos, Alexandre Alves Costa.

Walter Gropius¹:

1. O Arquitecto deve ser um coordenador;
2. Numa época de especialização, o método é mais importante do que o resultado das coisas;
3. A concepção do espaço a três dimensões é o princípio arquitectural-base;
4. O conhecimento atingirá a vida pela experiência individual;
5. No 1.º ano, a prática fundamental, combinada do desenho e do trabalho manual, familiarizará os estudantes com os elementos da composição – superfície, volume, espaço e cor – e simultaneamente com os elementos da construção;
6. Nos 2.º e 3.º anos, o atelier de desenho-construção é complementado com a experiência prática;
7. A experiência deve ser ensinada como uma parte e um elemento da composição, de que é directamente solidária;
8. Deverão treinar-se os estudantes no trabalho de equipa;
9. O estudo da história da arquitectura deverá, de preferência, iniciar-se no 3.º ano e não no 1.º ano, a fim de se evitar a intimidação e imitação;
10. Os professores só serão recrutados entre os homens que possuem uma experiência pessoal bastante a um tempo em matéria de composição e construção;
11. As escolas de arquitectura com pequenos efectivos – 100 a 150 estudantes – são mais eficazes;
12. A eficácia do desenho depende do número de alunos por professor – 12 a 16.

¹ GROPIUS, Walter, apud MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 265.

Carlos Ramos²:

1. Que o aluno de arquitectura não desenhasse um único traço sobre o papel branco sem saber o que traduz e a sua relação com todos os outros;
2. Que ao proceder ao estudo de qualquer problema de arquitectura o fizesse sempre de acordo com o local para onde se destina;
3. Que as dificuldades e exigências do programa fossem sendo progressivamente ajustadas;
4. Que sobre cada um dos pontos distribuídos se fizessem lições de teoria por forma a interessar nelas todos os alunos do curso” introduzindo pela primeira vez a teoria da arquitectura na articulação com o projecto;
5. Que as visitas às obras em construção se fizessem todas as semanas;
6. Que a existência de um museu de materiais de construção seja um facto;
7. Que os temas para a execução dos motivos de escultura e pintura resultem de exigências dos programas e pontos de arquitectura e que dali sejam emanados para as respectivas especialidades;
8. Que dos trabalhos assim elaborados seja feita uma exposição anual de Arquitectura, Pintura e Escultura na Sociedade Nacional de Belas-Artes;
9. Que seja dado um pai à Escola de Belas-Artes de Lisboa.

² RAMOS, Carlos, apud MONIZ, Gonçalo Canto - *O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, p. 265.

Alexandre Alves Costa³:

1. Está suficientemente claro o território do arquitecto enquanto profissional de arquitectura – de fora os desvios que encaminhavam o exercício profissional para a dissolução na política ou nas ciências sociais. Outra coisa é o nosso dever de exercício da cidadania.

2. A Arquitectura parte do real para o transformar. Projecto significa antecipação e implica, em primeiro lugar, uma referência ao futuro. Não há projecto sem futuro, nem é admissível uma referência projectual ao passado. Isso não impede, evidentemente, que a consideração do passado possa inserir-se na constituição do projecto; o que exclui é que esta possa representar uma sua condição de possibilidade, um seu constituinte essencial. Sendo o projecto uma previsão de possibilidade, ele é um dever ser e o acto de projectar um agir ético. O sentido da arquitectura será a reconquista desta consciência.

3. Defendemos a artisticidade da arquitectura. Não é só no plano objectivo do conhecimento do real, mas também no plano da pura intuição subjectiva, que se elabora a síntese que constitui o projecto. Como forma de arte abrem-se-lhe perspectivas de compreensão do real em transformação, assumidamente diferentes da ciência, já nem essa com um processo metodológico puramente analítico. O projecto tem início num a-priori, baseado na razão pura, sempre exposto à ameaça de dados que o desmintam – é o preço pago na procura de alternativas comprováveis. Os momentos de descrição e interpretação constituem a densidade da proposta.

4. A arquitectura não se inventa, avança sobre o real por pequenos passos, por pequenos distúrbios da realidade. Ela é, sempre, uma reavaliação da memória. Daí a importância da intuição, depois de aprender a ver a arquitectura e a sua relação com a vida. A história da arquitectura é, assim, para os arquitectos, matéria instrumental, não para fazer história, mas para lhe dar continuidade. Não se trata de criatividade sem regras. A estética e a metodologia artística não estão dedicadas idealisticamente à criação, à intuição livre de regras, à liberdade inventiva, mas serão, pelo contrário, uma estética e uma metodologia viradas para a definição e aplicação das leis formativas da arte. A liberdade de espírito, na arte e na arquitectura, não é, de modo nenhum, isenta de vínculos, não coincide com um arbítrio rebelde a toda a lei.

5. Sabemos, como disse António Pedro, que a pintura flamenga não necessitou de pintar holandesas de socos para ser flamenga, o que não significa que a existência de formas ou conceitos identitários, mesmo que parciais ou locais, não possa ir a par da universalidade que tem qualquer obra de arte. Algumas escolas de arquitectura são exemplo disso. Não é, nem pode ser, uma ideia programática, construir uma identidade em Coimbra. Existirá ou não, se reforçarmos o nosso entendimento do mundo e do território onde agimos. Aparecerá se lhes identificarmos algum futuro que deva ser: a Coimbra e ao mundo.

6. A arquitectura não se ensina, aprende-se projectando. Não se ensinam linguagens

³ COSTA, Alexandre Alves - Textos datados, pp. 211-216.

codificadas mas aprendem-se nas escolas os instrumentos para o exercício projectual, sendo o desenho um instrumento privilegiado para a descrição, interpretação e construção da proposta transformadora. Trata-se de actualizar permanentemente os antigos saberes dos arquitectos que não andam, apesar das novas tecnologias, muito daqueles que foram sintetizados por Vitruvio há dois mil anos.

7. A arquitectura transforma a natureza ao serviço do homem. Ou o faz com bom senso e competência ou será o seu fim. O compromisso com o ambiente natural e construído é um compromisso para a sobrevivência.

8. O embaraço da esperança projectual urbanística pode ler-se no rosto distorcido dos planos reguladores, mesmo quando não funcionaram como puros instrumentos de desregulação ou como projectos de legalização da desordem territorial. O projectista, renunciando ao papel universal de produzir utopias consoladoras, deverá deslocar-se das impraticáveis mega-estruturas, para a interpretação micro-estrutural do espaço urbano e territorial que foi sempre construído por homogeneidade e quantidades artísticas acabadas. Sem o recurso a qualquer autoritarismo é, ainda, possível, com a participação dos cidadãos, numa espécie de iluminismo democrático, continuar a desenhar a cidade, sem aceitar passivamente a inevitabilidade da cidade genérica, agora perversamente transformada em objecto de fruição estética.

B.

Artigos do *Diário de Coimbra*.

Especial
Arquitectura

Di-lo quem sabe

Curso de Arquitectura é coisa que «só»

Como será o arquitecto formado em Coimbra? No fundo era esta a questão subjacente ao Encontro realizado sábado por iniciativa do Núcleo de Arquitectos da Região de Coimbra (NARC). Um mestre da Arquitectura vaticinou que ele será «bem nascido».

Perfil

Arquitectos: «profetas» do Belo

Há-os a exercer as mais diversas profissões e — também — a fazer Arquitectura. São os arquitectos, mas não é no domínio da Arquitectura que eles abundam em Portugal.

Mas o que são, afinal, os arquitectos? Como muito bem observou o Prof. Pereira de Oliveira, o povo, por arquitectar, entende conceber e, por engenhar, entende construir.

Teremos, deste modo, que os arquitectos são aqueles que concebem o que projectam no território, nome pelo qual gostam de designar o espaço em que fazem incidir a sua acção.

Segundo o Prof. Silva Dias, há três grandes componentes na formação do arquitecto — a humanística, a tecnológica e a prática de projecto. Para o Prof. Costa Lobo, são — alguém que, por vezes, exagera na busca de uma personalidade — e, por isso, individualistas, atributo que, em geral, eles não negam.

Como área de confluência de várias profissões (interdisciplinar), a arquitectura, segundo José Oliveira, é essencialmente uma actividade de síntese e as principais «muletas» do arquitecto são o Desenho, a História e a Filosofia.

Aos arquitectos exigem-se — profundos conhecimentos humanísticos, da História da Arquitectura, das Artes e das Tecnologias, do urbanismo e construção, de estruturas e de tecnologias aplicadas à construção.

Segundo a Declaração de Valência (de Dezembro de 1986), «nenhum outro profissional que não reúna aqueles requisitos se pode considerar arquitecto».

«Né», segundo José Carlos Cantante, a Arte conjuga-se com a Ciência, a regra com a inovação, a criação individual com a acção conjunta de dezenas de outros profissionais especialistas nas matérias mais diversificadas.

A sua intervenção no território traduz-se numa «batalha de cariz cultural, por vezes bastante dolorosa de travar, e que chega a ser assumida como um autêntico sacerdócio».

É por serem gente educada para a procura do Belo que os vemos no desempenho de profissões variadas cujo denominador comum é seduzir através dos olhos.

O combate dos arquitectos é, afinal, um combate contra o fatalismo; contra aqueles que rejeitam alternativas ao pragmatismo. Eles são, pois, uma das consciências críticas do nosso tempo.

Havia no auditório da Comissão de Coordenação regional arquitectos, engenheiros, arqueólogos, gente formada em História da Arte e muitos outros profissionais, num total de cerca de 100 pessoas. Uma coisa as unia — o debate proposto pelo NARC, subordinado ao tema «Que ensino da Arquitectura em Coimbra?» — Se hoje ao nível da produção de espaço

construído se vive uma situação desarticulada e confusa, é desejável (e inevitável) que a curto prazo tal situação se clarifique. Quando tal acontecer e para que aconteça são indispensáveis para a região profissionais que nela se formem».

Foi assim que o Núcleo de Arquitectos da Região de Coimbra realizou o Encontro, um

Encontro cujo objectivo era a reflexão sobre o ensino da Arquitectura que se deseja em Coimbra, «não esquecendo os interesses e necessidades da região e a qualidade da Arquitectura».

A comunicação apresentada pelo NARC preconiza «um ensino que aponte para dois vectores com clareza». Primeiro, «o de uma visão sin-

Nuno Teotónio Pereira, presidente da AAP

A acção dos arquitectos está bastante limitada

A Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) debate-se com alguns problemas para os quais vem reclamando a atenção do Governo. Ouvimos sobre isso (e não só) o seu presidente

Nuno Teotónio Pereira diz que a acção dos arquitectos está bastante limitada, sublinhando que há muita gente a fazer arquitectura sem formação adequada.

-DC- — A Associação de Arquitectos Portugueses (AAP) não é ainda reconhecida pelo Governo como uma associação de direito público. Que tem a dizer sobre este facto?

N.T.P. — A Associação reconheceu que era necessário assumir o estatuto de carácter público e entregou, há cerca de ano e meio, o documento dos estatutos ao Governo. Tivemos da parte deste e do próprio Presidente da República a melhor aceitação, não conseguimos, portanto, explicar a razão dessa demora.

Entendemos que esta situação está a ser prejudicial para nós e para o país. O não reconhecimento da Associação não nos deixa exercer o necessário controlo deontológico e impossibilita-nos de reconhecer idoneidade profissional aos arquitectos da CEE que entrem em Portugal. Nesse sentido, está o Governo português a colocar obstáculos à entrada, em Portugal, desses arquitectos estrangeiros. Temos razões para acreditarmos que o assunto seja resolvido com bastante rapidez, porque, como já disse, nunca nos foram dadas explicações válidas para esta demora. Acreditamos que sejam apenas razões de ordem burocrática e administrativa.

A Associação entende que a profissão de arquitecto deve ser protegida pela lei, o que implica também assumpção de responsabilidades.

-DC- — O que é que se altera de significativo em relação à AAP tendo em conta esse reconhecimento?

N.T.P. — Aos pontos já referidos, acrescentarei, por exemplo, a acção disciplinadora dentro da classe dos arquitectos, uma acção de vigilância, fiscalizadora de acções pouco correctas. É muito importante verificarmos que

há casos de corrupção, de procedimentos desonestos e queremos intervir também aí.

Queremos que a nossa profissão seja prestigiada não só em termos técnicos como do ponto de vista ético, dar reconhecimento à arquitectura da CEE em Portugal, assim como ter direito a ser reconhecida pelo Governo como intersector privilegiado em tudo o que respeita à legislação sobre arquitectura, construção, urbanismo, etc.

A ARQUITECTURA PARA OS ARQUITECTOS

-DC- — Em relação à revisão do Decreto-Lei 73/73, gostaríamos que nos dissesse em que medida o seu atraso limita a acção dos arquitectos?

N.T.P. — O Governo não está a ver com clareza a importância desta questão. Está a mostrar uma grande incoerência quando afirma que quer modernizar o país e quando se queixa de que a nossa paisagem urbana e rural está a ser degradada, não tomando, no entanto, uma das medidas que poderiam

ajudar a resolver esse problema — exigir uma qualificação para a produção da arquitectura.

Aproveitando essa falta de clareza do Governo, há um pequeno grupo de engenheiros sandonistas que move as suas influências no sentido de desvirtuarem este problema.

Por outro lado, a acção dos arquitectos está bastante limitada porque se encontram desprotegidos legalmente, ao contrário do que acontece com os médicos, os advogados, os veterinários ou farmacêuticos. Todos eles têm uma protecção legal — não é qualquer pessoa que pode exercer Medicina, por exemplo. É necessário ter uma formação adequada. Com a arquitectura não acontece nada disso. Como os arquitectos podem fazer arquitectura os engenheiros, os engenheiros técnicos, os construtores civis e até simples amadores que não têm qualquer formação técnica.

Pretendemos com essa revisão que a arquitectura seja para os arquitectos, que só os arquitectos possam fazer projectos de arquitectura. Não é um privilégio abusivo, mas um direito que as outras profissões já têm. Mas como há muitas pessoas que vivem de

Continua na página 6

Por aqui andou dedo de arquitectos

Estes são alguns dos edifícios de que Coimbra tem justificadas razões de orgulho. Na sua

construção ou na sua reconstrução o que eles têm em comum é o dedo de arquitectos.



Parte antiga da Universidade, o «ex-libris» de Coimbra.



Instalações da Associação Académica de Coimbra, projecto da autoria do arq. Alberto Pessoa.

A. Baptista de Almeida, Lda

CONSTRUÇÕES CIVIS RUA DE TOMAR, N.º 2
E OBRAS PÚBLICAS TELEFONES 25799 e 20077
TELEX N.º 52641 COABAL-P 3000 COIMBRA

Arquitetura em Coimbra pode nascer bem

tética, criativa, artiscada e poética da actividade do projecto, capaz de produzir cultura "a sério" e de abrir caminhos para o futuro.

Segundo, «o de visão exaustiva, culta, realista e "sensata" das realidades sociais e geográficas, familiarizando os alunos com os diversos agentes e factores que directa ou indirectamente intervem no processo construtivo».

«Uma tal dualidade de objectivos — considera o Secretariado do NARC — é solucionável através de uma disciplina de Projecto que privilegie o trabalho de estirador e de bloco de desenho».

Das intervenções preferidas durante a manhã, uma teve o mérito de marcar os trabalhos, foi a do Prof. Silva Dias, docente da Faculdade de Arquitectura de Lisboa e membro do Comité Consultivo da CEE para a Arquitectura.

Também ele se interrogou sobre como será o arquitecto formado em Coimbra, mas deu igualmente uma resposta.

«É tão difícil dizer como será o arquitecto formado em Coimbra como é difícil saber como será uma criança que vai nascer», começou por afirmar Silva Dias.

«Sabemos — acrescentou — que receberá uma sólida herança do campo das Ciências Humanas, das Tecnologias e das Artes».

«Não sabemos como será o nascituro, mas sabemos que é de boas famílias e que será bem nascido», concluiu.

«COMO O QUEJO E O VINHO...»

Silva Dias começou por referir o que estabeleceu uma Directiva da CEE no que respeita à formação de arquitectos.

Diz essa Directiva que «as formações que conduzam à obtenção dos diplomas, certificados

e outros títulos serão asseguradas por um ensino de nível universitário de que a Arquitectura constituirá o elemento principal».

«Este ensino — acrescenta — deve manter um equilíbrio entre os aspectos teóricos e práticos da formação em Arquitectura».

(Abrimos aqui um parêntesis para dizer que o Comité Consultivo de que o Prof. Silva Dias faz parte tem a função de contribuir para assegurar, nos países da Comunidade, uma «formação de nível comparativamente elevado no domínio da Arquitectura»).

Este orador referiu também aquilo que considera as três grandes componentes da formação de um arquitecto — a humanística, a tecnológica e a prática de projecto — e interrogou, a seguir, se a formação do arquitecto terá uma componente regional que os identifique claramente.

Silva Dias manifestou a opinião de que assim é e concluiu que «como o quejo e o vinho os arquitectos são do sítio onde nascem».

Se a intervenção de Silva Dias marcou, como dissemos, o período da manhã, a de Nuno Portas marcou o da tarde.

Professor de Arquitectura no Porto, Nuno Portas começou por dizer estar «aberto às soluções institucionais mais variadas tendo em vista a criação de uma licenciatura em Arquitectura».

Para este orador o que importa é ter em conta que o arquitecto não pode prescindir do espaço de projecto, «enquanto que na Engenharia só se chega a trabalho de projecto numa fase muito avançada do curso».

Nuno Portas, que defendeu a existência de uma cadeira de «Patologia da construção» nos cursos de Arquitectura e de Engenharia, considerou importante aumentar a profundidade

da formação dos arquitectos nas Ciências Humanas, na Física do ambiente e na construção.

Sustentou ainda que é recomendável um menor número de disciplinas e mais tempo de maturação para elas e observou que «para responder às necessidades impostas pela evolução há as reciclagens».

«A UNIVERSIDADE ADQUIRE UMA NOVA CONSCIÊNCIA»

Intervenção igualmente importante, embora sobre outro ponto de vista, foi a do Prof. Ribeiro Gomes, presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, a Escola que ministrará a licenciatura em Arquitectura.

«Estou contente por ter estado aqui e desagrado por ter vindo», afirmou o prof. Ribeiro Gomes, que, indirectamente, tinha sido solicitado, por mais de uma vez, a prestar esclarecimentos sobre o modo como pensa a Faculdade criar a licenciatura.

O presidente do Conselho Científico da FCTUC indicou ter sido enviada uma proposta ao Ministério da Educação e escusou-se, em nome do respeito institucional, a revelar mais pormenores.

Ainda assim, disse que a licenciatura terá cinco anos, que compreenderá um tronco comum e três ramos no domínio da Arquitectura.

«Das várias vias possíveis entendeu-se por bem aproveitar algumas capacidades existentes na Faculdade», afirmou Ribeiro Gomes, acrescentando que «há uma grande maleabilidade tendo em vista a formulação do plano de curso».

O presidente do Conselho Científico da FCTUC entendeu ainda dever esclarecer que não foi ao Encontro para discutir a proposta daquele órgão, mas antes «para aprender».

Um pouco antes do Prof. Ribeiro Gomes intervir o seu colega Martin Portugal, anterior presidente do Conselho Científico da FCTUC, que reiterou o seu apoio à criação do curso dizendo que «a Universidade fica a ganhar porque adquire uma nova consciência».

«A entrada da Arquitectura na Universidade de Coimbra — acrescentou o Prof. Martin Portugal — vai implicar processos de transferência benéfica para todos os estudantes da Faculdade de Ciências e Tecnologia».

«O CURSO CONSTRUIR-SE-Á PELO SEU PRÓPRIO PE»

Pelo meio do Encontro outras intervenções houve que tiveram, naturalmente, a sua importância. Lembremo-nos especialmente das do Prof. Costa Lobo, do arq.^o José Oliveira, do Prof. Lusitano dos Santos, do arq.^o Luis Carneiro, do Prof. Jorge Alarcão, do arq.^o José Manuel Fernandes e do Prof. Pereira de Oliveira.

José Manuel Fernandes, que é docente de Arquitectura em Lisboa, não escondeu, como porventura o fizeram alguns dos que se encontravam no Encontro, o seu desejo de vir a integrar o corpo docente a constituir para ministrar a licenciatura em Coimbra.

O Prof. Costa Lobo, sublinhando falar quase na posição de cliente dos arquitectos, começou por observar que o arquitecto a formar em Coimbra terá de estar particularmente sensibilizado para a idade do património que o rodeia e sobre o qual, provavelmente, será chamado a trabalhar.

Defendeu, depois, que se deve «apostar forte» na criação do curso e preconizou a obtenção de um corpo docente com um nível prestigiado em termos de ensino da Arquitectura.

Para o Prof. Lusitano dos Santos, importa que o arquitecto formado em Coimbra tenha um perfeito conhecimento da realidade socioeconómica regional. «O curso — disse — ir-se-á construir pelo seu próprio pé».

O Prof. Jorge Alarcão considerou importante definir o perfil do arquitecto a formar e acrescentou que uma das vantagens do curso consiste em contribuir para o reforço do cuidado a ter na intervenção no território.

Palavras breves mas importantes proferiu igualmente o presidente da Comissão Instaladora da Faculdade de Arquitectura do Porto, Prof. Fernando Távora, que manifestou a sua disponibilidade para ajudar a Universidade de Coimbra naquilo que estiver ao seu alcance.

(Cont. na página seguinte)



Poceram

CERNACHE — COIMBRA

— FÁBRICA DE PRODUTOS CERÁMICOS EM PASTA BRANCA

— ARGILAS E CAOLINOS SELECIONADOS DE BARREIROS DEMARCADOS

— QUALIDADE DIARIAMENTE CONTROLADA NO NOSSO LABORATÓRIO

**AZULEJOS E MOSAICOS
PARA REVESTIMENTOS
E PAVIMENTOS
EM 15x20-20x20-20x30**



Poceram — PRODUTOS CERÁMICOS, S.A. R.L.

APARTADO 1 — TEL. FONES 94356-94369 — 3000 COIMBRA

Especial
Arquitetura

À conversa com cinco arquitetos

É a aposta no desenvolvimento que requer um curso de Arquitectura em Coimbra

Quem melhor do que os arquitetos para falar de Arquitectura e dos objectivos que estão em jogo face à criação de uma licenciatura neste domínio na Universidade de Coimbra?

Foi tendo em conta este facto e o Encontro realizado sábado, que ouvimos os cinco elementos do Secretariado do Núcleo de Arquitectos da Região de Coimbra (NARC): Vasco Cunha, Santiago Faria, José Carlos Cantante, Carlos Valente e João Nuno Mendonça Soares.

Nas palavras de Vasco Cunha, a criação da licenciatura em Arquitectura na Universidade de Coimbra é a resposta a um velho desejo de todos os que apostam no desenvolvimento da região.

-DC- — O senhor arquitecto Vasco Cunha disse um dia que «os poderes públicos são mais renitentes à necessidade dos arquitectos». Porquê?

V.C. — Está bem à vista de toda a gente o trabalho que esses poderes têm representado no progresso desta caminhada dos arquitectos. A prova do que acabo de afirmar é o facto de a própria Associação de Arquitectos não estar hoje reconhecida pelo Governo como uma Associação de direito público.

A nossa Associação fez um inquérito às autarquias para saber aquelas que tinham arquitectos ou as que deles necessitavam. «É interessante» como quase metade dessas autarquias disse não os ter nem desajar tê-los — é realmente uma falta grave — uma falta cultural.

As populações (aquelas ainda em estado virgem), estão e estiveram sempre ao lado dos arquitectos na defesa do seu património. Há, como que uma identificação entre ambas as partes.

-DC- — Porque é que nos outros países da Europa, por exemplo, o trabalho dos arquitectos é levado na devida linha de conta e em Portugal é ignorado e, por vezes, quase rejeitado?

V.C. — Na Europa, ao contrário de Portugal, já está tudo feito (e convém não esquecer que há, também, muito desemprego na nossa classe). Uma vez mais podemos falar da questão cultural, se recordarmos a existência de um certo sentimento de diminuição dos portugueses em relação a tudo o que se faz lá fora.

Sentimos que as coisas estão a melhorar, para o nosso lado, pois os trabalhos feitos ultimamente pelos arquitectos vêm mostrar as populações que ficarão muito melhor servidas com os seus trabalhos. Nos outros países da Europa, o arquitecto é responsável pelo trabalho que executa. Em Portugal, ninguém tem responsabilidade pelo que se faz, pois esta dilui-se na Câmara quando o projecto é aprovado; a partir daí...

-HÁ UM CONFORMISMO QUE URGE ABANAR-

-DC- — Há falta de arquitectos junto das autarquias. Como acham que pode ser ultrapassado esse problema?

S.F. — Sem dúvida que esse problema será ultrapassado pela sensibilização cultural

— e voltamos uma vez mais ao ponto fulcral. Não será pela força ou imposição, elas terão de reconhecer a necessidade do arquitecto, surgindo aqui a oportunidade de intervenção da Comunicação Social.

Um ponto que, penso, é também fundamental consiste em colocar as pessoas a trabalharem nas suas próprias zonas, «fugindo», desta forma, aos choques culturais, que, a existirem, deverão ser encarados positivamente pelo arquitecto.

-DC- — Em que radica esta falta de sensibilização das autarquias para o contributo que podem retirar do trabalho dos arquitectos?

J.C. — Temos consciência de que em muitas circunstâncias o arquitecto é visto como aquele que vai estragar tudo. As pessoas, mesmo aquelas que deviam estar preparadas, não entendem as coisas, dando-se ao luxo de assistirem à destruição de lugares lindos (como é o caso do Penedo da Saudade, entre muitos outros), ficando caladas. E o tal conformismo dos portugueses que tem de ser «abanado».

Houve realmente um desporto cultural no País. O nosso declínio na Europa começou quando expulsámos os judeus, notando-se que os países que os receberam se desenvolveram muito mais. No entanto, há muito mais factores que contribuíram para a «queda» da Arquitectura no nosso País.

Um ponto fundamental a ter em conta é que em Portugal, ao contrário dos outros países, não há uma formação técnica que prepare os trabalhadores para enfrentarem a nova era em que vivemos. Não há, por exemplo, profissionais intermédios tão necessários ao bom funcionamento de qualquer empresa (como é o caso de apontadores, fiscalizadores, entre muitos outros).

-DC- — O arquitecto Vasco Cunha disse também uma vez que «os arquitectos deixaram de estar ao serviço de deuses e reis para estarem ao serviço dos homens». O que quer dizer com isto?

V.C. — Durante a Idade Média, e até ao final do século passado, os arquitectos estavam ao serviço das elites, como o clero e os reis por exemplo. Só muito mais tarde se poderia falar de arquitectura civil (simples), altura em que os arquitectos começaram a ter verdadeira implantação.

Podemos referir como marco importante a Revolução Industrial. Antigamente o acto

de construir uma casa era quase uma emanção das populações que se coadunava com o próprio território. Havia protótipos para a construção, tendo sempre em linha de conta os mesmos pressupostos. Nós defendemos que esta situação não é aceitável, pois sendo o arquitecto um individualista não pode, nem deve aceitar a massificação.

É bem visível que a «máquina» não está minimamente organizada. No entanto, tenho esperança que a juventude, pela sua dinâmica, pelas suas necessidades, porque sofreu e é anti-acomodativa, vá pôr esta «máquina» realmente a funcionar.

-A ARQUITECTURA É UM «CALDEIRÃO»-

-DC- — A partir de que momento se nota a verdadeira ascensão da Arquitectura?

C.V. — Essencialmente a partir do momento em que se separa aquele que concebe, que projecta os objectos e aquele que faz, aquele que lhe dá vida. Surge nesta separação algo de fundamental que se apresenta, também como o único veículo de união — refiro-me ao desenho. Não há dúvida que o desenho, a única forma que consegue fazer transformar os maiores obstáculos em algo de belo e harmonioso. O desenho é realmente, como ele diz, «a espinha dorsal em torno da qual as outras componentes técnicas devem evoluir».

-DC- — Qual a relação real entre a Arquitectura e as obras por ela idealizadas?

J.S. — A Arquitectura é um «caldeirão». Ela é uma arte, disso ninguém pode duvidar, vive da música, da pintura, da escultura. Só através da arte se pode fazer uma síntese arquitectónica, se bem que a técnica, porque analisa, também seja importante e nós precisamos dela.

A Arquitectura não fica circunscrita às meras funções, ultrapassa-as. Lembremos, por exemplo, que um convento pode ser uma igreja, um quartel, um museu, uma escola, sem nunca perder as suas características e beleza arquitectónicas.

-DC- — Que resposta dá à pergunta contida no tema do Encontro — «Que ensino da Arquitectura em Coimbra?»

V.C. — A criação, na Universidade de Coimbra, da licenciatura em Arquitectura é a resposta a um velho desejo, não apenas da classe dos arquitectos, mas de todos os que apostam no desenvolvimento da região. Por outro lado, este é um primeiro passo no sentido de dotar a cidade e a região de formação artística superior, o que é tanto de salientar, quanto se sabe ter sido Coimbra, em séculos passados, um importante centro difusor de arte. Tal facto, legou-nos um património riquíssimo, para cujo estudo e preservação pode contribuir muito decisivamente a existência de cursos artísticos universitários, muito especialmente o de Arquitectura.

-DC- — Como explica, então, que tendo sido Coimbra um importante centro difusor de arte se tenha deixado atrasar e só agora se prepare para criar uma licenciatura em Arquitectura?

C.V. — Trata-se de um fenómeno histórico e cultural da «involução» do País que nos levou a esta situação. Situação que foi mais tarde agravada pelo salazarismo ou Estado Novo.

HOUVE CLARIFICAÇÃO

A última intervenção no Encontro coube ao presidente do Conselho Directivo da Associação de Arquitectos Portugueses (AAP).

Em primeiro lugar, Nuno Teotónio Pereira manifestou-se satisfeito pela solução encontrada com vista à criação em Coimbra de uma licenciatura em Arquitectura.

O presidente da AAP reconheceu que «a proposta enviada pela FCTUC ao Ministério da Educação não é rígida» e concluiu dizendo ser «uma proposta que deixa liberdade para o curso se construir».

No final, Vasco Cunha estava, compreensivelmente, satisfeito.

Quer Lisboa, quer o Porto, preocuparam-se em enviar arquitectos para o estrangeiro, a fim de receberem uma formação que em Portugal não existia, podendo mais tarde, no regresso, formarem as suas próprias escolas sem perderem a particularidade do seu território. Coimbra não enviou ninguém, deixando-se, desta forma, atrasar em relação ao resto do País.

Hoje procuramos que Coimbra seja, de facto, um grande centro cultural sem, no entanto, se descaracterizar.

COMPONENTE ARTÍSTICA QUE A UNIVERSIDADE NÃO TEM

-DC- — Que enriquecimento traz este curso à Universidade de Coimbra?

J.S. — Essencialmente ele traz uma componente artística que a nossa Universidade não tem e que amanhã poderá ser completada com outros cursos de pintura e escultura, por exemplo.

O espaço físico onde a Universidade se insere é riquíssimo encontrando-se, no entanto, despido de arte.

O NARC (Núcleo de Arquitectos da Região de Coimbra) fez nascer a ideia da criação da licenciatura em Arquitectura, estando agora a determinação e orientação do curso a nível da Universidade. Queremos, também, sensibilizar pessoas que não são desta área.

É certo que privilegiamos as humanidades, mas é possível que o nosso curso tenha uma componente mais técnica do que o ministrado no Porto ou em Lisboa, se atentarmos no bery em que ele irá nascer, ou seja a Faculdade de Ciências e Tecnologia.

-DC- — O senhor arquitecto Vasco Cunha referiu recentemente ser necessária uma revolução de mentalidades. Será que hoje se está a verificar essa revolução?

V.C. — Está realmente a acontecer aos mais diversos níveis. No que diz respeito ao nosso caso, lembramos, por exemplo, que desde o Reitor da Universidade, que ficou encantado com a implementação deste curso, ao presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia, a ideia foi verdadeiramente aceita. Foi apadrinhada, também, pelo presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro.

A nossa iniciativa foi realmente louvada por quantos se preocupam com o desenvolvimento da nossa cidade, quer humano, quer intelectual. É muito importante para nós porque reflecte um querer de toda a população.

-DC- — Ainda no ano de 1987 defendiam a criação de uma Escola de Artes e Ofícios como preparação para o apacecimento de uma Faculdade de Arquitectura. Achem que ainda se justifica?

J.C. — Consideramos que sim. O divórcio que existe entre o desenho e a obra tem de ser substituído pela natural harmonia que os caracteriza — será a arte a única capaz de conseguir essa harmonia.

É necessário que haja quem saiba interpretar o desenho contra a massificação. Não só queremos uma nova expressão cultural que tem de ser o fruto da junção entre o projecto (arquitecto) e o realizador (artesão).

Nós não reivindicamos a Arquitectura só para nós, reivindicamos a interpretação das necessidades das pessoas; reivindicamos a harmonia para que a obra final seja perfeita.

LUMEL

LUSA MECÂNICA DE COIMBRA, LD.ª

- CAIXILHARIA EM ALUMÍNIO ANODIZADO E LACADO
- CÂNDEIROS E LANTERNAS EM FERRO FORJADO
- PORTÕES DE GARAGEM (EURONORM)
- METALIZAÇÃO

ZONA INDUSTRIAL DÁ PEDRULHA APARTADO 359
TELEF. 23890/34475 3000 COIMBRA

Curso de Arquitectura em Coimbra

(Continuada da página anterior)

HOUVE CLARIFICAÇÃO

A última intervenção no Encontro coube ao presidente do Conselho Directivo da Associação de Arquitectos Portugueses (AAP).

Em primeiro lugar, Nuno Teotónio Pereira manifestou-se satisfeito pela solução encontrada com vista à criação em Coimbra de uma licenciatura em Arquitectura.

O presidente da AAP reconheceu que «a proposta enviada pela FCTUC ao Ministério da Educação não é rígida» e concluiu dizendo ser «uma proposta que deixa liberdade para o curso se construir».

No final, Vasco Cunha estava, compreensivelmente, satisfeito.

«Disse de manhã que fazia votos para que nos pudessemos, em breve, orgulhar dos resultados deste Encontro, mas este «em breve» ocorreu, de facto, muito brevemente... referiu-nos este membro do Secretariado do NARC.

Para o arq.º Vasco Cunha, «o nível das intervenções foi realmente muito elevado, com destaque para as do Prof. Silva Dias e do arq.º Nuno Portas».

«Outra intervenção igualmente com grande mérito foi a do Prof. Ribeiro Gomes», disse-nos Vasco Cunha.

«Ela tranquilizará alguns espíritos cujas intervenções reclamavam uma clarificação e essa clarificação deu-a o Prof. Ribeiro Gomes», concluiu aquele membro do Secretariado do Núcleo de Arquitectura da Região de Coimbra.

Um trabalho de Rui Avelar e Eduarda Macário

Especial
Arquitectura

A acção dos arquitectos está bastante limitada

(Da página 4)

fazer projectos de arquitectura em Portugal e como os arquitectos ainda não são em número suficiente neste momento para cobrirem todo o país, nós admitimos uma evolução gradual. Defendemos, no entanto, que centros urbanos, cidades e vilas, áreas de paisagens protegidas, zonas envolventes de edifícios históricos, etc.

Isto não quer dizer que nós queiramos marginalizar as outras profissões porque elas têm o seu papel específico, a sua função própria que são os projectos das respectivas especialidades — projectos de estruturas, de instalações mecânicas e, sobretudo, numa área que está muito votada ao abandono que é a área das obras, dos estaleiros, que é, também, muitas vezes entregue a curiosos e que deve ser assegurada através da competência técnica.

Cito o caso dos construtores civis, que há muito fazem projectos de arquitectura não tendo formação para os fazer e cuja presença

faz muita falta nos estaleiros de obras para aí aplicarem os seus conhecimentos técnicos.

-DC- — Que outros objectivos — para além de unir a classe, da revisão do Regulamento Geral das Edificações Urbanas e da revisão do Decreto 166/70 — defende a Associação?

N.T.P. — Defendemos, por exemplo, uma melhor qualidade da arquitectura em Portugal, mesmo daquela que é feita pelos arquitectos. Por esta razão nós temos estado presentes de uma forma activa no processo da criação de um curso na Universidade de Coimbra, porque entendemos, também, que a formação de arquitectos é um facto importantíssimo para essa finalidade.

Alinda neste sentido, lançamos, pela primeira vez em Portugal, no ano passado, os «Prémios Nacionais» de Arquitectura, cujos trabalhos estão expostos no edifício da Comissão de Coordenação da Região Centro. A criação desses prémios teve por objectivo não só criar um estímulo entre os arquitectos

como também poder apontar à população acção pedagógica que entendemos ser muito necessária, porque não há uma cultura arquitectónica alargada em Portugal.

-COIMBRA DESFRUTA DE ÓPTIMAS CONDIÇÕES

-DC- — Que perspectivas tem deste encontro?

N.T.P. — Por um lado, que ele dê contributo para um bom arranque do Curso de Arquitectura em Coimbra, para uma definição correcta do que deve ser a formação de um arquitecto. Por outro, penso que os frutos deste encontro não se vão restringir a Coimbra porque a discussão que está a fazer-se (hoje) terá consequências também nas outras escolas

do país. Participam aqui professores das faculdades de Lisboa e do Porto, assim como de outras áreas (Engenharia, Geografia, entre outras).

Do encontro nascerá uma nova compreensão do papel da arquitectura relativamente às outras profissões.

-DC- — Na opinião do senhor arquitecto, que enriquecimento traz este curso à Universidade de Coimbra?

N.T.P. — Penso que a Universidade de Coimbra verá a sua influência muito alargada com a criação deste curso. Dará possibilidades aos jovens de toda a região para que possam escolher esta profissão sem terem de se deslocar para fora da cidade ou mesmo do país.

Penso que a arquitectura também será beneficiada com a criação do curso aqui em Coimbra porque irá beneficiar de toda a tradição e capacidade actual do conjunto da Universidade, imprimindo-lhe características muito próprias de acordo com essa tradição.

A Arquitectura é uma área de confluência de variadíssimas profissões e a Universidade de Coimbra está em óptimas condições para garantir todas essas contribuições variadas para a formação de arquitectos.

A FCTUC e a criação da licenciatura em Arquitectura

Por António Ribeiro Gomes *

A criação da licenciatura em Arquitectura na Universidade de Coimbra constitui um facto de inegável relevância. A sua inserção no âmbito da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCTUC) corresponde ao aproveitamento das capacidades que esta instituição possui, as quais, não sendo em si próprias bastantes para o ensino da Arquitectura, é evidente, são um rico potencial para o desenvolvimento desse ensino se forem bem aproveitados todos os fenómenos de interdependência, necessariamente completadas pelos ensinamentos que outros sectores da Universidade (e mesmo outras universidades) não têm de deixar de ministrar.

A formação de arquitectos pela FCTUC permitirá dar resposta às carências que se fazem sentir nos domínios da renovação e conservação do património arquitectónico, equilíbrio no desenvolvimento urbano, adequação do parque habitacional ao meio ambiente, etc.

Virá, ainda, materializar desejos da juventude dum extensa região do país por ver concretizada a possibilidade da sua formação, sem ter que recorrer aos grandes centros de Lisboa e Porto.

Tendo-se como certo que a FCTUC se empenha para que, a semelhança do que se verifica com outros cursos que ministra, a licenciatura em Arquitectura adquira elevado nível, ganhando, como se pretende, uma acentuada perspectiva científico-tecnológica, receberá em troca o enriquecimento que resultará de ver desenvolver-se no seu meio um sector com grande incidência no domínio da criação artística e estética.

A FCTUC é a mais complexa, e uma das maiores, Escola de Ciência e Tecnologia, aqui se desenvolvendo, actualmente, investigação e ensino em áreas que abrangem as Ciências Exactas, as Ciências Naturais e as Ciências da Engenharia.

A licenciatura em Arquitectura virá juntar-se às dezasseis licenciaturas diferentes já existentes na Faculdade que se desdobram em 23 cursos de especialização e que são frequentados, em termos globais, por 4 500 alunos, sendo o ensino ministrado por cerca de 400 docentes, dos quais 150 são professores.

A FCTUC debate-se, neste momento, com gravíssimos problemas devidos à falta de instalações, de equipamento científico e pedagógico e outros que podem ser óbice a um harmonioso desenvolvimento das suas actividades.

Estamos cientes de que, decididamente, há que lançar mão de todos os meios que permitam a ultrapassagem rápida destas dificuldades, para que seja possível firmar a FCTUC como uma ainda mais prestigiada escola que se constitua como polo dinamizador no país, e em especial na Região Centro.

O Conselho Científico da FCTUC está empenhado no estabelecimento de estruturas que permitam, sempre que tal se intenda necessário, um redimensionamento das actividades de ensino, de investigação e identificação de colaboração com instituições de

carácter público ou privado com a prestação de serviços à comunidade.

As disciplinas que definirão o enquadramento técnico e cultural da formação dos futuros arquitectos devem ter em vista as obrigações e os direitos que resultam da adesão de Portugal à CEE.

Assim, a duração do curso deve integrar-se nos padrões europeus, pelo que se propõe uma escolaridade com a duração de cinco anos. O plano de estudos incluirá um estágio de pré-profissionalização com a duração de um ano.

O estudo do papel da pesquisa histórica, criando assim laços entre a cultura histórica e a actividade moderna de projectação; do papel da preparação técnica e tecnológica no que respeita ao conhecimento do mundo físico; das técnicas de transformação e de produção dos materiais de construção, com a inerente análise dos custos; do papel da preparação científica no que respeita ao conhecimento básico da matemática e informática; das modernas teorias da CAD; das estruturas e da análise dos fenómenos atinentes ao uso do espaço e sua transformação, serão preocupações a ter em conta para a formação que a FCTUC pretende dos seus futuros arquitectos.

Deve, todavia, ter-se presente que a dinâmica de desenvolvimento presente em todas as manifestações da FCTUC, e subjacente à criação da licenciatura em Arquitectura, não pode transformar-se numa penalização para a estrutura que a suporta.

Pretende com isto significar-se que ao propor-se a criação da licenciatura em garantidos todos os meios necessários ao regular funcionamento dos serviços de ensino e de apoio do futuro Departamento de Arquitectura no que respeita à criação de um quadro de docentes (professores catedráticos e associados), aumento da quota de assistente, criação de lugares de pessoal não docente e aumento do OGE da Faculdade com as verbas necessárias ao funcionamento e aquisição de equipamento indispensável.

Os órgãos centrais da Faculdade providenciarão para a criação de serviços de apoio indispensáveis ao eficaz funcionamento da licenciatura. Desde já se destaca a necessidade de criação de serviços de Biblioteca, Fototeca, Cartoteca, Oficinas e Laboratórios.

Para concluir, interessa deixar claro que todas estas considerações relacionadas com a criação da licenciatura em Arquitectura se situam, no momento presente, no domínio das hipóteses.

O Conselho Científico da FCTUC formulou a proposta, a hierarquia académica deu-lhe o apoio, mas em última instância caberá ao Governo, pelo senhor ministro da Educação, a decisão de aprovação e, caso afirmativo, da sua entrada em funcionamento.

Todavia, pela justiça da proposta, na qual assume particular relevância o parecer que a acompanha, formulado pela Comissão de Coordenação da Região Centro, aguardamos confiantes.

* Professor Catedrático da FCTUC, presidente do Conselho Científico.

Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra: projecto que foi e é viável

Por Martin Portugal *

Quando a Universidade de Coimbra projecta a recuperação do Ensino de Arquitectura, através da Faculdade de Ciências e Tecnologia, expressa-se, naturalmente, uma consciência de estética e enriquece-se a perspectiva do conhecimento de uma arte maior. É, de facto, muito significativo e saudável que a minha Faculdade, já preocupada com o rigor conceptual das ciências e o pragmatismo das tecnologias, assumia agora o projecto de desenvolvimento dos valores artísticos, científicos e tecnológicos inerentes à organização dos espaços, à salvaguarda do património e à feitura de novas estruturas que cumpram as funções de suprir as necessidades básicas dos utentes, sem descurar os valores estéticos.

Deverei justificar a afirmação com que iniciei este breve depoimento. Acontece que, de facto, a Arquitectura já foi ensinada, no âmbito da antiga Faculdade de Matemática, existente entre 1772 e 1910, aos estudantes de Ciências Matemáticas e de «Ciências Naturais e Filosóficas». Terá interesse lembrar que nos Estatutos Pombalinos se explicita que o exercício da Arquitectura, da Agrimensura e da Engenharia Geográfica teria de passar a ser exercido por quem tivesse cursado a Faculdade de Matemática, então recém criada. Eu só recordo o passado para me valer no futuro. Foi então instituída uma cadeira extraordinária de Arquitectura, explicitando-se que o professor deveria mostrar os diferentes meios que se devem aplicar para garantir a «segurança», comodidade e decoração dos «edifícios», procurando formar o «bom gosto dos discípulos».

Por esse tempo, também aqui, na Faculdade de Filosofia, se ensinava Agricultura, Veterinária, Economia Rural (Bernardinho Machado, que viria a ser Presidente na 1.ª República foi o seu último Professor), Arte de Minas, Metalurgia e Tecnologia Química. Depois de 1885 quase tudo se perdeu. É bom verificar que com as Engenharias Civil, Electrotécnica, Geológica, de Minas, Mecânica e Química se recuperaram esses valores. Falta recuperar as tecnologias agrárias.

Parece-me natural que o projecto venha da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Que se tome aqui em consideração que há nesta

Faculdade um espectro que contempla as Ciências Exactas e Físicas, as Ciências da Vida até à Antropologia Cultural, as Ciências da Terra e as Ciências da Engenharia.

Numa perspectiva pessoal, é fácil entender que um professor que trabalha no belíssimo Colégio de Jesus, que tem a boa sorte de ver, todos os dias à sua frente o «Laboratório Químico», que deveriamos considerar como património universal da ciência, e a Se Nova, e a má fortuna de assistir à degradação de tantos antigos e belos edifícios — a recente derrocada da Igreja da Trindade é, para mim, inadmissível — e que bem conhece a destruída evolução urbana e rural disparada nas décadas de 1960 e 1970, adere-se, com entusiasmo, à ideia — projecto de excelentes amigos, particularmente qualificados e sensíveis à carência de arquitectos.

É natural que a minha perspectiva universitária, a minha inserção na Faculdade de Ciências e Tecnologia, e o conhecimento, que tenho, da progressiva valorização, dentro da História Natural, dos modelos matemáticos, físicos e químicos e a valia das técnicas experimentais que permitem interrogar a Natureza me inclinam a favorecer uma perspectiva da Arquitectura, que tenha em devida conta a aproximação da arte à ciência e a tecnologia. Tomemos consciência que vivemos um tempo em que, de alguma forma, se recuperou uma concepção «renascentista» de fronteira esbatida entre a ciência e a técnica e nisso nos distinguimos bem dos vectores do final do século XIX.

Uma Arte Maior na Universidade de Coimbra é uma nova dimensão, com grande significado. Coimbra não vai esbater a sua vocação cultural e a Universidade deve modernizá-la.

Abriu a fronteira para um domínio em que há demonstrada carência de profissionais parece-me um desenvolvimento com elevado potencial.

Prospectar uma abertura para o futuro dos jovens que querem ver acrescentado o objecto das suas esperanças, eis um projecto que vale todo o esforço de quem quer um futuro melhor.

* Professor Catedrático da FCTUC, anterior presidente do Conselho Científico.

FONSECA & IRMÃO, LDA.



INDUSTRIAIS DE:
• CONSTRUÇÃO CIVIL
• OBRAS PÚBLICAS

SEDE E SERVIÇOS GERAIS:
R. Maria dos Santos, Lote 181 - Bairro Angola
CAMARATE - 2640 SACAVÉM
Telefax: Gerência - 2 87 01 80
Serviços Administrativos - 2 87 01 81
Armazém: Av. Estados Unidos da América, 88
Cave 2 - 1700 LISBOA

DELEGAÇÃO EM COIMBRA:
Gerência e Escrit. Rua Figueira da Foz, 39 Cave - Apartado 426 - 3006 COIMBRA Códex
Telefones: Gerência - 2 37 17 • Serviços Administrativos - 2 88 96
Estabelecimento e Armazém: Estrada de Eiras - 3000 COIMBRA - Telef. 2 21 00

Totta & Açores e UNICER

Primeiras privatizações anunciadas ontem

O Conselho de Ministros deliberou ontem a privatização a 49 por cento da UNICER e do Banco Totta & Açores. O anúncio foi feito pelo ministro da Presidência e porta-voz do Conselho de Ministros, Fernando Nogueira, que disse tratar-se dos primeiros passos do que promete ser um processo complexo.

Fernando Nogueira classificou de normal o processo de privatizações agora encetado pelo Governo e acrescentou que as empresas foram escolhidas com cuidado extremo.

São duas empresas médias que estão solidamente instaladas, e que permitem

(Continua na Última Página)

54 anos depois!



Praia de Mira: enfim o plano de urbanização

LER NA PAGINA 6

Conselho de Justiça da FPF rejeita recurso da Académica

O Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol rejeitou ontem, por cinco votos contra dois, o recurso da Académica de Coimbra sobre a alegada actuação irregular de N'Dinga pelo Vitória de Guimarães — disse fonte federativa.

A Académica, ao apresentar este recurso, alimentava ainda esperança de não descer de Divisão, mas a deliberação do Conselho da FPF continua a manter a despromoção da equipa de Coimbra ao escalão secundário.

A decisão federativa, segundo a mesma fonte, baseou-se em dois argumentos.

O primeiro, foi a consulta feita pela FPF à Federação Internacional (FIFA) em 13 de Abril passado, a qual considerou válido o certificado do jogador zairense.

O segundo argumento justificativo foi a decisão de 5 de Maio do Conselho de Disciplina da FPF, que deu razão ao Vitória de Guimarães, considerando regular a inscrição do jogador, pelo que o clube minhoto tinha a natural expectativa de estar dentro da legalidade.

DECLARAÇÕES DE JORGE ANJINHO

O presidente da Académica, OAF, Jorge Anjinho, disse ontem ter ficado «surpreso e enojado» com a decisão do Conselho de Disciplina da FPF, que negou o provimento ao recurso apresentado pelo clube, acerca da inscrição de N'Dinga.

Jorge Anjinho considerou a decisão «simplista» e acusou aquele órgão federativo de «não fazer uma apreciação correcta» dos elementos de que dispõe.

«Quem tomou essa decisão desconhece a lei e os regulamentos do futebol», segundo aquele dirigente.

Disse ainda que a Académica vai interpor recurso da decisão para o Conselho de Justiça, acrescentando que «a Comissão Jurídica do Clube dará uma resposta à argumentação do Conselho de Disciplina».



GOLFO PÉRSICO — Um navio da guarda costeira iraniana navega junto ao local onde foi abatido o «Airbus» iraniano.

Afirma o presidente do Conselho Científico da FCTUC

Arquitectura em Coimbra veio para ficar

Na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) foi criada a licenciatura em Arquitectura, para a qual se anunciam já a existência de 50 vagas. Sobre o assunto publicamos hoje uma entrevista com o Prof. Ribeiro Gomes, presidente do Conselho Científico daquela Faculdade, onde se fala também do relacionamento da FCTUC com a sociedade, do Pólo II da Universidade, da criação de uma associação científica e técnica designada Instituto Pedro Nunes, da constituição de um núcleo de antigos alunos, e se avança com a ideia de uma lei do «mecenato científico».

O Prof. Ribeiro Gomes diz na entrevista que «a Arquitectura na Universidade de Coimbra veio para ficar» e considera a nova licenciatura «o recuperar de um direito que tinha sido suspenso».

LER NA PAGINA 2

Afixadas novas listas de professores

O Ministério da Educação afixou ontem as novas listas de colocação dos professores dos Ensinos Preparatório e Secundário — informou o Gabinete do ministro Roberto Carneiro.

«A lista afixada é ainda uma cópia da folha saída do computador, mas já tem as correções introduzidas», disse uma fonte daquele Gabinete.

«Com esta situação, fica normalizada a lista de colocação de professores, aguardando-se a edição pela Editorial do Ministério de Educação da respectiva lista que movimentará cerca de 26 mil docentes a nível nacional e a publicação em «Diário da República» do respectivo aviso», acrescentou.



PAMPLONA (Espanha) — Festival de abertura da Feira de San Fermín.

Diz o Prof. Ribeiro Gomes

Arquitectura em Coimbra veio para ficar

Não terá provavelmente passado despercebida a notícia, recentemente veiculada pelo nosso Jornal, de que para o próximo ano lectivo existem 50 vagas para Arquitectura na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC).

Está pois criada na Universidade de Coimbra a licenciatura em Arquitectura, objectivo por que vinham pugnano diversas entidades. O interesse do assunto é evidente, e motivou uma entrevista com o presidente do Conselho Científico da FCTUC, Prof. Ribeiro Gomes.

A FCTUC, nos referimos também ontem, na sequência de uma conferência de Imprensa dada pelo Conselho Directivo, a propósito de alegadas dificuldades orçamentais. Porém, apesar da proximidade temporal, esclareça-se que esta entrevista não vem na sequência da notícia ontem publicada. Ela foi-nos concedida pelo Prof. Ribeiro Gomes no princípio da semana, só hoje sendo possível a sua divulgação.

Além da licenciatura em Arquitectura, de outros temas nos fala o presidente do Conselho Científico, tais como o posicionamento da Faculdade perante a sociedade, a prioridade a dar ao Polo II da Universidade, a criação de uma associação científica e técnica designada Instituto Pedro Nunes e de um núcleo de antigos alunos.

«Diário de Coimbra» — Prof. Ribeiro Gomes, que significado deverá atribuir-se à indicação da existência de 50 vagas para Arquitectura na próxima candidatura à primeira matrícula na FCTUC?

Ribeiro Gomes — Significa precisamente que o processo, iniciado há alguns meses atrás, de criação da licenciatura em Arquitectura na Universidade de Coimbra, foi coroado de êxito.

Apresentada, em devido tempo, ao Ministério da Educação, a proposta formulada pelo Conselho Científico, a que tenho a honra de presidir, foi há dias assinada pelo senhor secretário de Estado do Ensino Superior a correspondente portaria, que não tardará a vir publicada no «Diário da República».

Atempadamente fiz a proposta de «numerus clausus», a fim de que a licenciatura pudesse ter início já no ano lectivo 1988/89. Assim, no próximo ano funcionará o primeiro ano curricular.

D.C. — Está portanto de parabéns a Universidade de Coimbra, a própria cidade e a Região. Tendo sido muito discutida a criação desta licenciatura, previa-se um processo de resolução difícil?

R.G. — Eu diria «processo de iniciação», porque para os responsáveis pela FCTUC o processo apenas está no seu começo, como é evidente. Mas eu compreendo a sua pergunta e dir-lhe-ei que não, não tenho dificuldade. Tenho para comigo que, quando as questões se apresen-



Prof. Ribeiro Gomes, presidente do Conselho Científico da FCTUC: «A criação da licenciatura em Arquitectura sente-se como o repór de uma situação, digamos o recuperar de um direito que tinha sido suspenso».

meu pensamento sobre a problemática das escolas de ciência e tecnologia, embora entenda que não é exclusiva delas. Com a integração plena de Portugal na CEE enfrentamos um desafio que urge vencer e a Universidade não é uma ilha neste mar.

Na FCTUC já é manifesto que nestes últimos anos se sentiu a necessidade de modificar o posicionamento perante a sociedade, no sentido mais alargado desta palavra. Local privilegiado para a realização da investigação e ensino ao mais alto nível, terá que abrir-se cada vez mais ao exterior na generalidade aos vectores de desenvolvimento que nela se potenciam, criando uma simbiose perfeita de interesses.

Com a institucionalização da almejada autonomia universitária, as universidades não deixarão de intensificar uma concorrência, que será salutar se for leal, no que respeita a qualidade de ensino, o nível da investigação e a prestação de serviços à comunidade, tudo isto acompanhado de rigorosos métodos de gestão e optimização de recursos a partir do momento em que o financiamento por parte do Estado se fundamente em critérios objectivos.

A FCTUC, dentro do tal espírito de salutar concorrência, está a fazer um sério esforço para manter a expressão universalista que sempre teve, a fim de continuar a ser um pólo de atracção para os melhores estudantes e para que nela se sintam bem os melhores professores: quando a oferta de lugares no Ensino Superior exceder a procura, ela deve estar preparada para ser mais do que a Faculdade dinamizadora de uma região, o que sendo verdade será mal se for apenas assim.

D.C. — Mas, Professor Ribeiro Gomes, existem indicadores de que se caminha no sentido certo?

R.G. — Com certeza que sim, estamos a atravessar um acelerado processo de desenvolvimento. A FCTUC debate-se com gravíssimos problemas de instalações; o Polo II, na Portela, tem que ser a prioridade máxima da Universidade, pois o atraso na sua construção está a provocar um estranhamento e já se perdeu demasiado tempo. Temos que ter sempre presente que a criação dos cursos de engenharia em Coimbra data de 1972, anterior à criação de todas as novas universidades, e ainda não se iniciou a instalação definitiva.

E POR QUE NÃO UMA LEI DO MECENATO CIENTÍFICO? D.C. — Perante estas dificuldades, que acções justificam o seu optimismo?

R.G. — Em primeiro lugar, o desbocamento do Polo II, a curto prazo, espero. Para além dos inúmeros protocolos e convénios de cooperação, propus ao Conselho Científico a criação de uma associação científica e técnica para a inovação e desenvolvimento em ciência e tecnologia, a que demos o nome de Instituto Pedro Nunes (IPN), e para a qual convidámos, como sócios fundadores várias instituições e associações empresariais, estando-se praticamente na fase da escritura notarial.

UNIVERSIDADE NÃO É UMA ILHA... D.C. — A FCTUC é uma grande escola de ciência e tecnologia. Será, pois, natural, Prof. Ribeiro Gomes, que tenham realizações, projectos, simples ideias ou aspirações. Quer aproveitar esta nossa conversa para melhor dar a conhecer a sua Faculdade? R.G. — Com certeza e com muito prazer. Querria expressar-lhe, em primeiro lugar, o

Hoje Leitor

Procissão da Rainha Santa: contribuiu para uma solução

Exmo. Senhor Director: Vivendo há já bastantes anos em Coimbra, verdadeiramente mais por opção pessoal do que por imposição profissional, porque esta cidade me encanta, e natural que me interesse pelos seus problemas e suas vicissitudes.

Tenho seguido com interesse a polémica do transporte do andor da Rainha Santa e apreciado os argumentos das suas atitudes em confronto. Utilizando a expressão portuguesa «no meio termo está a virtude», venho sugerir uma possível solução que poderá satisfazer as duas partes em litígio. A solução não é original pois é a que já foi adoptada em circunstâncias semelhantes noutros pontos da cristandade.

Mais propriamente quero referir-me às procissões da Semana Santa em Sevilha. As várias Confrarias da cidade do Guadalquivir encontram uma solução que pode servir a cidade do Mondego. Muitos se lembrarão das páginas inolvidáveis e pitorescas dos irmãos Tharaud da Academia Francesa, nas suas descrições sobre a Semana Santa de Sevilha. Para que isso não se repetisse e também para que a tradição não fosse atraída, alguns dos andores sevillhanos, que pesam e bem mais do que os mil quilos do andor da Rainha Santa, foram adaptados com uma estrutura de suporte com umas pequenas rodas amparada pelos irmãos da Confraria. É uma solução que poderia ser encarada. Evidentemente que nas planuras de Sevilha, não existe a encosta de St.ª Clara, mas tudo se pode adaptar.

Agora, adoptar a solução do «jeep castrense» parece-me uma solução tecnológica de mau gosto e de falta de imaginação que Coimbra e a sua Padroeira não merecem... peçam pelo menos de Lamego, o carro de bois da Senhora dos Remedios.

Com os melhores cumprimentos,

Jerónimo Amaral Mendes Médico Coimbra

Esclarecimento da Misericórdia de Penacova

Exm.º Sr. Director do «Diário de Coimbra»: No «Diário de Coimbra» de 23-06-88, pag. 11, Jornal que V. Ex.ª tão dignamente dirige, vem publicada uma extensa entrevista com o Exm.º senhor presidente da Câmara Municipal de Penacova, que, com muito agrado, nos aprez registar.

Na referida entrevista, na parte referente a «Lar e Centro de Dia da Terceira Idade — já é uma realidade», constata-se que, pela leitura que se faz dessa parte da entrevista, o leitor é induzido em erro ao associar o Lar e Centro de Dia de Penacova à Fundação Mário da Cunha Brito, sediada em São Pedro de Alva, deste concelho de Penacova.

Na verdade, o Lar e Centro de Dia, existente na vila de Penacova, e, recentemente inaugurado (23-04-88) por Sua Excelência o Senhor Primeiro Ministro, e propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Penacova, nada tendo a ver, com a citada Fundação Mário da Cunha Brito.

No entanto, esclarece-se que tal obra, foi comparticipada pela Segurança Social, através do Centro Regional de Segurança Social de Coimbra, de cujo Conselho Directivo, esta Santa Casa, tem recebido todo o apoio necessário ao desenvolvimento da sua acção Social a favor da Tercceira Idade, no concelho de Penacova.

Por tais razões, solicitamos a V. Ex.ª, para os devidos efeitos, a publicação deste pedido de rectificação.

Agradecendo a atenção dispensada a este assunto, aproveitamos o espaço para apresentar os nossos melhores cumprimentos. De V. Ex.ª, atenciosamente,

O Provedor Afonso Esteves Viseu Santa Casa da Misericórdia Penacova

NOTA DA REDACÇÃO — Os textos dirigidos a esta secção devem ter uma dimensão que não ultrapasse uma folha A4 escrita a um espaço; devem ser dictado-grafados e terão que versar assuntos de interesse publico.

DIÁRIO DE COIMBRA
ANO 88 — N.º 19 206

DIRECTOR — ADRIANO LUCAS
DIRECTOR-ADJUNTO — LINO VIGNAL
PROPRIEDADE — «A TIPOGRAFIA DAS BEIRAS, LDA.»

SEDE — Rua da Sofia, 179 — 3000 COIMBRA — Apartado 144 — Telex 52147 DACTO — Redacção: Telefones 20173, 20174, 25463, 33895 e 34895 Publicidade e Esportivos: Telefones 20481, Telex 52145 DCTPUL, Assinaturas e Abonos: Telefones 25462

DELEGACIÃO
LISBOA — Publicidade: Av. Duque de Loulé, 75-8ª-2º 1000 LISBOA Telefones 56208 e 520740 — Telex 42852 ALICLAS, Redacção: Rua José Sarmento, 2 — 1000 LISBOA — Telefones 80025 e 807664 Telex 43273 ALICLAS

FIGUEIRA DA FOZ — Rua Dr. Joaquim Jardim, 13-1º Dr. 3000 FIGUEIRA DA FOZ — Apartado 82 — Telex 53977 DIFACFZ, Redacção: Telefones 25146, FAXIJO, Telex 29992

AGUEDA — Rua José Siqueira, 120-3 — 3750 AGUEDA, Telefones 62380 — Telex 37189 DAGUE

VISEU — Rua O. António Alves Martins, 36-9 E — 3500 VISEU — Telefones 25207 — Telex 53489 DAVISV

PORTO — Praça General Humberto Delgado, 359-2 — (Salas 1 e 2) — 4000 PORTO — Telefones 31148 e 311380 — Telex 27257

Composto e impresso na FIC — Fotocomposição e Impressão Gráficas, S.A.R.L. — Estrada de Entre — Coimbra — Telefones 33212 e 33236, Telex 52154, Telex 52154, Telex 52154, Telex 52154, Telex 52154, Telex 52154

Arquitectura em Coimbra veio para ficar

(Do próximo 2)

Através do IPN, as empresas que o desejem poderão desenvolver, na qualidade de sócios aderentes, actividades de investigação em conjunto com o sector adequado da FCTUC, podendo assim aproveitar dos conhecimentos existentes e ultrapassar a falta de estruturas próprias para a investigação.

Para que esta iniciativa tenha verdadeiro sucesso, a FCTUC pretende criar um complexo tecnológico, constituído por diferentes sectores elaboraram já as propostas que foram apresentadas às entidades competentes para obtenção de financiamento.

É uma realização ambiciosa em que a ajuda do Governo e dos fundos estruturais comunitários esperamos que venha a juntar-se a contribuição do sector empresarial. As verbas necessárias sendo de certo modo vultuosas, eu diria que será fundamental que as mentalidades evoluam no sentido da criação, também, duma lei do «mecanato científico».

Está também em fase de institucionalização a proposta de criação de um Conselho Consultivo constituído por personalidades de reconhecido prestígio (profissional, social ou científico) que, em conjunto com os responsáveis pelos sectores da Faculdade, contribuirão para uma melhor inserção das actividades da Faculdade no tecido económico e social do

Pais, trará à Faculdade a opinião dessas destacadas personalidades, enriquecendo-a com o contributo de ideias e valores gerados extramuros.

Pretendemos, ainda, criar na Faculdade o núcleo dos antigos alunos com a perspectiva de com eles mantermos um diálogo de interesse recíproco: põ-los ao corrente das realizações da Faculdade e criar, por seu intermédio, um elo de ligação com os sectores em que se inserem. Conhecemos situações, em universidades estrangeiras, em que esta iniciativa se apresenta com grandes potencialidades.

Outros aspectos poderiam ser focados, os quais estão no domínio das nossas preocupações como por exemplo de novos cursos, a análise (com metodologia científica) do problema do insucesso escolar, etc..

-D.C.- — Desta conserva vai reforçada a ideia de que a FCTUC é uma prestigiada instituição, com promissor futuro. A concluir, que voto gostaria o Prof. Ribeiro Gomes de formular?

R.G. — Um apenas: que os responsáveis a todos os níveis, neste Pais, nos oíçam e sempre que possível, venham conhecer a nossa realidade; estou certo que estamos a contribuir para sustar, nos nossos domínios, a macrocefalia instalada neste Pais, a qual por si só serve para justificar, tantas vezes, decisões tomadas ao arrepijo da lógica e da razão.

Prazo terminou ontem

Candidatam-se duas listas à Comissão Política Distrital do PSD de Coimbra

A hora a que, ontem à tarde, expirou o prazo para apresentação de candidaturas à eleição da Comissão Política Distrital (CPD) do PSD de Coimbra, marcada para amanhã, tinham dado entrada duas listas, embora uma tenha de suprir irregularidades formais.

Uma é encabeçada pelo actual presidente da CPD, Alexandre Gouveia, e a outra por José Coelho e Silva, ex-presidente da Câmara Municipal de Penela.

A lista de Alexandre Gouveia candidata às vice-presidências da CPD Alvaro Amaro, secretário de Estado da Agricultura, e Cipriano Martins, ex-governador civil de Coimbra.

A de José Coelho e Silva, que tem de suprir

irregularidades formais até às 17h00 de hoje, apresenta como candidato a vice-presidente Jaime Ramos, presidente da Câmara de Miraíada do Corvo e ex-vice-presidente do Grupo Parlamentar do partido.

A lista de Alexandre Gouveia recandidata ainda João Bugalho à presidência da Mesa da Assembleia Distrital e Joaquim Barreira à presidência do Conselho de Jurisdição.

Costa Andrade, deputado, e o candidato da outra lista a presidência da Mesa da Assembleia e Pinto Gomes e o provável candidato a presidência do Conselho de Jurisdição.

Da lista encabeçada pelo actual presidente da CPD fazem parte, entre outros, o deputado Paulo Pereira Coelho, o presidente da Comissão Política Distrital da JSD e Luis Lourenço, irmão do secretário-geral do partido.

Fonte partidária disse que entre os apoiantes da lista de José Coelho e Silva conta-se o presidente da Comissão Política Concelhia de Coimbra, Marcelino Paiva.

Restaurante MASSY

Abriu agora como nova Gerência, no Largo N.ª Senhora da Esperança, n.º 28, em Santa Clara, onde encontra bons petiscos e pratos moçambicanos.

Salão Cabeleireiro VISCONDE

Participa a abertura da sua filial no Edifício Coimbra, Sala 401-4.ª com a MANUELA e ainda terças e quintas ROSA MARIA. Esperamos a sua visita. Telefone 27254.

ANDARES NA FIGUEIRA DA FOZ

SEM ENTRADA INICIAL
SÓ 16.050\$00/MES
ÚLTIMOS ANDARES EM VENDA

Informações telef. 28751/2 — Av. Dr. Gaspar de Lemos, Bloco C (junto ao Ciclo) — FIG. FOZ.

Pela Cidade



Coimbra, Arte e História: lançamento do livro é hoje

«Coimbra, Arte e História» é o título do livro que hoje às 18h30 tem sessão de lançamento na sala de conferências do complexo das Piscinas Municipais.

A edição é patrocinada pelo Instituto de História de Arte da Universidade e pela Câmara Municipal de Coimbra.



Dr. Anibal Lima de Castro Côrte-Real (Fijó)

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA ST.ª MADRE IGREJA

Leopoldina Lima de Castro Côrte-Real (Condessa de Fijó), participa a todas as pessoas das suas relações e amizade, o falecimento do seu querido Filho Anibal.

Banco Comercial Português: sucursal de Coimbra é inaugurada segunda-feira

É já segunda-feira que o Banco Comercial Português inaugura a sua sucursal em Coimbra, num edifício para esse efeito adaptado na Praça do Comércio (Praça Velha).

Trata-se da primeira instituição de crédito privada a operar nesta cidade, sendo esta sua sucursal servida por 20 funcionários e tendo um balcão para particulares e outro para empresas, com direcções separadas. Fonte da Administração fizou que o Banco, que passa a estar presente em oito cidades portuguesas, adoptou o figurino das sucursais face à filosofia de descentralização que a caracteriza.

Sobre a abertura da sucursal em Coimbra, considerou tratar-se de «uma grande aposta do concelho de Administração, que se propõe coimatar, com êxito, uma brecha até agora existente na cidade».

NECROLOGIA

ALBERTINA DA CONCEIÇÃO FERREIRA LEITE PEDROSA faleceu ontem. Com 60 anos, viúva, era natural de Eiras, Coimbra, e residia na Rua da Matemática, nesta cidade. O seu funeral realizou-se ontem na Capela Mortuária da Sé Nova para o Cemitério da Conchada.

Trata a Agência Funerária Adelino Martins.

ACACIO DA CRUZ SILVA faleceu ontem. Com 61 anos, era natural de Valença, e residia na Rua Padre Américo, em Coimbra. O seu funeral realizou-se hoje, para o Cemitério da Conchada. Trata a Agência Funerária Lourenço.

Vendedores

(m / f)

EMPRESA DO SECTOR FARMACÉUTICO

Admite para reforço da sua equipa de vendas, VENDEDORES para as zonas NORTE, CENTRO e SUL do país.

Função cuja actividade engloba o contacto directo com a rede de clientes (essencialmente farmácias), exigindo deslocações constantes.

Perfil apontando para candidatos que preencham os seguintes requisitos:

- Formação de base de nível médio, sendo factor preferencial experiência de pelo menos 2 anos na função, com especial incidência para a adquirida no sector;
- Espírito empreendedor, boa apresentação, facilidade de contacto e elevado grau de responsabilidade;
- Idade até 40 anos;
- Carta de condução.

Oportunidade para pessoas ambiciosas que gostem de trabalhar com elevado grau de autonomia, colaborando numa empresa dinâmica e auferindo um vencimento com base fixa, acrescido de comissões em função das vendas individuais realizadas, despesas de deslocação e viatura por conta da empresa, bem como acesso a formação profissional.

Os candidatos interessados deverão enviar a sua resposta acompanhada de Currículo Profissional detalhado com a Ref.ª VS/127/88 para: AIPCOPRAI - SERVIÇO DE PSICOLOGIA Praça das Industriais, 1399 Lisboa Codex Telefone 64 41 61 - Ext. 2225 Telex 62715 COPRAI - Telefex 639046

SERVIÇO DE PSICOLOGIA recrutamento e selecção de pessoal

AIPCOPRAI

EM MONTEMOR-O-VELHO

PAUL DA QUINTA DO TAIPAL: UM PARAÍSO AMEAÇADO

No Inverno, principalmente, é poal e abrigo de grande parte das garças existentes no Baixo Mondego. Patos encontram-se lá em grande quantidade e aves de rapina também as há. No total, e no que respeita à avi-fauna, foram já registadas uma centena de espécies diferentes, mais do que no vizinho Paul de Arzila. Paraíso das aves, o paul da Quinta do Taipal, próximo da vila de Montemor-o-Velho, corre porém o risco de desaparecer, se com urgência não o protegerem de um «atentado» ecológico que ali está a ser cometido...

Dois estudantes da Universidade de Coimbra andam há dois anos no local a fazer o estudo da extraordinária variedade de avi-fauna. Um deles, Pedro Anastácio, aluno

de Biologia, disse-nos tratar-se de «uma zona de valor incalculável». Além de local excelente para o estudo, este paul serve de abrigo a muitas espécies de aves, não apenas sedentárias mas também migradoras. Para grande parte das garças do Baixo Mondego, ele é o dormitório, enquanto que, por outro lado, é procurado por aves aquáticas vindas do Norte da Europa (no Inverno) e também de África (na Primavera e Verão).

Para observação, os estudiosos encontram ali por exemplo patos e garças das mais variadas espécies (algumas raras), e em grande quantidade. Por outro lado, há também indícios da existência de bastantes lontras, animal que na Europa está ameaçado de extinção.

«É por isso de todo o in-

teresse proteger aquela zona», diz Pedro Anastácio.

Foram aqueles dois jovens que lançaram o alerta. Antontem estiveram no local e com estupefacção viram uma máquina a abrir uma vala no topo sul do paul. Indagaram e souberam que a Quinta do Taipal (localizada do lado direito da Estrada Coimbra-Figueira, na recta depois do cruzamento para Montemor)

fora recentemente comprada por um particular, da Ereira, que tenciona explorar aqueles terrenos com a cultura do arroz. As obras em causa destinavam-se a drenagem da aquela zona alagadiça.

Isto porém, advertem, irá destruir o equilíbrio ecológico do local, alterando toda a fauna.

(Continua na última página)



O paraíso das aves, em Montemor-o-Velho, pode desaparecer se não se puser cobro ao atentado ecológico que ali está a ser cometido e que poderá alterar toda a fauna ali existente.



PEQUIM — Idosos chineses praticando Tai Chi, uma arte marcial, num parque de Pequim, simbolizando o retorno à normalidade na capital chinesa.

ANGIOS — SEVER DO VOUGA

UM MORTO E UM FERIDO EM COLISÃO DE MOTORIZADAS

Um morto e um ferido em estado grave foi o balanço de uma colisão entre dois velocípedes com motor, ocorrida na passada terça-feira, cerca das 17 horas, no lugar de Angios (Silva Escuro-Sever do Vouga).

Severo José Silva Ribeiro, solteiro, de 21 anos, serralheiro de profissão e residente em Angios, não resistiu aos ferimentos, tendo falecido a caminho do hospital de Sever do Vouga. O seu corpo encontra-se depositado na Casa Mortuária daquela unidade hospitalar.

Nelson Pereira Gradim, solteiro, de 16 anos, carpinteiro, residente no lugar de Bouças (Silva Escuro-Sever do Vouga), sofreu ferimentos graves, encontrando-se internado no Hospital de Agueda.

A GNR de Sever do Vouga tomou conta da ocorrência.

400 ARQUITECTOS REÚNEM-SE HOJE EM COIMBRA EM CONGRESSO



Cerca de 400 arquitectos vão estar reunidos nos próximos três dias em Coimbra no V Congresso da Associação dos Arquitectos Portugueses.

Subordinado ao tema «A qualidade do espaço edificado hoje», este encontro visa «proporcionar aos arquitectos um momento de reflexão sobre o papel que poderão desempenhar na alteração das condições de «destruição» do património e do espaço/ambientes». O Congresso procura também «estudar estruturas aptas a produzir qualidade» e «avaliar o impacto do Mercado Único Europeu no campo da Arquitectura e do Urbanismo». Estarão presentes também cerca de 30 expositores representando 46 empresas relacionadas com o sector da construção.

Destes e de outros pontos que o Congresso integra damos conta no interior desta edição.

PROFESSORES E FUNÇÃO PÚBLICA EM GREVE

COIMBRA ESTEVE ONTEM SEM TRANSPORTES

LER NA PAG. 6

V CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES

QUALIDADE DO ESPAÇO EDIFICADO HOJE

EM DEBATE TRÊS DIAS EM COIMBRA

Um trabalho de **Edvarda Macário** e de **Ana Maria Lopes**

O V Congresso da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP), que hoje se inicia no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra e se prolonga até sábado, tem como tema «A qualidade do espaço edificado hoje». É um tema de grande oportunidade e actualidade, não só para os arquitectos como para todo o público em geral dado as grandes preocupações ambientais e de defesa do património que são sentidas hoje em todo o mundo.

A acentuada degradação da qualidade do espaço construído a que se tem vindo a assistir no nosso País nos últimos anos, sem paralelo em nenhum dos outros países da Comunidade Europeia, não diz apenas respeito aos arquitectos como parte interessada na questão, mas também à população em geral que lhe sofre directamente as consequências ao nível mais elementar do seu dia-a-dia.

Com o objectivo de reflectir sobre estas questões, e durante três dias, responsáveis políticos e especialistas de reconhecido mérito dentro da temática geral e específica do Congresso, irão abordar os vários aspectos que condicionam a qualidade do espaço edificado: aqueles que dizem respeito mais directamente à prática profissional do arquitecto e também os decorrentes das transformações económicas, políticas, sociais e culturais em curso no País, nomeadamente as consequentes



Sede da Associação Nacional de Municípios Portugueses, um bonito exemplo de intervenção dos arquitectos.

da integração na Comunidade Europeia». As comunicações apresentadas que servirão de base aos debates entre os congressistas terão em vista a «criação de

consensos em torno das medidas necessárias a uma rápida inversão da situação de degradação do espaço edificado que actualmente se verifica».

QUALIDADE DEGRADADA DO QUE SE CONSTRÓI

O Congresso que hoje se inicia é o primeiro a realizar-se após a institucionalização da AAP como Associação Pública (seis meses depois) e num período de transição para a criação do Mercado Único Europeu, «processo que exige dos arquitectos portugueses a consciência clara das novas condições de exercício da sua profissão e do que a ela é pedido». Daí a expectativa gerada à sua volta. Tal reflecte-se também na escolha do próprio tema - A qualidade do espaço edificado hoje - um tema, na opinião da AAP «voltado para fora, à medida do papel de defesa do interesse público que cabe àquela Associação e à Arquitectura cumprir na sociedade Portuguesa».

Com efeito e segundo aquela Associação «nunca como nos anos mais recentes, as alterações no nosso país tiveram tão graves repercussões no ambiente e no quadro de vida das populações, nem nunca se mostrou tão degradada a qualidade do que se constrói».

O V Congresso é, neste sentido, e segundo o arquitecto Pedro Brandão, «o momento de reflectir. Sobre o estado do ambiente construído em Portugal, sobre

(Cont. na página 12)



Materiais de Construção

ASSOCIAÇÃO ARQUITECTOS PORTUGUESES



Convite

Aos Exm.^{os} Arquitectos, Engenheiros, alunos das Faculdades, Construtores Civis, Revendedores, público em geral, para visitarem os nossos stands de Exposição em:

15/16/17 Junho — «V Congresso Nacional de Arquitectos» no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra.

24 de Junho a 2 de Julho — «CIC/89 — Bienal de Cerâmica»



sociedade cerâmica de ladrilhos.



CERAMICAS MARAZZI

PURO DISEÑO ITALIANO

MARONAGRÈS

CET - CERÂMICA DO ENTRONCAMENTO

Reces

CERÂMICA DA AMARONA

DIAGO

ZENITE

Vero

TAUGRES TAULELL S.A.

CINCA

Cimianto

Roca

OLIVA

EXPOSIÇÃO E VENDAS: Ponte de Eiras — Adémia Tels. 31635/31238

Rua Figueira da Foz, 5 3007 COIMBRA Codex Tels. 28674-26951

Telex 53917 MATOBR P

A GERÊNCIA

Reconhecimento da AAP como Associação de Direito Público vem responsabilizar arquitectos

O arquitecto Nuno Teotónio Pereira, presidente da Associação dos Arquitectos Portugueses, disse há cerca de um ano em Coimbra que «a acção dos arquitectos está bastante limitada», sublinhando que «há muita gente a fazer arquitectura sem formação adequada». Passado um ano, e no âmbito da realização do V Congresso, procurámos saber junto de responsáveis da referida Associação se houve ou não alterações nesta situação considerada «prejudicial para a classe e para o país».

Falámos com o arquitecto Pedro Brandão, secretário-geral da AAP, que nos afirmou não ter havido alterações significativas.

«Genericamente a situação mantém-se, embora haja três aspectos positivos no

domínio legislativo que vêm em muito contribuir para a alteração do estado actual», disse aquele arquitecto. E explicou: «O primeiro aspecto é o facto da Associação dos Arquitectos Portugueses ter sido reconhecida como uma Associação de Direito Público», o segundo é o defendido por três dos decretos aprovados que referem que: «os arquitectos podem praticar os actos próprios da arquitectura e que só aqueles profissionais podem intervir nas zonas de património, bem como no domínio do turismo. O terceiro aspecto importante é a definição do princípio que tornou obrigatório o registo de todos os arquitectos na Associação. «Com a nossa entrada na CEE, todos os arquitectos estrangeiros podem exercer a profissão em Portugal, no entanto, eles terão de estar inscritos na AAP, passando assim a estar sujeitos às nossas regras e orientações», explicou. «Assim como — acrescentou — é agora possível vigiar todos aqueles que falsamente se auto-intitulam de arquitectos». «No entanto

— salientou — tal facto não tem, por enquanto, alcance na prática».

COIMBRA: A MEIO CAMINHO ENTRE LISBOA E PORTO

Na mesma altura, aquando da realização nesta cidade do encontro «Que Ensino da Arquitectura em Coimbra?», organizado pelo Núcleo de Arquitectura da Região de Coimbra (NARC), o arquitecto Nuno Teotónio Pereira referiu-nos que o «não reconhecimento da AAP como uma Associação de Direito Público era prejudicial para a classe e para o país». Uma vez já reconhecida como tal, quisemos saber que alterações foram sentidas desde então.

Segundo o arquitecto Pedro Brandão, «e para além do que já afirmou anteriormente», uma das alterações significativas foi «a definição de um código deontológico para

afirma o arquitecto Pedro Brandão

todos os arquitectos, reconhecido pela lei, e que defende, entre outras coisas, que as obras projectadas por arquitectos não podem ser alteradas sem o seu conhecimento».

«Ao contrário do que tem vindo a acontecer, Coimbra foi desta vez a cidade escolhida para a realização do V Congresso da Associação dos Arquitectos Portugueses. Segundo Pedro Brandão, tal escolha foi feita por várias razões. «Em primeiro lugar para quebrar a tradição de se realizarem estas iniciativas em Lisboa e Porto, sem esquecer que ela está situada geograficamente entre estas duas grandes cidades», explicou. «Em segundo lugar — acrescentou — esta relacionada com a predominância de arquitectos que se vem sentindo nesta cidade».

Segundo Pedro Brandão, «existe em Coimbra um núcleo muito forte de arquitectos verdadeiramente empenhados na alteração da degradação que se vem sentindo no país». Na sua opinião, também a recente criação do Curso Superior de Arquitectura em Coimbra vem influenciar a escolha.

«Queremos acompanhar o Curso e estar vigilantes ao seu desenvolvimento», adiantou.

«Pensamos com esta iniciativa contribuir para o reconhecimento do mérito da «cidade da cultura», bem como do papel que ela poderá desempenhar na afirmação do arquitecto, num momento crucial como este», disse-nos.

TODO O PAÍS ESTÁ EM DEGRADAÇÃO

É visível aos olhos de toda a gente que as cidades históricas, nomeadamente Coimbra, estão a entrar num estado tal de degradação que dificilmente se poderá parar. Uma vez que profissionais de arquitectura existem já há alguns anos, perguntámos ao arquitecto Pedro Brandão, se não terão eles um certo grau de culpabilidade em todo este processo. «Pensamos que não», respondeu-nos, acrescentando que «não são só as cidades históricas que estão a entrar em degradação, é o país em geral». Tal degradação tem a ver, segundo aquele arquitecto, com dois factores: o facto do país não estar a ser planeado e o facto de os arquitectos interferirem numa percentagem muito pequena nas construções.

«As pressões que são exercidas para as transformações do território são muito fortes. Não há, no entanto, regras para essa transformação», explicou, acrescentando «não há Planos Directores, necessários ao bom desenvolvimento do território».

Adiantou, no entanto, que estas realidades não escondem o facto de haver alguns arquitectos que fazem as coisas mal feitas.

«A qualidade do espaço edificado hoje foi o tema escolhido para este Congresso. Sobre tal escolha, Pedro Brandão disse-nos que «as transformações nas últimas décadas, em termos de espaço edificado, foram muito fortes e não foram acompanhadas por critérios de qualidade», daí que seja urgente «o repensar de toda a situação». «Na véspera da criação do Mercado Único estamos interessados em oferecer qualidade e que todos os obstáculos a qualidade sejam removidos de uma vez por todas», salientou.

Quando qualidade pressupõe degradação, a realização deste Congresso numa cidade deveras degradada como é Coimbra (em termos de ambiente) — e não podemos falar de ambiente sem recordarmos o homem — e num momento tão decisivo para o futuro do país — de transição para a integração plena de Portugal na Comunidade Europeia e para a criação do Mercado Único — é realmente um passo fundamental. Segundo Pedro Brandão, este Congresso vai «possibilitar aos arquitectos reflectir sobre todos estes problemas e ditar a Associação de uma doutrina mais diversificada em várias frentes, uma vez que é um Congresso aberto».

«Os arquitectos vão discutir durante três dias, com outros técnicos e políticos. Vão poder apresentar as suas propostas», referiu.

De salientar que na apresentação da moção de orientação do Conselho Directivo Nacional que vai ser lida hoje no Congresso, serão apresentadas 50 medidas para 10 políticas de qualidade.



cerâmicas estaco

Cerâmicas ESTACO, S.A.
Apartado 333
3007 COIMBRA CODEX
PORTUGAL
Telefa.: 220 58/9 - 271 81/2
Telex 52229 ESTACO P
Telefax 27032

ESTACO - os produtos ESTACO fazem a diferença

AZULEJOS, PAVIMENTOS, SANITÁRIOS
a melhor opção

Realização do Congresso reconhece importância geográfica e cultural de Coimbra

— afirma o NARC

Para melhor compreendermos a importância da realização do V Congresso da Associação dos Arquitectos Portugueses na cidade de Coimbra, que hoje se inicia, fomos conversar com os cinco elementos do Núcleo de Arquitectura da Região de Coimbra (NARC): Vasco Cunha, Santiago Faria, José Carlos Cantante, João Nuno Mendonça Soares e Carlos Valente.

Na opinião destes arquitectos a realização em Coimbra do V Congresso é «um reconhecimento da sua importância geográfica/cultural» e vem no seguimento de um significativo trabalho desenvolvido pelo NARC ao longo dos seus três anos de existência.

DC - A cidade de Coimbra foi escolhida para a realização deste Congresso Nacional da Associação dos Arquitectos Portugueses. Porquê?

VC - Um vasto número de factores contribuíram para que Coimbra seja, durante três dias, palco de tão importante iniciativa. Porque Coimbra é um centro histórico com um património histórico reconhecido, pela continuidade do trabalho do Núcleo, pelo seu reconhecimento ao nível do Conselho Directivo Nacional (CDN) e pela recente criação do Curso de Arquitectura.

José Carlos Cantante acrescentou que esta escolha vem no sentido da «descentralização» - é o sair da dicotomia entre Lisboa e Porto. Faz parte da estratégia actual do CDN no apoio ao Ensino da Arquitectura em todo o país. Coimbra está vocacionada para tal, não só pela nova Escola de Arquitectura mas porque está intimamente ligada ao território. Tal escolha mostra também a importância que têm actualmente em todo o país os núcleos, que fazem intervir com mais eficácia na vida do país, nomeadamente no processo de degradação do território.

DC - O Congresso é subordinado ao tema «A qualidade do espaço edificado hoje». Porquê a escolha deste tema?

J.S. - A qualidade do espaço edificado hoje é um problema que nos afecta de sobremaneira. Em Portugal, salvo raras e honrosas excepções, todo o património edificado está a sofrer uma degradação aceleradíssima. Falamos em espaço urbano e rural.

D.C. - Está à vista de quem quer ver que as cidades históricas, nomeadamente Coimbra, estão a entrar num estado de degradação quase total. Será que os arquitectos não têm culpa em todo este processo?

VC. - Os arquitectos têm culpa sim.

Têm culpa de não se terem insurgido há mais tempo contra o estado de coisas verdadeiramente caótico vivido no nosso país. Em qualquer país da CEE estão definidas as directrizes de quem está avaliado ou não a projectar. Em Portugal não é assim. Uma série de profissionais pode invadir o trabalho do arquitecto. Não há, em Portugal, 5% de trabalho feito por arquitectos.

FALTA DE SENSIBILIDADE PERANTE O AMBIENTE

D.C. - Qual é o objectivo deste Congresso?

VC - O Congresso visa alertar a classe, sensibilizar as entidades responsáveis e o público em geral para a situação alarmante que se vive no país. Procura igualmente mostrar que a arquitectura é indispensável e que é essencial que se ultrapasse a falta de sensibilidade existente em relação ao espaço (urbano e rural) que nos rodeia.

As pressões económicas influem muito (em demasia) sobre o património, facto que é inaceitável e que muito tem contribuído para a sua degradação.

(Na opinião de José Carlos Cantante a verdadeira questão é o aspecto cultural. Até 1950, ao nível do território, as pessoas construam sem projecto, tinham um projecto tipo que passava de pais para filhos e que era adaptado a todas as situações servindo-se dos materiais da região. Quando surge o projecto a situação complica-se. Isto não significa que o projecto é que vem complicar a situação pois os projectos são em si mesmos disciplinadores, as pessoas é que não entendem essa disciplina. A partir desta altura alteram-se as condições sócio-económicas sem se alterar o aspecto cultural - o problema base de todo este processo. Sentida que foi a carência habitacional, ela é resolvida no salve-se quem puder. A falta de técnicos espalhados pela província começa agora a fazer-se sentir. Quem manda neste campo não é a lei mas quem compra a propriedade e quer construir.)

D.C. - Vivemos ainda no que chamamos de selva ou no salve-se quem puder?

VC. - A situação cultural deve envolver todas as profissões - é tentar pensar o que temos. Neste aspecto o «25 de Abril» melhorou em nada a situação. Se por um lado abriu novas perspectivas e ambições, abriu-as de tal ordem que contribuiu muito para este estado caótico ao nível da qualidade do que tem vindo a ser construído. Não havia preparação para



Os elementos do NARC. Da esquerda para a direita: os arquitectos José Nuno Mendonça Soares, José Carlos Cantante, Vasco Cunha e Santiago Faria. O arquitecto Carlos Valente, o quinto elemento do Núcleo, teve de se ausentar por motivos profissionais.

enfrentar tal ambição e dar resposta ao ritmo criado.

Em relação ao que disse o meu colega José Cantante gostaria de acrescentar que felizmente a situação começa agora a melhorar. Começa agora a ser possível defender o consumidor da habitação - um dos beneficiários da entrada na CEE. No entanto têm de ser os consumidores a estarem atentos às coisas que se passam à sua volta e depois pressionarem os responsáveis. Por exemplo, realizou-se há cerca de dois anos, em Coimbra, o encontro sobre a Alta. O que é que se fez depois disso... nada. Porque não há grupos de pessoas que pressionem. É de sublinhar, no entanto que a lei não tem facilitado a criação destes grupos.

A entrada na CEE traz-nos toda uma organização de que necessitamos e à qual o nosso país não estava habituado.

D.C. - Em relação ao património já construído e que está deveras degradado. Como melhorar a situação.

VC. - Esta é uma das situações mais bizarras, se bem que complicada, que se vem vivendo no nosso país. A ideia do «recria» (reconstrução) não tem ido em frente porque, por um lado são os inquilinos (antigos) que pagam uma ninharia de renda e não se preocupam em fazer obras e manterem a casa em condições, dizendo que o senhorio é que tem essa obrigação. Por outro lado são os senhorios que recebendo essas rendas não têm hipótese de realizar as obras necessárias. Desta forma os dois lados estão a contribuir para o aumento da degradação do património.

ARQUITECTO: AGENTE ESSENCIAL À TRANSFORMAÇÃO

D.C. - Qual o papel que o arquitecto pode desempenhar ou deverá desempenhar para alterar esta situação?

J.S. - O nosso papel, com o arquitecto, será o de insistir para que a legislação em vigor seja alterada e, simultaneamente, melhorar a qualidade da própria produção e do ensino da arquitectura (dos profissionais e futuros profissionais). Proporcionar ao público em geral uma subida do nível cultural. Se o público for exigente ou aprender a ser exigente, e o profissional de arquitectura for responsável pelo seu trabalho, a situação melhorar-se-á depressa. Nós reivindicamos a responsabilidade.

(Vasco Cunha acrescentou que hoje temos consciência do valor cultural do passado e do seu peso. Os arquitectos vão ser apenas os agentes dessa transformação. Temos, no entanto, consciência de que vamos estar também sujeitos a todo o tipo de pressões.)

D.C. - Há cerca de um ano, os senhores afirmaram ao D.C. que havia falta de arquitectos nas autarquias. Qual a situação actual?

S.F. - A situação melhorou um pouco mas continua a haver falta de arquitectos nas autarquias (e não só). De salientar também o facto (negativo) de que quando existem esses arquitectos eles estão a ocupar lugares que não lhes dizem respeito - o de fiscalizador, por exemplo. Pensamos, no entanto, que tal situação poderá ser ultrapassada com a sensibilização cultural da população e dos poderes públicos.

D.C. - Qual é então o papel do arquitecto?

VC. - É um papel disciplinador e criati-

vo. O papel do arquitecto é fundamental na actividade criativa.

(José Carlos Cantante acrescentou que é a formação artística e a sua capacidade criativa que separa o profissional de arquitectura dos restantes profissionais, daí que a arquitectura deve ser para os primeiros e não para os outros.)

D.C. - Pensam que a realização deste Congresso irá trazer novos caminhos para a alteração deste problema, no qual parecemos ser um dos piores da Europa?

J.S. - Se o Congresso visa, como já dissemos, alertar a classe e sensibilizar as entidades responsáveis e o público em geral para a degradação do ambiente de que estamos a ser vítimas, então pensamos que a sua realização nos vai trazer bastantes vantagens. Vão estar presentes responsáveis políticos e especialistas de reconhecido mérito dentro deste tema, bem como um elevado número de arquitectos portugueses empenhados em contribuir para a superação de tal situação que a todos prejudica.

BALANÇO POSITIVO EM TRÊS ANOS DE TRABALHO

D.C. - O NARC existe há cerca de três anos. Que balanço fazem sobre o trabalho desenvolvido?

J.S. - A função desde Dezembro de 1986 o Núcleo de Arquitectos da Região de Coimbra (NARC) tem vindo a desenvolver um trabalho digno de destaque e cem por cento positivo.

No primeiro ano da sua existência (86/87) a nossa preocupação máxima foi dar a conhecer o Núcleo e o seu objectivo. Daí que tivessemos mantido contactos com os colegas em particular e a sociedade em geral (divulgação através da Imprensa). Realizámos a «I» exposição Nacional de Arquitecturas e a «I» comemoração do Dia Mundial da Arquitectura.

No segundo ano (87/88), verificou-se um grande desenvolvimento do Núcleo e da expansão conseguida no ano anterior. Um dos aspectos de maior relevo foi a criação do Curso Superior de Arquitectura na Universidade de Coimbra. Continuamos igualmente os contactos iniciados anteriormente, a realização de exposições, o apoio a diversos concursos, a organização do Encontro «Que ensino da Arquitectura em Coimbra», entre muitas outras iniciativas.

O terceiro ano, 88/89 - está a ser um ano de sedimentação. É de destacar o apoio constante ao Curso de Arquitectura por parte do Núcleo, a organização do concurso Polo II, e, com maior destaque ainda, a realização deste V Congresso da Associação dos Arquitectos Portugueses.

D.C. - Como sentem que o público vê hoje o vosso trabalho?

VC. - Sentimos que cada vez mais o público vê com «os olhos» o arquitecto e o seu trabalho. E isso é tanto da parte da sociedade em geral, como dos órgãos do poder e da Comunicação Social. Quanto mais arquitectos houver mais trabalho haverá para todos, porque as pessoas estão sensibilizadas para dar os seus trabalhos a profissionais competentes e responsáveis.

Considero que devia haver mais arquitectos na profissão liberal.

Temos consciência de que lutámos e continuamos a lutar por essa aceitação e alteração da maneira de ver do nosso trabalho, porque, antes de mais nada nos responsabilizamos por ele.

S

SOTECNISOL

Sociedade Técnica de Isolamentos, SA

A MAIOR EMPRESA PORTUGUESA DE
ISOLAMENTOS
E
IMPERMEABILIZAÇÕES
NA CONSTRUÇÃO CIVIL

AGORA TAMBÉM COM DELEGAÇÃO EM:

COIMBRA

Ladeira da Paula - Armazém 6 - Antanhol

Breve resenha histórica

Segundo a moção de orientação do Conselho Directivo Nacional, que hoje será apresentada pelo arquitecto Pedro Brandão, (com base na qual fizemos este pequeno texto), «a sociedade portuguesa e o espaço que ela habita modificaram-se profundamente nos últimos 30 anos».

Uma sociedade agrícola, uma débil industrialização e uma fraca cultura urbana, mantiveram-se até mais de metade do século XX. Ao contrário da maioria dos países europeus, a transição para a «modernidade» não se processou gradualmente - Portugal enfrentou todas as consequências desta transição, ainda incompleta, nos últimos 30 anos da sua história: industrialização, urbanização, escolarização, electrificação, motorização, emigração, turismo, etc.

Uma grande parcela da população mudou do sector agrícola para o sector industrial ou dos serviços, emigrando ou radicando-se nas periferias dos grandes centros urbanos.

Meio milhão de fogos foram construídos legalmente e algumas centenas de milhares clandestinamente. O turismo ocupou o litoral. Os aglomerados mudaram a sua face. Na cidade e no campo, foi a dispersão: ao crescimento da industrialização portuguesa não correspondeu, como noutros países, a cidade, como forma organizativa própria das novas actividades e das populações.

O impacto das guerras coloniais e dos choques petrolíferos reduziu progressivamente a capacidade de investimento

público, que até aos anos 70 suportara uma ténue «Wellfarização» do Estado na política de habitação. No campo da construção, a intervenção estatal abandonou progressivamente os grandes empreendimentos disciplinados com rigor, circunscrevendo-se mais e mais aos regimes de crédito à habitação própria das camadas solventes e à oferta que lhe responde - predominantemente periférica.

ALTERAÇÕES POLÍTICAS SEM ALTERAÇÕES CULTURAIS

Pelo meio das três décadas anteriormente caracterizadas (e ainda com base na mesma moção), «uma profunda alteração política modificou a organização do Estado, levando à partilha de poderes até aí concentrados, de paralelo com uma descentralização da iniciativa económica e do investimento. Uma das consequências da forma como estes processos de transformação se processaram foi a inviabilidade progressiva dos métodos tradicionais de controlo - a centralização dos recursos e do planeamento. Na década de 60 dão-se as últimas experiências das iniciativas de qualidade que tinham tido o seu auge na época de Duarte Pacheco.

Depois, a iniciativa privada é deixada à rédea solta. Os fenómenos e agentes depredadores da qualidade o espaço edificado e dos recursos, estabeleceram laço poderosos com a Administração - dependências mútuas e influências ideológicas.

Transformações não previstas: um espaço construído caótico, uma manifestação visual da substituição do que existia por algo que não tem clareza ainda. Se os sistemas da vida social e da cultura deixaram já de ser rurais eles reclamam ainda mais «urbanidade» - a construção da sede da sua nova cidadania. Fazer cidade é o problema contemporâneo da cultura arquitectónica.

ARQUITECTURA ESTEVE A MARGEM

Segundo a AAP a profissão do arquitecto viveu marginalmente as transformações do País, só recentemente tendo registado, pelo seu número, distribuição no território e capacidade de afirmação, um sinal de aproximação com a realidade. Mas largos sectores da opinião pública, descrentes de outros actores na cena das decisões que afectam a qualidade do ambiente construído, dão um crédito de confiança ao saber dos arquitectos.

Ampliá-lo, exige não só a revisão da legislação estigmatizadora, mas também o fortalecimento da capacidade e ideologia profissional das estruturas produtivas e das instituições ligadas à Arquitectura.

A adaptação à dinâmica que o Mercado Único Europeu introduzirá não se poderá fazer por políticas de imposição de barreiras, condenadas à derrota, mas pelo desenvolvimento de um maior mercado interno de qualidade para a Arquitectura

e de um agressivo e versátil sector prestador de serviços de projecto.


CRIAR ESTRUTURAS PARA PRODUIR QUALIDADE

Segundo a mesma moção de orientação «só com um verdadeiro mercado interno da Arquitectura e estruturas aptas a produzir qualidade, se evitarão os efeitos descaracterizadores ou subalternerizadores da Arquitectura Portuguesa, com a abertura das fronteiras».

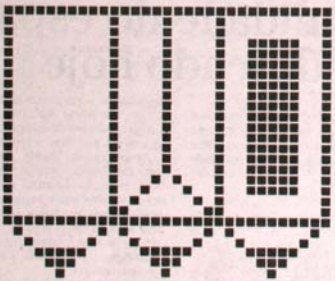
A reflexão que se impõe é pois sobre «como podem os arquitectos, individual e colectivamente, aumentar o rendimento social da sua acção, influenciar os processos de que a Arquitectura faz parte, rechaçar as pressões contrárias à sua independência, assegurando as melhores condições para um exercício qualitativo da Arquitectura».

O CDN considera «ser cada vez mais evidente que face à degradação dos meios rurais, suburbanos e também das zonas urbanas históricas, e ao desaparecimento das tradicionais formas de produção do saber não erudito, é imprescindível a intervenção profissional do arquitecto». A reivindicação da Arquitectura para os arquitectos tem, pois, e segundo Pedro Brandão, «de ser acompanhada de uma reflexão. Sobre como irá o arquitecto substituir as práticas nocivas dos amadores que lhes têm disputado o mercado? Oferecendo que serviços, utilizando que processos e cobrando que remunerações?».

ARQUITECTURAS...



Apple Macintosh
&
ArchiCAD



Arquitectos e profissionais da Construção
Representações em 2D e 3D
Medição e Orçamentos automáticos
Eficiência e Rigor

ArchiCAD começa onde os outros programas de CAD acabam!



Sanitana

Fábrica de Sanitários de Anadia, Zda.

Telefones 52141/2 — Telex 53073 SANISA P — Telefax (031) 54124
3781 ANADIA Codex

**O MAIOR
FABRICANTE PORTUGUÊS
DE LOUÇA SANITÁRIA**

EM ESPANHA

Sanitana España, S.A.

C/ Torpedero de Tucumán, 13 Bajo A
Tlf. (91) 4582501 — Fax 0034-1-4587887
28016 MADRID

ARMAZÉNS DISTRIBUIDORES:
VIGO • SEGÓVIA • SEVILHA • GRANADA • VALÉNCIA • BARCELONA

Para que resulte: Curso de Arquitectura tem de ser repensado

— afirmou o arquitecto João Mendes Ribeiro

O Curso Superior de Arquitectura existe na Universidade de Coimbra vai fazer um ano. A funcionar na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FETUC), a não existência deste curso na Universidade de Coimbra foi designado, há cerca de um ano, como uma «lacuna importante que era urgente colmar». A sua criação vem dar, segundo os seus responsáveis, o «toque artístico» que faltava na nossa Universidade.

Em conversa com o arquitecto João Mendes Ribeiro, docente da cadeira de Introdução à Arquitectura (1.º ano), podemos concluir que nem tudo vai bem no Curso de Arquitectura.

Começa, por exemplo, pelo facto de ser aquela cadeira que teoricamente devia ser a mais importante dentro do curso, o que não acontece em Coimbra. «Para o próximo ano ela irá ter mais peso, mas este ano ela tem em relação a outras cadeiras, um peso muito reduzido», disse João Mendes Ribeiro. Se tivémos como termo de comparação a faculdade de Arquitectura do Porto, vemos que a cadeira de Introdução à Arquitectura tem 70% do total do número de horas do curso. Em Coimbra ela tem apenas três horas semanais e é semestral (entra somente no segundo semestre).

Segundo aquele docente no próximo ano as coisas irão decorrer de uma forma um pouco melhor pois a cadeira de Projecto vai ter 12 horas semanais. «Não entendo, no entanto, porque é que esta cadeira entra apenas no 2.º ano e não no primeiro uma vez que é uma das mais importantes», salientou.

Falando dos resultados dentro da sua

cadeira - Introdução à Arquitectura - João Mendes Ribeiro disse-nos que tem até agora, resultados animadores e bastante positivos tendo em conta as três horas semanais e as condições em que trabalha. No entanto, considera que tais resultados poderiam ser mais positivos quanto mais peso tivesse a cadeira de arquitectura.

URGENTE CRIAÇÃO DE COMISSÃO INSTALADORA

Na opinião daquele docente a questão de base é «a falta de um organismo de Coordenação que estabelecesse ligação entre os diferentes anos do curso e dentro do próprio ano». «Em minha opinião, e falo com base na minha experiência pessoal, este curso nunca foi estruturado, nunca houve um debate sobre os parâmetros de orientação pedagógica, nunca foram determinadas as balizas e os objectivos a que se pretende chegar com a sua criação», disse. «Por exemplo - acrescentou - nunca foram definidos os critérios de admissão e selecção do corpo docente».

Segundo nos disse quando foi convidado para leccionar a cadeira de Introdução à Arquitectura, foi-lhe dito de início que não havia programa por onde se seguir. «Para compensar a falta de experiência não só da Faculdade como a minha própria, desloquei-me ao Porto, trabalhei o meu programa e tentei estruturá-lo de forma significativa e positiva», explicou.

Em sua opinião o Curso de Arquitectura de Coimbra terá de ter sempre diferenças em relação ao ministrado nas cidades de

Lisboa e Porto. «No entanto - adiantou - ele tem de ser realmente um curso de arquitectura onde se ensine arquitectura - facto que actualmente não acontece, uma vez que as cadeiras de arquitectura têm um peso muito reduzido».

«Para a alteração desta situação consideramos - dentro do núcleo - que era urgente a criação de uma Comissão Instaladora do Curso de Arquitectura, onde estivessem representadas as duas faculdades de arquitectura do país, a Universidade de Coimbra e a Associação dos Arquitectos Portugueses», afirmou, acrescentando «quem preparou o curso não foram os arquitectos, estes nem sequer foram ouvidos». Aquela comissão iria estabelecer, entre outras coisas, os objectivos pedagógicos do curso.

É NECESSÁRIO RELAÇÃO COM FACULDADES DE LISBOA E PORTO

Neste sentido João Mendes Ribeiro defende a existência de uma íntima relação com as faculdades de Lisboa e Porto, uma vez que estas, porque existem há mais tempo, «têm já uma organização e estrutura que nós não temos». «Em Coimbra como não existia o curso de Arquitectura não existe também experiência de ensino da Arquitectura», explicou, acrescentando «o que não significa que não haja bons profissionais de arquitectura, mas tal não chega para fazer um bom curso».

Paralelamente ao contacto com as outras faculdades de Lisboa e Porto, este docente defende a relação da Faculdade, nomeadamente a de Arquitectura, com os sectores exteriores ao curso: a cidade, o território, a região, com os sectores produtivos da construção e com os sectores profissionais da Arquitectura - «factores que fazem com que o curso criado em Coimbra tenha características diferentes dos outros existentes no país».

«Hoje o Curso de Arquitectura como elo de ligação entre todos estes sectores», considerou.

«Tenho insistido muito dentro da Faculdade na importância da relação do ensino de arquitectura com os profissionais. Temos feito debates em que convidamos arquitectos da região de forma a estabelecermos o tal debate essencial», explicou.

«Também nós, os docentes das três cadeiras de Arquitectura, Introdução, Desenho e Geometria, temos tentado que haja

coordenação entre nós, o que vem em muito, melhorar as condições em que estamos a dar aulas», explicou.

ENSINO DIFERENTE

Quando se criou em Coimbra o Curso de Arquitectura, foi organizado um encontro que contou com a presença de profissionais de arquitectura e da FTUC, subordinado ao tema «Que ensino de arquitectura em Coimbra».

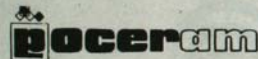
Na opinião de um profissional de Arquitectura, este ensino terá de ser forçosamente diferente, devendo ter em conta a cidade, o território, a região e mesmo os sectores de produção e profissionais. «No entanto para que o ensino de arquitectura se fortifique em Coimbra é necessário recorrer, como já referi, à experiência das outras faculdades de Arquitectura e à Universidade de Coimbra», disse. «Não podemos deixar de ter em linha de conta a própria cidade e a região senão será um curso falhado», sublinhou.

Na opinião de João Mendes Ribeiro, se alguma coisa for mudada - «pois ainda vai havendo um certo bom senso para mudar o que está mal» - o curso tem hipótese de ser um bom curso. «Não sei que tipo de profissional poderá sair desta faculdade, se bem que na minha cadeira, por exemplo, haja bons resultados, sei que ensino arquitectura e que os meus alunos aprendem arquitectura, no entanto, sentimos que esses pequenos resultados poderiam ser mais significativos se o curso tivesse nascido direito em vez de ter nascido torto», adiantou. «Há que repensar o curso pela positiva, enquanto as hipóteses de mudança do curso não se fecharem vamos tentar melhorar o curso», afirmou, acrescentando «é importante voltar atrás e pensar que Curso de Arquitectura é que queremos em Coimbra».

INSTALAÇÕES PRÓPRIAS

Um outro problema levantado por este arquitecto e que, em sua opinião, aumenta as dificuldades sentidas pelos docentes de arquitectura, em Coimbra, é a falta de instalações próprias. «As cadeiras de Desenho e de Projecto necessitam de muito espaço, que neste momento não temos», salientou.

«É importante começar a pensar-se em arranjar instalações próprias pois a continuarmos assim de certo que daqui a 2, 3 anos o curso não funciona», concluiu.



- FÁBRICA DE PRODUTOS CERÂMICOS EM PASTA BRANCA
- ARGILAS E CAOLINOS SELECIONADOS DE BARREIROS DEMARCADOS
- QUALIDADE DIARIAMENTE CONTROLADA NO NOSSO LABORATÓRIO

AZULEJOS E MOSAICOS PARA REVESTIMENTOS E PAVIMENTOS EM 15 X 20 - 20 X 20 - 20 X 30



Poceram - PRODUTOS CERÂMICOS, S.A.R.L.

CERNACHE - APARTADO 1 - TELEFONES 941356-941369 - 3000 COIMBRA

A qualidade do espaço edificado hoje

(Da página 7)

o estado da Arquitectura e da profissão e sobre o que há a fazer hoje, em novas condições, para diminuir o fosso que tem separado a Arquitectura da realidade social, económica e cultural do nosso país».

«Se é aos poderes constituídos na sociedade que cabe a responsabilidade pela inércia perante esta situação, os arquitectos, pelo seu lado, querem dar o seu contributo e assumir maiores responsabilidades na superação de uma situação que a todos penaliza», explica a AAP num comunicado sobre a realização deste Congresso.

INTEGRAÇÃO NA CEE EXIGE CONSCIÊNCIA DAS NOVAS OPORTUNIDADES

O Congresso realiza-se, como já dissemos, no período de transição para a integração plena de Portugal na Comunidade Europeia e para a criação do Mercado Único, «processo que exige dos

arquitectos portugueses uma consciência clara das novas oportunidades e das novas condições de exercício da profissão e também das suas responsabilidades».

Assim, espera aquela Associação que este Congresso «permita não só dotar a AAP de uma doutrina consensual dos mais variados aspectos da sua intervenção como associação Pública, com o reforçar nos arquitectos a consciência da necessidade de uma intervenção cada vez mais qualificada no âmbito da sua prática profissional».

As competências do Congresso da AAP foram substancialmente alteradas nos termos do novo Estatuto de Associação Pública. As funções de carácter deliberativo internas à vida da Associação foram remetidas para a Assembleia Geral, reservando-se para o Congresso a função de debate e reflexão sobre a disciplina da arquitectura nas suas componentes artística, técnica e humanística, bem como sobre o exercício da profissão, seu estatuto e garantias.

NOVO YTONG® em acção

PRESENTE NO
V CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUITECTOS
COIMBRA - DIAS 15, 16, 17



COM OS ARQUITECTOS DE PORTUGAL

Conheça o novo Ytong e o seu sistema completo de construção.

Saiba que o mundo de vantagens Ytong responde não só às suas preocupações de conforto e segurança como revela claras razões de economia e rapidez de construção.

O novo Ytong é fruto de 60 anos de experiência e tecnologia 100% alemãs na afirmação das mais exigentes normas internacionais de qualidade.

Fabricado agora em Portugal, o novo Ytong propõe-lhe um sistema integrado de construção que vai dos blocos de encaixe macho/fêmea aos rebocos, passando pelos tintéis, argamassa de assentamento e ferramentas de apoio, além de outros

produtos tais como: os blocões de aligeiramento para lajes fungiformes, placas de cobertura à grânulo Ytong.

O MUNDO DE VANTAGENS YTONG

- Grande economia de mão-de-obra.
- O mais curto período de construção.
- A certeza de uma obra sem desperdícios.
- Um perfeito isolamento térmico e acústico.
- A garantia de incombustibilidade e resistência ao fogo.
- A mais eficiente assistência técnica.
- A segurança da tecnologia alemã.
- A valorização da construção através das mais rigorosas normas internacionais de qualidade.

Sim, estou interessado em receber os catálogos técnicos sobre o sistema de construção Ytong

NOME _____
PROFISSÃO _____
MORADA _____
TELEF. _____
ORGANISMO _____

YTONG®

YTONG IBERICA
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Estrada Nacional N.º 10, Km 17 - COIMBA - 2830 BARREIRO
Telefone: 201 93 41 / 201 90 41 - Telefax: 201 93 08

Coimbra não apoia os bons profissionais

— afirma Luís Ramos da Matobra

Coincidindo com a recente abertura da nossa Universidade ao Curso de «Arquitetura», quis a Associação dos Arquitectos honrar a cidade de Coimbra com a realização do seu «V Congresso» que vai decorrer durante três dias, no Auditório da Reitoria da Universidade.

Paralelamente, funcionará uma «Mostra de Materiais de Construção» para a qual foi solicitada a colaboração da conhecida empresa de Coimbra, Matobra.

E a Região Centro vai corresponder, dignamente, à opção geográfica dos arquitectos, porquanto, esta empresa vai trazer a Coimbra algumas das suas representações mais expressivas, nacionais e estrangeiras,

num total de 10 «stands», o que significa a maior representação do País.

Aos arquitectos deve ser dada a melhor colaboração e fornecidos, constantemente, os elementos técnicos mais evoluídos, o que se não tem verificado, infelizmente, da parte da maioria dos industriais portugueses. Não pode um profissional de Arquitectura passar o seu tempo a inquirir junto de cada fábrica, da especificidade dos materiais que fabrica, suas garantias de qualidade e aplicação.

Se aos medicos é prestada uma eficiente informação, adequada às terapêuticas a aplicar, porque razão a classe de Arquitectura não é acompanhada, permanentemente, com

vista às soluções que a grande evolução do seu «métier» pressupõe?

Com a entrada em vigor dos novos regulamentos que tornam cada vez mais evidente a intervenção dos arquitectos na renovação do parque habitacional português, a responsabilidade da industria nacional é complementar à criação constante e a imaginação fértil dos nossos técnicos.

Coimbra, mesmo antes da criação da faculdade respectiva, tem tido grandes profissionais, que todos os ligados à actividade conhecem, embora a evolução da cidade nem sempre lhes proporcione a força amica e o gosto profissional tão necessário à inspiração imaginativa.

A Matobra, que acaba de adquirir instalações que neste momento estão na fase dos trabalhos de arquitectura, independentemente da elevada colaboração que está a prestar ao V Congresso, vai oferecer futuramente, aos arquitectos, para além de uma exposição permanente de materiais, um departamento de consulta técnica, e, ainda, uma sala polivalente de conferências e galeria de arte.

Coimbra sofre, congenitamente, da falta de iniciativa dos seus empresários, cuja colaboração, esperam sempre, pouco se preocupando em dar algo em troca.

Ha, contudo, poucas, mas boas excepções, sendo paradigmáticas as intervenções no fomento desportivo para cujo desenvolvimento muito têm contribuído, paralelamente com entidades oficiais relacionadas com o Governo Civil, a Câmara Municipal, Direcção-Geral de Desportos, a Comissão de Coordenação da Região Centro, as Associações de Desportos, Região de Turismo do Centro, etc..

Vamos, pois, ter em Coimbra a festa nacional da Arquitectura a qual se seguirá, curiosamente, uma outra organização de importância, a CIC/89, na qual, também, a Matobra colabora a elevado nível.



As cidades históricas portuguesas sofrem actualmente uma grande degradação. Coimbra não é uma excepção. Conscientes disso os arquitectos decidiram que era altura de modificar esta realidade: tentando recuperar o passado e edificar o futuro.

LUMEL

Lusa Mecânica de Coimbra, Lda.

- ★ Caixilharia em Alumínio Anodizado e Lacado
- ★ Candeeiros e Lanternas em Ferro Forjado
- ★ Portões de Garagem (EURONORM)
- ★ Metalização

Zona Industrial da Pedrulha
Apartado 8003
Telefs. 23890-34475

3000 COIMBRA

EMPRESÁRIOS NÃO TÊM INICIATIVA

A Associação dos Arquitectos Portugueses, cujo núcleo de Coimbra é presidido pelo reconhecido profissional, arquitecto Vasco Cunha, vai ter um êxito assegurado na sua preferência pela nossa cidade para o seu Congresso e, as muitas centenas de colegas nacionais e estrangeiros, já inscritos, fazem prever a maior representatividade de sempre.

Programa visa promoção da qualidade do Ambiente

«A transformação do espaço e a qualidade» e «Os processos e a qualidade na prática profissional» são os dois grandes temas de trabalho deste V Congresso. Procura-se nesta primeira secção «refletir sobre as transformações do sociedade portuguesa que condicionam a qualidade do espaço edificado».

Com base em experiências concretas no País e no estrangeiro, procurar-se-ão «detectar as bases de uma estratégia para a promoção da qualidade nas componentes ambientais, tecnológica e cultural».

«A transformação do espaço e a qualidade» inclui a abordagem de temas como: «A arquitectura, a Cidade e o Território», que versará sobre políticas de desenvolvimento e melhoria do espaço edificado, a descentralização administrativa no quadro de uma política de regionalização, o crescimento urbano desordenado e o planeamento do território, os centros e as periferias, entre outros; «Arquitetura e Tecnologia», que debaterá os recursos, materiais e tecnologia na construção, a modernização tecnológica e as suas componentes positivas ou negativas, concorrência e integração europeia, as técnicas de reabilitação de edifícios; «Arquitetura e Linguagem», que apresentará as correntes de hoje da arquitectura e o seu reflexo em Portugal, bem como a afirmação das identidades regionais, o diálogo da inovação com os valores patrimoniais e a relação com a cultura das populações.

IMPACTO DO MERCADO ÚNICO NO CAMPO DA ARQUITECTURA

O segundo tema «Os processos e a qualidade na prática profissional», procurará «refletir sobre os processos que envolvem a disciplina da arquitectura e o seu exercício profissional nos planos do enquadramento legislativo, institucional e estrutural». Com base nos actuais condicionamentos à prática profissional,

procurar-se-á avaliar o impacto do Mercado Único Europeu no campo da arquitectura e do urbanismo na perspectiva de assegurar as melhores condições para o seu exercício qualitativo». Este tema terá os seguintes subtemas: «O processo produtivo», «O processo normativo» e «O processo formativo». Aqui será debatida a gestão do território e os conflitos; a apreciação de projectos: âmbitos, formas e critérios; perspectivas da responsabilidade civil profissional do arquitecto; a legislação urbanística face às necessidades actuais e à descentralização da Administração; o novo Estatuto da AAP/Associação Pública; os padrões de formação e inserção profissional; responsabilidade ética, e as diversidades do Ensino, entre outros.

ACTIVIDADES COMPLEMENTARES

HOJE:

Terá lugar um jantar/recepção oferecido pela Câmara Municipal de Coimbra, nos claustros de Santa Cruz, seguido da realização de um sarau musical na Praça Velha.

AMANHÃ

Uma Conferência subordinada ao tema «Critérios de defesa do Património Arquitectónico», pelo Prof. Rudolph Langenbach, no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra.

DURANTE OS TRÊS DIAS

«Mostra de materiais de construção», a decorrer no piso inferior do auditório da reitoria; «A Exposição Nacional de Arquitectura - Obras Municipais», patente na sede da Associação Nacional de Municípios Portugueses, Rua Marmoco e Sousa, em Coimbra; «Mostra de Livros da Arquitectura», organizada pela Livraria Leitura, Porto, no auditório, e ainda, a «Exposição Iconográfica, do Património da AAP», no auditório, e a exposição «Crier dans le creier», patente no antigo hospital da Universidade.

Há mudanças a fazer

Congresso dos arquitectos: um ponto de viragem

O V Congresso da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) que ontem se iniciou em Coimbra e que termina amanhã, aparece, segundo o arquitecto Nuno Teófilo Pereira, presidente do Conselho Directivo Nacional da AAP, «num momento em que, por um lado, a classe profissional vem conhecendo profundas alterações, e por outro o próprio país vive acontecimentos de grande importância para o seu futuro (integração plena na Comunidade Europeia)».

Segundo Nuno Teófilo Pereira, este congresso é «ambicioso na amplitude e vastidão da temática». «No entanto - salientou - a verdade é que tudo tem a ver com tudo». Com a presença de cerca de 400 participantes o congresso decorre até amanhã no auditório da Reitoria da Universidade.

Para o arquitecto Manuel Queiróz,

presidente da Comissão Organizadora, este congresso é, à partida, diferente dos anteriores. «Antes de a AAP ter sido reconhecida como Associação de Direito Público os nossos congressos debatiam essencialmente questões relacionadas com

os problemas internos da própria classe, nomeadamente as dificuldades que tinhamos em exercer a nossa profissão. Agora, depois da casa arrumada, vamos conscientemente tratar dos problemas do país, e daí termos subordinado este



Alguns dos elementos da mesa que deu início ao V Congresso dos Arquitectos. Da esquerda para a direita: secretário de Estado da Habitação e Construção, dr. Elias da Costa, arquitecto Manuel Tainha, dr. Ribeiro Gomes, representante do Rector e a secretária de Estado da Cultura, dr. Teresa Gouveia.

quinto congresso ao tema "A qualidade do espaço edificado hoje», acrescentou.

NECESSÁRIAS CONDIÇÕES PARA NOVA ERA

Manuel Queiróz sustentou que os arquitectos portugueses devem estar atentos à situação de degradação do espaço ambiente, designadamente do espaço edificado hoje.

Contou que numa visita que o Primeiro Ministro fez há cerca de três anos a Inglaterra e durante uma entrevista na televisão, houve um arquitecto inglês que lhe perguntou porque é que Portugal em 10 anos se tinha tornado no país mais feio da Europa. Cavaco Silva respondeu que estavam a ser criadas condições para inverter esse processo de degradação. «Portém, passaram três anos e nada mudou», observa o arquitecto Manuel Queiróz, acrescentando que «Portugal está realmente em vias de se transformar no país mais feio da Europa». «Não há planeamento urbano eficaz das cidades, bem como de todo o território. Vêm-se coisas aberrantes no nosso país que não existiriam se houvesse regras claras que estabelecessem o que se pode ou não pode fazer e onde», criticou.

É desejo dos organizadores deste congresso, bem como de todos os arquitectos portugueses que a estes profissionais seja reconhecida a exclusividade do exercício da arquitectura. Tal reconhecimento deverá também partir da opinião pública portuguesa, mas entende ser evidente que a alteração deste processo cabe ao Poder e à Associação, através da «criação de medidas capazes de levarem Portugal a entrar numa nova era».

(Cont. na pág. seguinte)

Hoje, em Coimbra

ORQUESTRA DO CONSERVATÓRIO: o recital de apresentação pública da Orquestra do Conservatório de Música de Coimbra é hoje, pelas 18,30 horas, na Igreja de S. João de Almedina, no Museu Machado de Castro.

ARQUITECTOS: prossegue, às 9h30, no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, o V Congresso da Associação de Arquitectos Portugueses. «O défice habitacional: perspectivas para a sua superação», «A salvaguarda do património histórico e arquitectónico», «A reabilitação urbana dos centros históricos» e «Os espaços exteriores no desenho urbano» são os temas em análise, da parte da manhã. À tarde estão em debate os temas «Arquitectura e linguagem» e «Arquitectura: teoria e prática». Pelas 16h15 é analisado o novo estatuto da AAP. Sobre o Congresso ver notícia noutro local desta edição.

HOMENAGEM: o dr. Carlos Santarém de Andrade, director da Biblioteca Municipal de Coimbra, profere, pelas 21h30, na sede do Rancho de Coimbra, Rua do Moreno, uma palestra de homenagem a António Augusto Gonçalves, mestre das artes, que se destacou em princípios deste século.

SAÚDE E DESPORTO: o Grupo de Teatro do Centro Popular de Trabalhadores de Sobral de Ceira promove, pelas 21h30, nas suas instalações, um colóquio sobre «Saúde, Desporto e Cultura».

SEMANA CULTURAL: decorre até à próxima quinta-feira, na Escola Secundária D. Duarte, em Coimbra, uma Semana Cultural. Hoje destaca-se a realização de uma estafeta através de todas as Escolas Secundárias de Coimbra. Encontra-se também patente, até ao dia 26, uma exposição de fotografia sobre «Relíquias Coimbrãs».

JAZZ: O quinteto português de jazz «Dits Band» actua hoje, a partir das 22 horas, no Jardim da Associação Académica de Coimbra. Este espectáculo marca o início de um ciclo musical, intitulado «Há Música no Jardim», promovido pela Direcção-Geral da AAC e Rádio Universidade.

RELAÇÕES PÚBLICAS: o terceiro encontro de profissionais de relações públicas do distrito de Coimbra decorre pelas 17 horas no Edifício das Telecomuni-

cações, na Rua General Humberto Delgado, em Coimbra. Está presente a Direcção da Associação Portuguesa de Relações Públicas. Nesta reunião o dr. Luís Frias fala sobre as relações públicas nas Telecomunicações.

BASQUETEBOL: a Direcção da Secção de Basquetebol da Associação Académica de Coimbra toma posse, a partir das 18 horas, no mini-auditório da AAC.

ACÇÃO SOCIAL: o colóquio «Municípios, Acção Social e Desenvolvimento Local» prossegue, a partir das 9,30 horas, no auditório da Escola de Enfermagem Angelo da Fonseca, na Av. Bissaya Barreto, em Coimbra. A sessão de encerramento está marcada para as 16 horas. Esta realização, que se iniciou ontem, tem como principal objectivo reflectir e trocar experiências na área da acção social, bem como questionar o importante papel das autarquias numa dinâmica de desenvolvimento social. O colóquio é promovido pelo Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra e tem o apoio da Associação Nacional de Municípios Portugueses, Câmara Municipal de Coimbra e Alliance Française.

PSICODRAMA: o dr. Alfredo Soeiro, do Instituto Brasileiro de Psicodrama, de S. Paulo, orienta pelas 21,30 horas, no auditório da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, uma sessão da técnica que é conhecida por Psicodrama Público. A sessão é organizada pelo Centro de Apoio Médico-Psico-Pedagógico de Coimbra, onde se pode efectuar a inscrição. O preço é de 750\$00.

TESTE UM RENAULT: Realizam-se, das 10 às 21 horas, na Praça da República, em Coimbra, sessões de teste do R 19 Chamade. Os interessados podem experimentar este novo modelo da Renault e verificar as suas performances.

PINTURA: uma exposição de pintura de Anisabel é inaugurada, pelas 21 horas, na Galeria 5, na Rua do Brasil, n.º 326, em Coimbra. A mostra estará patente até ao dia 30 e pode ser visitada durante a semana das 15 às 19 horas e das 21 às 23 horas e aos fins-de-semana das 15 às 19,30 horas e das 21 às 23,30 horas.

ESPLANADA NA AAC: a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra

inaugura hoje uma explanada no jardim daquela instituição. Pelas 11 horas decorre uma conferência de imprensa na qual é apresentado o contrato e outros assuntos referentes à iniciativa.

EXPOSIÇÃO DE ARQUITECTURA: é inaugurada pelas 18 horas, nas instalações do Colégio das Artes (antigos Hospitais da Universidade de Coimbra), a exposição «Créer dans le Créé» - Arquitectura Contemporânea em Edifícios Antigos. Esta mostra é do Centro Georges Pompidou de Paris e da Secção Francesa do Icomos. A realização da exposição em Coimbra é uma iniciativa do Museu Nacional da Ciência e da Técnica e da Alliance Française de Coimbra. Já está patente até ao próximo dia 28 e pode ser visitada de segunda-feira a sábados das 14,30 às 19 horas.

TEATRO: o grupo Tchouva Xila Duma, de Maputo (Moçambique), apresenta hoje,

...e nos próximos dias

ENTREGA DE PRÊMIO: o Prémio Nacional de Oncologia de 1988, no valor de 1.000 contos será entregue amanhã, ao dr. Guimarães dos Santos, director do Centro do Porto do Instituto Português de Oncologia, em cerimónia a realizar no Palácio de S. Marcos, em Coimbra.

CONCERTO: a Orquestra Ligeira do Exército dá amanhã um concerto, pelas 21,30 horas, no Pavilhão da AAC/OAP (na Solun), integrado nas comemorações do Centenário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Coimbra.

LAVORES: estará patente a partir de amanhã, no Centro Operário Católico da Conchada, uma exposição-venda dos trabalhos executados durante o ano lectivo pelo Curso de Lavores da Extensão Educativa da Conchada. A mostra está patente das 10 às 21 horas.

FESTIVAL DE FOLCLORE: o Grupo Folclórico da Casa do Povo de Ceira promove amanhã, pelas 21 horas, naquela localidade, o VIII Festival Folclórico, o qual se integra nas comemorações do 27.º aniversário do grupo. Para além do agrupamento organizador actuam o Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia, o Rancho Folclórico da Casa do

pelas 21,45 horas, o seu espectáculo «Black and White: crónica do apartheid», no Teatro-Estúdio Bonifantes, no Edifício Avenida, em Coimbra. O espectáculo será novamente apresentado amanhã, pelas 16 horas, no mesmo local.

ESCOLA JOSÉ FALCÃO: decorre hoje na Escola Secundária José Falcão, em Coimbra uma festa do fim do ano lectivo, organizada pela respectiva Associação de Estudantes. Inicia-se pelas 10 horas e inclui as finais dos torneios de volei, basquetebol, futebol e tênis de mesa. Um rali paper a pé e corridas de sacos são outros dos pontos do programa. O almoço, pelas 13,30 horas, é uma sardinha. Da parte da tarde são projectados vídeos e o CITAC apresenta uma das suas peças de teatro. No auditório da Escola, a partir das 22 horas, decorre um concerto com a actuação dos grupos «Primus Inter Pares», «Entropia Parva» e «Ordem Crucial».

ADMINISTRATIVOS DA SAÚDE: a Assembleia Geral Nacional da Associação do Pessoal Administrativo da Saúde decorrerá amanhã, a partir das 9,30 horas, no auditório principal dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Da ordem de trabalhos conta a divulgação, análise e discussão dos novos princípios gerais sobre remunerações e gestão do pessoal da Função Pública e do projecto de carreiras do pessoal administrativo, face a estes novos princípios.

GAAC EM LORVÃO: o Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC), com sede em Coimbra, vai visitar amanhã o Mosteiro de Lorvão, sob a orientação do dr. Nelson Correia Borges. Esta visita integra-se nas comemorações do aniversário da morte da última freira daquele Mosteiro. O autocarro partirá do Largo de D. Dinis, pelas 13,45 horas, com passagem pelos moinhos da Aveleira. Os interessados podem inscrever-se na sede do GAAC ou acompanhar a visita deslocando-se de automóvel.

Freguesia de Ceira: Comissão de Toponímia aprovou designações

A Comissão de Toponímia da Câmara Municipal de Coimbra aprovou, na sua última reunião, as designações para os arruamentos dos lugares de Ceira, Sobral e Vendas de Ceira, da freguesia de Ceira.

Por proposta da Junta de Freguesia, o lugar de Ceira passa a ter os seguintes topónimos: Rua da Igreja Velha, Rua das Eiras, Travessa das Eiras, Rua do Rio, Travessa do Rio, Ladeira do Santo Cristo, Travessa da Estrada Velha, Rua Padre Campos, Ladeira da Igreja, Rua da Igreja, Rua do Cemitério, Rua do Canto, Travessa do Canto, Travessa do Cano, Ladeira do Apeadeiro, Rua Central, Travessa dos Poços da Baganha, Estrada de Tomar, Estrada das Vendas, Estrada da Beira, Rua do Calhaoço, Rua do Correio, Ladeira do Clube, Estrada das Lagoas, Travessa do Centro Hípico, Estrada das Malhadas e Largo do Coreto.

Quanto ao lugar de Vendas de Ceira,

ficará com as seguintes designações: Estrada da Boiça, Rua da Escola, Bairro da Senhora da Graça, Estrada do Senhor da Serra, Rua 4 de Julho, Rua do Casal Velho, Travessa da Cerejeirinha, Calçada das Quintas, Rua da Cruzinha, Estrada do Sobral, Estrada das Vendas e Calçada de Nossa Senhora de Fátima.

Por fim, para o lugar do Sobral foram aprovados os seguintes nomes: Estrada do Sobral, Rua Principal, Rua 4 de Julho, Travessa Cova do Barro, Travessa de S. Domingos, Estrada do Açor, Rua da Capela, Travessa da Capela, Vilela da Alegria, Beco Santa Isabel, Quelha dos Louros, Travessa dos Louros e Beco Trás das Eiras.

A Comissão de Toponímia vai reunir-se novamente no próximo dia 21, de manhã, para analisar e aprovar nomes de arruamentos propostos para Cernache, Torres do Mondego e Trouxemil.

Crónicas do Apartheid

Grupo de Maputo actua em Coimbra



O grupo «Xita Duma», de Maputo, está hoje e amanhã em Coimbra, para apresentar o espectáculo «Black and White: crónicas do apartheid». As representações terão lugar no Teatro Estúdio Bonifrates, no Edifício Avenida, hoje, pelas 21.45 horas, e amanhã pelas 16 horas. Este grupo, um dos precursores do Teatro Independente em Moçambique, tem estado durante esta semana no Porto, no âmbito do FITEI. O espectáculo tem texto elaborado por José Pinto de Sá com base em duas peças de Athol Fugard, entre outros.

Acidente na Portagem: condutor pôs-se em fuga

A Secção de Trânsito da PSP de Coimbra informou ter havido dois acidentes na Avenida Navarro. Um deles, às 12h35 de quarta-feira e junto à Estação de Coimbra-Parque, foi uma colisão de dois automóveis que circulavam no mesmo sentido, tendo-se apenas verificado danos materiais.

O outro, pouco depois da meia-noite, ocorreu junto à Portagem: um automóvel e uma motorizada colidiram, tendo ficado ligeiramente ferido o motociclista. O condutor do automóvel pôs-se em fuga, desconhecendo-se a sua identidade.

Assaltantes levaram 500 contos em roupas

Um estabelecimento de pronto-a-vestir da Baixa de Coimbra foi assaltado ontem de madrugada, tendo os ladrões furtado artigos de vestuário no valor de aproximadamente 500 contos.

O assalto à casa Tiagus, na Rua das Bradas, foi praticado por meio de chave falsa.

A PSP registou a ocorrência.

NA MEALHADA CONSTRUIMOS E VENDEMOS

- APARTAMENTOS-T2-T3-T4
- LOJAS — 100/115 m²
- GARAGENS

FRENTE À ESTAÇÃO DA CP

FINANCIAMENTO GARANTIDO APROVEITE...

COIMBRA
R. João Machado, 100-4, 5, 6-07
Telefones 27033/04

MEALHADA
Av. Fátima
Telefone 27096

C.V.C. CONSTRUTORA Lda

(Da pág. anterior)

A realização em Coimbra do V Congresso dos arquitectos foi, segundo Nuno Teotónio Pereira «uma aposta na descentralização, com os olhos postos na regionalização». «De certa maneira poderemos dizer que este Congresso é o mais "nacional" de todos - o Congresso da diáspora, do interior, da provincia», referiu. Mas Coimbra foi escolhida ainda por outras razões. Considera aquele responsável que «em Coimbra a Arquitectura, mexe e a Arquitectura cresce. Sentem-se condições que podem vir a possibilitar a curto prazo a constituição de uma Secção Regional do Centro da AAP».

A mensagem mais decisiva do Congresso talvez seja, segundo Nuno Teotónio Pereira, «a de que a nova dimensão e a maturidade da profissão lhe impõem uma maior capacidade de intervenção para influenciar o quadro em que os arquitectos exercem a sua actividade». «Não basta sermos competentes e eficazes cumpridores de leis e regulamentos a nível da profissão», afirmou. «O novo estatuto de Direito Público da AAP e as responsabilidades que têm sido assumidas perante a opinião pública pedem um diálogo aceso, decidido e permanente com as instâncias do Poder, quer central, quer local, e com os agentes sociais, económi-

Congresso dos arquitectos:



Carca de 400 conferencistas estiveram ontem no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra para debaterem «a qualidade do espaço edificado hoje».

cos e culturais que têm a ver com o espaço edificado e com o ambiente», concluiu.

A abrir o Congresso foi lida uma mensagem do Presidente da República, Mário Soares, que considerou ser o tema escolhido «uma preocupação mundial e uma temática que crescentemente tem mobilizado todos aqueles que detêm responsabilidades de decisão e de formação de opinião, constituindo uma verdadeira questão interdisciplinar».

Na sessão de abertura estiveram presentes a secretária de Estado da Cultura, dr.ª

Teresa Gouveia, e o secretário de Estado de Habitação e Construção, dr. Elias da Costa, que visitaram também a II Exposição Nacional de Arquitectura, patente na sede da Associação Nacional de Municípios Portugueses. Esta mostra de arquitectura pode ser visitada ainda hoje e amanhã das 10 às 23 horas.

Sobre a realização deste congresso lembramos que a nossa edição de ontem integrou um trabalho desenvolvido.

FIRMA DE MATERIAL MÉDICO ADMITE PARA OS SEUS QUADROS VENDEDORA

EXIGE-SE:

- Idade entre os 25 e 40 anos
- Boa apresentação
- Facilidade de diálogo
- Disponibilidade de viajar
- Viatura própria

OFERECE-SE:

- Ordenado base + comissões
- Despesas de viagem
- Bom ambiente de trabalho
- Apoio constante

Resposta indicando n.º de telefone para contacto e «curriculum» a este Jornal ao n.º 227.

LOJA VENDE-SE

NO CENTRO COMERCIAL AVENIDA

Telef. 951133 COIMBRA

Aldeamento Turístico da Praia de Quiaios

Alugam-se apartamentos, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro.

Informa a TORRICENTRO, LDA. — Tel. 033-91392.

TÉCNICO DE REFRIGERAÇÃO

Empresa do Ramo do Equipamento para Hotelaria, precisa.

Carta a este Jornal ao n.º 238.

ideias frescas para Verão na

Dona Ideia

Travessa dos Combatentes, n.º 23 — Torre B — Loja 2 — Piso superior às novas instalações do INI Identão do Pátio
Telefone 270668 — 3000 COIMBRA

ATELIER DE LINGUAS

INSCRIÇÕES PARA CURSOS DE VERÃO E CURSOS NORMAIS TRADUÇÕES

Rua Antero de Quental, 265 • Edifício Avenida, Sala 901 • 3000 COIMBRA
Tel. 21692

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA 3000 COIMBRA

DIÁRIO DE COIMBRA

JORNAL REPUBLICANO — ÓRGÃO REGIONALISTA DAS BEIRAS

SÁBADO, 10 — NOVEMBRO 1990 75\$00

Para detectar fugas ao Fisco

Finanças vão cruzar IVA e IRC

O cruzamento do IRC e do IVA vai ser feito já a partir do princípio do ano, nos computadores centrais do Ministério das Finanças, permitindo detectar melhor as situações de fuga ao fisco.

A revelação foi feita ontem pelo secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, que disse que se está a trabalhar «no melhor material informático», um computador IBM da série 90-90, que se tornará um biprocessador depois de montada a versão 20-S.

Em pleno estão já os cruzamentos informatizados de informações de declaração de empresas e de contribuintes, quanto ao IRS, que permitirão detectar «algumas divergências, a investigar».

O combate à evasão fiscal ganhará assim uma nova dinâmica, e como no quadro da reforma fiscal «é tudo muito mais em cima do acontecimento», Oliveira Costa admite que o aumento do número de processos levantados seja consequência previsível.

Actualmente, o número de processos pendentes é superior a três milhões, muitos dos quais de dívidas pequenas (inferiores a 10 contos), nomeadamente originados pelo não pagamento de taxas de televisão.

Com o aumento certo do número de processos, admite-se o arquivamento até melhor prova de muitos e o julgamento em falhas, com base no Decreto-Lei das «Tribuas Fiscais», de 1988.

Pode mesmo tornar-se «mais barato» para a justiça do que notificar o faloso e prosseguir com a execução.

Uma nova «trave» da reforma fiscal deverá sair dentro de um mês, com a nova disciplina jurídica do processo tributário.

Neste campo, Oliveira Costa admite que se «não inovou muito», e que alterar mais o código actual, de 1964, iria provocar «um choque de mentalidades».

O Governo dispunha, de resto, de uma autorização legislativa «muito restrita», pelo que o novo diploma vai essencialmente adaptar-se ao Código das Infracções Fiscais não Aduaneiras, de Janeiro.

Sobre o volume de fraudes fiscais existentes, Oliveira Costa disse que «não é possível fazer uma estimativa correcta» e que qualquer valor que se divulgue «é mero palpite».



BOLKSBURG (África do Sul) — Uma criança de dois anos obrigada pelos pais a viver a maior parte do tempo no canil com o cão da família.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE — JORNALIS — COIMBRA

HÓQUEI EM PATINS

Oferecemos hoje 15 bilhetes para jogo Académica-Benfica

A edição de hoje do «Diário de Coimbra» possibilita que leitores possam assistir, gratuitamente, ao encontro de hóquei em patins, a contar para o Campeonato Nacional da I Divisão, entre a Académica e o Benfica a ter lugar hoje pelas 17.30 horas, no Pavilhão Universitário.

A entrada grátis é dada aos 15 primeiros leitores que se apresentem às 15.00 horas, na Secção de Hóquei em Patins a funcionar no Pavilhão Universitário e levem esta edição do «Diário de Coimbra».

Universidade de Coimbra

Situação financeira preocupa o Senado

O Senado está «extremamente preocupado» com a situação financeira da Universidade de Coimbra, sobretudo quanto ao Orçamento para 1991 — foi ontem anunciado.

A moção aprovada por unanimidade, na última reunião do Senado, diz que o Orçamento «não corresponde sequer aos critérios mínimos que resultam da multiplicação do número de alunos pelas verbas oficialmente estabelecidas para cada um deles».

«O Senado da Universidade de Coimbra, sem prejuízo das diligências que o Reitor tem empenhadamente desenvolvido, cogita seriamente sobre as consequências da restrição orçamental no funcionamento da Universidade e que podem, nomeadamente, impedir a abertura das aulas» — refere o texto da moção.

Câmara de Coimbra

assinou empréstimo obrigacionista

Ler na página 3



Alunos de Arquitectura contra falta de docentes

Os alunos de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra manifestaram-se ontem, nesta cidade, contra a falta de docentes e de um orçamento específico para a sua licenciatura.

Os estudantes universitários convocaram uma «original» conferência de Imprensa na Via Latina, (foto) onde anunciaram que actualmente está a ser leccionada pouco mais de metade da sua carga horária.

Em algumas áreas específicas, segundo referiram, apenas 38 por cento da carga horária prevista está a ser ministrada, colocando os alunos «numa situação difícil».

Ler na página 8

Faltam docentes e dinheiro

Alunos de Arquitectura só têm metade das aulas

Os alunos de Arquitectura da Universidade de Coimbra rezeiam pelo futuro do seu curso. As aulas começaram há duas semanas e apenas está a ser leccionada metade da carga horária. Nas disciplinas das áreas de Arquitectura, História e Teoria da Arquitectura, a situação ainda é pior, estando a ser ministradas apenas 38 por cento das aulas previstas.

Para manifestar o seu descontentamento, os estudantes improvisaram ontem uma conferência de imprensa para dar a conhecer a sua posição face à falta de professores e de uma verba específica para o seu curso.

«É necessário o desbloqueamento de verbas para a contratação de dois professores e cinco assistentes e até agora não temos nenhuma garantia de que tal venha a acontecer», esclareceram os estudantes.

Esta licenciatura, que se encontra integrada na Faculdade de Ciências e Tecnologia, foi criada no ano lectivo de 1988/89, tendo por isso alunos do 1.º, 2.º e 3.º anos. Os futuros arquitectos consideram, por isso, que «os problemas vão agravar-se nos próximos anos, em vez de aparecer os 3.º e 4.º anos».

Se alguma verba fosse desbloqueada neste momento e a situação da contratação de docentes fosse resolvida, «as aulas só começariam em Janeiro», referiu-nos Nuno Fonseca, aluno do 3.º ano daquela licenciatura, acrescentando que isso levará



Os estudantes da licenciatura em Arquitectura manifestaram-se ontem contra a actual situação do seu curso: falta de docentes.

a que «cadeiras anuais serão, na melhor das hipóteses, leccionadas em pouco mais de um semestre».

Para a conferência de imprensa, que se realizou na Via Latina, levaram os mate-

riais de trabalho da sua licenciatura, recriando, em certa medida, «a falta de condições de estudo que tivemos em anos anteriores».

ORÇAMENTO ESPECÍFICO

Este ano, segundoapurámos, o problema da insuficiência de instalações foi resolvido, mas «promete voltar no próximo ano, já que vão entrar novos colegas».

Ao curso de Arquitectura «nunca foi atribuído orçamento específico para corresponder às necessidades que a instalação de qualquer curso exige», disseram, sustentando que «a ausência deste orçamento tem-se traduzido na impossibilidade de planear atempada-

mente a instalação do curso».

Tendo em vista a resolução de alguns destes problemas, os jovens reuniram-se com o Conselho Directivo da Faculdade em que estão integrados e decidiram marcar nova reunião para a próxima quinta-feira, dia 15.

Este encontro, em que estarão presentes os presidentes do Conselho Directivo da FCTUC e da Comissão Instaladora do curso de Arquitectura, será com o Reitor da Universidade de Coimbra.

Nesta reunião, os estudantes garantem que vão fazer, essencialmente, duas exigências: a contratação imediata dos docentes em falta e a criação de um orçamento específico para a licenciatura em Arquitectura.

Desporto em fim-de-semana

As atenções desportivas de hoje estarão centradas no jogo de hóquei em patins, entre a Académica e o Benfica, a disputar no Pavilhão Universitário, a partir das 17.30 horas, o qual conta para a segunda jornada do Campeonato Nacional da I Divisão.

Mas, em andebol, pode ver, mas via TV-2º Canal, o ABC-Académica, para o Nacional da I Divisão, a realizar amanhã, a partir das 15 horas.

O nacional de futebol sénior marca encontro para amanhã, com a realização da partida U. Coimbra-Sp. Covilhã, pelas 15 horas, no Estádio Municipal.

Quanto a camadas jovens e falando ainda em termos nacionais, a Académica recebe hoje, no Campo de Santa Cruz, pelas 15.30 horas, a equipa do Trancoso, para a prova de juvenis. Em juvenis joga-se, amanhã, pelas 11 horas, no mesmo recinto, o jogo em atraso entre a Académica e o Sombras Negras. No que respeita a Coimbra defronta amanhã, às 10.30 horas, no Campo da Arregaça, o Praia Leirosa, para em infantis jogar com o Póvoas, no mesmo recinto, hoje às 15.30 horas.

No basquetebol e para o Nacional da II Divisão, o Sport Cominbricense defronta, hoje, no Pavilhão da Palmeira, pelas 17.30 horas, o Académico. Amanhã, para a I Divisão Fe-

minina, o CIC recebe, no Pavilhão da Escola Eugénio de Castro, pelas 17 horas o conjunto do Nacional da Madeira. Também haverá jogos dos «Distritais» mais jovens, que o leitor pode ver no «Cartaz Desportivo» desta edição.

No cicloturismo, terá lugar um «Coimbra-Penacova-Póvoas-Coimbra», com saída do Estádio Universitário, às 9 horas.

Falando de voleibol, haverá hoje, pelas 18 horas, no Pavilhão Universitário II, o jogo Académica-Esmoriz, a contar para o Nacional da II Divisão. Também hoje, no mesmo local, mas pelas 20 horas, jogam as formações femininas de Académica e do Vilacondense, para a II Divisão da categoria sénior. Em juveniores, para o Nacional respectivo, defrontam-se também logo à tarde, pelas 16 horas, no mesmo recinto, a Académica e a Nacional de Esmoriz. Amanhã, para o Nacional de Juvenis (fase regional), defrontam-se no «Universitário II», a Académica e a Escola de Semide, pelas 11 horas.

Na natação, decorrerá hoje (a partir das 16 horas) e amanhã (10 horas), na Piscina Municipal, o «Torneio de Preparação».

Quanto ao atletismo, haverá, amanhã, com provas a partir das 9 horas, no Largo da Sé Velha, o «Grande Prémio do Cinquentenário do Ateu de Coimbra».

Centro de Formação Profissional de Coimbra

SEMINÁRIO

UTILIZAÇÃO INTELIGENTE DE ENERGIA NOS EDIFÍCIOS

Coimbra, 22 de Novembro de 1990 — Auditório da CCRC

Colaboração do Dep. Engenharia Electrotécnica da FCTUC

PROGRAMA

- 9.30 — Recepção e entrega de documentação
- 10.00 — Abertura — Sessão de boas-vindas
- 10.30 — Eficiência Energética de um edifício — do projecto à gestão técnica — Dr. António Martins — L.G.E. Dep. Eng. Elect./FCTUC
- 10.50 — Debate
- 11.00 — Pausa para café
- 11.15 — Iluminação Natural — Eng. Lúcio Carvalho — Lab. Nac. Engenharia Civil
- 11.35 — Debate
- 11.45 — Conforto Técnico Passivo — Arq. Francisco Moita — Fac. Arq. Univ. Tec. Lisboa
- 12.05 — Debate
- 12.15 — Conclusões
- 12.30 — Almoço*
- 14.30 — Iluminação Artificial — Dr. Traça de Almeida — Dep. Eng. Elect./FCTUC
- 14.50 — Debate
- 15.00 — Climatização Activa — Dr. Rui Figueiredo — Secção Aut. Eng. Mecânica — FCTUC
- 15.20 — Debate
- 15.30 — Gestão Computacional de Energia — Dr. António Martins LGE — DEE/FCTUC
- 15.50 — Debate
- 16.00 — Exemplo da Escola C + S de Valongo do Vouga — Arq. João Mateus — ex-DGEE
- 16.20 — Debate
- 16.30 — Pausa para café
- 17.30 — Sessão de Encerramento com a presença de S. Ex.º Sr. Secretário de Estado Adjunto Ministro da Educação — Dr. Alarcão Troni

* Pagamento de 1 500\$00 no acto de inscrição.

Inscrições no Centro de Formação Profissional de Coimbra
Telefones 039/20015/617 — Fax 039/28936



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Vai ser criado na Universidade

NOVO CENTRO ANALISARÁ CONDIÇÕES DE TRABALHO

Instituições e empresas de Coimbra com problemas laborais vão ter à sua disposição um organismo capaz de intervir e resolver situações que afectam a rentabilidade e produção, minimizando riscos de saúde e de segurança.

Dentro de pouco tempo será constituído em Coimbra um Centro de Estudos de Condições e Ambientes de Trabalho (CECAT), de acordo com um protocolo assinado ontem entre a Associação para o Desenvolvimento da Aerodinâmica Industrial (ADAI) e o Instituto de Desenvolvimento e Inspeção das Condições de Trabalho (IDICT).

O documento de cooperação visa a real-

ização de acções de interesse comum nos domínios da higiene, segurança e saúde no trabalho. Recorde-se que a ADAI tem como objectivo a promoção do Laboratório de Aerodinâmica Industrial, que é uma infraestrutura afecta ao Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra, no seio da qual se vai desenvolver a actividade do CECAT.

De acordo com as disponibilidades actuais em meios humanos e técnicos, o CECAT surge particularmente vocacionado para a realização de acções nos domínios do ruído, conforto térmico e da qualidade e renovação de ar em locais de trabalho. Com a criação deste centro visa-se a constituição de um organismo especializado, capaz de intervir ao nível da concepção e resolução de problemas da actividade laboral que possam surgir em

instituições e empresas.

Por outro lado, pretende-se que o CECAT, para além dos seus objectivos de investigação, formação e prestação de serviços, actue como uma entidade de divulgação dos conceitos relacionados com a higiene, segurança e saúde no trabalho, desde a licenciatura e pós-graduação em Engenharia até à formação especializada a diversos níveis, fomentando o diálogo entre os diferentes parceiros sociais.

As acções de investigação decorrem a cargo dos Grupos de Climatização e Ambiente, de Mecânica de Fluidos e de Transmissão de Calor do referido Departamento, em colaboração com outras unidades orgânicas da Universidade de Coimbra, com particular realce para o Instituto de Higiene e Medicina Social (Faculdade de Medicina).

O documento protocolar foi ontem à tarde assinado na FCTUC pelo dr. José Leitão, presidente do IDICT, e pelo Prof. Domingos Xavier Viegas, presidente do Conselho de Administração da ADAI.

Denunciando falta de condições

ALUNOS DE ARQUITECTURA LEVAM AULAS PARA A RUA

Os alunos de Arquitectura da Universidade de Coimbra decidiram ontem improvisar na rua o seu espaço de aulas, para denunciar a situação de degradação com que se defrontam.

A acção decorreu nas Escadas Monumentais que dão acesso à zona universitária, onde edificaram um anfiteatro de aulas teóricas, com recurso a estruturas de madeira e plásticos negros para «edificar» as paredes. As escadas converteram-se nas cadeiras de aula para as dezenas de alunos que se associaram ao protesto. Estava também prevista a presença de um professor da parte da manhã, mas uma indisposição reteve-o em Lisboa, obrigando-o a faltar à aula.

Luís Sousa, um dos estudantes que dinamizou a iniciativa, disse que se trata da primeira de um conjunto de acções de rua, intituladas «arquitectura na ruína», que irão levar a cabo enquanto a situação do Departamento se mantiver. «Pretendemos sensibilizar para a situação

com que se deparam os estudantes e também para a ruína que existe na Universidade e na cidade», acrescentou.

As acções serão utilizadas como «forma de pressão» sobre os responsáveis enquanto se mantiverem deficiências na administração do Departamento, em instalações, atrasos no pagamento de remunerações e «inexistência e indefinição» em termos de contratação de docentes e funcionários.

As aulas no Departamento de Arquitectura, adstrito à Faculdade de Ciências e Tecnologia, estiveram encerradas entre 18 de Novembro e 2 de Dezembro, por iniciativa dos docentes e da comissão científica. Foram reiniciadas para evitar que os alunos estivessem sem aulas e afastados da discussão em torno da resolução dos problemas. Agora, apostam num conjunto de iniciativas criativas para tentar resolver os problemas que afectam o dia-a-dia de 270 alunos, alguns dos quais se mantêm desde a criação do curso, em 1988.

APDC DEFENDE CRIAÇÃO DE TRIBUNAL ARBITRAL

A Associação Portuguesa de Direito do Consumo (APDC) reiterou a necessidade de criação de um Tribunal Arbitral, de forma a «obviar os inconvenientes resultantes do facto de os processos de indemnização se arrastarem indefinidamente».

«Justiça que tarda é algo com o amargo sabor da injustiça», considera a APDC, ao acentuar que o referido Tribunal poderia, «de modo célere, seguro, eficaz e não oneroso, contribuir para que as indemniza-

ções decorrentes de lesões causadas por acidentes de viação e de outra natureza fossem arbitradas sem delongas».

O Tribunal Arbitral poderia ser criado pela intervenção do Instituto de Seguros de Portugal, Associação Portuguesa de Seguros e Estruturas representativas dos consumidores, «a fim de se cobrirem todos os domínios e de se buscar consenso», refere ainda a estrutura sediada em Coimbra.

Administração da Saúde

LOPES MARTINS TOMA POSSE DE SECRETÁRIO DE ESTADO

O dr. Lopes Martins, administrador delegado dos Hospitais da Universidade de Coimbra, foi ontem à tarde formalmente convidado pelo novo ministro da Saúde para assumir as funções de Secretário de Estado da Administração da Saúde, tomando ambas posse às 12h30 de hoje, perante o Presidente da República e o Primeiro-Ministro.

O Ministério da Saúde, na sequência da remodelação e com a substituição de Arlindo de Carvalho por Paulo Mendes, como titular da pasta, passa de dois Secretários de Estado para apenas um. Um dos Secretários de Estado que agora sessou funções foi o dr. José Martins Nunes, médico dos Hospitais da Universidade de Coimbra, sucedendo-lhe outro quadro destes Hospitais e que foi seu assessor, o dr. Lopes Martins.

Natural de Vila Nova de Foz Côa e residente em Coimbra, o dr. José Carlos Lopes Martins, de 47 anos, é licenciado pela Faculdade de Direito de Coimbra e diplomado em Administração Hospitalar. Administrador Delegado dos HUC desde Junho de 1988, foi anteriormente vogal da comissão instaladora do Serviço de Informática da Saúde e administrador regional de Informática do Centro. Ainda a nível profissional exerceu a sua actividade em unidades hospitalares de Vila Real.

RENAULT

CONCESSIONÁRIO

este ano o Natal é na
CARVALHO & SOBRINHO



...apenas
15 contos por mês!



...a partir de
22 contos por mês!

**Venha escolher!
Venha experimentar!**

PORTAS ABERTAS AMANHÃ. FERIADO.
DAS 10 ÀS 19 HORAS.

HABILITE-SE A MEIO MILHÃO DE CONTOS.

CARVALHO & SOBRINHO

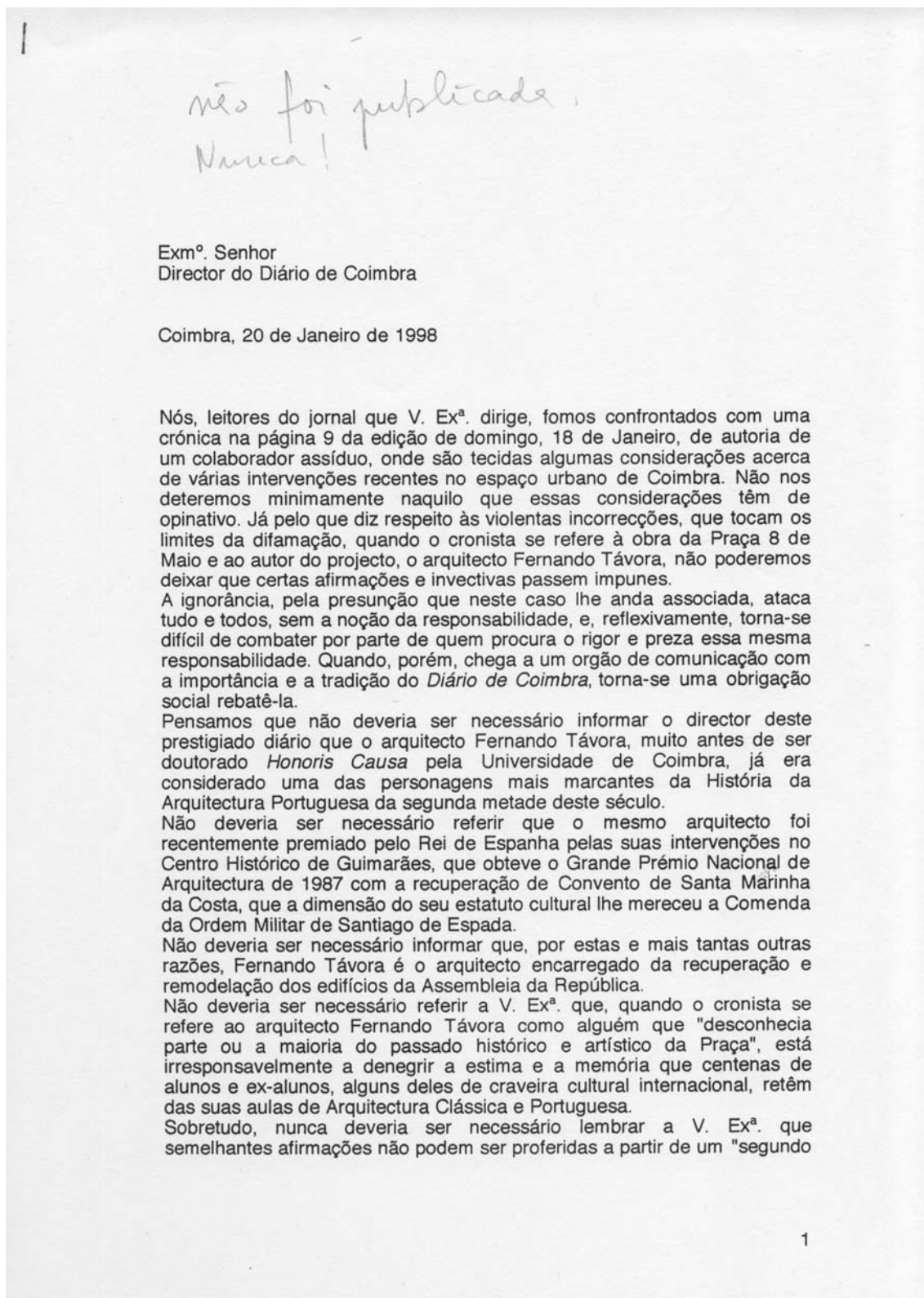
☎ 270 71 COIMBRA



RENAULT

C.

Carta escrita ao *Diário de Coimbra*, dia 20 de Janeiro de 1998, pelos arquitectos Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Jorge Figueira, José António Bandeirinha, Mário Kruger, Raul Hestnes Ferreira e Rui Lobo.



NÃO foi publicada.
Nunca!

Exmº. Senhor
Director do Diário de Coimbra

Coimbra, 20 de Janeiro de 1998

Nós, leitores do jornal que V. Exª. dirige, fomos confrontados com uma crónica na página 9 da edição de domingo, 18 de Janeiro, de autoria de um colaborador assíduo, onde são tecidas algumas considerações acerca de várias intervenções recentes no espaço urbano de Coimbra. Não nos deteremos minimamente naquilo que essas considerações têm de opinativo. Já pelo que diz respeito às violentas incorrecções, que tocam os limites da difamação, quando o cronista se refere à obra da Praça 8 de Maio e ao autor do projecto, o arquitecto Fernando Távora, não poderemos deixar que certas afirmações e invectivas passem impunes.

A ignorância, pela presunção que neste caso lhe anda associada, ataca tudo e todos, sem a noção da responsabilidade, e, reflexivamente, torna-se difícil de combater por parte de quem procura o rigor e preza essa mesma responsabilidade. Quando, porém, chega a um órgão de comunicação com a importância e a tradição do *Diário de Coimbra*, torna-se uma obrigação social rebatê-la.

Pensamos que não deveria ser necessário informar o director deste prestigiado diário que o arquitecto Fernando Távora, muito antes de ser doutorado *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra, já era considerado uma das personagens mais marcantes da História da Arquitectura Portuguesa da segunda metade deste século.

Não deveria ser necessário referir que o mesmo arquitecto foi recentemente premiado pelo Rei de Espanha pelas suas intervenções no Centro Histórico de Guimarães, que obteve o Grande Prémio Nacional de Arquitectura de 1987 com a recuperação de Convento de Santa Marinha da Costa, que a dimensão do seu estatuto cultural lhe mereceu a Comenda da Ordem Militar de Santiago de Espada.

Não deveria ser necessário informar que, por estas e mais tantas outras razões, Fernando Távora é o arquitecto encarregado da recuperação e remodelação dos edifícios da Assembleia da República.

Não deveria ser necessário referir a V. Exª. que, quando o cronista se refere ao arquitecto Fernando Távora como alguém que "desconhecia parte ou a maioria do passado histórico e artístico da Praça", está irresponsavelmente a denegrir a estima e a memória que centenas de alunos e ex-alunos, alguns deles de craveira cultural internacional, retêm das suas aulas de Arquitectura Clássica e Portuguesa.

Sobretudo, nunca deveria ser necessário lembrar a V. Exª. que semelhantes afirmações não podem ser proferidas a partir de um "segundo

nos disseram (...)", sob pena de as podemos considerar completamente irresponsáveis, ou, em alternativa, desonestas.

Não deveria ser necessário ter de demonstrar a V. Ex.^a. que não pode ser credível uma crítica ao desenho de um espaço urbano, começada e acabada na fixação de um pormenor (assumidamente adequado ao desenho sóbrio e contemporâneo da intervenção), desconhecendo ou escamoteando tudo aquilo que é a ideia principal do projecto, que faz o encantamento de tanta gente que se tem surpreendido com o espaço. O cronista, a julgar pelo conteúdo semântico da sua prosa, não tem obviamente capacidade para tecer esse tipo de análise espacial.

A qualidade urbana da intervenção na Praça 8 de Maio não é uma opinião, é uma evidência. Trata-se da mais qualificada intervenção no centro histórico de Coimbra das últimas décadas, restituindo a dignidade urbana à igreja de Santa Cruz. Repõe-se o entendimento de praça pensado por Frei Brás de Braga no século XVI, retomando-se a entrada para a igreja à cota original.

Nada do que aqui escrevemos deveria ser necessário escrever, nem o seria se não achássemos, muito sinceramente, que crónicas como com a que V. Ex.^a. fez publicar naquele domingo são uma forte contribuição para deixar cair definitivamente no ridículo o decadente e depauperado ambiente cultural desta cidade.

Diz o cronista do jornal que V. Ex.^o. dirige que "segundo lhe disseram", o autor do projecto desconhece "parte ou a totalidade" da história. A História, Senhor Director, e a História daquela praça e desta cidade, faz-se todos os dias. Faz-se inclusivamente com crónicas como a que V. Ex.^a. fez publicar no jornal. E essa história também nós preferiríamos desconhecer. Preferimos decerto que o autor do projecto a desconheça.

Por último, e por um mero acesso de mórbida curiosidade, gostaríamos de perceber a quem se dirige o cronista quando, a determinada altura, invectiva: "Contrariem o arquitecto"!... Estará a apelar à Câmara Municipal, a quem pertence, em última instância, a capacidade de decisão sobre aquele espaço? Estará a passar um atestado de pobreza de espírito aos largos milhares de pessoas que lêem o jornal, identificando-os como carneirinhos, dispostos a segui-lo para todas as tropelias? Ou pura e simplesmente se deixou deslumbrar num quixotesco apelo à insurreição popular?

Certos de que V. Ex.^o. publicará esta carta com o devido destaque, a bem do rigor informativo que sempre caracterizou esse jornal, somos, com elevada estima e consideração

Alexandre Vieira Pinto Alves Costa
(arquitecto, Professor Catedrático da FAUP e Professor Convidado do
Depº. de Arquitectura da FCTUC)

Álvaro Joaquim Melo Siza Vieira
(Arquitecto, Professor Catedrático Convidado da FAUP, Doutor *Honoris
Causa* pela Universidade de Coimbra)

Domingos Manuel Campelo Tavares
(arquitecto, Professor Associado com agregação da FAUP e Professor
Convidado do Depº. de Arquitectura da FCTUC)

Jorge Manuel Figueira Ferreira
(arquitecto, Assistente do Depº de Arquitectura da FCTUC)

José António Oliveira Bandeirinha
(arquitecto, Assistente do Depº. de Arquitectura da FCTUC)

Mário Júlio Teixeira Kruger
(arquitecto, Professor Associado do Depº. de Arquitectura da FCTUC)

Raúl José Hestnes Ferreira
(arquitecto, Professor Associado do Depº. de Arquitectura da FCTUC)

Rui Pedro Mexia Lobo
(arquitecto, Assistente do Depº. de Arquitectura da FCTUC)

D.

Excerto da Acta da reunião de Comissão Coordenadora da FCTUC, dia 23 de Setembro de 1987.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

mas nos momentos próprios não o esqueço."

Passou-se seguidamente ao ponto 3 da ordem de trabalhos tendo sido distribuídos um memorando acerca da criação da Licenciatura em Arquitectura na Faculdade de Ciências e Tecnologia. O Senhor Presidente tomou a palavra referindo que se pretende, a longo prazo, criar uma Faculdade de Arquitectura, mas que será vantajoso arrancar com a Licenciatura respectiva já no próximo ano inserida na FCTUC. Após algumas considerações acerca do assunto foi decidido por consenso criar uma comissão para estudar a questão devendo a mesma ser discutida nos Departamentos.

Passou-se em seguida ao ponto 4 da ordem de trabalhos. Foi decidido por consenso que o Senhor Presidente se reunirá com os antigos Presidentes do Conselho Científico assim como com os Doutores Jaime Carvalho e Bernardo de Sousa a fim de elaborar uma proposta para apresentar ao Plenário do Conselho Científico tendente a melhorar o funcionamento do Conselho.

O Doutor Alte da Veiga alertou os Departamentos para a necessidade de as acumulações totais de serviço docente serem aprovadas pelo Senhor Reitor tendo sido consensualmente aceite que tais requerimentos devem passar pelo Conselho Científico.

Passou-se então ao ponto 5 da ordem de trabalhos. O Senhor Presidente informou que os próximos Plenários do Conselho Científico serão marcados para os dias 21 e 28 de Outubro, sendo este último destinado à eleição do Presidente do Conselho Científico para o próximo ano. Os assuntos a tratar no Plenário

E.

Proposta de criação da Licenciatura em Arquitectura na FCTUC, dia 15 de Janeiro de 1988.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DA LICENCIATURA EM ARQUITECTURA NA FAC
DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (F.C.T.)

1. PRELIMINARES

a) Considerações gerais sobre a licenciatura

A Arquitectura é a simbiose da ciência e da arte preocupadas com a adaptação do meio ambiente à vida tal como deve ser vivida.

A Arquitectura deve, pois, satisfazer e transcender as exigências da nossa vida no dia a dia; em resposta a estas exigências da actividade humana o arquitecto deve ser capaz de adequar, de modo conveniente, o ambiente que nos rodeia.

Isto implica uma compreensão dos valores e aspirações humanas, implica um conhecimento das origens e funções das construções, e implica, em última análise, a capacidade de meios para as produzir.

A licenciatura em Arquitectura, a conceder pela FCTUC, tem por finalidade o estudo, a formação pedagógica e a investigação no domínio global da Arquitectura.

As disciplinas que definirão o enquadramento técnico e cultural da formação dos futuros arquitectos devem ter em vista as obrigações e os direitos que resultam da adesão de Portugal à

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

CEE.

Assim, a duração do curso deve integrar-se nos padrões europeus, pelo que se propõe uma escolaridade com a duração de cinco anos, devendo este período de tempo, ou posteriormente a êle, incluir um estágio de pré-profissionalização com a duração de um ano.

Considerando as tendências seguidas para a generalidade dos cursos (licenciatura) actualmente ministrados nas Universidades Portuguesas, julga-se conveniente que a licenciatura em Arquitectura se articule em especializações, cada uma delas previligiando um percurso particular dentro de cultura arquitectónica; cada especialização dará, assim, uma formação mais consentânea com a realidade, não esquecendo que a possível existência de opções da escolha dos alunos lhes permitirá ainda personalizar a sua formação.

Todavia, no sentido de assegurar o máximo de homogeneidade na formação dos futuros Arquitectos, todas as especializações terão, em comum, os dois primeiros anos e um certo número de outras disciplinas.

Para os estudos de Arquitectura que aqui se propõem pretende-se um carácter mais aplicado que teórico, e por isso serão estruturados de modo que, nas diversificações internas, seja considerada a especificidade do sector arquitectónico e se respeitem equilibradamente os seguintes aspectos:

- 1) o papel da projectação, expressa preferencialmente em

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

trabalhos elaborados no campo da arquitectura, do restauro e do urbanismo;

2) o papel da pesquisa histórica, criando assim laços entre a cultura histórica e a actividade moderna de projectação;

3) o papel da preparação técnica e tecnológica pelo que respeita o conhecimento do mundo físico as técnicas de, transformação e de produção dos materiais de construção e também da análise dos custos.

4) o papel da preparação científica pelo que respeita ao conhecimento básico da matemática e informática, das modernas teorias de C.A.D., dos fenómenos físicos, dos instrumentos e métodos de cálculo das estruturas e da análise dos fenómenos atinentes ao uso do espaço e sua transformação.

b) Necessidade de formação de Arquitectos a nível nacional e a nível regional.

A formação de arquitectos pela Universidade de Coimbra permitirá dar resposta às carências que se fazem sentir nos domínios da renovação e conservação do património arquitectónico, equilíbrio no desenvolvimento urbano e no parque habitacional, compatibilização da vida social com o meio físico, adequação da construção ao meio ambiente, etc.

Finalmente virá, materializar desejos da juventude dum extensa região do País, por ver concretizada a possibilidade da sua

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

formação, sem ter que recorrer à deslocação para os grandes centros de Lisboa e Porto.

c) Adequação da FCTUC a Formação de Arquitectos

Provada a necessidade de formação de arquitectos e considerada a Universidade de Coimbra a instituição adequada à prossecução desse objectivo, debruçemo-nos, por um instante, na análise dos modos como poderá ser feito.

Em Portugal existem no ensino oficial, no momento presente, duas instituições destinadas à formação dos arquitectos: A Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e a Faculdade de Arquitectura na Universidade Técnica de Lisboa.

Uma e outra, embora com trajectórias distintas que aqui seria despropositado invocar, são originárias de secções respectivamente da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

Se ao aproximarmo-nos do final do século se reconheceu a necessidade de mudança do "estatuto" do ensino da Arquitectura, é porque foi reconhecida "a importância e projecção social de que se reveste a Arquitectura como actividade humana e a necessidade crescente de preparar os seus profissionais com a sólida formação científica normalmente associada ao ensino universitário".

A criação das duas Faculdades de Arquitectura em Portugal são, pois, justificativas da necessidade de se iniciar um novo ciclo na

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

formação dos Arquitectos que hão-de querer acompanhar a sua actual situação de diplomados universitários com o desenvolvimento dos estudos que criem os meios para a aquisição duma nova cultura architectónica; os cursos universitários têm sido, e ainda são, os meios geradores, por excelência, de conhecimentos e de formação integral ao mais alto nível, gradualmente escalonados da licenciatura até ao doutoramento.

Por analogia como o que se fez em Lisboa e Porto, poder-se-ia pensar que a proposta de criação da licenciatura em Architectura na Universidade de Coimbra conduziria ao pressuposto da criação de uma nova Faculdade.

Não sendo tal atitude, se viesse a ser tomada, em si mesmo anómala, seria contudo um menosprezar das capacidades que a FCTUC contém, as quais não sendo em si próprias bastantes para o ensino da architectura, é evidente, são uma fonte potencial para o desenvolvimento desse ensino se forem bem aproveitados todos os fenómenos de interdependência, necessariamente completados pelos ensinamentos que outros sectores da Universidade (e mesmos outras Universidades) não hão-de deixar de ministrar.

Aliás da inserção da nova licenciatura na FCTUC se tirará proveito mútuo.

Sendo a FCTUC, no momento presente, uma realidade muito positiva, a nível nacional, nos domínios da Ciência e Tecnologia, a nova licenciatura ganhará uma acentuada perspectiva conforme aos avançados e modernos domínios da Ciência e da Técnica, tendo-se

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

como certo que a FCTUC se empenhará para que, à semelhança do que se verifica com outros cursos que ministra, a licenciatura em Arquitectura adquira elevado nível.

A FCTUC, por sua vez, enriquecer-se-á por ver desenvolver-se no seu seio um sector com grande incidência no domínio da criação artística e estética.

Do ponto de vista económico-estrutural é a solução mais adequada, ainda que, como adiante se ressaltará, tal facto pressuponha a criação de estruturas e o aumento das capacidades humanas, financeiras e materiais da FCTUC (nada do que venha a ser criado de novo deverá ser contra, ou a custo exclusivamente do que existe!)

2. *ORGÂNICA DO CURSO*

A F.C.T.U.C. propõe a criação da licenciatura em Arquitectura, visando as seguintes especializações:

- a) Arquitectura e Tecnologia*
- b) Planeamento Urbanístico*
- c) Recuperação do Património Arquitectónico.*

Todas estas especializações (a que daremos a designação de Ramos de licenciatura) compreendem a formação num tronco comum com a

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

duração de dois anos, seguido de ciclos especializados, com a duração de três anos nos quais continuam a existir disciplinas comuns e completado com um estágio de pré-profissionalização realizado simultaneamente com o último ano, ou após ele.

As condições de inscrição nos Ramos e demais detalhes são referidos no projecto de Portaria que a seguir se apresenta:

PROJECTO DE PORTARIA

Sob proposta do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;

Ao abrigo do disposto no Decreto-Lei no.173/80, de 29 de Maio, e do capítulo III do Decreto-Lei no. 316/83, de 2 de Julho:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Educação, aprovar o seguinte:

1o.

Licenciatura em Architectura

A Universidade de Coimbra confere o grau de licenciatura em Architectura, sendo o curso conducente à sua obtenção ministrado pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

2o.

Criação de Ramos

1. São criados, na licenciatura em Arquitectura, os ramos de:

- a) *Arquitectura e Tecnologia*
- b) *Planeamento Urbanístico*
- c) *Recuperação do Património Arquitectónico*

2. *Compete ao Reitor - sob proposta do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia, ouvido o respectivo Conselho Pedagógico - verificada a existência dos recursos humanos e materiais adequados à sua completa concretização, determinar o ano lectivo da entrada em funcionamento dos ramos criados pela presente Portaria.*

3o.

Organização e estrutura curricular

Os cursos referidos no no. 2o. organizam-se pelo sistema de unidades de crédito e os elementos a que se refere o no. 2 do artigo 2o. do Decreto-Lei no. 173/80, de 29 de Maio, são os constantes dos anexos I a III à presente portaria.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

4o.

Planos de estudo

1. Os planos de estudo dos cursos serão fixados por despacho do Reitor, sob proposta do Conselho Científico, a publicar no Diário da República, 2a. Série, nos termos dos artigos 4o. e 5o. do Decreto-Lei no. 173/80.

2. Do despacho a que se refere o presente número constarão igualmente as regras e prazos a que se refere o no.5o., a tabela e regime de precedências a que se refere o no.6o. e os coeficientes a que se refere o no.7o.

5o.

Inscrição nos ramos

1. A inscrição nos ramos em que se desdobra o curso está sujeita a limites quantitativos, a fixar pelo Reitor antes do início do prazo das candidaturas, sob proposta do Conselho Científico, ouvido o Conselho Pedagógico, garantindo-se, em qualquer caso, a todos os alunos o acesso a um dos ramos.

2. A candidatura à inscrição nos ramos do curso está dependente da obtenção do número de unidades de crédito fixado no respectivo anexo à presente portaria.

3. As regras e prazos de candidatura e selecção para a inscrição

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

nos ramos de cada curso serão fixados pelo Reitor, sob proposta do Conselho Científico, ouvido o Conselho Pedagógico, e publicitados com a antecedência mínima de 6 meses em relação ao início do primeiro período.

6o.

Precedências

Compete ao Conselho Científico, ouvido o Conselho Pedagógico, propor a tabela e o regime de precedências do curso, a aprovar e a publicar nos termos do no.4o.

7o.

Estágio de Pré-profissionalização

- 1. O estágio de pré-profissionalização que reveste carácter escolar e tem a duração de um ano lectivo, tem como objectivo a inserção do aluno no meio profissional, quer através da sua integração nas estruturas de investigação ou produtivas da F.C.T.U.C., quer mediante contrato a estabelecer entre esta e as entidades oficiais ou privadas.*
- 2. O estágio de pré-profissionalização fica sujeito ao regime de presenças, as quais terão de ser pelo menos iguais a 75% das sessões programadas, sob pena de exclusão da avaliação final.*
- 3. O regulamento do estágio de pré-profissionalização será*

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

aprovado pelo Conselho Científico.

80.

Classificação final

1. A classificação final do curso é a média aritmética, arredondada às unidades (considerando como unidade a fracção não inferior a 5 décimas), das classificações das disciplinas e do estágio de pré-profissionalização em que o aluno realizou os créditos necessários à obtenção do grau.

2. Os coeficientes de ponderação serão propostos pelo Conselho Científico e aprovados e publicados nos termos do no.40.

ANEXO I

Licenciatura em Arquitectura - Ramo de Arquitectura e Tecnologia

1. Area científica do curso;
Arquitectura

2. Duração normal do curso:
5 anos lectivos

T

Pág.
Ref.ª
N.º
Data

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

3. Condições necessárias à obtenção do grau:
165 unidades de crédito

4. Areas científicas e distribuição das unidades de crédito.

4.1 Areas científicas obrigatórias.

4.1. 1- Matemática	16
4.1. 2- Geometria	8
4.1. 3- Representação gráfica	9
4.1. 4- Estática	6
4.1. 5- Física	3
4.1. 6- Ciências dos Materiais e Estruturas	5 ?
4.1. 7- Projecto de Arquitectura	32
4.1. 8- História da Arquitectura	13
4.1. 9- Teoria da Arquitectura	12
4.1.10- Tecnologia da Arquitectura	17
4.1.11- Urbanologia	6

4.2 Areas científicas optativas

4.2.1- Representação Gráfica	
4.2.2- Tecnologia da Arquitectura	18
4.2.3- Construção	
4.2.4- Economia, Gestão e Ciências Sociais	
4.2.5- Computação	
4.2.6- Geografia	11
4.2.7- Teoria de Urbanística	
4.2.8- Recuperação do Património Arquitectónico	

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

4.3 Estágio de Pré-Profissionalização..... 9

5. Condições de candidatura ao ramo:

Obtenção de 52 unidades de créditos.

ANEXO II

Licenciatura em Arquitectura-Ramo de Planeamento Urbanístico

1. Area Científica do Curso:

Arquitectura

2. Duração normal do curso:

5 anos lectivos

3. Condições necessárias à obtenção do grau:

165 unidades de crédito.

4. Areas científicas e distribuição das unidades de créditos:

4.1 Areas científicas obrigatórias:

4.1. 1- Matemática 16

4.1. 2- Geometria 8

4.1. 3- Representação Gráfica 9

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

4.1. 4- Estática	6
4.1. 5- Física	3
4.1. 6- Ciências dos Materiais e Estruturas	5
4.1. 7- Projecto de Arquitectura	32
4.1. 8- História da Arquitectura	13
4.1. 9- Teoria de Arquitectura.....	12
4.1.10- Teoria da Urbanística	17
4.1.11- Urbanologia.....	6
4.2 Areas científicas optativas:	
4.2. 1- Geografia	
4.2. 2- Teoria da Urbanística	18
4.2. 3- Economia, Gestão e Ciências Sociais	
4.2. 4- Construção	11
4.2. 5- Computação	
4.2. 6- Tecnologia de Arquitectura	
4.2. 7- Recuperação Património Arquitectónico.....	
4.3- Estágio de pré-profissionalização	9
5- Condições de candidatura ao ramo	
Obtenção de 52 unidades de crédito	

ANEXO III

Licenciatura em Arquitectura - Ramo de Recuperação do Património
Arquitectónico

1- Area científica do curso:

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Arquitectura

2- *Duração normal do curso:*
5 anos lectivos

3- *Condições necessárias à obtenção do grau:*
165 unidades de crédito

4- *Areas científicas e distribuição das unidades de crédito*

4.1- *Areas científicas obrigatórias*

4.1.1- Matemática	16
4.1.2- Geometria	8
4.1.3- Representação Gráfica	9
4.1.4- Estática	6
4.1.5- Física.....	3
4.1.6- Ciências dos Materiais e Estruturas.....	5
4.1.7- Projecto de Arquitectura	32
4.1.8- História da Arquitectura	13
4.1.9- Teoria da Arquitectura	12
4.1.10- Recuperação do Património Arquitectónico ...	17
4.1.11-Urbanologia	6

4.2- *Areas científicas optativas:*

4.2.1. Geografia	
4.2.2. Recuperação do Património Arquitectónico	19
4.2.3. Arquelogia.....	
4.2.4. Museografia	

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

5.2.5. Economia, gestão e Ciências Sociais	
5.2.6. Tecnologia da Arquitectura.....	10
5.2.7. Teoria da Urbanística	
4.3. Estágio de pré-profissionalização	9
5. Condições de candidatura ao ramo: Obtenção de 52 unidades de crédito	

ALTERAÇÃO A ORGANICA DA FCTUC

1. A Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra é acrescida da Secção Autónoma de Arquitectura (S.A.A.), a partir da data da criação de licenciatura em Arquitectura, com a estrutura definida pelo (diploma dos Departamentos)

A S.A.A. (embrião do futuro Departamento de Arquitectura da FCTUC) devem ser garantidas as condições materiais, pedagógico-didacticas e de investigação que lhe permitam adquirir, no mais curto espaço de tempo, os meios de proporcionar aos seus alunos uma formação tecnico-artística e transmite-lhes uma capacidade criadora que os privilegie na sociedade portuguesa.

2. A S.A.A. tem por fim ministrar o ensino especializado e promover a investigação científica e desenvolver acções de prestação de serviços à comunidade no domínio da Arquitectura.

3. A S.A.A. rege-se pelo regulamento geral.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Enquanto não existem professores na área de Arquitectura, o Conselho Coordenador da S.A.A. será constituído por:

a) um professor designado pelo C. Coordenadora C. Científico que presidirá

b) um professor designado pelo Departamento de Matemática e pertencente à área da Representação Gráfica;

c) um professor designado pelo Departamento de Eng. Civil.

DOS SERVIÇOS

4. A dinâmica de desenvolvimento presente em todas as manifestações da FCTUC, e subjacente à criação da licenciatura em Arquitectura, não pode transformar-se numa penalização para a estrutura que a suporta.

Pretende com isto significar-se que ao propor-se a criação da licenciatura em Arquitectura se admite que à FCTUC serão garantidos todos os meios necessários ao regular funcionamento dos serviços de ensino e de apoio da S.A.A. pelo que respeita à criação de um quadro de docentes (professores catedráticos e associados), aumento da quota de assistentes, criação de lugares de pessoal não docente e aumento da O.G.E. da Faculdade com as verbas necessárias ao funcionamento e aquisição de equipamento para a S.A.A.

O Conselho Coordenador da S.A.A. proporá as Orgãos Centrais da

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Faculdade a criação de serviços de apoio indispensáveis ao eficaz funcionamento da Seccção. Desde já se destaca a necessidade de criação de serviços de Biblioteca, Fototeca, Cartoteca, Oficinas e Laboratórios.

a) A Biblioteca, Fototeca e Cartoteca constituirão uma mesma unidade, a qual terá organização e funcionamento que constará de regulamento a aprovar pelo Conselho Científico.

b) as oficinas serão serviços de apoio às actividades docentes e de investigação da Seccção.

c) os laboratórios são serviços de apoio ao ensino e investigação nos domínios de visionamento, modelos, cálculo e computarização, fotografia, cartografia, etc.

DO PESSOAL DOCENTE

5.1. A S.A.A. fica adstrito o quadro do pessoal e docente anexo (Anexo IV) ao presente documento.

pull ?

5.2. A quota de assistentes da Faculdade deverá ser aumentada, por efeito da criação da licenciatura em Arquitectura, em 25 unidades, das quais 5 se destinarão ao Departamento de Matemática por força do acréscimo de frequência nas disciplinas de Matemática, Geometria e Desenho; os lugares propostos serão descongelados a uma média de 5 por ano, nos próximos cinco anos.

Considerando as necessidades de formação de jovens docentes, nos

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

cinco primeiros anos os valores atrás referidos deverão ser acrescidos em três unidades por ano.

DO PESSOAL NAO DOCENTE

6.0 Conselho Directivo providenciará o aumento do quadro de pessoal não docente, de modo a garantir o funcionamento dos serviços atrás referidos.

De destacar a exigência de Pessoal Técnico Superior (2 lugares), Pessoal Técnico (1 lugar), Pessoal Técnico Profissional (3 lugares de Tec. Auxiliar, 3 lugares de Auxiliar Técnico), Pessoal Administrativo (1 lugar de Oficial administrativo e 2 lugares de Auxiliar Técnicos administrativos), Pessoal operário (1 lugar de compositor gráfico, 1 lugar de marceneiro, 1 lugar de modelador, 1 lugar de serralheiro, 1 lugar de mecânico) e Pessoal auxiliar.

INSTALAÇÕES

7. A FCTUC providenciará junto do Reitor da U.C. no sentido de serem destinadas instalações provisórias para a S.A.A., já que se considera deverem as instalações definitivas integrar o Polo II.

Para o pleno funcionamento da licenciatura (admitindo um "númerus clausus" de ordem de meia centena de alunos) considera-se indispensável poder dispor de cinco salas de aula, com uma taxa de ocupação semanal na ordem das 36 horas, devendo uma ou duas salas estarem devidamente adaptadas ao funcionamento das disciplinas de Projectos sala de Biblioteca e de leitura, sala de

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

serviços de apoio e alguns gabinetes.

Quanto à aquisição de equipamentos, além de se dever providenciar na dotação de uma verba apreciável na rubrica 52.00 do O.G.E. para início de criação da Biblioteca da especialidade, devem ser adquiridos os respectivos mobiliários, câmara escura, carpintaria serrelharia e equipamento audio visual.

Considerando o plano de estudos que se vai propor à aprovação superior, a concentração de disciplinas de formação básica no 1o. ano do curso permitirá "retardar" todas estas exigências pelo período de um ano, pelo que prevendo-se o início do curso para 1988/89, todo esse ano lectivo deverá ser aproveitado para o estabelecimento das infraestruturas atrás referidas.

Coimbra 15 de Janeiro de 1988

O PRESIDENTE DO CONSELHO CIENTIFICO



(Prof. Doutor António Ribeiro Gomes)

F.

Portaria n.º 448/88 do *Diário da República*, dia 8 de Julho de 1988.

Portaria n.º 448/88

de 8 de Julho

Sob proposta da Universidade de Coimbra;
Ao abrigo do disposto no capítulo III do Decreto-
-Lei n.º 316/83, de 2 de Julho, e no Decreto-Lei
n.º 173/80, de 29 de Maio:
Manda o Governo, pelo Ministro da Educação, o
seguinte:

1.º

Criação

A Universidade de Coimbra, através da Faculdade
de Ciências e Tecnologia, confere o grau de licenciado

em Arquitectura, ministrando, em consequência, o respectivo curso.

2.º

Ramos

O curso desdobra-se em ramos, sendo desde já criado o de Arquitectura e Tecnologia.

3.º

Organização

O curso de licenciatura em Arquitectura, ministrado pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, adiante simplesmente designado por curso, organiza-se pelo sistema de unidades de crédito.

4.º

Estrutura curricular

Os elementos a que se refere o n.º 2 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 173/80, de 29 de Maio, são os constantes do anexo a esta portaria.

5.º

Plano de estudos

1 — O plano de estudos do curso será fixado por despacho, a publicar na 2.ª série do *Diário da República*, nos termos dos artigos 4.º e 5.º do Decreto-Lei n.º 173/80, de 29 de Maio.

2 — Do despacho a que se refere o n.º 1 constarão igualmente os coeficientes de ponderação a que se refere o n.º 9.º

6.º

Disciplinas de opção

1 — O número mínimo de alunos necessário ao funcionamento de cada disciplina que integra o plano de estudos como disciplina de opção é de dez.

2 — Exceptuam-se do disposto no n.º 1 os casos em que o docente assegure a docência da disciplina para além do número máximo de horas de serviço de aulas a que é obrigado por lei.

3 — O regime do presente número aplica-se igualmente aos conjuntos de disciplinas inscritos em alternativa no plano de estudos, sem prejuízo de ser assegurado sempre o funcionamento de um deles.

7.º

Acesso aos ramos

1 — A inscrição nos ramos está sujeita a limitações quantitativas a fixar por despacho do reitor, sob proposta do conselho científico.

2 — Se num determinado ano o número de alunos que se pretende inscrever num ramo for inferior a quinze, esse ramo não poderá abrir inscrições nesse ano.

3 — Aos alunos admitidos à inscrição no curso é assegurada sempre a inscrição num dos ramos.

4 — A candidatura à inscrição em cada um dos ramos está dependente da obtenção prévia do número de unidades de crédito fixado em anexo à presente portaria.

5 — As regras e prazos de candidatura e de selecção para a inscrição nos ramos serão fixados por despacho do reitor, sob proposta do conselho científico.

6 — Os despachos a que se referem os n.ºs 1 e 5 serão objecto de publicação na 2.ª série do *Diário da República* e de afixação pública na Universidade, com a antecedência de, respectivamente, um mês antes da data de candidatura e seis meses antes do início do ano lectivo a que dizem respeito.

8.º

Estágio

O regulamento do estágio será aprovado pelo conselho científico, ouvidos os conselhos pedagógico e directivo.

9.º

Classificação final

1 — A classificação final do curso é a média aritmética ponderada, arredondada às unidades (considerando como unidade a fracção não inferior a cinco décimas), das classificações do estágio e das unidades curriculares em que o aluno realizou os créditos necessários à satisfação do disposto no anexo a esta portaria.

2 — Os coeficientes de ponderação serão fixados pelo conselho científico, ouvido o conselho pedagógico.

10.º

Entrada em funcionamento

1 — A entrada em funcionamento do curso ficará dependente de autorização expressa do Ministro da Educação, exarada sobre relatório fundamentado do reitor da Universidade comprovativo da existência na mesma dos recursos humanos e materiais adequados à sua concretização.

2 — Obtida a autorização a que se refere o número anterior, o curso terá início progressivamente, ano curricular a ano curricular.

3 — A entrada em funcionamento de cada um dos ramos do curso ficará dependente de autorização expressa do reitor, exarada sobre relatório fundamentado dos conselhos científico e directivo da Faculdade comprovativo da existência na mesma dos recursos humanos e materiais necessários à sua concretização.

Ministério da Educação.

Assinada em 16 de Junho de 1988.

Pelo Ministro da Educação, *Alberto José Nunes Correia Ralha*, Secretário de Estado do Ensino Superior.

ANEXO

1 — Área científica do curso:
Arquitectura.

2 — Duração normal do curso:
Cinco anos lectivos.

3 — Condições para a concessão do grau:

165 unidades de crédito.

4 — Áreas científicas e distribuição das unidades de crédito:

4.1 — Áreas científicas comuns:

4.1.1 — Obrigatórias:

a) Matemática	16
b) Geometria	8
c) Representação Gráfica	9
d) Estática	6
e) Física	3
f) Materiais e Estruturas	5
g) Projecto de Arquitectura	32
h) História da Arquitectura	13
i) Teoria da Arquitectura	12
j) Urbanologia	6

110

4.2 — Ramo de Arquitectura e Tecnologia:

4.2.1 — Obrigatórias:

a) Tecnologia da Arquitectura	17
-------------------------------------	----

4.2.2 — Conjuntos de áreas científicas optativas:

a) Representação Gráfica	18
b) Tecnologia da Arquitectura	
c) Construção	11
d) Economia, Gestão e Ciências Sociais	
e) Computação	
f) Geografia	
g) Teoria da Urbanística	
h) Recuperação do Património Arquitectónico	11
i) Antropologia Cultural	

4.2.3 — Estágio	9
5 — Número de unidades de crédito necessárias para a candidatura a um ramo	52

165

G.

Despacho do Presidente do Conselho Directivo da FCTUC para a criação de uma Comissão Instaladora, dia 23 de Novembro de 1989.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DESPACHO No.13/CD/89

Sob proposta do Conselho Científico, designo os Senhores Professores Doutora Maria Margarida Ramalho Ribeiro da Costa, Doutor Artur Soares Alves e Doutor Lusitano Moreira Martins dos Santos para integrarem uma Comissão Instaladora Provisória do Curso de Arquitectura.

Esta Comissão, tratará de todos os assuntos relativos ao Curso de Arquitectura, submetendo quando for caso disso, propostas aos competentes Órgãos de Gestão da Faculdade.

Cessarã funções com a tomada de posse de Comissão Instaladora do Curso de Arquitectura que, incluirá Professores da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Coimbra, 23 de Novembro de 1989.

O Presidente do Conselho Directivo



Prof. Doutor J. N. Urbano

H.

Carta dos alunos à Comissão Instaladora, dia 17 de Janeiro de 1990.

À atenção da Comissão Instaladora do curso de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Os alunos da licenciatura em arquitectura do segundo ano desta faculdade, encontram-se extremamente preocupados, entre inúmeros outros assuntos, com o conteúdo da cadeira de Matemática Aplicada I.

Em reunião realizada na tarde do dia 10 de Janeiro, reafirmou-se a intenção de não frequentarmos a cadeira, enquanto não nos for assegurado por pessoas com responsabilidade e experiência no ensino da arquitectura, que do conteúdo total da cadeira, mais de 50% é do interesse efectivo dos alunos da nossa licenciatura. Para além deste problema, há ainda a considerar o facto do calendário desta cadeira (igual ao dos primeiros anos de todas as licenciaturas), se ir sobrepor ao calendário das cadeiras do segundo semestre e das anuais, bem como às épocas de exame e férias de ponto.

Não nos é possível conceber o dispêndio de 6 horas semanais em aulas, mais um número variável para estudo, numa cadeira cujo nome faz parte do plano de estudos, mas à qual foi atribuído um programa que levanta sérias interrogações quanto ao seu interesse para uma licenciatura em arquitectura. Quem decidiu que o programa deveria ser este? Teria competência para o fazer?

Por eventualmente, se ter cometido um erro, dever-se-á agora reafirmá-lo? Agora que existe uma comissão Instaladora devidamente

te estruturada? Pensamos que não! Julgamos que não devemos ficar impávidos perante um erro só porque não existem, de momento, mecanismos legais para o contornar. Esqueçamos que a cadeira só pode ser alterada 2 anos após a sua integração no plano de estudos. Quem lhe atribuiu o programa, também só o fez muitos meses depois de o nome estar incluído no plano de estudos.

Que o nome fique, mas que o programa seja o de uma cadeira de um curso de arquitectura, é o que minimamente se pode exigir.

Aguardamos uma opinião Vossa com a brevidade é necessária, pois a cadeira encontra-se já em funcionamento.

Com os nossos respeitosos cumprimentos.

Coimbra, 17 de Janeiro de 1990

P'la Comissão de curso de Arquitectura do 2º ano

I.

Fotografia da primeira reunião de Comissão Científica do Departamento de Arquitectura, 1991, da esquerda para a direita: Lusitano dos Santos, Alexandre Alves Costa, António Reis Cabrita, Fernando Távora, Maria Margarida Ramalho da Costa, Raul Hestnes Ferreira, José António Bandeirinha, José Carlos Teixeira e Domingos Tavares.

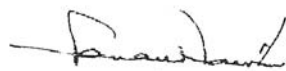


J.

Programa da disciplina de História da Arte e Cultura Contemporânea manuscrito por Fernando Távora, dia 18 de Setembro de 1992.

História da arte e cultura contemporânea

- 1- As vanguardas artísticas na formação do novo espírito da arquitectura. O contributo da história na formação das ideias na arte moderna. A cultura individual formada frente a cultura colectiva de expressão clássica.
- 2- Povo da linguagem clássica no movimento moderno. Valores formais e espaciais.
- 3- A questão da ordem clássica e o sentido do clássico no obra de Le Corbusier. Viagem ao oriente de 1913.
4. Implantação e orientações. Relação da arquitectura com o território. Formas representativas e sua relação em lugares centrais. Os percursos.
5. A crise do séc. XIX em relação ao uso dos princípios de composição clássica. Relação do sistema clássico com as transformações tecnológicas do mundo moderno.
6. Cubismo. Captar o tempo na formação da imagem visual. A quarta dimensão. Desenvolvimento de novos de representação do espaço.



18-7-92

História da arte e cultura clássica

2

1. O Egito

Território, urbanismo e arquitectura
Recintos mortuários, templos, pirâmides
As técnicas constructivas.
Outras manifestações artísticas: pintura e escultura.

2. A Grécia

Civilizações pré-helénicas: arquitectura cretense e micénica
O território grego. Topografia e estrutura urbana
Atenas: « a acrópole » e « a agora »
As ordens de arquitectura. O templo grego.

3. Roma

O império romano. Organização administrativa e territorial
A cidade romana. O princípio da simetria axial
As técnicas constructivas: o arco, a abóboda e a cúpula
Arquitetura romana. Uma arquitectura espacial
As ordens de arquitectura romana. Roma, cidade monumental

4. O Renascimento clássico

O retorno da simetria clássica: Brunelleschi e o primeiro renascimento
Alberti e o legado de Vitruvius. Os tratados de arquitectura
A generalização do classicismo. Serlio e Palladio
Miguel Anjelo e a reinterpretação da linguagem clássica
Descobertas da linguagem clássica até ao séc. XIX.

Fernando Távora
18.9.92

K.

Lista de obras analisadas na disciplina de História da Arquitectura Contemporânea manuscrita por Mário Kruger, dia 1 de Março de 1997.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA
Colégio das Artes Largo de D. Dinis
Tel. 29220/29817 Fax: 29817
3000 COIMBRA • PORTUGAL

HISTÓRIA DA ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA
1996-1997 TRABALHOS PRÁTICOS.

CRYSTAL PALACE	_____	13 ⁺
ROBIE HOUSE	_____	14
MELNIKOV	_____	14 ⁺
BAUHAUS	_____	15
VILLA SAVOYE	_____	13
CASA TUGENDHAT	_____	14
SANATÓRIO PAINHO	_____	15
PLANO ALVALADE	_____	15
CHANDIGHAR	_____	14
REM KOOLHAAS	_____	14
SIEA - HAIA	_____	14
SIEA - SANTIAGO	_____	14 ⁺

01/03/97

Mário Kruger

L.

Documento apresentado por Mário Krüger no 5º Encontro de Tomar, Outubro de 2003.

TOMAR
Towards a Movement for Architectural Realignment

Mário Krüger

Outubro 2003

Introdução

Este documento, tem por objectivo apresentar algumas considerações sobre o processo pedagógico do DARQ-FCTUC e está organizado em duas partes:

- a) Breve descrição da avaliação externa da Licenciatura em Arquitectura;
- b) Proposta de reestruturação da Licenciatura em Arquitectura.

Na primeira parte, faz-se uma breve descrição da avaliação externa da Licenciatura em Arquitectura da FCTUC, chamando-se a atenção para os pontos críticos bem como para as relações transversais detectadas.

Na segunda parte, apresenta-se uma proposta sobre a reestruturação da Licenciatura, que atende aos pontos anteriormente levantados e que, acima de tudo, propõe um projecto de curso baseado em duas premissas fundamentais : intradisciplinaridade e integração de saberes e conhecimentos na formação progressiva de futuros arquitectos.

1ª Parte- Breve descrição da avaliação externa da Licenciatura em Arquitectura

Esta parte descreve as principais conclusões e recomendações da Avaliação Externa do Curso de Licenciatura em Arquitectura da FCTUC, que foi sujeita a um processo de avaliação que permitiu estabelecer uma avaliação comparativa de 13 cursos de arquitectura e arquitectura paisagista sujeitos à mesma linha de base¹.

Os Princípios de Aferição utilizados desdobram-se em 63 itens, que estão agrupados em 11 grupos de Factores de Actividade ou de Avaliação (Objectivos do Curso, Organização Institucional, Procura, Plano de Estudos, Sucesso Escolar, Recursos de Apoio, Corpo Docente, Relações Externas, Gestão da Avaliação, Perspectivas Profissionais e Recursos Financeiros) e que se distribuem por três tipos de questões orientadoras:

- a) questões relacionadas com a caracterização de objectivos globais e específicos de formação na área de arquitectura, urbanismo ou arquitectura paisagista.
- b) questões relacionadas com a estratégia pedagógica desenvolvida, tendo em vista a concretização daqueles objectivos no âmbito do ensino e da aprendizagem dos respectivos saberes.
- c) questões relacionadas com a montagem de meios humanos e materiais necessários à organização de uma resposta, tendo em vista a realização completa daqueles objectivos de formação.

Completou-se a apreciação de cada um daqueles 63 itens, que constituem os grupos de Factores de Avaliação, especificados individualmente para cada curso sob avaliação, com uma síntese expressa em 4 níveis de apreciação: "A" para itens com avaliação muito forte, "D" para item muito fraco e "B" e "C" para situações intermédias.

A distribuição da percentagem dos itens por Objectivos, Programas e Meios foi de, respectivamente, 17,5 %, 28,6 e 53,7% o que levou esta CAE, também, a estabelecer uma avaliação discursiva, a fim de fundamentar e equilibrar as apreciações colocadas em escala ordinal.

¹ Para uma apreciação, mais compreensiva, dos 13 cursos avaliados pela Comissão de Avaliação Externa veja-se o Relatório-Síntese Global no endereço da WWW: <http://www.fun.pt>

Registe-se que não foi tomada qualquer iniciativa conducente à atribuição de ponderações de cada um dos grupos em que estão inseridos os 63 itens de avaliação e não se propôs qualquer forma de classificação global dos cursos em apreciação.

Esta exposição sobre a Licenciatura em Arquitectura da FCTUC desdobra-se em duas partes: pontos críticos e aspectos transversais.

Os pontos críticos referem-se aos Factores de Avaliação que apresentam valores máximos nos campos ou caselas C e/ou D e são específicos da Licenciatura da FCTUC, e os aspectos transversais, são comuns à maioria dos 13 cursos sob avaliação, que cobrem tanto o ensino público como privado.

Os pontos críticos da Licenciatura em arquitectura da FCTUC são quatro, a saber: Sucesso Escolar, Recursos de Apoio, Avaliação da Gestão, Recursos Financeiros.

Sucesso Escolar: Uma percentagem significativa dos alunos faz, desde a criação do curso, a licenciatura num período superior a 7 anos. No ano objecto de análise cerca de 50% dos alunos concluíram o curso em 6 anos; apenas cerca de 25% ultrapassam os 7 anos e 22% concluiu o curso em 7 anos.

Sugestão: Redução substancial do peso da Prova Final, após a conclusão da parte curricular, na ponderação da média final do curso.

Recursos de Apoio: Não existe qualquer auditório que esteja afecto - mesmo parcialmente - ao curso. As condições acústicas e térmicas das salas de aula aproximam a sua utilização permanente ao nível do sofrimento. As salas de projecto estão sujeitas a vibrações de piso que prejudicam o trabalho feito em aula. Os laboratórios e equipamento informático existentes são em número insuficiente e o material multimédia é escasso e também insuficiente. Há falta de gabinetes para docentes, o que prejudica as condições de atendimento dos alunos. Os arrumos para os alunos estão localizados de tal modo que inviabiliza o seu acesso permanente. A biblioteca, necessita de ter uma dotação orçamental para compra de livros e revistas largamente reforçada. Não existem espaços de convívio, para além das galerias do claustro em torno do qual se organizam as instalações ou para além dos espaços da biblioteca ou de aulas. Existe, nas instalações do DARQ, apenas um pequeno bar cujo funcionamento responde, de modo insuficiente, às necessidades do curso. Tem horário restrito e não existem outros apoios fora do horário lectivo instituído. O pessoal técnico e administrativo bem como os recursos financeiros também são manifestamente insuficientes.

Sugestão: Dada a pequena e insuficiente melhoria da degradação das instalações físicas desde a última avaliação feita ao curso é imperiosa uma reprogramação das instalações físicas, do seu equipamento pedagógico bem como do pessoal técnico e administrativo, a ser apresentado, com carácter de urgência, à instituição de acolhimento.

Avaliação da Gestão: Face à avaliação feita em 1996/97 e às questões que nela foram levantadas, subsistem ainda, e apesar do esforço feito, dúvidas quanto à eficácia dos processos de avaliação. Não é explícita, ou é mesmo praticamente inexistente, qualquer política de acompanhamento de indicadores de avaliação ou contra-avaliação.

Por outro lado, se a eficácia do processo de decisão, a nível do curso não parece levantar questões relevantes, outro tanto não acontecerá na relação de dependência face à instituição tutelar.

Sugestão: Implementação, ao nível do curso, de processos de avaliação em regime permanente bem como da agilização do encaminhamento de processos, junto à instituição de acolhimento, de forma a minimizar os tempos para tomada de decisão pelos órgãos competentes.

Recursos Financeiros: Cerca de 85% dos financiamentos são provenientes do Orçamento do Estado e os restantes 15% são provenientes das propinas e de Transferências da Universidade de Coimbra, sendo a quase totalidade dos recursos afecta ao ensino.

Impedimentos e estrangulamentos de natureza financeira têm imobilizado o crescimento do curso.

Sugestão: Reprogramação da situação financeira do curso junto à instituição de acolhimento tendo por base, ainda, a sua recente abertura face à solidariedade institucional de outros cursos da UC com maiores capacidades para geração de receitas, bem como face ao desempenho académico do seu corpo docente, discente e de funcionários.

Concluída a apreciação específica colocamos as questões consideradas pertinentes, dadas pelo seu grau de generalização e transversabilidade, em relação aos cursos avaliados e que estão também presentes, em maior ou menor grau, na licenciatura em Arquitectura da FCTUC.

As questões levantadas referem-se às estratégias, à coordenação, ao ingresso e ao processo de avaliação de que a Licenciatura foi objecto.

Estratégias

A relação entre uma estratégia global do curso e uma local encontra-se desarticulada, quer em termos temporais como territoriais.

Com efeito, o curso não explora diversas alternativas de desenvolvimento, quer a curto, quer a mais longo prazo, nem se posiciona, de forma clara e simultaneamente, em relação à sua inserção na região em que se encontra, nem ao território nacional, nem ao espaço da União Europeia, nem em relação ao estabelecimento de relações preferenciais com outros espaços de língua portuguesa.

A dificuldade em se entender uma matriz de relações, tanto intra como extra-curso, provoca o desperdício de sinergias entre cursos da UC, bem como uma desarticulação, tanto entre a organização vertical do curso como entre a organização horizontal de cada ano curricular.

Sugestão: Criação de uma Comissão Científica da Licenciatura que, em sintonia com a instituição de acolhimento, promova a formulação de estratégias e a definição clara de objectivos e metas a serem alcançados.

Coordenação

As questões levantadas relativamente à coordenação horizontal e vertical dos ritmos de trabalho bem como de conteúdos disciplinares é, por vezes, crítica para aqueles cursos que apresentam uma área de formação central em projecto.

As entregas de trabalhos na disciplina de projecto monopolizam os tempos de ensino e, muitas vezes, as restantes disciplinas não funcionam por falta de alunos. Por isso, algumas destas chamam a si o lugar da formação central e também solicitam aos alunos trabalhos no domínio projectual, tornando praticamente inexecutável, no âmbito do ano académico, o cumprimento do calendário de avaliação das diferentes disciplinas que fazem parte da estrutura curricular.

Diversos cursos, principalmente daqueles sediados em instituições de acolhimento de raiz mais politécnica, não apresentam precedências na sua estrutura curricular, o que se revela como um impedimento ao estabelecimento de acções consentâneas de coordenação.

Também a sobrelotação que se verificou, em alguns casos, nas turmas de projecto não conduz a uma coordenação eficaz dos trabalhos, num tipo de ensino que solicita um acompanhamento tutorial constante e dedicado.

Sugestões:

Criação de uma Comissão Científica da Licenciatura que coordene a Licenciatura de forma consentânea com os objectivos a que a instituição de acolhimento se propôs i.e. o DARQ-FCTUC.

Estabelecimento, de forma generalizada, de precedências, pelo menos, nas disciplinas de projecto.

As entregas de trabalhos finais da disciplina de projecto devem ser anteriores à realização

A dimensão das turmas de projecto não devem ultrapassar o máximo de 25 alunos, por turma, para uma semana de ensino de 12 horas, sendo desejável uma dimensão de 20 alunos. O *ratio* professor-aluno não deve ultrapassar, no curso como um todo, a proporção 1/11.

Ingresso

A ausência de um sistema de ingresso que atribua ao curso um papel significativo e alguma responsabilidade de selecção dos seus estudantes, vem implicando um natural desajuste entre os níveis de formação trazidos do ensino secundário e as exigências vocacionais normalmente requeridas na aprendizagem da Arquitectura. Está neste caso a muito frequente fragilidade da formação em Desenho e noutros campos de formação humanista, o que é muito mal avaliado pelas provas que os alunos fazem, como vem sendo executada no processo das Provas Específicas do secundário, não revelando, por si só, capacidade selectiva que introduza a justiça necessária nestas provas.

As altas médias finalmente conseguidas pelos estudantes que obtêm o acesso, devem-se a factores de concorrência e intrínsecos à natureza daquela prova.

Não se compreende, também, que o sistema de ensino secundário possibilite, na recente reestruturação de que foi objecto, uma formação na área de Artes que prescindia de disciplinas de Matemática.

Sugestão: Introdução de uma prova nacional de acesso que afira a dimensão vocacional dos candidatos para as áreas de arquitectura e revisão dos conteúdos disciplinares na área de Artes do ensino secundário e da qual participem, pelo menos, representantes dos cursos de licenciatura que foram objecto desta avaliação externa.

Processo de Avaliação

Grande parte da documentação entregue não incluía os CV dos docentes afectos ao curso, o que impossibilitou uma avaliação mais rigorosa, na medida em que o desempenho de uma Licenciatura também passa, em grande medida, pelo grau de qualificação do seu corpo docente.

Os itens que não estão avaliados nos Relatórios individuais (sem classificação) não o foram por falta de informação. A parte mais problemática relaciona-se com recursos financeiros, a sua origem e destino, e sobre o qual esta CAE considera imprescindíveis para se ter uma apreciação da eficácia do investimento de recursos na área de educação.

Nos RAA não foi solicitado o inquérito aos docentes sobre os seus alunos o que, a ser realizado, permitiria uma compreensão mais adequada do processo de ensino-aprendizagem em cada curso.

A inexistência de processos de filtragem e contra-avaliação institucionalizados, de forma generalizada e permanente, dificulta um monitoramento constante do curso.

Sugestões: Inclusão obrigatória dos CV dos docentes em anexo aos RAA.

Implementação de um sistema de base de dados onde seja possível aferir o desempenho evolutivo do curso, nomeadamente em relação à eficácia dos investimentos na área da educação em arquitectura e que conduza a processos de avaliação, de filtragem e de contra-avaliação de forma permanente.

Inclusão no RAA de inquérito aos docentes sobre os seus alunos e que verse sobre as diversas dimensões pertinentes ao ensino-aprendizagem das matérias que leccionaram.

No meio das incertezas colocadas pelo levantamento dos pontos críticos, bem como das relações transversais presentes na Licenciatura em Arquitectura da FCTUC, uma certeza: a próxima avaliação externa fará uma classificação ordinal, que afectará os níveis de financiamento a serem atribuídos aos cursos que estão sediados em instituições de acolhimento públicas.

Proposta 1: discussão ampla das sugestões colocadas pela CAE dos Cursos de Arquitectura e implementação das medidas cabíveis.

2ª Parte - Proposta de reestruturação da Licenciatura em Arquitectura

Apresentamos, nesta parte, um esboço de proposta de reestruturação do Curso de Licenciatura da Arquitectura da FCTUC, que é fruto das reflexões que temos vindo a fazer ao longo destes últimos anos como docente do DARQ, bem como pelo facto de termos podido, recentemente, acompanhar e participar na avaliação externa de 13 cursos sediados em território nacional e, ainda, de ter convivido de perto, durante o período sabático, com escolas de arquitectura do país vizinho, na Catalunha.

Duas premissas fundamentais enquadram esta proposta: intradisciplinaridade e integração de saberes e conhecimentos na formação progressiva de futuros arquitectos.

Lembremos, primeiramente e a este propósito, que “a característica fundamental da educação em arquitectura é que envolve diferentes tipos de conhecimento. Sob o ponto de vista universitário isto levanta duas questões. Se a arquitectura tiver o lugar que lhe compete na universidade e se o conhecimento que promove for ensinado ao mais alto nível será necessário estabelecer uma ligação entre as ... artes e as ciências Além disso, será exigido às universidades mais do que o estudo das técnicas e de partes desta ou daquela forma de conhecimento. Espera-se que o conhecimento seja orientado e desenvolvido por princípios, isto é, por teoria. Teoria ... é o conjunto de princípios que explicam e interrelacionam todos os factos de uma área de conhecimento. A investigação é o instrumento pelo qual a teoria avança. Sem ela o ensino não pode ter direcção e o pensamento ser incisivo ” (L. Martin, Buildings and Ideas, 1983).

Recapitulemos, ainda que brevemente, o que colocámos sobre este assunto no último encontro de Tomar (ECDJ 2, p. 28-45) a propósito da estruturação curricular, da Directiva 85/384/CEE e da maneira como é sugerida a organização dos planos de estudos em arquitectura.

Das onze alíneas que compõem o articulado relativo a esta formação é dada, justamente, importância capital à formação de troncos verticais nas áreas disciplinares da Arquitectura omitindo-se, praticamente, a possível interpelação entre as mesmas. A única referência explícita ao relacionamento de saberes ocorre no parágrafo 5 do Artigo 3º que indica a aquisição “ da capacidade para apreender as relações, entre, por um lado, o homem e as criações arquitectónicas e, por outro, as criações arquitectónicas e o seu ambiente, bem como a necessidade de relacionar entre si criações arquitectónicas e espaços em função das necessidades e da escala humana”. Esta constatação, demasiado genérica, apresenta, no entanto, o mérito de chamar a atenção para a importância de interrelacionar saberes e áreas distintas de conhecimento no domínio da formação em Arquitectura.

Das seis áreas científicas existentes no actual Plano de Estudos em vigor podemos verificar que as possibilidades de inter-relacionamento entre as mesmas são vastas. No entanto, de um total de 186 relações possíveis de ocorrerem entre as mesmas, somente 9 são realizadas no seu actual modo de funcionamento e, mesmo assim, fora do âmbito estritamente curricular que o actual Plano de Estudos propõe.

Estas constatações sugerem que, a fim de podermos colocar em pleno funcionamento o Plano de Estudos, teremos de explorar atentamente os cruzamentos e as fertilizações recíprocas passíveis de potenciar e enriquecer a respectiva organização curricular. Tarefa esta que não é fácil de ser executada mas passível de implementação gradual se as áreas se começarem a interrelacionar com objectivos comuns e propósitos bem definidos.

Isto é possível de ocorrer em diversas instâncias, nomeadamente no âmbito dos trabalhos que venham a ser desenvolvidos em comum entre as diferentes áreas de conhecimento.

Assim, propomos que a estrutura curricular do curso presente, em todos os anos, uma Aula de Arquitectura onde os diversos saberes e conhecimentos se precipitem de forma coordenada.

Esta Aula deverá ter uma duração semestral para permitir uma maior articulação curricular de conteúdos, deverá ter um professor coordenador, estar sujeita a regime de precedências e deve promover, de forma organizada e por objectivos, as inter-relações recíprocas entre áreas de conhecimento que servem e que são servidas.

A organização das Aulas de Arquitectura (AA) regular-se-à pela articulação dos seguintes conteúdos genéricos:

- AA I - Projecto, Representação Gráfica
- AA II - Projecto, Representação Gráfica
- AA III - Projecto, Construção, Tecnologia, Representação Gráfica
- AA IV - Projecto, Urbanística, Urbanismo
- AA V - Projecto, Construção, Tecnologia
- AA VI - Projecto, Urbanismo
- AA VII - Projecto, Construção, Tecnologia
- AA VIII - Projecto, Teoria, História
- AA IX - Projecto, Urbanismo, Construção, Tecnologia, Representação Gráfica
- AA X - Projecto, Construção, Tecnologia, Urbanismo, Teoria, História, Representação Gráfica

A carga horária destas disciplinas de AA correspondem, aproximadamente, a 20 ou 25% das actuais cargas das disciplinas que se vêm incluídas nestes planos de Aulas de Arquitectura.

Assim, uma disciplina de Projecto que comporta, actualmente, 12 horas lectivas semanais passaria a ter 9 horas lectivas autónomas e 3 horas lectivas na correspondente disciplina de AA.

Os docentes das disciplinas de AA seriam, portanto, todos os docentes do curso que leccionam disciplinas de arquitectura sob a orientação colegiada de um coordenador da AA.

No último ano do curso, existiriam unicamente as disciplinas de Projecto V e de AA IX e X, configurando-se como um ano equivalente a uma Prova de Arquitectura que substituiria a actual Prova Final realizada no 6º ano.

A abolição da actual Prova Final deve-se, simultaneamente, à sua substituição por uma Prova de Arquitectura que corresponderia à passagem nas disciplinas de Projecto V, AA IX e AA X, bem como ao facto de a pós-graduação estar a funcionar a partir deste ano lectivo, conduzindo à elaboração de uma dissertação que, em substância, se revê como uma duplicação daquela Prova Final e, ainda, ao facto de a OA exigir um estágio profissional de um ano para que os candidatos ao registo profissional o possam fazer e, por último, a Comissão de Avaliação Externa ter detectado como Ponto Crítico o Sucesso Escolar no curso de licenciatura da FCTUC decorrente, como vimos, de uma percentagem significativa dos alunos fazer, desde a criação do curso, a licenciatura num período superior a 7 anos.

Os restantes anos apresentariam uma configuração algo semelhante ao actual Plano de Estudos, com reforço na área de Tecnologia, mas teriam que se adaptar para corresponderem às solicitações advindas da introdução das Aulas de Arquitectura.

Todas as disciplinas que participassem nas AA são consideradas disciplinas de arquitectura e leccionadas no Departamento

Por outras palavras, uma disciplina de Teoria/História, de Construção ou de Projecto é uma disciplina de arquitectura que tem por objecto, respectivamente, a sua teoria/história, a sua construção ou o seu projecto e não o contrário.

Caso não se entenda assim, as disciplinas autónomas deverão regressar ao seu lugar de origem, i.e. a História para as Letras e a Construção para a Civil na medida em que estes lugares de ensino e aprendizagem são muito mais aptos - por tempo, tradição, recursos e acumulação de conhecimentos - a leccionarem conteúdos específicos e próprios.

Proposta 2: constituição de Comissão que apresente, no prazo de 3 meses, proposta estruturada de revisão curricular, onde todas as áreas estejam representadas, de acordo com as linhas gerais esboçadas neste documento de realinhamento do ensino da arquitectura com a sua área disciplinar.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Christopher - **The Timeless Way of Building**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1979.

AURELI, Pier Vittorio - **The Project of Autonomy. Politics and Architecture within and against Capitalism**. New York: Temple Hoyne Buell Center for the Study of American Architecture, Princeton Architectural Press, cop. 2008. ISBN 9781568987941.

BAÍA, Pedro - Uma leitura da revista *em cima do joelho* [em linha] <<http://nuances-oslugaresdaarquitectura.blogspot.com.es/2010/03/ecdj.html>> [consultado em Maio de 2013].

BANDEIRINHA, José António Oliveira - **Relatório da Disciplina de Projecto I**. Programa da disciplina apresentado em concurso para Professor Associado ao Departamento de Arquitectura da FCTUC. Universidade de Coimbra, 2005.

BANDEIRINHA, José António - Pedagogia do Projecto. **Joelho**. ISSN 08746168. n. 3 (Abril, 2012) [**Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura**].

BANDEIRINHA, José António (ed.) - **Fernando Távora Modernidade Permanente**. Guimarães: Associação Casa da Arquitectura, 2012. ISBN 9789892033938.

BEIRÃO, Daniel; CRISÓSTOMO, João; CARVALHAL, Mário - Estado de crise. **nu**. ISSN 16453891. n. 40 (2013) [**Antologia crítica. Entrevistas**].

BORGES, Pedro Maurício - A propósito da exposição *tape*, que aconteceu nas comemorações dos 10 anos do darq, seguem-se algumas considerações específicas e outras, mais gerais. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

BYRNE, Gonçalo; entrevista de FIGUEIRA, Jorge – OK técnico. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

CALVINO, Italo - **As cidades invisíveis**, trad. José Colaço Barreiros, 11. ed. Lisboa: Teorema, 2008. ISBN 9789726957768.

CARNEIRO, Luis Soares [et alii] - A Arquitectura ensina-se? **Joelho**. ISSN 08746168. n. 3 (Abril, 2012) [**Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura**].

CIRAVOGLU, Aysen - On the formal and informal studies in architectural design. In HARDER, Ebbe (ed.) - **Writings in Architectural Education**. Copenhagen: Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Architecture, 2005. ISBN 2930301228.

COLOMINA, Beatriz; entrevista de NANCE, Anne - **El País**. ISSN 16985044. 27-1-2013.

COMISSÃO ORGANIZADORA - Escola de Coimbra... In **Encontros de Tomar. I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra**. [Coimbra]: EDARQ, 1997. ISBN 9729738300.

COSTA, Alexandre Alves; TÁVORA, Fernando; BYRNE, Gonçalo Sousa; FERREIRA, Raul Herstens - **A Alta de volta. Concurso de ideias para o plano de reconversão dos espaços dos Colégios de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório Químico e área envolvente**. Coimbra: EDARQ, cop. 1997. ISBN 9729738319.

COSTA, Alexandre Alves; entrevista de FIGUEIRA, Jorge - OK técnico. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

COSTA, Alexandre Alves [et alii] - Encontros de Tomar 2 acta. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2* (Junho, 2000) [**Encontros de Tomar 2 Encontros de Tomar 3**].

COSTA, Alexandre Alves [et alii] - Encontros de Tomar 3. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2* (Junho, 2000) [**Encontros de Tomar 2 Encontros de Tomar 3**].

COSTA, Alexandre Alves - Cinco pensamentos de nexo inexplicável. **ecdj**. ISSN 08746168. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

COSTA, Alexandre Alves - **Textos datados**. Coimbra: EDARQ, 2007. ISBN 9789729982149.

COSTA, Alexandre Alves - Primeira anotação do curso de Arquitectura de Coimbra, **Joelho**. ISSN 08746168. n. 3 (Abril, 2012) [**Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura**].

COSTA, Alexandre Alves; TAVARES, Domingos - Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura. **Joelho**. ISSN 0874-6168. 3 (Abril, 2012) [**Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura**].

COSTA, Pedro Campos - O fim do princípio. **Jornal Arquitectos**. ISSN 08701504. n. 246 (Janeiro-Abril 2013).

CURTIS, William J. R. - **Modern Architecture since 1900**. 3. ed. Singapore: Phaidon, 2001. ISBN 0-7148-3356-8.

DOMINGUES, Patrícia Selada Lameiro - **Autoria e Arquitectura. Autonomia Disciplinar e o Arquitecto hoje**. Dissertação de Mestrado em Crítica de Arte e de Arquitectura apresentada ao Colégio das Artes, Universidade de Coimbra, 2012.

EISENMAN, Peter; entrevista de OLMO, Carolina del - Arquitectura postmetafísica. **Minerva. Revista del Círculo de Belas-Artes**, 4. s., 17 (2011) [em linha] <<http://www.revistaminerva.com/articulo.php?id=481>> [consultado em Maio de 2013].

Encontros de Tomar. I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra. Coimbra: EDARQ, 1997. ISBN 9729738300.

Ensinar pelo Projeto. Livro de resumos. Colóquio Internacional sobre o Ensino da Arquitectura, 27-29 setembro 2012. Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2012 [intervenções no prelo de **Joelho**].

FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - **A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola**. Tese de Doutoramento em Arquitectura, Área de Conhecimento de Teoria e Projecto. Universidade do Porto, 2010.

FERREIRA, Raul Hestnes - Comunicação. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

FIGUEIRA, Jorge - Cadeira: Projecto. In **Encontros de Tomar. I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra**. [Coimbra]: EDARQ, 1997. ISBN 9729738300.

FIGUEIRA, Jorge - A próxima Alta. In COSTA, Alexandre Alves [et alii] - **A Alta de volta. Concurso de ideias para o plano de reconversão dos espaços dos Colégios de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório Químico e área envolvente**. Coimbra: EDARQ, cop. 1997. ISBN 9729738319.

FIGUEIRA, Jorge - Algumas premissas para um dia de debate. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

FIGUEIRA, Jorge; entrevista a COSTA, Alexandre Alves; BYRNE, Gonçalo - OK técnico. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

FIGUEIRA, Jorge [et alii] - Encontros de Tomar 2 acta. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2* (Junho, 2000) [**Encontros de Tomar 2 Encontros de Tomar 3**].

FIGUEIRA, Jorge - 4 debates emergentes no contexto do segundo Encontro de Tomar em Coimbra. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2* (Junho, 2000) [**Encontros de Tomar 2 Encontros de Tomar 3**].

FIGUEIRA, Jorge - **Escola do Porto. Um mapa crítico**. Coimbra: EDARQ, 2002. ISBN 972973836-X.

FIGUEIRA, Jorge (ed.) - **Reescrever o Pós-Moderno. Sete entrevistas. Álvaro Siza, Eduardo Souto Moura, Manuel Graça Dias, Manuel Vicente, Pancho Guedes, Tomás Taveira, Paulo Varela Gomes**. Porto: Dafne Editora, 2011. ISBN 9789898217172.

FIGUEIRA, Jorge - O Professor Clark Kent. **Público**. ISSN 08721548. 17-2-2013.

FIGUEIRA, Jorge; OLAIIO, António - Uma escola lenta. Uma Arquitectura veloz. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

FILGUEIRAS, Octávio Lixa - Inquéritos Urbanos. **Urbanização**. n. 1 (Março, 1970).

FLAMMER, Pascal; ZUBER, Raphael; entrevista de PENN, Samuel - Architecture and Education. Foundation for Architecture & Education. January 2011 [em linha] <<http://aefoundation.co.uk/interviews>> [consultado em Maio de 2013].

FLECK, Fernando Pio de Almeida - **O problema dos futuros contingentes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

FRAMPTON, Keneth - The Berlage and the international scene. In FRAUSTO, Salomon (ed.) - **The Berlage Survey of the Culture, Education and Practice of Architecture and Urbanism**. Rotterdam: NAI Publishers, Berlage Institut, 2001. ISBN 9789056627652.

FRAUSTO, Salomon (ed.) - **The Berlage Survey of the Culture, Education and Practice of Architecture and Urbanism**. Rotterdam: NAI Publishers, Berlage Institut, 2001. ISBN 9789056627652.

GANTENBEIN, Christoph; entrevista de PENN, Samuel - Architecture and Education. Foundation for Architecture & Education. January 2012 [em linha] <<http://aefoundation.co.uk/interviews>> [consultado em Maio de 2013].

GIEDION, Sigfried - **Space, Time and Architecture**. The Grow of a New Tradition. 5 ed. Cambridge, Mass., London: Harvard University Press, 2008. ISBN 9780674830400.

GIGANTE, José Manuel - O lugar da construção. **Encontros de Tomar. I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra**. [Coimbra]: EDARQ, 1997. ISBN 9729738300.

GIGANTE, José Manuel - 3. Sessão. **Encontros de Tomar. I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra.** [Coimbra]: EDARQ, 1997. ISBN 9729738300.

GIL, Bruno - **Escola de Arquitectura. Hoje.** Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC. Universidade de Coimbra, 2005.

GOMES, Paulo Varela - Entre Coimbra e o mundo. **ecdj.** ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

GRANDE, Nuno; LOBO, Rui (ed.) - **Cidade Sofia. Actas do Seminário Internacional.** Coimbra: EDARQ, 2005. ISBN 9729982112.

HADID, Zaha - Zaha Hadid in conversation with Herman Hertzberger. In FRAUSTO, Salomon (ed.) - **The Berlage Survey of the Culture, Education and Practice of Architecture and Urbanism.** Rotterdam: NAI Publishers, Berlage Institut, 2001. ISBN 9789056627652.

HARDER, Ebbe (ed.) - **Writings in Architectural Education.** Copenhagen: Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Architecture, 2005. ISBN 2930301228.

HAYS, K. Michael - **Architecture Theory since 1968.** Cambridge Mass.: The MIT Press, 1998. ISBN 0262082616.

HERTZBERGER, Herman - Introducing the Berlage. In FRAUSTO, Salomon (ed.) - **The Berlage Survey of the Culture, Education and Practice of Architecture and Urbanism.** Rotterdam: NAI Publishers, Berlage Institut, 2001. ISBN 9789056627652.

HEYLIGHEN, Ann - A maintenance contract for the architect's degree. In HARDER, Ebbe (ed.) - **Writings in Architectural Education.** Copenhagen: Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Architecture, 2005. ISBN 2930301228.

JACOBS, Jane - **The Death and Life of Great American Cities.** New York: Vintage Books, 1992. ISBN 067974195-X.

JACOBS, Jane - **The Economy of Cities.** New York: Random House, cop. 1969.

JENKS, Charles - **The Language of Post-Modern Architecture.** 6. ed. New York: Rizzoli, 1991. ISBN 0847813592.

KRUGER, Mário - A formação técnica e as autonomias disciplinares. O lugar da construção. In **Encontros de Tomar. I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra.** [Coimbra]: EDARQ, 1997. ISBN 9729738300.

KRUGER, Mário - Uma autobiografia prospectiva do departamento de Arquitectura da FCTUC. *ecdj*. ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].

LINDEN, Mark - Transdisciplinarity. In FRAUSTO, Salomon (ed.) - **The Berlage Survey of the Culture, Education and Practice of Architecture and Urbanism**. Rotterdam: NAI Publishers, Berlage Institut, 2001. ISBN 9789056627652.

LISBOA, António Maria - Certos outros sinais. **Diário de Lisboa**. 9-3-1961.

LOOS, Adolf - **Ornamento e crime**, trad. Lino Marques. Lisboa: Cotovia, imp. 2006, ISBN 9727951015.

MABARDI, Jean-François - Teaching Architecture. Texts and Tradition. In HARDER, Ebbe (ed.) - **Writings in Architectural Education**. Copenhagen: Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Architecture, 2005. ISBN 2930301228.

MALLGRAVE, Herry Francis; GOODMAN, David - **Architectural Theory: 1968 to the Present**. Malden MA: Wiley-Blackwell, 2011. ISBN 9781405180634.

MANSILLA, Luis; TUÑÓN, Emilio; entrevista de FARIA, Susana [et alii] - Mansilla + Tuñón. *nu*. ISSN 16453891. n. 40 (2013) [**Antologia crítica. Entrevistas**].

MARKLI, Peter; entrevista de PENN, Samuel - Architecture and Education. Foundation for Architecture & Education. January 2012 [em linha] <<http://aefoundation.co.uk/interviews>> [consultado em Maio de 2013].

MENDES, Manuel - Fernando Távora “o meu caso” parte 1 convivências afloramentos afagamentos. In BANDEIRINHA, José António (ed.) - **Fernando Távora Modernidade Permanente**. Guimarães: Associação Casa da Arquitectura, 2012. ISBN 9789892033938.

MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto - **O ensino moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)**. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura (Teoria e História da Arquitectura). Universidade de Coimbra, 2011.

MONIZ, Gonçalo Canto - O legado do ensino moderno na Escola de Coimbra: experiências pedagógicas nas Escolas do Porto e de Lisboa. *Joelho*. ISSN 08746168. n. 3 (Abril, 2012) [**Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura**].

MOURA, Eduardo Souto; entrevista de DOURADO, Ana [et alii] - Eduardo Souto Moura. *nu*. ISSN 16453891. n. 40 (2013) [**Antologia crítica. Entrevistas**].

NICOL, David; PILING, Simon (ed.) - **Changing Architectural Education, Towards a New Professionalism**. London, New York: Spon, 2000. ISBN 0419259201.

OLIVEIRA, Maria Manuel [et alii] - A Arquitectura ensina-se? **Joelho**. ISSN 08746168. n. 3 (Abril, 2012) [**Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura**].

OLIVEIRA, Maria Manuel [et alii] - Encontros de Tomar 3. **ecdj**. ISSN 08746168. n. 2* (Junho, 2000) [**Encontros de Tomar 2 Encontros de Tomar 3**].

PARNELL, Rosie - Knowledge skills and arrogance. In HARDER, Ebbe (ed.) - **Writings in Architectural Education**. Copenhagen: Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Architecture, 2005. ISBN 2930301228.

PORTAS, Nuno - **Arquitectura(s): história e crítica, ensino e profissão**. Porto: FAUP, 2005. ISBN 9729483728.

PORTAS, Nuno - **Arquitectura(s): teoria e desenho, investigação e projecto**. Porto: FAUP, 2005. ISBN 972948371-X

RIBEIRO, Irene - **Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitectura**, pref. Fernando Távora. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1994. ISBN 9729483043.

ROSSA, Walter - 1. Sessão. In **Encontros de Tomar. I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra**. [Coimbra]: EDARQ, 1997. ISBN 9729738300.

ROSSI, Aldo - **A Scientific Autobiography**, trad. Lawrence Venuti. Cambridge Mass., London: The MIT Press, 1981. ISBN 0262181045.

ROSSI, Aldo - **Autobiografia scientifica**. 3. ed. Milano: Il Saggiatore, 2009. ISBN 9788842815990.

RUDOFISKY, Bernard - **Architecture without Architects. A Short Introduction to non Pedegreed Architecture**. 5. ed. London: Academy Editions, 1981.

SARAMAGO, José - **História do cerco de Lisboa**. 3. ed. Lisboa: Caminho, D.L. 1995. ISBN 972210375-X.

SARAMAGO, José - **Memorial do Convento**. 20. ed. Lisboa: Caminho, D.L. 1984. ISBN 9722100262.

SÉNECA. Lucius Annæus Seneca - **Lettres à Lucilius / Epistolae morales ad Lucilium**, ed. François Préchac [et alii]. Paris: Les Belles Lettres, 1985. ISBN 2251012427.

SIZA, Álvaro - Duas casas, Haia. **Arquitectura**. s. 5, n. 11 (1987).

SIZA, Álvaro - **Imaginar a evidência**. Lisboa: Edições 70, 2012. ISBN 9789724413907.

TAFURI, Manfredo - Per una critica dell'ideologia architettonica. **Contropiano. Materiali Marxist**. n. 1 (1969).

TAFURI, Manfredo - Austromarxismo e città. Das rote Wien. **Contropiano. Materiali Marxist**. n. 2 (Julho 1971).

TAFURI, Manfredo - L'Architecture dans le Boudoir. The language of criticism and the criticism of language. **Oppositions**. n. 3 (1974).

TAVARES, Domingos - Um plano para a Alta do fim do século XX. In COSTA, Alexandre Alves [et alii] - **A Alta de volta. Concurso de ideias para o plano de reconversão dos espaços dos Colégios de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório Químico e área envolvente**. Coimbra: EDARQ, cop. 1997. ISBN 9729738319.

TÁVORA, Fernando - O Porto e a Arquitectura moderna. **Panorama**. n. 4 (1952).

TÁVORA, Fernando - **Da organização do espaço**. 8. ed. Porto: FAUP, 2008. ISBN 9789729483226.

TÁVORA, Fernando - **Diário de “bordo”**, coord. Álvaro Siza, ed. Rita Marnoto. Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012, 2 vols. ISBN 9789892033945.

TÁVORA, Fernando - **Memória descritiva da Escola Primária do Cedro, Vila Nova de Gaia, Abril 1963**, depositada no arquivo da Fundação Engenheiro Marques da Silva, Porto.

TÁVORA, Fernando - Montagem em suporte vídeo de Catarina Alves Costa para a exposição **Fernando Távora Modernidade Permanente**, Guimarães Capital da Cultura 2012, a partir da gravação das suas aulas efectuada em 1993 na Casa das Artes do Porto, editada pela Secção Regional Norte da Ordem dos Arquitectos e pertencente à Faculdade de Arquitectura do Porto.

TRONTI, Mario - **Operai e capitale**. Roma: Derive Approdi, 2006. ISBN 8889969172.

VALE, Tiago Miguel Miranda Fernandes do - **Entre o tácito e o explícito. Paradigma da escola de arquitectura na cultura ocidental**. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC. Universidade de Coimbra, 2010.

VENTURI, Robert - **Complexity and Contradiction in Architecture**. 2. ed. New York: Museum of Modern Art, 1977. ISBN 087072815.

VIDLER, Anthony - **Warped Space**. 2. ed. Cambridge, Mass., London: The MIT Press, 2001. ISBN 0585436436.

VIDLER, Anthony - The Third Typology. In HAYS, K. Michael – **Architecture Theory since 1968**. Cambridge Mass.: The MIT Press, 1998. ISBN 0262082616.

VITRÚVIO. Marcus Vitruvius Pollio - **Tratado de Arquitectura**, trad. M. Justino Maciel. Lisboa: IST Press, 2006. ISBN 9728469438.

ZAERA-POLO, Alejandro - Architectural education in a global world. In FRAUSTO, Salomon (ed.) - **The Berlage Survey of the Culture, Education and Practice of Architecture and Urbanism**. Rotterdam: NAI Publishers, Berlage Institut, 2001. ISBN 9789056627652.

ZEVI, Bruno - **Saber ver a Arquitectura**, trad. Maria Isabel Gaspar; Gaetan Martins de Oliveira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. ISBN 8533605412.

Números temáticos de revistas:

- ecdj.** ISSN 08746168. n. 2 (Março, 2000) [**10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes**].
ecdj. ISSN 08746168. n. 2* (Junho, 2000) [**Encontros de Tomar 2 Encontros de Tomar 3**].
ecdj. ISSN 08746168. n. 3 (2000) [**Novos mapas para velhas cidades**].
ecdj. ISSN 08746168. n. 4 (2001) [**Coimbra, um novo mapa**].
ecdj. ISSN 08746168. n. 5 (2001) [**Investigação em Arquitectura?**].
ecdj. ISSN 08746168. n. 6-7 (2003) [**Inserções**].
ecdj. ISSN 08746168. n. 8 (2004) [**Sofia Concurso Público de Ideias**].
ecdj. ISSN 08746168. n. 11 (Abril, 2008) [**Construir (na) memória WAP - Workshop de Arquitectura de Penela**].
Joelho. ISSN 08746168. n. 3 (Abril, 2012) [**Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura**].
nu. ISSN 16453891. n. 12 (2003) [**Onde está Coimbra?**].
nu. ISSN 16453891. n. 40 (2013) [**Antologia crítica. Entrevistas**].

Outras publicações periódicas consultadas:

O Comércio do Porto.

Diário de Coimbra. ISSN 9729508410.

Diário da República. 1ª s. ISSN 08709963.

Jornal Arquitectos. ISSN 08701504.

El País. ISSN 16985044.

Público. ISSN 08721548.

Arquivos:

Arquivo do Departamento de Arquitectura da FCTUC.

Arquivo do Conselho Científico da FCTUC.

Arquivo de Margarida Ramalho da Costa.

Arquivo de Mário Kruger.

Arquivo de José António Bandeirinha.

Arquivo de José Manuel Faustino.

FONTES DAS IMAGENS

p. 14

SANZIO, Raffaello - **Scuola di Atene** [documento icónico]. [Vaticano: Stanza della Segnatura], 1509. 1 fresco; 5x7.7m. Detalhe.

[em linha] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sanzio_01.jpg> [consultado em Maio de 2013].

p. 24

DE CHIRICO, Giorgio - **L'enigma dell'ora** [documento icónico]. [Milão: Colecção Mattioli], 1910-11. 1 óleo sobre tela; 0.55x0.71m.

[em linha] <<http://www.colombotaccani.it/enigmaprog.html>> [consultado em Maio de 2013].

p. 60

LANG, Fritz - **Metropolis** [registo vídeo], 1927. 1 frame.

[em linha] <<http://www.jonathanrosenbaum.com/?p=6204>> [consultado em Maio de 2013].

p. 84

HILBERSEIMER, Ludwig - **Hochhausstadt** [documento icónico], 1924. 1 perspectiva.

[em linha] <http://www.nai.nl/content/672301/de_herontdekking_van_hilberseimer> [consultado em Maio de 2013].

p. 120

Pavilhão Carlos Ramos de Álvaro Siza [documento icónico]. [Porto]. [construído: 1985]. 1 fotografia. Fotografia de SUZUKI, Hisao; ALVES, Luís Ferreira [2000?].

El Croquis ISSN 02125683. n. 68/69+95 (2000) [**Álvaro Siza: 1958-1994**], p. 174.

p.150

OLAIO, António - **Fernando Távora** [documento icónico]. [Coimbra: Biblioteca do Departamento de Arquitectura da FCTUC], 1999. 1 óleo sobre tela; 0.73x0.73m.

OLAIO, António - **Alexandre Alves Costa** [documento icónico]. [Coimbra: Biblioteca do Departamento de Arquitectura da FCTUC], 1999. 1 óleo sobre tela; 0.73x0.73m.

OLAIO, António - **Domingos Tavares** [documento icónico]. [Coimbra: Biblioteca do Departamento de Arquitectura da FCTUC], 1999. 1 óleo sobre tela; 0.73x0.73m.

p.180

Claustro do Departamento de Arquitectura de Coimbra [documento icónico]. [Coimbra]. [construído: 1568-]. 1 fotografia: preto e branco. Fotografia de BANDEIRINHA, Rosa, 2012.

p. 218

CONSEMÜLLER, Erich - **Fotografia sem título** [documento icónico], 1926. 1 fotografia: preto e branco. Fotografia de Lis Beyer ou Ise Gropius na cadeira B3 desenhada por Marcel Breuer com uma máscara de Oskar Schlemmer e um vestido cujo tecido é desenhado por Lis Beyer.

[em linha] <<http://www.moma.org/visit/calendar/exhibitions/1009>> [consultado em Maio de 2013].